

JULIA LOPES D'ALMEIDA

A FAMÍLIA
MEDEIROS

2.^a EDIÇÃO

(2.^o MILHEIRO)

WAVR
3490

S. PAULO

Horacio Belfort Sabino — EDITOR

Rua Libero Baduró ns. 71 a 73-B

1894

21100

VAN
863.9349
A4475 f
2ª edição

AO LEITOR

Este é o primeiro trabalho por mim editado, e impresso nas officinas da Typographia Paulista.

Não podia ter escolhido melhor livro para estréa: a auctora, por demais conhecida no nosso meio litterario pelo talento e illustração que tem revelado em todas as suas producções, deu á obra, agora publicada em segunda edição, um cunho genuinamente nacional, pondo em relevo o seu grande espirito observador, e conseguindo, na sua narração, reunir á belleza da fórma a verdade na reproducção dos nossos costumes.

E a contra-prova do merito do livro é o facto rarissimo de se haver exgottado a primeira edição em cerca de tres mezes.

Não sou eu, pois, quem recommenda a obra ao leitor: a auctora e o seu livro é que recommendarão a minha empresa, apresentando-a ao publico, de quem espero a recompensa dos meus esforços e boa vontade.

O EDITOR.

1840

...

...

...

...

...

...

...

...

...

A FAMILIA MEDEIROS

I

O comboio parara numa das estações da estrada de ferro Paulista, no oeste da provincia de S. Paulo. Ageitando no corpo a capa de viagem, Octavio Medeiros apeou-se com um movimento alegre e decisivo. Momentos depois o trem partia de novo, deitando ao ar da manhã, profundamente limpida, o seu silvo estridulo e a sua pluma de fumo muito branca, que subia em espiraes, desenrolando-se como uma bandeira victoriosa.

Octavio deixou as malas na estação e desceu a pé até a uma casa baixa, de tijolo vermelho e venezianas abertas. Numa janella emmoldurada de hera, cantava, em modesta gaiola de arame, uma patativa parda, ave que elle não via ha muitos annos, e de lá de dentro da sala vinha o rumor monotono da voz de um homem a ler alto, sempre na mesma toada,

um livro de sciencia. Octavio approximou-se, e, sentando-se ao peitoril, exclamou risonho :

— Bons dias, dr. Morton !

O dr. Morton voltou-se, demorando no recém-chegado os seus grandes olhos muito azues.

— Então não se recorda de mim ? continuava Octavio, sorrindo.

— Sim... sim... espere... ah ! é o sr. Medeiros. Ora, meu caro, entre, entre !

E o velho, dando volta pelo corredor, foi á porta da rua, estendendo as mãos com alegria ao amigo.

— Sabe que é sua a minha primeira visita ?

— Oh ! que distincção !... mas diga-me : sua familia espera-o ?

— Não. Meu pae aconselhou-me a que, acabados os estudos, eu fizesse uma excursão pelas principaes terras da Europa ; mas logo que conclui o curso resolvi partir e chego inesperadamente. Valho-me do senhor para uma informação : meus paes estão na fazenda ?

— Ha talvez mais de um mez. Compreendo agora o motivo de ter sido minha a sua primeira visita ; não me zango por isso : é justo. Comtudo, emquanto lhe arranjam o meu cavallo, conversemos.

E o dr. Morton, depois de ter ido dentro dar ordens, voltou a sentar-se ao pé do viajante ; tirou da cabeça o gorro de seda, mostrando a grande calva luzidia, e, alizando com a mão o rosto sem barba, começou :

— Vae encontrar grande mudança em casa... Sua irmã mais velha está para casar; é citada como uma das moças mais bonitas de todo o municipio... a outra saiu do collegio de Itú e tem uma preceptora allemã, que por signal foi inculcada por mim, boa senhora, instruida e severa...

— E minha mãe? está muito velha? tem tido tantos desgostos...

— Qual! sua mãe é sempre a mesma: resignada nos momentos tristes, tranquilla nos felizes. Presumo que saiba rir e que saiba chorar, mas presumo apenas, porque nunca a vi nem de um, nem de outro modo! Em geral, as senhoras provincianas têm muito cuidado em não demonstrar os seus sentimentos, e sua mãe parece levar isso ao exaggero!

— Mas está gorda, bem disposta? perguntou Octavio quasi impaciente.

— Sim... está.

Houve um instante de silencio; depois o velho indagon:

— E os seus companheiros de viagem, o João Nunes, o Penteado e creio que o Rodrigo Costa?

— O Costa foi depois.

— Bem... e que tal?

— Lá estão.

— A estudar?

— A gastar...

— Tempo?

— E dinheiro...

— Para isso não precisariam sair d'aqui. É extraordinario! a maior parte dos rapazes que vão

estudar na Europa voltam de lá na mesma, quando não vêm peores!

— Que quer? ha muitos modos de viver nas grandes capitaes, e quasi sempre o que mais seduz é o que menos resultado deixa. Eu mesmo, que fui entre os seis companheiros o unico que completou o curso, poderia ter vindo mais cedo se não tivesse perdido o primeiro anno na fascinação da novidade! A uma circumstancia desagradavel devo a minha reabilitação...

— Ha males que vêm para bem...

— É o caso.

— E qual foi essa circumstancia? desculpe a curiosidade de um velho amigo.

— Um grande prejuizo financeiro de meu pae. O anno de 1880 correu-lhe mal. Uma grande geada inutilizou a colheita; alem d'isso, o Elias Brandão, que era o seu correspondente e commissario em Santos, falliu, arrastando a nossa casa quasi á ruina.

— Lembro-me bem.

— Pois foi isso que me abriu os olhos e a vontade de estudar. Pintaram-me com cores negras, a que a distancia deu ainda mais horror, a nossa situação; a mezada foi reduzida á terça parte e tive de restringir-me e mudar de habitos. Conheci nesse meio tempo um estudante de philosophia, allemão, rapaz talentoso e de poucos meios; moravamos juntos numa hospedaria de um bairro modesto e barato. Deixei-me penetrar da sua influencia, afastando-me dos meus compatriotas e dos parasitas que os exploravam... E agora sabe do que eu estou convencido?

é de que, com boa vontade ou necessidade, aprende-se igualmente em qualquer paiz!

— Comtudo, creia que em poucas terras se estuda como na Allemanha; é com justiça que a denominam pensadora. Edward, um velho amigo meu, viajante incançavel e avido observador, dizia-me: «Em França riem, na Italia sonham, na Inglaterra trabalham, na Russia conspiram, na Hespanha fallam, na Allemanha pensam!

— E deveria accrescentar: no Brasil dormem.

— Talvez o dissesse, eu é que já me não lembro de cada definição; a da Allemanha não me esqueceria nunca, porque para mim o pensamento é a mais bella faculdade do homem.

— Conforme... olhe, doutor, que o pensamento ás vezes inutiliza a acção.

— Qual! a acção impensada é que é sempre inútil!

— De accordo. O que eu digo é que a demasia do pensamento absorve as forças vitæas do homem. É preciso subordinar o cerebro a um methodo de quem todos são susceptiveis. Eu, por exemplo. De que me serviu gastar na Europa tantos annos a estudar e a ver modelos de arte, se cada um d'elles accordou em mim desejos para grandes empreendimentos, que não poderei nunca realizar, porque, á medida que estudo um, o outro se me afigura mais bello, e vivo neste eterno balanço de idéa a idéa, sem me fixar numa só! Sinto que não serei nunca aproveitavel, exactamente por pensar demais!

— Não diga isso ! o senhor é novo, inteligente, teve o bom tino de escolher a engenharia, que é a carreira scientifica mais proveitosa ao seu paiz ; vem gastar a sua actividade numa terra onde ha muito a construir, terá, pois, occasião de observar as grandes, as enormissimas vantagens que tirou da contemplação dos modelos de arte de que acaba de fallar. O senhor, que se dedicou á engenharia, viu edificios extraordinarios, pontes, aqueductos, egrejas, cidades inteiras de feição característica ; ruinas, castellos, estylos velhos e modernos, conforme os logares e as raças. Bem ; julga tudo isso improficuo ? engana-se : a impressão deixada pelas maravilhas européas vale-lhe todos os livros e rasga-lhe uma estrada mais vasta e muito mais bonita. Se, ao principio, todos esses esplendores lhe tumultuaram desordenadamente no espirito, agora, amadurecido e acalmado o enthusiasmo, hão de ser admirados em todas as suas verdadeiras dimensões. Olhe, um pintor adeanta-se indubitavelmente mais visitando durante um mez o *Louvre* do que em trabalhar, durante um anno, numa cidade sem museus. Eu, apesar de velho, tenho na alma pruridos de ambição : os de correr mundo, estudando deleitosamente, e se não viajo nem vejo é porque ha uma razão simplicissima que me obriga a isso . . . é facil de comprehender qual seja, — a pobreza.

O doutor mostrava, fallando, os seus brancos dentes muito sãos, num sorriso manso ; pousava as mãos curtas e gordas nos braços da cadeira, todo illuminado pela luz do dia que entrava pela janella fronteira.

— Eu, sinceramente, admiro-me de que o doutor, instruído e observador como é, se resigne a viver neste canto do mundo, onde com certeza não sobejam distrações para um espirito como o seu.

— Engana-se, meu amigo; vivo perfeitamente. A indole do povo brasileiro é de uma bondade captivante; a sua franqueza, encantadora; a sua hospitalidade, unica. A não se viver no paiz em que se haja nascido, não ha patria mais bella nem onde tanto á vontade a gente se ache. Aqui estou ha muitos annos e nunca pensei em retirar-me que não sentisse antecipadamente saudades. Ha uma unica coisa que me repugna e entristece aqui, excuso de lhe dizer qual seja, o meu amigo adivinha-a, mas essa mesma extinguir-se-á em breve, porque, Octavio, agora o Brasil não dorme, trabalha.

— Tenho acompanhado com jubilo o movimento abolicionista do Brasil; procurei avidamente nas correspondencias dos jornaes, sempre, tudo o que se referia a essa grande obra; comtudo, de tão longe, não se pode fazer idéa perfeita, das coisas que os jornaes exaggeram e as traducções adulteram.

— Cuidado! não vá expender idéas de progresso e humanidade no seio da sua fazenda. A abolição mais dia menos dia faz-se; a amizade na familia é que uma vez quebrada nunca mais torna a ser verdadeiramente solida.

— Porque diz isso?

— Porque seu pae é um dos maiores inimigos da abolição. Comprehende agora?

— Perfeitamente; serei discreto, se me convencer de que o meu braço não é em nada preciso á santa causa, como dizem os periodicos.

O doutor ia começar uma resposta, quando um creado veio dizer que o cavallo estava á porta.

— Bem, Octavio, não quero ter o egoismo de o reter aqui: o meu amigo deve estar ancioso por chegar a Santa Genoveva, não é assim? Olhe, talvez queira um companheiro que o guie...

— Não me faça a injustiça de suppor-me esquecido do caminho de casa!

— Tem razão! pudesse eu hoje chegar á minha aldeia, que iria de olhos fechados á velha casa de meus paes! Note que este é um sentimento que se apura quando se está exilado, quer voluntaria, quer involuntariamente: o amor da familia e do paiz natal.

Depois, tirando o relógio, calculou:

— D'aqui a duas horas estará entre os seus... boa viagem.

— Obrigado, doutor.

— Apareça para uma prosa!

— Sim, senhor, adeus!

Batendo nas pedras da calçada, o animal seguiu.

O doutor entrou de novo para o seu gabinete, estendeu-se no sofá de palhinha, retomou o livro e, cobrindo a calva com o bonnet de seda preta, recommençou em toada monotona a sua interrompida leitura.

II

Octavio recordava-se de tudo ao passar: as casas baixas com a porta ao centro e igual numero de janellas de cada lado; a loja do Theodoro, na esquina, com peças de baeta vermelha apinhadas, e fardos de algodão; a botica do Anselmo, o velho pharmaceutico, muito magro e alto, que lia sentado ao pé do balcão com os oculos encavalgados no seu grande nariz adunco e os labios delgados em continuo movimento; a escola de d. Maria do Carmo, d'onde saía o alegre vozear das creancinhas pobres, e o botequim do Guilherme allemão, ao lado, muito varrido e com as portas abertas, mostrando no interior uma rapariga loura amamentando uma creança ainda mais loura, que brincava com os pésinhos no ar.

De longe em longe encontrava uma pessoa conhecida, a quem não fallava, mas a quem cumprimentava, como a toda a gente na roça. As habitações foram rareando; viu dois *chalets* novos, nos terrenos do antigo chefe do partido conservador da cidade, o major Caetano, cuja casa em decadencia apparecia alem, cercada pelos muros da chacara, onde as chuvas tinham posto grandes laivos verdes.

Mais adeante, num valle apertado, umas negras de saias brancas curtas, e camisas de decote estreito, cantavam, batendo roupa nas pedras do rio que ia serpeando alegremente, como uma estreita faixa prateada. Seguia-se, depois, a propriedade do conselheiro Bettencourt; alli, sim, havia alguma differença: o predio tinha mais um andar, com sacada sobre o jardim gradeado, e um pombal deselegante, pintado de verde, onde centenaes de pombos pousavam agitando rumorosamente as suas bellas azas e as cabecinhas gentis. Por sobre o muro do pomar da casa pendiam para a estrada os vigorosos ramos de tres abacateiros carregados de folhas e de fructos. Do lado opposto, ao longe, uns montes verde-escuros taxonados de pedras claras, e até elles um campo vasto, em ligeiras ondulações de solo coberto de gramma amarella e inundado de sol.

O caminho tornou-se monotono. De vez em quando, um trolly, levantando nuvens de poeira avermelhada e a rodar vertiginosamente pelo declive, fazendo tremer nos bancos os corpos das senhoras, de guarda-pó de linho e chapéus de palha guarnecidos por veus de cor. Octavio cumprimentava-as sem as reconhecer, e cruzavam-se. D'ahi a nada, era um carro de bois, gemendo no eixo tres notas, agradaveis ao longe, irritantemente estridulas, ouvidas de perto; os bois, suados, aguilhoados, desciam a passo; um negro, de calças arregaçadas e camisa aberta no peito, seguia a pé, ao lado; e, em cima, sobre a lenha accumulada até uma grande altura, um moleque chupava uma laranja, deitado de

bruços e firme nos cotovellos. Octavio reconhecia aquelles typos; toda a sua infancia fora passada alli, tinha recordações vivas de tudo.

Transposta uma aguada onde o animal bebeu demoradamente, a estrada bifurcava-se; a da direita seguia em linha recta. a da esquerda subia em zig-zag, e, por ser mais estreita, era mais ensombrada. Por alli passava menos gente, era quasi um caminho particular, commum unicamente a dois ou tres fazendeiros. Octavio tomou esta estrada; d'ahi por deante teve um unico encontro, o de um sujeito fiel aos antigos costumes de viajor paulista: grande pala cor de café com leite, riscada de branco, que lhe caía dos hombros arredondando-se sobre as ancas do cavallo, botas até o Joelho, esporas de prata, chapéu desabado e chicote de grosso cabo de couro; atraz d'elle, em respeitosa distancia. galopava o pagem, com uma forte manta listrada de vermelho, enrolada como um travesseiro e posta na frente, sobre o sellin. Depois, mais ninguém. Arvores gigantes, cipós entrançados, cantos agudos de passaros, rumorejar d'aguas em abysmos perfumados de baunilha, abysmos de uma frescura deliciosa, todos vestidos de folhas claras e florinhas coloridas.

Decorrida uma hora de marcha, Octavio viu ao longe, do lado esquerdo do valle, sobre a outra collina fronteira, a torre do sino de Santa Genoveva e as paredes brancas da casa de seus paes. O coração bateu-lhe violentamente; uma commoção forte o abalou.

Por uma d'essas circumstancias extranhas, que fazem com que ás vezes duas coisas diversas se apresentem ao mesmo tempo ao espirito, elle recordou-se do seu tempo de infancia, como que se viu naquelles dias longinquos, quando voltava de assistir a alguma procissão na cidade, encostado aos joelhos da mãe, olhando para a estrada com indiferença e socego; e, á proporção que essa lembrança lhe tangia na alma a dolorosa nota da saudade, recitava mentalmente os deliciosos versos de João de Deus:

Vi o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par!
Contemplei-o de longe, mudo e quedo,
Como quem volta d'aspero degredo
E vê, ao ar subindo,
O fumo de seu lar!

E como elle comprehendia agora a suavidade d'esse sentimento! Com que alegria e ternura olhava para a torre do sino e para as paredes brancas da casa!

O dia transformou-se subitamente; accumulavam-se nuvens diminuindo o calor da luz do sol. As vozes dos escravos vinham de alem, num rythmo original e encantador, penetrar-lhe na alma como um echo de saudade; descendo mais, na curva da estrada perdeu de vista a casa e a torre do sino. Sobre a sua cabeça as arvores cruzavam as ramas folhudas e o vento impellia uma ou outra folha

que vinha como uma carícia, rogar-lhe pela face, pelo hombro, ou pela mão.

Saindo daquelle tunnel perfumado e sombrio, deparou-se-lhe a porteira da fazenda, onde se lia ainda, em grandes caracteres brancos como outr'ora, o nome de — Santa Genoveva — que era o da sua avó.

O cavallo, a cada movimento nervoso do cavalleiro, estugava a marcha.

Octavio atravessou meia legua do cafezal, e depois o campo de pastagem, onde as vaccas lambiam os novilhos e as cabras fugiam aos saltos.

Ao fundo havia o muro da horta; ladeou-o e penetrou num grande pateo. Uns creoulinhos gritavam percorrendo-o em procissão, com um jornal na ponta de um pau, á guisa de estandarte.

Á porta do gallinheiro, a um lado, de costas para elle, uma mulher vestida de chita clara, com as tranças negras presas na nuca, num rolo forte, atirava de uma cuia mão-cheias de milho ás aves.

— Noemia é uma creança, pensou Octavio, e Nicota é loura... Quem será aquella rapariga?

Nesse momento ouviu um grito de surpresa e levantando os olhos viu na varanda a irmã mais velha, que o reconhecera.

— Octavio!

— Nicota!

Apeou-se á pressa e abraçando a irmã entrou na sala de jantar, muito extensa, illuminada pelas janellas das extremidades.

A mãe, sentada na rede, com as pernas cruzadas, escolhiaervas para o jantar, a tenra cambouquira (1) e o agrião, separando-as de um cestinho para outro. O filho correu a abraçá-la e a pobre senhora, suffocada de susto e de alegria, desatou a chorar.

A saleta de estudo era contigua, e, ouvindo a bulha, Noemia, a irmã mais nova, abandonou a lição e, deixando a mestra só, veio cair risonha nos braços de Octavio.

Era uma creaturinha delicada, sem ser bonita, de olhos garços, cabellos castanhos, rosada, activa e baixinha.

Nicota era loura, alta, cheia, um todo grave e sisudo como o de uma matrona, a mais formosa da familia, e a quem até os paes parecia respeitarem.

— E pae? (2) perguntou o recém-chegado á irmã mais velha.

— Está lá dentro; eu mando chamar. (3)

— Não! prefiro ir lá ter com elle.

Acompanhaço da mãe e irmãs, Octavio atravessou o longo corredor sombrio até a uma das salas da frente. Impellida a porta, entraram.

Nenhuma alteração havia alli. Como ha sete annos, a mesma mobilia tinha a mesma disposição: o sofá e as cadeiras de braços em frente ás janellas, o piano coberto de chita de ramagens grandes, duas

(1) Grelas de abobora; prato muito usado na provincia.

(2) Conserva-se fielmente a linguagem provinciana: em S. Paulo, pelo menos no interior, não se costuma dizer papae.

(3) Esta phrase, como outras pronunciadas pelos personagens, não é correcta, mas é verdadeira.

redes ao fundo, uma de cada lado, entre ambas o consólo antigo absolutamente despido de enfeites.

O commendador Medeiros dormia numa das redes, com a barriga para o ar, arfando, a bocca entreaberta, o chapéu de feltro caído sobre os olhos, e o chicote de tatú estirado ao comprido no chão.

Despertando ao ruido dos passos e das risadinhas agudas de Noemia, o commendador deparou attonito com o filho.

— Que diabo! exclamou contendo a sua alegria, então vindes assim (1), sem avisar a gente?

E abraçaram-se longamente. Depois Octavio contou tudo minuciosamente: a conclusão dos estudos, a anciedade de ver a familia; e descreveu a viagem até Santos, onde desembarcara, a subida da serra do Cubatão, e a sua impaciencia.

A mãe e as irmãs ouviam muito attentas, curvando-se para elle; o pae espreguiçava-se de vez em quando, disfarçando a sua commoção.

No fim de uma demorada palestra, o dono da casa, voltando-se para Nicota, disse:

— Olhae que o vosso noivo vem jantar cá, hoje; o compadre Antunes me mandou aviso.

— Já sei que Nicota está para casar, replicou Octavio sorrindo; contou-me o dr. Morton essa grande novidade.

— E o dr. Morton fallou tambem de Eva? perguntou Noemia interessada.

(1) É muito usado no interior de S. Paulo o tratamento na segunda pessoa do plural.

— Eva . . . não. Quem é?

— É a nossa prima, a filha do tio Gabriel; mora agora connosco, continuou ella.

— Tio Gabriel! . . . elle fez as pazes com pae? perguntou Octavio voltando-se para o commendador.

— Antes não fizesse, respondeu-lhe este.

— Ora essa! porque?

— Deixou-me a filha, que é . . .

— Um anjo! acudiu Noemia.

— Qual anjo! um diabo levado de seiscentos! concluiu enraivecido o fazendeiro. Nicota sorriu, Noemia baixou entristecida a cabeça, a mãe voltou impassivel os olhos para fora, e Octavio achou mais prudente mudar de assumpto.

As horas avançavam e as senhoras retiraram-se, uma para dar ordens, as outras para fazerem a sua *toilette* e escreverem ás amigas participando a chegada do irmão. O commendador e o filho ficaram sós e puzeram-se a discutir assumptos de lavoura. Octavio ouvia com desgosto o pae expender idéas antigas, pejudadas de rancor e de fastio; de vez em quando aventurava um aparte ou um elogio aos processos novos, fugindo de o molestar, como se tratasse com uma creança. O fazendeiro repellia indignado as idéas do filho e, firmando-se nellas, seguia disparatamente contra os reformadores, contra as modernas theorias, contra tudo e todos.

Octavio avançava que a agricultura no Brasil devia ser tratada como uma das coisas mais bellas e mais dignas de estudo e de transformação.

O pae declamava, jurando maldicções contra os abolicionistas, os «pescadores de aguas turvas» e ladrões! Seguia por ahi fora contra a execravel raça, concluindo: «Os negros fogem, livram-se e o infeliz lavrador não tem nem o direito de se queixar! Infames, canalha!»

Aquella linguagem feria dolorosamente os ouvidos de Octavio, que estremecia intimamente de repugnancia e tristeza. Estava num terreno perigoso. Abstinha-se de proseguir. O pae que vociferasse á vontade; elle constringer-se-ia, respeitosamente. Sappunha poder demolir pouco a pouco o bronzeo egoismo do pae e vel-o enfim cooperar na grande obra de humanidade e patriotismo. Precisava procurar com cuidado as occasiões propicias para o completo desenvolvimento da sua idéa. Naquelle momento tudo seria inutil; o commendador, muito exaltado, não o escutaria, e elle era incapaz nesse dia de sustentar com o *velho*, para cujos braços voltava cheio de alegria, uma questão qualquer. Susteve-se, enquanto o pae continuava amaldiçoando o tempo dos abusos e dos ataques á propriedade alheia!

— Se elles se lembrarem de vir a Santa Geneveva, exclamava, os bandidos dos abolicionistas, eu sei como os hei de receber:—a tiro! Defendo a minha propriedade, estou no meu direito. A culpa é tambem das auctoridades, que não *amoldagam* esses cachorros dos jornaes, que latem, latem para os outros morderem!

Nesse ponto bateram de manso á porta, e uma voz de mulher perguntou de fora:

— Dá licença, meu tio?

— Mau! lá vem a lambisgoia!... Entre!

Octavio levantou-se, e recuando um pouco, encostou-se ao piano; a porta, impellida docemente, deu passagem á mesma pessoa que elle vira de costas, dando milho ás aves.

— Eva chegou em bem má occasião... disse o commendador seccamente.

— Demoro-me pouco.

Octavio não fora notado e observava com attenção a recém-chegada.

Era uma mulher nova, esbelta, levemente morena, de fartos cabellos negros, rosto oval, olhos franjados por longas pestanas muito escuras, feições regulares, andar firme, cabeça erguida sem affectação nem altivez. Tinha a voz grave e cheia, a attitude serena. Vestia com simplicidade o seu vestido de percale, escrupulosamente ajustado.

— Que temos? indagou o tio.

— Venho pedir-lhe que perdoe ao Manuel; elle promette ser obediente d'aqui por deante. Manda tirar-lhe os ferros?

— Asneira! deixe-se d'isso, que não é da competencia das moças. Se não quizer ver o negro com os ferros, não olhe para elle.

— Não olho, mas nem assim deixo de saber que os traz, e isto doe-me.

O commendador deu uma gargalhada. Pelos olhos de Eva passou um relampago de indignação, e um sorriso de desdem arqueou-lhe os labios.

— Já não sei quantas vezes tenho, a seu pedido, perdoado faltas dos escravos! Olhe, é melhor que se vá preparar para o jantar; aqui está meu filho que chegou hoje, e espero amigos nesta meia hora.

Eva voltou serenamente os olhos para Octavio, a quem cumprimentou friamente, sem avançar um passo; depois, num tom de quem se desculpa, disse:

— Eu não sabia da sua chegada; venho neste momento...

— De alguma senzala, interrompeu com ironia o tio.

— É verdade, confirmou ella; de uma senzala. Fui ver a Josepha, que está doente. Á saída encontrei o Manuel, que me pediu que o apadrinhasse; prometti vir em seu socorro e atravessei logo para aqui.

— Não deve prometter o que não pode cumprir.

Eva olhou para o primo, como a pedir-lhe auxilio; Octavio, approximando-se do fazendeiro, disse, commovido:

— A minha chegada justificará a clemencia que tiver para com o infeliz; em nome da grande alegria de nos tornarmos a ver, peço-lhe, meu pae, que attenda aos rogos da prima Eva.

O commendador fingiu reflectir um momento, e voltando-se para a sobrinha, disse:

— Está bom! por hoje perdôo, mas não torne a fazer semelhantes pedidos!

— Obrigada. E Eva saiu da sala sem precipitação.

Octavio sentiu avivar-se-lhe a curiosidade a respeito da historia d'aquella prima, que não conhecera nunca, e que vinha encontrar debaixo do tecto paterno, tratada por uns como um anjo, e por outros como um demonio. Avaliou num momento a triste posição de Eva, recebendo por caridade a sombra de um telhado e o pão de um velho e encarniçado inimigo de seu pae. Absteve-se, comtudo, de qualquer pergunta naquella occasião em que via o commendador excitado contra ella; pensou sensatamente que qualquer informação seria apaixonada, e reservou-se para mais tarde, quando o visse de animo tranquillo. E no fundo do seu espirito havia já a convicção de que a opinião de Noemia era a justa: «Eva é um anjo!» dissera ella, e elle comprehendia-a depois de ter presenciado aquella scena. Só os anjos arrostam com a má vontade dos poderosos a favor dos fracos e dos opprimidos; só os anjos supportam injurias com humildade quando a causa que advogam é dos desgraçados.

Sim, Noemia tinha razão... Eva é um anjo.

III

A dona da casa tivera o cuidado de mandar buscar com urgencia as malas do filho. Durante as horas de palestra familiar, de descripções da viagem, dos exames e de varios episodios com que se entretiveram de manhã, seguira o pagem a toda a brida, no desempenho d'essa previdente missão. Ás duas horas, Octavio reformava com satisfação a sua *toilette*, no seu quarto d'outr'ora, um quarto branco, pequeno, com uma janella de peitoril sobre o campo; ás tres, reunia-se ao pae, na mesma sala da frente, onde já era esperado com impaciencia e para onde o haviam chamado, quando elle ainda começava a abotoar o collarinho em frente ao espelho. Chegando ao corredor, viu que paravam no terreiro os trollys dos visitantes. O pae fez-lhe signal de que se approximasse.

O commendador Medeiros esperava de pé, no patamar, radiante de alegria, os amigos que ia successivamente apresentando ao filho.

— Major Trigueiros, futuro sogro de Nicota...

O major Trigueiros era um velho alto e magro, de grandes bigodes e pera branca, cara curta,

engelhada, olhos acastanhados e redondos, movimentos exquisitos e angulosos, trazendo á idéa de quem attentasse nelle o todo extravagante e bizarro da cegonha. Octavio cumprimentou-o affavelmente. Seguiu-se o noivo de Nicota, Alvaro Trigueiros, um rapaz baixo, moreno, de barba rala, rente ao rosto inexpressivo, beigos finos e rasgados; cabello caído na testa, numa pasta luzidia e chata. Agora era o Azevedo, promotor publico, rapaz de estatura mediana, claro e louro, com os olhos muito azues a brilhar atravez das lunetas, barba em ponta, pelle bem tratada. Por fim subiu o compadre Antunes, o unico já conhecido de Octavio, homem gordo, grisalho, de suissas curtas e nariz pequeno enterrado entre as bochechas carnudas; collete desabotoado, casaco a luzir nas costuras, labios grossos, unhas rentes, ex-feitor da fazenda de Santa Genoveva, cargo que exercera durante annos e de que se despedira para tomar conta da lavoura de um filho, que lhe morrera victima dos escravos.

Entraram todos para a sala, onde não estava nenhuma senhora. Depois de meia duzia de perguntas banaes, sobre a viagem, e dos parabens pela volta de Octavio, distribuiram-se aos grupos, conversando descançadamente sobre as ultimas eleições e futuras colheitas, alforrias, corridas de cavallos. O major Trigueiros elevava a voz, aspera e cortante, acima de todas as mais, desfechando raios de colera sobre os conservadores, que tinham feito uma grande entrada na urna eleitoral, emquanto o compadre Antunes perguntava ao Azevedo se havia gostado

da ultima corrida no hippodromo de Campinas.— Que sim, affirmava o promotor, e que, só para ver as moças bonitas de Campinas, valia a pena ir lá.— E a egua do Aranha, hein? que bom animal! É inglaterra e legitima! ganhei nella ha tres mezes; aquillo é que é!

Octavio approximou-se do noivo da irmã; Trigueirinhos remexeu-se e fallou-lhe de um modo constringido, trocando a miudo o *l* pelo *r*. Caçado da viagem e da conversa, Octavio foi encostar-se a uma janella.

O terreiro de tijolo, para a sécca do café, extendia-se muito limpo e largo deante da casa. Ao pé da escada de pedra dormiam dois cães, estiradamente ao sol; lá em baixo no grande tanque (1) havia scintillações douradas de luz na agua serena, e os pombos voavam aos bandos de entre uma cerrada touceira de bambús. Os trollys, sem cavallos, inclinados para a frente sobre os varaes, alinhavam-se á sombra, e do lado opposto á cancella, entre as palhas de milho espalhadas, fossavam os porcos. Muito alem, fechando o horizonte, a floresta unia com uma linha luctuosa e recta a terra ao ceu.

Aquella paizagem entretinha-o mais do que tudo que se dissesse lá dentro. Octavio deixou-se alli, longamente, até que o foram chamar para o jantar.

(1) Os paulistas chamam *tanque* á represa que, accidental ou *propozital*, ha em quasi todas as fazendas, para aguada da criação e serviço da casa.

Na grande sala, a mesa, coberta de crystaes, offerencia um aspecto brilhante. Ao fundo, as senhoras conversavam. Octavio foi apresentado á mestra de Noemia, mme. Grüber. Os servos e mesmo a dona da casa simplificavam-lhe o nome, chamando-a Madama, simplesmente. Era uma senhora de quarenta annos, alta, magra, muito loura, vestida de castanho, com um collarinho de homem e um alfinete redondo, de marfim, segurando-lhe a golla do vestido.

Nicota e Noemia trajavam irmãmente de azul, com lacinhos de velludo preto nos punhos e no pescoço. A mãe ia e vinha, fallando baixo com as mucamas, fazendo tilintar as chaves dos armarios, attenta e cuidadosa para que não faltasse coisa alguma.

Sentaram-se á mesa ; de um lado ficaram os homens, do outro lado as senhoras, no systema paulista ; só lá para o fim da mesa se alterara a ordem por falta de espaço e passou o promotor para junto das senhoras. Octavio percorreu a vista pelo recinto, admirado de não ver a prima, quando ella appareceu ; sentou-se entre a allemã e o dr. Azevedo, que ao vel-a se levantou corado. Á cabeceira o dono da casa fallava muito alto aos convivas. Octavio, ao pé, assistia ás baterias de perguntas e respostas. Era uma bulha de vir tudo abaixo ! O moço de vez em quando olhava em redor. O Trigueirinhos comia com a faca, olhando para o prato; não bebia vinho, molhava de vez em quando os beiços num copo d'agua, e continuava depois muito serio a encher a bocca de feijão,ervas e pasteis

folhados ; em frente d'elle, a noiva, menos preocupada com o prato, lançava-lhe de muito em muito longe um olhar rapido ; Noemia ria alto, dando ás vezes uns guinchinhos agudos, ao ouvir o compadre Antunes contar velhas anedotas colhidas nos almanaks ; a mãe apontava aos pagens os copos a encher e os pratos a renovar, e, lá no fundo, mme. Grüber comia sem interrupção e o dr. Azevedo curvava-se fallando para Eva, que o escutava distrahida, empurrando com o pão a comida para o garfo.

Travara-se uma discussão entre o major Triqueiros e o dono da casa ; as vozes foram subindo ; altercavam gritando. O commendador Medeiros retrucava com desdem ás affirmações do outro : «Capaz ! capaz !» E o *cavaignac* do major salientava-se, vinha para a frente, ia para traz, num movimento continuo. Entretanto, as outras pessoas tratavam de fallar mais alto entre si, para que as suas vozes não fossem abafadas. De repente a questão acabou. O commendador bebeu um copinho de vinho do Porto com agua, e o major, esquecendo momentaneamente que não estava em sua casa, fincou o calcanhar esquerdo no banco em que se assentava, elevando o joelho pontudo á altura da barba.

Aproveitando o momento de menos bulha, o Azevedo levantou-se, erguen o copo e brindou á familia Medeiros, felicitando-a pelo regresso de um de seus membros : arranjou um discurso florido, num estylo guindado, onde de vez em quando apparecia, como um espantallo, um nome historico. Aquillo durou. Elle lançava a voz em inflexões de

effeito, arrastando-a dos sons mais graves ao mais agudo falsete.

As senhoras ouviam-n-o, paradas, com os olhos fiectos nelle. Como isso fosse pelas alturas da sobre-mesa, o major Trigueiros mergulhava no seu grande prato, transbordante de leite, um grosso naco de abobora assucarada, e o compadre Antunes ia devastando os calices de doce de batata, coisa muito da sua predilecção.

Quando se levantaram da mesa, Octavio suspirou de allivio : precisava de ar fresco e de descansar os ouvidos aturdidos na distracção de um passeio ao jardim com as irmãs e a prima.

O commendador, porem, arrastou-o com os amigos a ver a nova casa da machina, extensa e assente no baixio de uma collina, por onde desceram á sombra de limoeiros floridos ; d'alli passaram ao açude, ao paiol, ao moinho e á estrada nova, ladeada pelos cannaviaes de um verde macio e fresco, até o cafezal, onde os carregadores muito limpos se extendiam a perder de vista. O commendador, á frente, guiava a comitiva, orgulhoso da sua propriedade. Os outros commentavam alto o que iam vendo.

— Olhe, meu amigo, chamava o major Trigueiros, as suas terras parece que já estão cançadas . . .

— Qual ! protestava o fazendeiro, nunca deram tanto como agora !

— Isso não quer dizer nada. Desconfio muito d'esta seccura e amarellidão ! E indicava com o beigo inferior o terreno. A minha é roxa, que lá as terras do sertão valem muito mais . . .

O Azevedo ia ao lado do Trigueirinhos, conversando num tom discreto, e o compadre Antunes, que ia atraz, reteve Octavio e perguntou-lhe abruptamente:

— Que tal lhe pareceu sua prima?

E, como não recebesse em resposta senão um olhar de estranheza e surpresa, o Antunes continuou:

— Eu vos explico. Aquella moça é manhosa: com o seu arzinho de santa é capaz de pôr esta casa de pernas para o ar! Foi bom que o senhor chegasse, para tomar sentido em certas coisas... Eva intriga!

A um sorriso de incredulidade de Octavio o outro affirmou, com lampejos claros nos olhos pequeninos:

— Intriga, sim! Detesta vosso pae, ora ahí está. Gosta do Azevedo e o Azevedo está-lhe com o olho no dote... sabem ambos que o commendador deve ao banco uma grossa bolada...

— D'ahi? perguntou Octavio, no mesmo tom de leve zombaria.

— D'ahi? o director do banco é o tio do Azevedo! comprehende agora?

— Perfeitamente. É uma historia assim parecida com a do *Castello de Chochurumello*.

— Isso é que eu não affirmo, porque não sei o tal conto do castello.

— Pois, meu amigo, é serio; ora imagine que é a de um cão que mordeu o gato que matou o rato que roeu a correia que atava a chave do *Castello de Chochurumello*.

O Antunes indignou-se, disfarçando a colera com um riso amarello.

— Não cuide que eu brinco, continuou; tome sentido! Seu pae já sabe de muitas coisas, e por ser prudente cala-se; está convencido, e tem provas, de que a sobrinha quer arruinal-o, vingando assim o finado Gabriel. Ora, o tempo provará se eu tenho razão em recommendar-lhe vigilancia! E demais, aquelle procedimento com o Azevedo é vergonhoso... é preciso decidir-se o casamento, e... que se ponham a andar!

Octavio respondeu com altivez ao Antunes, notando-lhe que lhe não competia intervenção em tão serios negocios, e concluiu:

— Eva é livre; fará o que entender.

— Lembre-se que afinal seu pae é que é o responsavel pelas asneiras d'ella!

— Não lhe dê isso cuidado.

O tom secco e decisivo de Octavio emmudeceu o ex-feitor de Santa Genoveva, que mastigou umas palavras inintelligiveis.

Na frente o grupo ia descuidado e fallador.

Antunes apertou o passo e foy ter com o major Trigueiros. Octavio olhava para as costas estreitas do Azevedo, para o seu corpo effeminado e bem cuidado; o cabello louro carapinhoso, onde o sol punha reflexos avermelhados, cor de cobre, a mão muito branca com que alizava a barba apparecendo acima do hombro esquerdo nuns movimentos vagarosos, de caricia.

De repente o noivo de Nicota voltou-se, e vendo o futuro cunhado sozinho, propoz que o esperassem

e continuaram depois os tres, indo Octavio no meio. Então Trigueirinhos, já mais familiarizado, perguntou-lhe se as arvores na Allemanha não eram rachiticas, se bebiam por lá bom café, se havia luxo nas casas e gentileza no povo.

O Azevedo escondia sob o bigodinho louro um fino sorriso de ironia. Octavio ia respondendo sempre com phrases curtas, como se as palavras lhe custassem um grande esforço.

Trigueirinhos concluiu a palestra convidando-o para uma caçada ás pacase ás perdizes no seu sitio; era louco por esse genero de divertimento. Um mal de familia, explicava elle. A mãe saía todos os dias para o matto, com a sua espingarda; era uma destemida! O avô materno, apesar dos seus oitenta annos, gallopava pelos campos do Jahu, dias e dias, farejando caça...

E aquelle homemzinho baixo, magro, amarello, de dentes postiços e pastinhas lustrosas, empapadas de Oriza, fallava nas correrias, nas esperas no bosque, mostrando-se adextrado e agil como um heroe das mattas!

Quando voltaram, os trollys esperavam já promptos no terreiro. Os visitantes partiram: Nicota e Trigueirinhos cumprimentaram-se friamente; era a ultima vez que se veriam antes do casamento, marcado para d'esse a quinze dias. Azevedo murmurou alguma coisa baixo a Eva, que lhe respondeu disfarçadamente, chegando Octavio a perceber estas palavras:

— Eu escrevo amanhã.

— Obrigado.

Eva retirara-se e entrara o feitor, que vinha prestar contas ao dono da casa, censurando-o por ter mandado tirar os ferros ao Manuel.

— Aquelle diabo é um *peldido*, dizia elle na sua linguagem muito arrastada.

O commendador explicou-lhe o facto e o feitor encolheu os hombros, aborrecido. Começaram as indagações e narrações do trabalho.

Octavio approximou-se de Noemia, que se debruçava na janella. A noite estava fria e escura; no ceu profundo luziam as estrellas, e elle, attrahindo docemente a irmã, perguntou-lhe :

— Como passam vocês aqui as noites ?

— Muito mal.

— Sim ?

— Imagine: mãe accorda de madrugada e, como lida muito, logo á noitinha tem somno. Pae tambem. Nicota balança-se na rede ou faz *crochet*; eu não gosto de rede nem de *crochet*, por isso brinco com o Vinagre ou com o Jupiter, que fazem muitas sortes; quer ver ?

— Amanhã. E que janella é aquella, que está com luz ?

— É de mme. Grüber. Eva faz serão no quarto da mestra, lêem e trabalham juntas.

— Porque não fazem serão antes aqui, na sala, perto de todos ?

— Porque o barulho não permite que entendam o que lêem, e pae, bem sabe, não gosta de livros em mãos de mulher...

- Você nunca assiste aos serões?
- Nunca!
- Faz mal.
- Porque?
- Teria occasião de adeantar-se e occuparia o espirito durante algumas horas.
- Eu não sou intelligente e não entendo allemão; de dia, sim, estudo; á noite estou cansada!
- Eva falla allemão?
- E francez.
- Imagino... aposto que não sabe coser!
- Costura até muito bem...
- Sim?
- Eva sabe tudo; não conheço outra pessoa assim!
- Vejo que você é muito amiga d'ella.
- Sou.
- E Nicota?
- Essa não!
- Porque?
- Acha Eva muito pretenciosa...
- E não será?
- Qual!
- O dr. Azevedo parecia encantado com a rosa que ella tinha no peito...
- Ella gosta muito de flores.
- E elle muito d'ella, não é assim?
- Pode ser.
- Nunca se fallou nisso cá em casa?
- Nunca.
- Pois admira. Que idade tem Eva?

— Vinte annos.

— Só?

— Nem parece ter mais.

— É mais velha do que Nicota.

— Um anno.

— Mas qual será o motivo da antipathia de ambas?

— De ambas não. Eva gosta de Nicota; Nicota é que não gosta de Eva!

— Ciumes?

— De quem? Não, julgo que é porque Eva disse um dia que não se casaria nunca sem amor, assim como...

— Nicota.

— É exacto.

— A quem disse ella isso?

— A nós.

— É romantica, mas afinal tem razão.

— Pois foi esse o motivo; Nicota contou logo tudo a mãe, mãe contou a pae e...

— Pae zangou-se, está claro.

— E não quer que a gente esteja muito tempo perto d'ella, com medo que nos pegue a sua maneira de pensar.

— Como veio ella para cá?

— Hein?

— Quem a trouxe, qual o pretexto, como se arranjou tudo isso?

— Eu estava no collegio, não sei de nada; mas quem a trouxe parece que foi o dr. Morton.

— O dr. Morton!

— Sim. Elle era amigo de tio Gabriel e foi sempre o mestre de Eva; estimam-se muito.

— An... Então Noemia já a encontrou cá?

— Já. Havia cinco mezes que ella morava em Santa Genoveva. Estava ainda de lucto fechado pela morte do pae; logo que me viu, desceu aquella escada e foi-me abraçar. Eu não sabia quem era e fiquei admirada; depois perguntei a Nicota, e, quando ella me respondeu que era nosa prima, fiquei muito contente.

— Eva falla muito no pae?

— Pouco, mas chora muitas vezes e lê papeis d'elle. Quando vae ao Mangueiral não tem animo de voltar de lá!

— E que é o Mangueiral? não me lembro que houvesse aqui uma unica mangueira!

— Effectivamente aqui não ha.

— Então onde é o Mangueiral?

— É o sitio de Eva que se chama assim.

— Quê! Eva tem fazenda?

— De que se admira?! Tio Gabriel era rico.

— Não me lembrei d'isso, julguei-a pobre. É perto d'aqui?

— É.

— Costuma ir com pae?

— Não, com mme. Grüber, só; pae não gosta de a acompanhar.

— Mas se Eva ficou rica, porque mora aqui?

— Porque foi a ultima vontade do tio Gabriel. Olhe, quem *vos* pode explicar tudo é o dr. Mor-ton.

E Noemia afastou-se, chamando Jupiter para as sortes.

Na grande sala de jantar, a *varanda* (1), um lampião preso á parede localizava a sua pouca luz num limitado espaço; todo o resto da casa, na sombra, tiplia um aspecto semnolento e funebre. As redes rangiam nas argolas de ferro seguras aos humbraes; ouviam-se bocejos. O feitor continuava a descrever o seu dia, repisando as faltas do Manuel. Octavio não os quiz perturbar e deixou-se á janella, olhando para o ponto da casa onde brilhava a luz de um candieiro com *abat-jour* de porcellana; depois desceu a escada e seguiu até debaixo da janella illuminada, sentando-se no banco de pedra que parecia terem propositadamente posto alli. As rãs coaxavam nos charcos, e na solidão sombria do ceu as estrelas punham luminosos botões tremulos. Lá de dentro, do quarto illuminado, vinha um murmurio de vozes e um farfalhar de papeis.

Durante todo o dia elle não tivera occasião de conversar com nenhuma d'essas mulheres, que eram indubitavelmente as de mais espirito alli e cuja convivencia mais distrações lhe offereceria.

A passividade da mãe ; a maneira de pensar do pae, tão contraria á sua ; a frieza da irmã mais velha e a ingenuidade da mais nova, obrigar-o-iam a uma vida concentrada, para que não sentia disposição. Cansado da sua vida de rapaz sozinho, sem

(1) Os paulistas costumam chamar—varanda á sala de jantar, qualquer que seja a sua collocação na casa.

lar, sem alegrias intimas, correria ancioso para a familia e, logo no primeiro dia em que a viu e em que a abraçou, convenceu-se de que não seria nunca comprehendido por ella.

E desilludido, amargurado, lembrou-se das impertinentes insinuações do Antunes e, como para confirmação d'ellas, das palavras da prima ao Azevedo, na despedida. Não tinha tempo para formar de Eva um juizo definitivo, e via, com extranheza, julgal-a cada qual a seu modo. A sua figura altiva, a sua fronte erguida sempre, como a desafiar o perigo, o seu olhar sereno e andar firme, demonstravam-lhe uma natureza fria, orgulhosa, inacessivel; lembrava-se, porem, da sua voz doce e clara, penetrante e meiga, da sua intervenção pelo miseravel escravo e vacillava entre a candura e a compaixão ou o sentimento calculado e hypocrita. Viera encontrar em casa um problema, um ser com azas para uns, com patas para outros, mysterioso e atrahente por isso mesmo. Eva não se mostrara nem surpresa nem contente pela chegada do primo; recebera-o como a um extranho de quem não tivesse ouvido nunca o nome. Octavio reflectiu nisso e tornava a lembrar-se das palavras dictas ao Azevedo na penumbra do corredor. D'ahi, quem sabe? Talvez o Antunes tivesse razão.

A antipathia do pae pela sobrinha deveria ter um ponto de apoio que a justificasse. Eva metterase em casa de um velho inimigo da sua familia, com o fito de uma vingança qualquer... era o que lhe queria ter feito acreditar o Antunes, que afinal era

um homem pratico... Não ! isso seria uma indignidade ! Mas o certo é que ella era evidentemente uma mulher de recursos, uma mulher perigosa. E deixando-se arrastar por uma corrente de maus pensamentos, Octavio sentia quasi alegria em encontrar naquella solidão um motivo de lucta, um sentimento forte que o penetrasse e o não deixasse cair na apathia provinciana.

Ia levantar-se, tendo-se em mente declarado contrario a Eva, quando a doce voz da prima, num tom grave, recitou lá dentro uns versos de Gøthe. Octavio estremeceu ; aquella voz humida de frescura, caindo serena no silencio da noite, vibrada numa lingua a que se habituara ha tantos annos, e em que expressara os seus primeiros amores, perturbou-o fortemente. Tornou a sentar-se no banco de pedra, vendo sem attenção os pyrilampos scintillando aqui e alem, e ouvindo encantado, avidamente, as melancholicas phrases do velho amigo de Bettina.

IV

Na manhã seguinte Octavio accordou de madrugada. Adormecera tarde, apesar do canção da viagem e das grandes commoções da vespera. Extranhara a cama, sentira-se febril ; mas quando, de manhã, abriu a janella e olhou para os vastos campos illuminados pela luz violacea e doce do alvorecer, sentiu-se reanimado e alegre. Lembrou-se do seu tempo de infancia, quando áquella hora fugia para o terreiro, com um copo na mão, prompto para o leite espumante e ainda morno da vacca. Vestiu-se, desejoso de caminhar pelo matto, por aquelles bosques, cujas arvores via d'alli. Saindo do quarto deparou com a mãe, que ia com uma mucama escolher verduras na horta.

— Tão cedo, mãe, já de pé !

Ella explicou-lhe que se levantava sempre de madrugada, para os arranjos da casa, e aconselhou-o a tomar qualquer coisa.

— Vou ao leite e depois irei ter com vossemecê á horta.

Octavio atravessou o terreiro em direcção ao curral, onde um negro alto mugia uma vacca, gritando rudemente :

— Eh ! *Ladina!* Sinhô moço qué lête ? perguntou o escravo a Octavio, revirando para elle os olhos, cujo branco amarellado sobresaía do fundo escuro do seu rosto.

Octavio esvaziou um copo acabado de encher.

— Eh ! sinhô moço já não se lembra de mim !

— Como se chama você ?

— Eu ? eu me chamo Theodoro, sim sinhô...

— Theodoro...

— Theodoro pequeno... o Theodoro grande já morreu, sim sinhô.

— Ah ! o filho de Narcisa !...

— Sim sinhô.

— Perfeitamente, pois então não me havia de lembrar !

O negro ria, esfregando as mãos, e depois com um modo embaraçado :

— A gente já maginava que mecê não havéra de vortá...

— De que morreu o Theodoro grande ?

— Foi obra de feitiçaria, sim sinhô.

— E sua mãe ?

— Essa tá com aíva (1) da cegueira... já não véve aqui não sinhô... Sinhô grande vendeu ella, pr'a seu Antune...

— Ah...

— Berganhou ella com uma pareia de besta...

Octavio trocou mais algumas palavras com o Theodoro e seguiu para a horta, cercada de muros,

(1) Molestia incuravel.

com uma porta estreita pintada de verde, entreaberta. Logo á entrada, seguindo em linha recta por toda a grande extensão da rua, havia uma parreira coberta de folhas, e aos lados, de vez em quando, uns pés de rosas de todo-o-anno, com as suas flores aromaticas, onde esvoaçavam singelas borboletinhas brancas ou cor de palha. Ao centro do terreno, uns canteiros estreitos e um ou outro arbusto. Tomando por uma rua de marmelleiros, Octavio foi ter com a mãe, que estava longe, arrancando com as duas mãos pela rama escura uma formidavel be-terraba.

Aqui e alem, os grandes *bouquets* azues das hortencias punham alegria nos canteiros. Nas fazendas, a horta confunde-se, geralmente, um pouco com o jardim; plantam-se rosas perto de nabos, e desabrocham lirios junto de repolhos.

A *horta* de Santa Genoveva era pomar, horta e jardim, tudo encerrado entre muros e afastado da habitação. O hortelão era um negro velho e calvo, o Torquato, que, já não podendo trabalhar com des-
embaraço no café, era aproveitado alli.

Octavio reconhecia tudo: nem mesmo as plantas parecia terem variado, somente o hortelão era outro; o velho Thomé de outr'ora tinha morrido, naturalmente, pois já não estava em idade de ser vendido ou barganhado por um animal qualquer...

Octavio aproximou-se da mãe, ajudando-a muito risonho a colher a verdura.

Sentia-se leve, contente; respirava a plenos pulmões o ar fresco da manhã, tinha as mãos

molhadas do orvalho das plantas em que tocava, via o rosto sereno da mãe banhado de suavidade como a physionomia das santas dos altares.

Despediram-se á porta; ella ia ainda ver a creação, elle caminhar sem destino.

Octavio, ladeando o muro da horta, foi até a porteira, abriu-a e desceu por uma rampa escalavrada, onde um ou outro pé de herva, meio mastigada pelos animaes, punha manchas de um verde sujo. Na terra avermelhada e muito secca rolavam creoulinhos nús, de ventres enormes e umbigos salientes; em baixo, no sopé da collina, extendia-se o tanque muito sereno e espelhado; parou ali um pouco, fez com que entrassem na agua uns marrecos que passeavam pachorrotamente na margem; seguiu d'ahi por um caminho estreito e embrenhou-se na selva.

A pouco e pouco foi-se vendo cercado mais de perto por folhagens espessas de um verde denso.

Sobre a sua cabeça havia uma abobada cerrada por onde mal se descortinava o ceu. Tudo verde! um verde brilhante, um verde uniforme, que lhe dava a impressão de se achar dentro d'uma esmeralda immensa! A propria luz do sol, coada pelas ramagens, caía esmeraldina por aquelle recinto, onde cada arvore tinha mais arrogancia e magestade que as mais imponentes columnas dos templos sumptuosos.

Sobre a terra pegajosa e humida, extendiam-se aqui e alli tapetes de musgo velludoso, de um verde tenro, e o aroma da baunilha, suave e dulcissimo, voava pela floresta. Ao canto das aves, canto que

parecia gemer uma prece, acompanhava cá em baixo, num ritornello grave, o riachinho estreito, que ia em gorgolhões sobre seixos e troncos quebrados, atravessando a matta. Nos recantos mais sombrios, a atmospherá abafada tinha um cheiro forte de folhas apodrecidas, que em camadas sobrepostas se agglomeravam no chão.

Subitamente Octavio parou encantado: deante d'elle ia e vinha, ora num vôo alto, ora num vôo baixo, uma borboleta grande, de azas azues com arabescos de ouro. E logo atraz veiu outra, egualmente formosa. Eram borboletas assim que na Allemanha ornamentavam os museus, como preciosidades raras, espalmadas, immoveis e tristemente frias, sob os vidros das *montres*, na fixidez e taciturnidade das coisas mortas; ali estavam agora deante dos seus olhos, palpitautes, ligeiras, caprichosas, tremulas, ora aqui, ora alli, ora acolá, já na sombra, já feridas por um raio de sol caído atravez da ramagem opulenta do arvoredó.

Á borboleta seguia-se o beija-flor iriado, ave feita de luz e de aroma, todo delicadeza e ternura, que parava um momento sugando o roxo manacá, com o corpo no ar e o fino bico enterrado no calice da flor.

Mais adeante, transposto um regato, Octavio viu aninhada na folha concava de um tinhorão uma familia de insectos multicores, redondos, luminosos, como um monte de pedrarias deitadas num portajóias de esmeralda. E por toda a parte verdura, verdura nas palmas grossas dos coqueiros e nas

rendas moles dos fetos; verdura nas folhas dos cipós intrincados, nas copas das arvores, no musgo e no limo do chão e na agua espelhenta e parada das poças.

Octavio lembrou-se do seu amigo, o estudante allemão, que tantas vezes lhe fizera perguntas sobre as coisas do seu paiz, e lhe abriera a curiosidade por tudo o que lhe tinha sido outr'ora quasi indifferente, e o ensinara assim a adorar a natureza como a prodiga mãe de tantos beneficios! Fora ao bafejo do espirito d'aquelle intelligente rapaz que o seu se desenvolvera e aprendera a amar devotamente a terra!

Depois de ter andado muito, Octavio foi sair num terreno espaçoso, acima de uma collina que se via aos fundos da casa. Dera uma grande volta sem sentir canção; desceu até o valle para de novo subir outra ladeira que o levasse á escada paterna. Embaixo deslizava o rio que movia o moinho, e ao pé da ponte estava a casa de banho edificada de novo. Octavio recordou-se de que havia alli por perto umas pedras, onde elle, em pequenô, costumava sentar-se a pescar uns mesquinhos lambarys para o *cuscús* da ceia. Vinte passos adeante deparou com ellas, meio limosas, sobrepostas umas nas outras, sombreadas pelos braços de uma figueira brava, num pequeno espaço muito menos pittoresco do que se lhe pintava na imaginação. Decididamente as saudades mudam o aspecto ás coisas, pensou o moço, e voltou olhando machinalmente para uma fôlha que arrancara da figueira e que levava entre as

mãos. Ao approximar-se da ponte ouviu ranger a porta do banheiro e, levantando os olhos, viu a prima que saía com os cabellos ainda humidos, desatados, caindo como um manto pesado e negro até a orla do vestido branco. As aguas e as arvores rumorejavam como a segredarem-se amores.

As aves cantavam com alegria e naquelle concerto de harmonias, entre sombras, perfumes e luz, Octavio estremeceu de surpresa, como o primeiro homem estremeceria no paraiso vendo deslumbrado surgir deante de si, brilhante e bella, a primeira mulher.

— Eva ! disse elle quasi com timidez.

A prima sorriu-se e estendeu-lhe a mão. Seguiam ambos, ao lado um do outro, em direcção á casa, quando de repente Eva parou e disse :

— É verdade ! o primo ainda não viu a sua mamã (1); olhe, coitadinha, ella mora bem perto, vamos lá ?

— Obrigado por me lembrar esse dever...

Octavio corou por se ter esquecido da pobre mulher; depois, desculpando-se :

— Ella devia ter-me procurado hontem mesmo ...

— Não lhe faltariam desejos; mas a infeliz está paralytica.

— Sim ? !

— É verdade. Deu-lhe um ataque e desde então não se tornou a levantar.

(1) Mamã é o nome que os paulistas dão ás pretas que os amamentaram.

— Pobre mamã!

Continuaram em silêncio até perto de uma casa de barro, sem janellas, onde a ama, sentada no chão ao pé da porta, escolhia arroz numa peneira, cantando, com um fio tremulo e finissimo de voz. A doença envelhecera-a muito; estava mirrada, com a carapinha branca e as faces engelhadas que nem herva secca! Assim mesmo trabalhava e cantava, occupando sempre as mãos emmagrecidas e a vozinha debil como a de uma creança! Não que lhe dessem tarefa: pedia-a ella ás outras companheiras para allivial-as do trabalho.

— Mamã! disse Octavio com os olhos rasos d'agua, chegando-se para ella.

A velha estremeceu, tixou no moço os seus olhos fulgurantes, onde toda a sua vida parecia concentrada, a peneira caiu-lhe das mãos e ella agitou os braços, suffocada de choro, a chamal-o para bem perto de si.

Octavio approximou-se, ella abraçou-lhe os joelhos.

Era d'aquella velhinha paralytica das pernas, imprestavel, atirada como um caco velho para um canto immundo, que saía a maior manifestação de jubilo pelo regresso de Octavio. Todos os outros o haviam recebido com um sorriso apenas; ella acolhia-o com lagrimas!

Eva deixou-os a conversar, livremente, e foi sozinha para casa. Octavio sentou-se na soleira, perto da paralytica que lhe beijava as mãos com

respeito, que o fitava com ternura, num extase, num embevecimento ! A ama fallava-lhe em coisas da infancia, perguntava se não lhe mandavam nas cartas as saudades que ella pedia e queixava-se de lhe não darem as d'elle ! Depois elogiou muito Eva, concluindo :

— Ah ! como eu gostava que mecê si casasse *cum* ella !

Quando Octavio voltou para casa, encontrou o pae impaciente pela sua demora. Devia-se almoçar ás nove e eram quasi onze horas. Alem d'isso o commendador tinha promettido na vespera, ao Antunes, ir com o filho no dia seguinte jantar á cidade, em casa da viuva Teixeira.

Mesmo á mesa o informou de que a viuva era irmã do Antunes, possuidora de uma fortuna invejavel e mãe de uma menina que era mesmó um *peixão* ! E affirmou :

— É a mulher mais bonita de todo o municipio !

— Eu não acho ! contestou Noemia.

— Noemia é mais bonita, disse com ironia Nicota.

— Eu não ! mas sempre tenho mais graça ; Sinhá é uma pamonha... no collegio nunca sabia as lições !

O commendador declarou que a Sinhá tinha muito bonitos modos, sendo muito seria e muito concentrada.

Findo o almoço demoraram-se com os preparativos. Octavio ia enfadado. Não tivera ainda tempo

de repousar em familia, nem de ver á vontade todos os recantos de Santa Genoveva, de que tanto se lembrava na Europa.

Quando deixaram a fazenda, era uma hora : o sol estava quente, havia pó, e Octavio sentiu somno. Entretanto, o pae ia a traçar-lhe a biographia da familia Antunes.

— Era boa gente e fina.

— Mas então porque foi elle feitor ?

— Ora ! isso aconteceu ; são epocas ; naquelle tempo não tinha recursos... hoje está bem.

— Alguma herança ?

— Sim, um filho deixou-lhe uma fazenda, muito mal tratada, mas que elle poz logo a direito e o caso é que tem enriquecido ! Depois a irmã tambem o ajudou ; elle é que trata dos negocios d'ella.

— Ah... e Octavio bocejou. Era viuvo o Antunes ?

— Não.

— Então o filho ?

— Era natural.

— Ah ! novo bocejo, até que, já sem força, Octavio se deixou adormecer, recostando-se no fundo do troy coberto. Accordou á entrada da cidade, abalado pelas pedras das calçadas, endireitou-se, sacudiu o pó, e ás tres horas pararam á porta da viuva Teixeira.

Entraram, e, recebidos pelo Antunes, foram para uma sala da frente, á direita, onde já estavam varios homens a tomar cerveja. Alli ficaram, estupidamente, até que os foram chamar para o jantar.

Foram então ter com as senhoras, reunidas perto da mesa. Entre varias amigas, a irmã do Antunes parecia radiante, rindo a uns segredos das companheiras, mau grado a seriedade do seu ainda rigoroso lucto de viuva.

O Antunes apresentou Octavio aos convidados e familia. A Sinhá mal respondeu aos cumprimentos, conservando-se numa attitude impassível. Era realmente bonita, alta, bem feita, com os olhos escuros, grandes e ramalhudos; clara, corada, correcta de feições, mas de uma immobildade tal de physionomia, que Octavio desviou o olhar, como se tivesse fixado uma morta. Obsequiaram-n-o; a dona da casa olhava para elle com ares maternas; o Antunes fallou-lhe da riqueza da irmã e do dote da sobrinha; um anjo, a Sinhá! elle recebia e ouvia tudo sem ligar sentido a algum plano occulto.

Voltaram tarde para Santa Genoveva; quando chegaram era meia noite. Todos dormiam em casa, excepto a mãe, que os esperava, a embalar-se na rede.

Passaram-se muitos dias na maior serenidade. Octavio passeava, punha em ordem os seus livros, interessava-se pela lavoura, influindo o pae para algumas modificações ; planejava montar uma fabrica nuns terrenos que lhe pertenciam e calculava estabelecer a sua vida agradavelmente ao lado da familia. Quiz tirar a planta da fazenda e nessa tarefa occupava-se durante algumas horas ; á tarde acompanhava as irmãs, a mestra e a prima numa volta pelo jardim ou pelo tanque, tendo então ensejo de apreciar a educação de Eva e o espirito de mme. Grüber.

O commendador ligou-se depressa ao rancho, e não permittiu ao filho outra conversa que não fosse a sua ; havia alguma coisa de constrangimento no seu modo, que foi contagioso para todos os outros. Poucos dias depois desmanchou-se o grupo, dando cada qual um pretexto para não ir.

Eva resolvera estudar piano a essa hora ; a allemã lia ; Noemia confessava francamente que a aborreciam aquelles passeios, a ouvir fallar em politica ou negocios ; e Nicota punha-se a fazer o

seu interminavel *crochet*, sentada ao pé da janella.

Corriam assim as coisas, quando uma manhã o fazendeiro, de volta de uma viagem á cidade, foi bater á porta do filho, que se entretinha a riscar e aperfeiçoar a planta de Santa Genoveva, ouvindo com prazer a prima cantar na sala, a distancia.

O commendador vinha satisfeito e explicou-se em poucas palavras. Estivera com o Antunes. O seu amigo dissera-lhe que a sobrinha estava apaixonada pelo Octavio, e que toda a familia se rejubilava com isso. Entre os muitos pretendentes fora elle o escolhido, e nisso mesmo dava ella prova de sensatez e bom gosto :

— A moça é bonita, é boa e é rica ; a melhor fortuna do municipio ! concluiu radiante o Medeiros.

Octavio ouvia attonito aquella declaração imprevista. Depois riu-se. Tinha graça, o Antunes ! Com que então a sobrinha desprezava os pretendentes e escolhia-o a elle, que não se importava com ella !

— Elles são doidos, meu pae ? perguntou por fim, zombeteiramente.

Medeiros, muito serio, respondeu que, ao contrario d'isso, não havia ninguem de mais juizo.

— Não parecee... Emfim ! qual foi a sua resposta ?

O commendador confessou que não esperava uma recusa do filho, e que alimentava a esperanza de o ver mudar de tenção.

Octavio affirmou que não se casaria nunca com a Sinhá; achava-a monotona, sem espirito, mesmo nada attrahente; alem d'isso não comprehendia o amor da rapariga: ella vira-o uma unica vez e nem lhe fallara sequer!

— Porque tem bom senso; não é leviana como... como a maior parte.

— Então, por ser sensata, revela uma paixão assim de repente, e escolhe para marido um homem completamente desconhecido?!

O fazendeiro explicou:

— Octavio não era tal um desconhecido. Ha muito que a familia Antunes acariciava a idéa de o ver ligado a ella. O compadre conheceu-o em pequeno e sabia quaes os seus bons instinctos; alem d'isso voltava da Europa formado, tendo feito uma boa carreira e usando um dos mais bellos nomes da provincia. As cartas de Octavio eram lidas pelo Antunes, que o elogiava muito a toda a gente. Ora ahi estava porque já o consideravam noivo da formosa e requestada Sinhá, mesmo antes da sua chegada ao Brasil.

Depois de um grande discurso, em que exalçava as boas qualidades da sobrinha do amigo, Medeiros affirmou ao filho que não daria uma resposta decisiva, esperando ainda vel-o arrependido solicitar a mão d'aquella por quem se empenhava tão afincadamente.

Octavio empregou em vão todos os meios os mais persuasivos para o desviar de tão arraigado desejo. Impossivel! aquillo era uma idéa fixa, um

plano amadurecido durante annos! e que se encravará brutalmente no cerebro d'aquelle homem tenaz. Não havia força nem pericia que o deslocasse do seu espirito.

O fazendeiro saiu do quarto do filho num grande accesso de mau humor, desabafando a sua colera sob o mais insignificante pretexto: bateu num cão, expulsou do corredor os molequinhos, atirou com força as portas da sala onde se recolheu, e que estrondaram como impellidas por uma ventania forte.

Octavio pensou dois minutos na singularidade do caso, accendeu e fumou um cigarro, abstractamente, e continuou depois muito sereno a planta interrômpida.

Nessa tarde o commendador Medeiros não lhe deu a honra da sua companhia; montou a cavallo e seguiu estrada fora, sem dizer para onde ia. Octavio não attribuiu o mal-estar do pae á conversa que tivera pouco antes com elle, julgando-o preocupado por qualquer interesse da lavoura; por isso, muito satisfeito, convidou as irmãs, a mestra e a prima para um passeio no campo. Accederam todas, menos Nicota, que se esforçava por acabar antes da noite a colcha de *crochet*.

Seguiram os quatro por um dos raros passeios d'aquelle grande fazenda, onde todo o espaço parecia pouco para pastagens e cafezaes. Lembraram-se do bosque; Octavio indagou se as senhoras não teriam difficuldade em atravessar o matto,

quasi cerrado em alguns pontos. Riram-se, afirmando terem andado alli muitas vezes.

E continuaram mais alegres, fallando alto, numa adoravel despreocupação de espirito.

Mme. Grüber soltava exclamações gutturaes, corria a grandes passadas atraz das borboletas, mostrando os pés chatos e os tornozelos finos. Eva escolhia e colleccionava plantas; Noemia fazia bulha, gosava com a alegria dos outros, saltava para os logares mais difficeis, e enfeitava-se de flores. Octavio desembaraçava o caminho dos cipós e galhos descaidos, e offerecia-lhes a mão para transporem com mais facilidade os obstaculos que encontravam.

E assim alegremente deram volta ao bosque, até sairem na esplanada da collina e descerem ao valle, onde corria docemente o estreito rio; ahi, como ainda fosse cedo, lembraram-se de ir estar um bocado debaixo da figueira brava, no mesmo sitio onde, em pequeno, Octavio ia pescar os lambarys para o cuscús da ceia.

Sentaram-se, uns na grama, outros nas raizes da arvore; Noemia mergulhava as mãos na agua e sacudia-as depois sobre a relva, gostando de ver as gottinhas que ahi ficavam luzindo aos ultimos raios do sol; não prestava attenção a mais nada, deliciava-se naquella brincadeira infantil.

Octavio fallava da Allemanha, descrévia paizagens, costumes, typos, instigado pelas palavras amaveis da lisongeada Grüber, e pela

curiosidade de Eva. A prima, muito desprezenciosa com a sua *toilette* clara e simples, o olhar avelludado fixo nelle, nunca lhe parecera tão bonita, tão attrahente, tão doce; quiz ouvil-a e perguntou-lhe se não tinha vontade de ver as mesmas coisas, de apreciar de perto as bellezas européas.

Que sim, respondeu-lhe ella; embora o seu desejo fosse viver no lugar em que nascera e que os paes a ensinaram a amar. Minha mãe dizia sempre, concluia Eva, que eu devia considerar como irmãs até as arvores e as flores que me rodeavam, dispensando-lhes todos os meus carinhos; por isso habituei-me a ter-lhes uma amizade de familia, ficando com muitas saudades quando me apartava d'ellas, mesmo que fosse por alguns dias!

Mais adeante, levada a conversa para o culto das flores, Eva contou:

— Uma vez, era eu ainda pequena, ia arrancar desastradamente umas maravilhas amarellas, quando ouvi um ai! muito triste; afastei depressa as mãos, e minha mãe, que me observava de perto, disse: «Vês? foi um gemido da terra, da terra em que nasceste, minha filha, e de onde querias arrancar uma das tuas irmãs!» Desde então tive uma verdadeira idolatria pelas plantas, e chegava ás vezes a beijar as flores! Não soube nunca d'onde havia partido aquelle gemido, chegado tão a proposito a meus ouvidos... é provavel que fosse um suspiro de minha mãe.

Mme. Grüber não approvava nada que tivesse, mesmo de leve, uns traços românticos. Meneou a cabeça sorrindo.

Octavio, reparando nisso, affirmou que essas imagens poeticas imprimem, na sua candidez, muito mais interesse, e creença nas creanças do que as praticas positivas com que muita gente pensa preparal-as melhor.

— Tirar illusões aos unicos entes capazes de as terem em toda a plenitude, que barbaridade, meu Deus! Fazer amar a natureza como uma mãe, beijar as flores como irmãs, que bello exemplo para a maldade do homem!

A mestra replicou-lhe, expondo os methodos modernos de educação. Octavio escutava-a, pensando em fazer Eva repetir varios episodios da sua meninice, morto por indagar de toda a sua vida passada, aguilhoado pelo desejo de saber qual a sua impressão ao entrar sozinha e orphan em casa do tio, e como se pudera afastar do lar paterno, pelo qual mostrava tão entranhado amor!

Abstinha-se, á espera de uma occasião em que, sem ser indiscreto, pudesse saber tudo.

A noite ia caindo. No fundo esmaecido do ceu destacavam-se as arvores da collina fronteira, em fórmas bizarras. Uma coruja passou num vôo baixo e fofo, indo pousar no telhado de sapé de uma senzala, sobre a qual abriu as suas grandes azas algodoadas. Ficava bem alli, naquelle tecto triste, onde as avesinhas alegres não poderiam cantar sem remorsos, porque o canto da ave nocturna não é,

como o d'ellas, um hymno de liberdade, mas sim um grito de condemnação que vae casar-se á voz dos escravos, unindo-se ás suas imprecações.

Houve uns momentos de silencio. Noemia foi a primeira a cortar-o, lembrando a partida: levantaram-se e seguiram caminho de casa. Atravessaram a ponte, tomaram o carreiro estreito do laranjal, subindo em zig-zags.

Mme. Grüber respirava com força, deliciando-se com o aroma das plantas. Noemia cantava; Eva ia silenciosa, parecia immersa nas saudades suscitadas pela lembrança da mãe. Octavio seguia atraz d'ella, a vel-a sempre, sentindo um ineffavel e indefinivel prazer em pisar sobre os seus passos, sem reflectir verdadeiramente em nada. Ao passarem pela casa da paralytica, que talvez já dormisse lá dentro o sommo leve dos velhos e dos enfermos, lembrou-se da phrase da sua *mamã* referindo-se a Eva:

— Como era bom que meê si casasse *cum* ella!

Essa phrase soara-lhe ao ouvido como uma musica e surgia de vez em quando no seu espirito, entre as reflexões de todo o genero; a proposito, ou fora de proposito, ella vibrava sempre, soando demoradamente, livre e isolada.

Acontecera-lhe muitas vezes não poder dormir, por ter um trecho qualquer de opereta a repetir-se contra sua vontade na memoria; já lhe succedera o mesmo com um verso, a bordo, o que o deixara impaciente; com uma phrase, porem, era a primeira vez, e parecia-lhe extranho que essa não o enfadasse;

ao contrario—suggeria-lhe uma multidão de idéas que se atropelavam.

Quando entraram em casa já o commendador Medeiros tinha voltado do passeio. Mantinha o seu mau modo, um pensamento negro annuviava-lhe o rosto. Manifestara contrariedade ao saber que o filho acompanhava as senhoras, e que se demorava tanto. Ralhou com a mulher, que se submettia paciente á descarga da sua colera, prohibiu que Noemia tornasse a sair em companhia da prima, e, quando viu chegar o rancho á sala, voltou-lhe as costas sem corresponder ás «boas noites» e foi-se para o quarto, de onde não tornou a sair naquella noite.

O serão correu insipido, a ceia foi servida uma hora antes da do costume. Fallava-se baixo, como se houvesse em casa um doente.

VI

A borrasca continuou tenebrosa durante todo o dia seguinte, em que Medeiros não appareceu á familia, manifestando desejo de que o não fossem ver. «Aquillo é enxaqueca, dizia a mulher, placidamente ; logo está bom».

Descançados com esta ponderação, os filhos não tinham cuidados; limitaram-se a andar em bicos de pés e a não abrir o piano.

Depois do jantar, mme. Grüber e Eva saíram para a horta, Noemia e Nicota ficaram na sala, a primeira contrariada, chorosa, a segunda tranquilla. A mãe transmittira á filha o recado do pae e sua prohibição, sem commentarios, succintamente. Octavio girou ao acaso e foi ter depois com a estrangeira e a prima. Quando se recolheram, já as estrellas tremulavam no ceu ainda pallido.

As horas do serão decorreram na mesma monotonia da vespera. Eva retirara-se para o quarto da mestra, e na grande varanda, sem conforto, mal alumiada e fria, rangiam as argolas das redes e perpassavam de vez em quando ao fundo, descalços

e sem ruído, os escravos como sombras mysteriosas. O enfado trazia depressa o somno.

Depois de uma noite socegada, Octavio levantou-se ás seis horas, fez o costumado passeio, demonstrando-se lá em baixo nos seus terrenos a calcular o melhor local para a projectada fabrica. Voltando, encontrou o pae de pé na soleira da porta, com o chapéu enterrado até os olhos e o chicote seguro na mão direita. A uma exclamação jubilosa do filho correspondeu preocupado o fazendeiro, dizendo precisar fallar-lhe a sós; e seguiu para a sua sala, fazendo-lhe um gesto para que o acompanhasse. Alli chegados, Medeiros estendeu a Octavio uma carta já amarrotada, dizendo-lhe seccamente, no habitual tratamento dos paulistas: «ledé!»

Entre muitos termos sem sentido e erros de orthographia colossaes, Octavio leu uma longa denuncia que do dr. Azevedo e de Eva fazia um anonymo. No meio d'aquelles caracteres sujos, cuspidos por uma penna grosseira, resaltava o odio e a repugnante preocupação de armar uma intriga.

Depois de referir-se aos amores da orphan e do magistrado, affirmava saber que os dois preparavam, coadjuvados pela estrangeira, uma revolução dos escravos de Santa Genoveva. Dar-se-ia essa revolução na noite do casamento de Nicota. «A sua casa é um ninho de abolicionistas. Previna-se.»

— Então ! perguntou o fazendeiro, cruzando os braços, que dizeis !

— Digo que isto é uma infamia, respondeu surdamente Octavio, com os olhos ainda fitos na carta.

— Infamia, sim! gritou o pae, manchado de colera. Ella ha de me pagar, aquella. . .

— Meu pae, interrompeu Octavio vivamente, a infamia, a inqualificavel maldade é de quem esereveu esta carta. Eva é innocente e, em vez de accusal-a, devemos defendel-a!

O commendador vociferava, batendo raivosamente com o chicote nos trastes.

Octavio continuou:

— Se ella realmente ama o Azevedo, porque se não ha de casar com elle?

Procure meu pae, que é hoje o seu, auxiliial-a nisso, se é por acaso o Azevedo, como eu julgo, digno d'essa felicidade.

O fazendeiro abriu a bocca, attonito; o filho proseguiu:

— Quanto a serem ambos abolicionistas, não vejo motivo para que os censurem; ao contrario, vejo para que sejam louvados. Não creio que Eva trabalhe contra um irmão de seu pae, em cuja casa está. Que poderia ella, pobre moça, fazer para isso? Reflucta um momento na desigualdade que ha entre a sua força e a d'ella, e ha de acalmar-se, meu pae.

— Que mal me pode fazer? todo! Pode perder a minha familia. . . tem documentos perigosos, e neste tempo, o que não conseguirá contra mim? Decididamente é preciso que saia, hei de mandal-a sair.

Um grande desgosto pintava-se na physionomia do commendador que, deixando-se cair no sofá, escondeu o rosto entre as mãos.

— Eu nada sei relativamente a Eva, tornou Octavio; conheço-a ha poucos dias e do seu passado nunca me fallaram. Que deu origem á desunião de vossemecê e do tio Gabriel? Ignoro-o! Quaes os documentos perigosos possuidos por Eva? Não sei quaes sejam! De tudo isto só julgo comprehender uma coisa: é que jogam com a sua reputação, que a caluniam e que devo defendel-a. Lembre-se, meu pae, de que Eva nos tem a nós unicamente por conselheiros e guias, pois que ficou a nosso cargo. Vossemecê não pode nem deve expulsal-a; Eva é-lhe mais sagrada que uma filha!

— Irra! exclamou o fazendeiro, batendo com o pé no chão; Eva é um demonio, e ha de ir embora hoje mesmo!

— Mas se a teme não a expulsa, que isso seria precipitar os acontecimentos de uua maneira brutal. Conte-me com franqueza em que o pode prejudicar a pobre moça, o que ha de razão em todo este jogo de creanças!

— Faltaes-me ao respeito! Não sois preciso: eu sei o que devo fazer... Sai!

— Não saio sem lhe repetirque me declaro protector de Eva e que espero não delibere repentinamente numa situação que nos pode comprometter a ambos. Deixe passar o casamento de Nicota e, á vista dos factos, vossemecê decidirá fazer o que lhe dictar a consciencia.

— E a atrevida da allemôa, que come o meu dinheiro e trabalha para me arruinar? Essa é que não me escapa, e ha de pôr-se na rua, já, já!

Octavio tentou encaminhar o pae para a prudencia, mas o commendador abriu estrepitosamente a porta e saiu sem lhe dizer mais nada.

Mme. Grüber lia um jornal perto da janella da varanda, onde a dona da casa, cruzada dentro da rede, se embalava e cosia ao mesmo tempo.

As filhas e a sobrinha não tinham apparecido, e meia duzia de negrinhas com timão de baeta, sentadas no chão, uniam a ponto de serro os pannos de um lençol.

O fazendeiro deu varias voltas, agitadamente, pelo meio da sala; Grüber, com o seu faro de mulher intelligente, adivinhou estar proxima uma tempestade e levantou-se respeitosamente, quando o viu ir direito a ella.

— Dona, disse elle, preciso fallar com a senhora.

A mestra acompanhou-o até á sala, ao fim do corredor, onde, ainda de pé, o commendador lhe disse:

— Vamos fazer contas. Já não careço dos seus serviços. Nicota vae-se casar e Noemia sabe de mais!

— Mas... o contracto...

— O contracto quebra-se.

— É que...

— Descance, que ha de receber o seu dinheiro como se ficasse até o fim do anno.

Mme. Grüber corou, e, depois de uma pequena pausa:

— Incorri em alguma falta? Está por acaso o sr. commendador descontente com os meus serviços?

— Eu não entendo de livros, não sei se a madama ensinou mal ou bem.

Grüber, esforçando-se por não responder, enguliu em secco e, depois de uma pausa :

— Tenho a infelicidade de ser antipathica á sua familia ?

— Nada d'isso ! nêem eu quero que a minha familia saiba que eu a despeço. Eva, sobretudo, entendeu ? ! Foi, principalmente, por causa d'ella, disse accentuadamente, sublinhadamente,—que resolvi dar este passo.

— Por causa d'ella !

— Sim ! sei perfeitamente que a senhora lhe dá conselhos prejudiciaes para mim.

— Eu ? !

— Portanto, repito, não lhe diga nada, porque se ella me vem tomar satisfacções é que... é que eu a mando ao diabo !

— Descance, disse muito pallida e com altivez a estrangeira ; eu nada direi, porque não quero desgostar aquelle anjo ; unicamente por isso. Saio com a consciencia tranquilla, e certa de queo tempo me fará justiça.

E, sem procurar explicações que a justificassem, combinou fazer naquelle dia as malas e partir para Santos na madrugada seguinte: ahi receberia do correspondente de Medeiros o ordenado dos mezes accumulados e embarcaria para Hamburgo, no primeiro paquete allemão.

Durante o tempo da entrevista, Octavio, pre-occupado, passeava no corredor, olhando de vez em

quando para a porta da sala. De que palavras se serviria o pae? Com que pretexto despediria uma senhora respeitavel, de quem o Morton dissera: «é uma mulher instruida e severa; foi-lhes recomendada por mim»? Porque haviam de enredar na intriga o nome da Grüber? Que interesse teriam em perdel-a? Qual seria o terrivel documento possuido por Eva?! Decididamente, a doente imaginação do pae creara visões de uma absurda crueldade! Havia ainda restos de febre naquelle corpo e com certeza era tudo delirio consequente d'ella. Mas a carta? Quem a escrevera? Um anonymo, um covarde, um desgraçado, em quem se não devia pensar. Comtudo, sempre era certo que Eva amava o Azevedo, aquelle boneco de rhetorica balofa!

E tornava a pensar na dolorosa expressão do pae: «Eva possui documentos perigosos e tudo conseguirá contra mim!»

Um raio de luz feriu a idéa de Octavio; talvez que a prima tivesse assistido á agonia de algum escravo acontado... talvez que indignada tivesse proferido uma phrase de rancor ou um protesto de odio...

O mais leal era ir ter com ella, fallar-lhe sem rodeios, pedir-lhe explicações, instar para que substituísse ao tio a tranquillidade precisa.

Resolvido a isso, Octavio desceu ao jardim, onde a essa hora Eva costumava estar cultivando as flores. Não se enganara; a prima entretinha-se a entrelaçar num gradil as hastes de um jasmineiro. Ao vel-a tão cuidadosa e serena, entre o chuveiro

das perfumadas estrellinhas brancas da planta trepadeira, Octavio teve remorsos de a ir perturbar. Depois, que direito tinha para lhe exigir uma confissão sincera? Como a deveria interrogar? Não se offenderia ella por a julgarem capaz de uma denuncia contra o homem que lhe dava abrigo, contra o irmão de seu pae. cuja memoria respeitava tanto? Pol-a ao facto da carta recebida? uma indignidade! Prevenil-a do desgosto que a ameaçava? seria antecipal-o. Emfim, confessar-lhe tudo seria o mesmo que dizer: duvido de si, Eva, e por isso, em vez de procurar desarmar o seu inimigo, sem nem por sombras agitar-lhe o somno, venho miseravelmente dizer-lhe o que se passa, pondo-a na contingencia de, ou se ir embora altivamente, ou ficar humilhada!

É necessario tambem que eu a proteja sem que ella o suspeite, reflectia Octavio; que eu tenha por ella a solicitude do amigo que lhe falta e que nol-a confiou. Provocarei uma confidencia do Azevedo e concorrerei para que o casamento se faça em breve...

Era com amargura mas com firmeza que o moço Medeiros fazia a si proprio a ultima promessa. Vim muito tarde, talvez que se amem ha muito tempo...

Eva continuava entre as estrellinhas brancas dos jasmims a entretecer-lhes as hastes, e o primo olhava-a de longe, lembrando-se do que lhe dissera um dia o seu querido Adolpho Meyer:

« Quando vejo uma mulher tratar das flores com amor, tenho vontade de beijar-lhe as mãos!... »

VII

Octavio tinha trocado algumas palavras com a prima, quando Noemia atravessou o jardim, correndo em direcção a ambos.

— Uma carta para Eva, do Manguieiral, disse. Eva avançou e; desdobrando sem precipitação o papel, leu alto :

« Pego-lhe que venha immediatamente ao Manguieiral; a familia do Raymundo quer-se ir embora por ter tido uma rixa com a do Salomão. É a melhor gente da colonia e faz-nos grande falta agora.

Seu irmão dedicado,

Paulo.

P. S.—O dr. Azevedo appareceu hoje cá e segue á tarde para a fazenda do Leocadio. Venha sem falta, sim ? »

A leitura fora feita sem o menor constrangimento. Octavio afastou-se calado, voltando-se ao ouvir Eva dizer :

— Sua mestra estará disposta a acompanhar-me ?

— Ainda não dei a lição... mas se eu pudesse ir também!

Querendo desviar a idéa de convidarem a Grüber, Octavio offereceu com a da irmã a sua companhia, olhando fixamente para Eva, que esperava ficasse contrariada. Mas não! ella sorriu-se, accetando alegremente a proposta.

— Vamos a cavallo? Eu cá prefiro ir a cavallo, confessou Noemia.

— Mas tio Medeiros consentirá?... perguntou Eva.

— Que nós vamos a cavallo?

— Não! Que vão commigo ao Magueiral... Sempre fui só com...

— Ora, interrompeu Noemia, Octavio já disse que eu ia também, e pae desde que vá um homem não põe duvida!

Quando subiram, já Octavio tinha contado ao pae o occorrido. Contra a sua expectativa o fazendeiro approvou a ida dos filhos ao Magueiral, o que era a seu ver uma espionagem. Unicamente lembrou que seria melhor ir Nicota em vez de Noemia; a filha mais velha era mais ajuizada e contava as coisas com mais proposito.

— Como queira, respondeu-lhe Octavio.

O fazendeiro fez saber a sua deliberação. Noemia, muito influida, chorou quando lhe disseram que, em vez de ir pela primeira vez fazer um passeio grande a cavallo, tinha de ficar presa naquelle maldicto casarão. Valeu-lhe pouco depois saber que Nicota passara a noite em claro, com dor de ouvidos,

e que não sairia da cama durante o dia. Irreflectidamente bateu as palmas, deu uns saltinhos que provocaram cabriolas do Jupiter e do Vinagre, e foi de olhos mal enxutos, mas radiante, preparar-se ao seu quarto. Eram nove horas quando saíram. Ficava na mesa o almoço: o *viradinho* (1) de feijão, o lombo de porco, as hervas, a *passóca* (2) e os ovos. Iriam almoçar ao Mangueiral, duas horas e meia mais tarde. Sentaram-se á mesa unicamente o commendador e a esposa. A mestra sentia dores de cabeça e, ao despedir-se de Eva no « até á noite », abraçou-a com ternura.

Bello caminho, o de Santa Genoveva ao Mangueiral, aberto de pouco em mattas virgens, cheio de frescura e de sombra.

De vez em quando um campo a atravessar, banhado de luz e de calor; depois, de novo a estrada, protegida pelas arvores das margens.

Noemia ia na frente, espantando com gritos os passaros, accelerando e diminuindo a marcha do animal que montava com imprudente afoiteza. Advertiam-n-a, em vão, do perigo. Octavio, ao lado da prima, ouvia-a fallar com amizade da pessoa que na carta lhe dera o nome de irmã.

— É um filho adoptivo de meus paes, dizia ella, orpham desde pequenino. Creámo-nos juntos, tivemos os mesmos mestres e fomos sempre muito amigos... Paulo é intelligente e modesto. Meu pae,

(1) Feijão ou hervas, com farinha de milho e torresmos.

(2) Carne moída, reduzida a farinha.

como o primo Octavio já naturalmente sabe, deixou-o encarregado de olhar pelo Mangueiral. Ao tio Medeiros é que ficou um legado impertinente, tendo de dar-me os seus cuidados e a sua protecção.

Octavio estremeceu ouvindo as ultimas palavras de Eva.

A protecção e o cuidado de Medeiros para com a pupilla eram desgraçadamente irrisorios.

Que terrivel legado, tão cheio de responsabilidades! E que bella reconciliação a proposta pelo moribundo! Como devia ter sido bom e crente aquelle homem, para, ao fechar para sempre os olhos, apontar com mão tremula, á unica filha, a casa de um inimigo como o unico asylo para a sua orphandade e o consolo unico para as suas lagrimas!

Que alma generosa fora a d'esse trabalhador vencido, que, tendo luctado, soffrido rivalidades, invejas e injustiças talvez, ainda tinha, já velho e ao avizinhar-se o momento de vestir a mortalha, a ingenua boa fé de uma creança!

Imaginara a sua orphanade de affectos, entre umas creaturas de sua idade que a afagassem e que lhe dessem o doce nome de irmã... tivera uma visão, um ultimo sonho de ouro, bonito, realizavel, mas irrealizado, desgraçadamente!

Octavio trocou mais algumas phrases com a prima até chegarem ao Mangueiral.

Eva, indicando o caminho, poz-se á frente.

Seguiram por uma rua larga de bambús e foram sair num parque cheio de sombra, encantador, de musgos, agua e relva, sobre o qual as mangueiras

extendiam os braços num espreguiçamento voluptuoso. Ao fundo, coberta de sylvina, a casa de moradia apresentava um aspecto risonho, bem diverso das habitações do campo paulista. Não mostrava, como as outras, aos quatro ventos, a nudez crua das paredes brancas; aninhara-se em flores, rodeara-se de arvoredos, fazendo mais restricto o seu horizonte, mais *intima* a sua posição. Cá fora não brincavam creanças sujas nem dormiam, cobertos de mosquitos, os cães ao sol; ouvia-se o murmúrio da folhagem e o correr vagaroso da agua numa bacia de pedra. Pelas janellas, cerradas ao calor, evolava-se o som de um violoncello.

Pareceu a Octavio ver deante de si uma *cottage* ingleza, elegante e discreta.

— Paulo está estudando; não me espera tão cedo! disse Eva.

E foi bater com o chicotinho nos vidros da janella.

Soltando uma exclamação de prazer, Paulo veio á porta, acompanhado do Azevedo, muito risonho.

Feitas as apresentações e os primeiros cumprimentos, dirigiram-se para a sala de musica.

Paulo fazia as horas da casa. Era um rapaz sympathico, sem ser bonito. Trigueiro, olhos pretos, alto, magro, bocca rasgada, ensombrada por um pequeno bigode preto, voz masculina, forte e ao mesmo tempo suave.

O Azevedo approximou-se de Noemia e de Eva, fazendo phrases madrigalescas.

—Olha, Paulo, interrompeu risonha a dona da casa, nós ainda não almoçámos!

— Deveras?! e Paulo ia a erguer-se, quando Eva o reteve com um aceno e levantando-se caminhou para o interior. Noemia acompanhou-a, acanhada de ficar allí sem ella.

A conversa entre os rapazes começou animada. Octavio ouvia com prazer as palavras faceis e sensatas de Paulo, que expunha idéas perfeitamente de accordo com as suas, revelando acerto, energia e pleno conhecimento da lavoura, de que era amigo extremo.

O Azevedo contestava que fosse a lavoura coisa digna de enthusiasmo.—Seria a mais rendosa, dizia elle, mas por isso mesmo não merecia a adoração de espiritos superiores.

Paulo affirmava o contrario: não havia profissão mais bella que a do lavrador; era certo que mal comprehendida até então; mas um dia viria em que a rotina podre caísse e em que a transformação do trabalho a elevasse á altura onde era de justiça ser levada.

Octavio apoiava-o, e a discussão seguia animadamente. Depois o Azevedo principiou uma conversa, cujo assumpto parecia interessar vivamente a Paulo, e Octavio Medeiros, observando tudo o que o cercava, estabelecia a comparação entre a fazenda de Eva e a do commendador.

Alli tudo era diferente, tinha tudo um cunho original e alegre. A mobilia, de palha com espaldares claros, disposta artisticamente; o divan de linho

de ramagens vivas, a um canto, perto de uma jardineira de cortiça, tapada nos tres tableiros por graciosas hastes de avenca e fetos rendilhados; o piano alto, coberto de casimira cinzenta com applicações de seda; o violoncello ao lado do piano, junto de uma estante de mosaico e de um jarrão cheio de rosas frescas; a mesa redonda, solida, sobre a qual se viam revistas musicas e retratos de maestros celebres; as cortinas transparentes barradas a matiz; todos os objectos, êmfim, revelavam que a mão que os dispuzera tinha tacto artistico, tão raro na provincia.

Octavio admirava, ora a frescura de uma aquarella, onde, sobre o verde tenro de um pasto novo, babava em fio uma vacca malhada; ora os tapetes, bordados num desenho chinez e extravagante, esquecendo-se das apprehensões do pae e a reflectir na felicidade de quem gosasse naquella casa as doçuras da vida de familia...

Voltou depressa a prestar attenção á conversa.

Referindo-se aos escravocratas, exclamava o Azevedo:

— Que diabo! elles põem-me ás vezes a cabeça a juros; senão, vejam: um dia d'estes appareceu-me lá em casa, cortado de bacalhau e com ferros ao pescoço, um negro, ainda forte, do Antunes. Paulo dá-se com elle?

— Com o Antunes?

— Sim.

— Conheço-o apenas de vista; nunca lidei com elle.

— Ora, ainda bem! Pois, como ia dizendo, appareceu-me o negro queixando-se de maus tratos e expondo á minha compaixão o corpo emmagrecido e retalhado. Mandeï tirar-lhe os ferros, cural-o; dei-lhe cama, jantar, e, como do legado do sr. Gabriel restassem ainda setecentos mil réis, escrevi ao Antunes propondo por esse preço a liberdade do escravo. Respondeu-me com uma tremenda descompostura, exigindo-me a entrega do negro. Nem por um conto o vendo, dizia elle na carta; eu cá o ensinarei!

— Interroguei o preto: era africano; exultei de jubilo: a lei favorecia-me. Sem mais barulho dei liberdade ao desgraçado, pondo-lhe na mão a copia da lei de 1831 que prohibiu o trafico dos africanos. Os setecentos mil réis ficam á espera de qualquer outro escravo que tiver o infortunio de ter nascido no Brasil.

— E o Antunes? perguntou Paulo com um modo distrahido, mandou-lhe novas ameaças, ja se vê...

— Ora! com isso contava eu. O diabo do homem quiz e chegou mesmo a fallar em processar-me! Trabalho inutil. O advogado aconselhou-o a que mettesse a viola no sacco, ao que, segundo me consta, elle não se resigna. Procura por todos os meios fazer-me mal, e, como tem amigos influentes, talvez o consiga. Nunca fiz alarde de abolicionista; tenho alforriado, é certo, meia duzia de escravos, de accordo sempre com os senhores e na qualidade de testamenteiro. Evito, tanto quanto posso, manifestar as minhas idéas em semelhante assumpto. É este o primeiro desgosto que tenho tido aqui...

— E Eva, perguntou Paulo, sal e d'isso?

— Certamente, indo lá jantar um dia a Santa Genoveva, disse-lhe o que havia e, por ser filha do legatario, perguntei-lhe a sua opinião. Approvou a minha idéa, promettendo escrever-me no dia seguinte e enviar uma certa quantia para a libertação de outro qualquer escravo que reclamasse o meu auxilio. Felizmente não tornou a apparecer nenhum... Sua irmã, continuou o Azevedo constringidamente, dirigindo-se a Paulo, manifestou a intenção de ceder todos os annos uma quantia para o mesmo fim...

— Já me fallou nisso.

— E não quiz despersuadil-a?

— Não. Está no direito de o fazer; cede o que lhe é superfluo. Eva é simples e gasta pouco consigo. Do que eu a despersuadi foi de o incumbir d'essa tarefa; ella não reflectiu que no meio em que vivemos isso poderia ser prejudicial ao amigo.

O Azevedo não pôde encobrir um movimento de allivio; Paulo continuou:

— D'aqui em diante tomó á minha conta o des-
empenho d'essa missão.

Contaram depois a Octavio que o finado Gabriel Medeiros, seu tio, era homem de coração e de fortuna, intelligente e activo, estudara com amor a agricultura, dedicando-se exclusivamente a ella.

— Se tivesse seguido a rotina, dizia o administrador do Mangueiral, teria deixado maior riqueza; infelizmente os primeiros a revolucionar um systema inveterado ha annos não tiram grandes beneficios:

os mais avançados na theoria são sempre os que menos resultados alcançam na pratica. Emfim, fosse como fosse, o caso é que deixou um bello testamento.

— Que eu não li, acudiu Octavio.

— Deveras ? Tenho ahi a copia e hei de darlh'a a ler. Entre algumas esmolas particulares, deixou dez contos para alforrias, e foi a esse legado que se referiu ha pouco o dr. Azevedo.

— Não tinha escravos ? perguntou Octavio.

— Não. Adoptara o systema dos colonos. Teve ao principio grandes prejuizos, chegou a estar empenhado; mas, como era persistente, não desanimou e readquiriu em poucos annos o perdido.

VIII

Numa pequena sala quadrada, com portas de vidro para o jardim, Noemia e Eva esperavam Paulo e os hospedes. Pela janella aberta, emoldurada de mimosas rosinhas de toucar, entrava o aroma das flores e o alegre chilrear dos passaros de um viveiro que ficava perto. A mesa, posta com elegancia, despertava o appetite.

As garrafas de crystal, com vinho, o abacaxi cortado em espiral, expondo a sua carne dourada e summarenta; a fructeira de madeira escura, das Caldas de Minas, com pecegos e uvas aninhadas em musgo novo, ainda cheiroso e humido, o pratinho das azeitonas e do salame, o requeijão feito em casa, a farinheira de coco com relevos trabalhados na Bahia, a manteiga fresca, fabricada egualmente no Mangueiral, e os cangirões de barro cheios de leite natoso, davam áquella mesa de campo um aspecto risonho e convidativo, tanto mais que o relógio marcava já meio dia.

Sentados á mesa, a conversa tomou diversos rumos, variando de momento a momento o assumpto.

Acabado o almoço, Azevedo partiu, confessando-se com pena de deixar aquelle delicioso retiro e

ter de ir á fazenda do Leocadio, a interesse de umas orphans menores, que não conhecia, mordido do calor dos descampados, para se demorar numa casa de incrível aridez, em que o dono, paulista refractario á civilização, apparecia ás visitas em mangas de camisa, chinellos e chapéu enterrado até as orelhas.

Paulo e Octavio seguiram a pé, numa visita e revista á colonia ; Noemia e Eva ficaram esperando o Raymundo. Elle não se fez esperar, veio logo ao primeiro chamado. Era um homem alto, de barba ruiva, olhos azues e rosto queimado, carregando muito na sua pronuncia minhota, pospontada de diminutivos.

Eva evitava envolver-se na administração do Mangueiral, accedendo, uma ou outra vez a isso, só a instancias de Paulo. Nunca, porem, fora chamada por tão futil pretexto ; manifestando a Paulo a sua surpresa, elle respondeu-lhe com um sorriso :

— É que eu estava com muitas saudades suas... comtudo, Eva, não deixe de aconselhar o Raymundo e o outro, como coisa sua, sem que elles suspeitem que eu me metti nisso.

Raymundo entrou embaraçado, e ás interrogações de Eva respondeu gaguejante, procurando os termos com difficuldade, até que, mais animado pela attenção com que era ouvido, seguiu sem interrupções :

— É que... minha senhora... o Samuel quiz bater na minha pequena... a senhora bem sabe que ella é aleijadinha e fraca... vae então, eu perdi a

cabeça, e quiz dar cabo d'elle, ora ali está ! A pobrezinha de Christo ficou estarrecida que nem pinga de sangue parecia ter ! não, que uma coisa assim !... Ainda hoje o anjinho é ver (com perdão da palavra) o demo do velho, que parece logo de cera, como uma santinha !

O desgraçado tinha medo de que o despedissem. O trabalho dos colonos é duro, e era em todas as outras fazendas mal retribuido. Só alli encontrara certas vantagens que lhe permittiam viver á farta e ainda guardar todos os annos algum dinheirinho. Tinha consciencia do valor do seu braço de camponez robusto, e não queria ser explorado. Do esforço que fazia para cavar a terra, via brotar esperanças de futuro descanso. Antes de entrar no Mangueiral trabalhava para os grandes proprietarios, supportando injurias de feitores boçaes ; acertara por fim numa fazenda modelo, estava feliz.

Eva provou que elle tinha sido impetuoso e que, se não refreasse o genio, poderia um dia comprometter-se. Que ella advogaria a sua causa se o visse fazer as pazes com o Samuel. «Não quero no meu sitio duas pessoas que se aborregam», concluiu.

O colono saiu cabisbaixo, e foi chamado o Samuel.

Era um velho baixo, gordo, de cabellos corredios e brancos, a quem Eva se habituara a chamar, desde pequena, por—tio Samuel. Tinha por elle um certo respeito que a impedia de censural-o abertamente ; deu-lhe um calice de vinho, que elle exgottou, fel-o sentar-se e perguntou-lhe :

— Então que foi isso ? ! Tio Samuel quiz bater numa creança ?

— Porque já que o pae não sabe ensinal-a, é preciso que um extranho se metta nisso ! E desanco-a se ella me torna a fazer caretas !

— Não diga isso ; quando alguma creança se portar mál com vm., faça queixa aos paes ou ao sr. Paulo. Eu não quero que o bom tio Samuel seja o papão para os anjinhos. E agora, vamos, confesse que se visse aqui a pequena do Raymundo, dava-lhe um beijo...

Mas o tio Samuel era difficil de convencer ; pyrrhónico, avermelhava-se e gritava contra o Raymundo, a mulher do Raymundo, a filha do Raymundo, as aves do Raymundo, que lhe saltavam para a horta; até o cão do Raymundo, um diabolico rateiro que já lhe rasgara as abas de um casaco !

Eva sabia que o Raymundo estava ancioso por se mudar para uma casa nova, muito maior do que a que tinha, perto do rio, onde a mulher poderia ir com mais facilidade lavar. Prometteu ao Samuel desembaraçal-o da vizinhança do rival, com a condição de os ver nesse mesmo dia em boa amizade. Samuel reflectia... mas por fim declarou rudemente que não daria para isso um passo, e saiu sem ouvir mais nada.

Ia zangado, resmungando baixo. A meio caminho encontrou a filha do Raymundo; a pequenina, muito desbotada e rachitica, juntava pitangas, que o vento espalhara no chão; deparando com o tio Samuel, ergueu-se assustada, deixou cair as fructas

que tinha posto na saia arrepanhada em fôrma de bolsa, e, depois de vacillar um instante, deitou a correr, coxeando, muito afflicta. Samuel gritou-lhe:

— Não sejas tola ! eu não te faço mal !

Ouvindo aquella voz e não comprehendendo as palavras, a pobrezinha caiu e foi bater com a cabeça no rebordo da pedra de um tanque. Samuel, que sorria ao primeiro movimento da menina, sentiu então grande magna, ao vel-a cair, e apressou-se em soccorrel-a. Estava desmaiada, com uma brecha na testa e inundada de sangue. O velho poz a creança ao collo e lá se foi com ella á casa do Raymundo. A mãe da menina gritou contra o velho maldicto ; a seu ver, fora elle quem lhe batera, quem a ferira até matal-a ! E deu-lhe um murro, com raiva vigorosa. Samuel esperava aquillo mesmo, e deixou-se insultar. Só depois da creança voltar do desmaio é que se soube a verdade ; o Samuel beijou-a, deu-lhe dinheiro para doces, fez momices, até vel-a rir ; e assim se fizeram as pazes.

Percorrendo com Paulo a colonia, Octavio lastimava a prima mais do que nunca ! Tendo uma habitação tão encantadora, vivia a pobre Eva naquelle triste fazenda de Santa Genoveva, sem conforto para o espirito nem para o corpo, ameaçada de um desgosto, aborrecida, sem que ao menos tivesse a percepção d'isso.

Quando saíram do Magueiral, Paulo acompanhou-os até meio do caminho. Depois, os tres seguiram calados, sentindo acabar-se o enlevo d'esse dia cheio de recordações.

Octavio pensava no testamento do tio, no bello systema estabelecido por elle, na gentileza de Eva e no cavalheirismo de Paulo; Eva lembrava a sua meninice; Noemia meditava em tudo: nas trepadeiras que vestiam as paredes exteriores do predio, nos sons do violoncello, nos quadros, na mobilia apropriada e distincta de cada compartimento, nas casas dos colonos, com telhados novos e janelas abertas, nas flores, nas creanças louras, no parquezinho das mangueiras, em Paulo, em tudo.

Não imaginara nunca poder haver tanta elegancia e graça numa fazenda!

Quando chegaram a Santa Genoveva eram Ave-Marias, caíam as sombras e perdiam-se no ar as vibrações do sino chamando os escravos para a revista. No fundo esfumado do ceu, destacava-se o batalhão dos negros suados, doridos de canção, com um feixe de lenha e a enxada ao hombro, silenciosos e tristes. Alinhavam-se em frente á casa do senhor. E, ao approximarem-se, Octavio e as Amazonas ouviram, como um sussurro de onda triste, o —*Sum Christo!* murmurado ao mesmo tempo por cem vozes, e o baque da lenha caindo como um fardo ao chão.

IX

Era já noite quando Eva, entrando no quarto da mestra, a encontrou a arrumar em uma grande mala cinzenta os seus muitos livros e o seu pouco fato.

— Que revolução é essa? perguntou-lhe a discipula sem suspeitar a verdade.

— Parto amanhã.

— Para onde?

— Para a Europa.

A um gesto de admiração de Eva, a allemã arrastou para perto da mesa uma poltrona azul e fel-a sentar-se nella; depois, apoiando na mesa as suas mãos esguias e nervosas, fixou demorada e silenciosamente o rosto da orphan.

— Sim, proseguiu; o dever obriga-me a partir amanhã... Se fosse possível sairia hoje mesmo...

— O dever! mas qual é o dever que a faz deixar-nos assim, tão repentinamente?

— É justo que eu vá para o lado de minha mãe, balbuciou a pobre senhora, como se fallasse sozinha.

— Receben carta d'ella, chamando-a!

Mme. Grüber respondeu com certo embaraço:

— Sim . . .

— Faz então muito bem em ir já. Eu pedirei a Deus por ella e pela senhora . . .

A allemã voltou ao seu trabalho, e os olhos de Eva encheram-se de lagrimas.

Como passaria agora as noites? A mestra era o seu refugio; na sua companhia corriam rapidamente as horas, apprendia deleitosamente nesses serões intimos a entreter conversações uteis e desprezenciosas; os seus bordados, os seus livros, os seus desenhos parecer-lhe-iam monotonos e difficultosos desde que lhe faltassem o conselho, a influencia da amiga e o apoio de uma intelligencia superior. Respeitava-a, e nas horas de desalento, enfadada d'aquella casa sombria, onde estava condemnada a viver, naquella convivencia da familia que em vão procurava achar agradavel, fora sempre obraço salvador da estrangeira que a impellira para o trabalho, como o unico consolo verdadeiro e a unica distracção proficua.

No meio dessas reflexões, Eva ajudava a dobrar os vestidões, a guardar os objectos esparsos sobre a cama, sobre as cadeiras e sobre a commoda. Findo o trabalho, encostaram-se á janella, olhando, sem fallar, para a escuridão da noite.

— A que horas sae? disse por fim Eva.

— Ás nove. Venha ás oito horas ao meu quarto para nos despedirmos. Não esteja mais tempo aqui; vá descansar.

Ao retirar-se para o seu quarto, Eva, atravessando o corredor, ouviu que na sala do fundo o tio

discutia alto com o filho; pensando na preceptora de Noemia, não prestou attenção ao que diziam.

Octavio luctava, procurava convencer o pae da innocencia da prima e da pureza das suas intenções; descrevia o que vira, com enthusiasmo; exaltava o systema seguido no Manguieiral, punha em evidencia o criterio administrativo de Paulo; applaudia de todo o coração aquella familia generosa e verdadeiramente moderna.

O fazendeiro impacientava-se. Não havia nada como a lavoura de escravos. «Se o Gabriel fazia num anno vinte contos, eu fazia quarenta, ora ahí está! E não me importo com isso! cada qual quebra a cabeça á sua vontade!»

Octavio referia-se ao proximo advento da abolição. Ria-se o fazendeiro, affirmando vir ainda longe a esperada redempção dos captivos. «Deixem gritar os jornaes!» concluia.

Voltaram a fallar de Eva. Octavio procurou em vão demonstrar a sua bondade e isenção da culpa que se lhe attribuia. Perguntou depois pela estrangeira.

O commendador contou-lhe seccamente o que se passara. Desgostoso com o filho, que via revoltar-se contra as suas idéas e resoluções, decidira não lhe fazer d'ahi em diante a minima confidencia relativa á lavoura nem mesmo á familia; contudo, deixou ainda transparecer o desejo de casar Eva quanto antes, ou com o Azevedo ou com o Paulo, ou com o diabo!

Octavio replicou que ella não era mulher que consentisse em se casar á escolha de terceiro; era, porem, provavel que amasse uma das duas pessoas citadas, e, nesse caso, applaudia a intervenção do pae.

Apartando-se do commendador, elle foi pensando com tristeza nas suas ultimas palavras. Eva casar-se com o Azevedo! Que insensatez! Mas não reflectira elle já nisso, resolvido a protegel-os? É que, nessa occasião, suppunha que elles se amavam; mas agora, que o juiz lhe tinha aclarado o espirito com a narração da carta, isso parecia-lhe absurdo. Eva merecia um homem superior... e elle julgava o Azevedo um mediocre!...

Eva casar-se com Paulo! que supposição extravagante! Mas, afinal de contas, era uma coisa perfeitamente realizavel! Eram elles, porventura, filhos dos mesmos paes? Creados juntos quasi desde o berço, amando os mesmos logares e as mesmas pessoas; ligados pela mesma educação, pelos mesmos factos, pelo mesmo passado, era naturalissimo amarem-se e quererem continuar a vida em commum. Era um desfecho logico... esperado talvez pelos paes de Eva, quando orientavam Paulo na administração da sua casa, elevando-lhe o espirito a um nivel superior, e formando-lhe tão bem o coração! Nisso viu luz no quarto da estrangeira; a porta estava entre-aberta e ella escrevia em frente; vendo-a, Octavio dirigiu-lhe um cumprimento, pedindo-lhe a honra de fallar-lhe. Grüber levantou-se e foi ter com elle á porta.

Octavio começou :

— Deploro a sua partida, minha senhora, e rogo-lhe que disponha de mim como de um irmão ou de um filho.

— Obrigada ; estou habituada a luctar sozinha com todas as difficuldades, e, mesmo que o não estivesse, não desejaria incommodal-o, tanto mais que o senhor seu pae levaria isso a mal.

— Meu pae é victima de um anonymo perverso que teve astucia sufficiente para o desnorrear ; se elle não é um cavalheiro no trato social, é um homem honesto e prompto a retractar-se, desde que reconheça o seu erro. Se hoje foi impetuoso e rude deixando-se levar irreflectidamente por uma intriga qualquer, amanhã será cordato, bondoso e humilde ; tudo depende de saber a verdade inteira ; a senhora não procurou talvez esclarecel-o . . .

— Nem procurarei jamais. A minha situação é melindrosa, e já agora incompativel com a d'elle. Abreviemos : agradeço-lhe o offerecimento, mas não devo, nem quero acceital-o ; parto de madrugada para Santos. É provavel que não nos tornemos a ver ; fique, porem, certo de que, seja para onde for que a sorte me atire, ahi terá uma amiga.

Octavio curvou-se respeitosamente ; a allemã estendeu-lhe a mão, que elle beijou e separaram-se ; elle foi para o seu quarto, ella voltou para a secretaria, onde continuou a escrever.

No dia seguinte, quando Eva abriu os olhos, o sol entrava pela janella numa abundancia alegre de calor e de luz. Eram quasi sete horas ; arranjou-se á

pressa e dirigiu-se ao quarto da mestra. Bateu na porta, não lhe responderam; entrou.

Mme. Grüber não estava lá. Tinha também desaparecido a grande mala cinzenta. Correu á janella: já nenhum carro! só os dois sulcos paralelos e fundos das rodas de um trolly, em direcção á estrada. Afastou o cortinado; a cama estava ainda feita, com a colxa um tanto amarrotada e uma pequena cova, da pressão da cabeça, na almofada. Porque não se teria deitado Helena Grüber entre a frescura dos lençoes? Perto da janella aberta tinha ficado a poltrona azul de ramagens. Passaria a estrangeira parte da noite a olhar para as luminosas estrellas do ceu americano?

No balde de metal havia cinza de papeis queimados, a manchal-o de preto; no lavatorio estava ainda a bacia cheia de agua e um copo com resto de elixir para os dentes. As gavetas abertas e vazias mostravam o fundo claro, de pinho; no chão, a um canto, fitas velhas, caixas de papelão rasgadas, e uma golla servida, misturavam-se com uns malhequeres de panno; sobre a mesa redonda destacavam-se o tinteiro de porcellana branca e uma caneta de osso, negligentemente caída no panno de flanela preto e azul. Em cima da commoda, ao fundo, estavam um busto em bronze de Goethe e uma carta em que a letrinha fina de Grüber traçara estas palavras :

«Para Eva.»

Eva abriu o sobrescripto; e, sentando-se na beira do leito, leu :

« Minha querida.—Aproveito o silencio e a tranquillidade da noite para lhe dizer adeus. Menti-lhe, Eva, menti-lhe pela primeira vez, dizendo-lhe que a veria ás oito horas, quando eu já tencionava partir de madrugada! É que me falta a coragem, a mim, que tenho sido tão animosa sempre, para este ultimo abraço !

Geralmente, attribuem ás mulheres da minha profissão a mais profunda indifferença pelas pessoas em cujas casas temporariamente vivem, cujos segredos muitas vezes surprehendem e cujas virtudes ou defeitos não desconhecem. A mestra acompanha e dirige a discipula, vendo só nisso o lucro material. O dinheiro é o que a liga á familia estrangeira, a quem, por calculo, desde o principio, pouco se une, para evitar probabilidades de futuros desgostos... Tudo o que ha de carinhoso e terno na sua alma transforma-se com o exilio, com o abandono da familia, com a dura condição mercenaria a que se tem de sujeitar, na consumidora e febril sede do ouro, com que se deseja libertar depressa. E então não vê, não pensa, não sonha senão com o seu futuro na patria, deixando rolar a seu lado as lamentações ou as alegrias, sem parecer dar por ellas! Eva não me fará a injustiça de acreditar-me assim. Não parto porque tenha a minha independencia feita; parto porque devo partir. Minha mãe está velha, é justo que me extenda os braços, a mim que sou de direito o seu unico apoio. Comtudo, deixe-me

dizer-lhe que não me julgo superior ao geral das mestras estrangeiras; vim resolvida a praticar o mesmo e sairia de olhos enxutos se a não deixasse, minha filha (permitta-me dar-lhe este nome, que é o que espontaneamente sinto rebentar-me d'alma), se não tivesse encontrado em si um conjunto de bondade, de intelligencia e de applicação, uma bella alma, emfim. Não é só a mestra quem faz a discipula, bem vê; é muitas vezes a doçura da discipula que vence todas as resoluções, por mais firmes, por mais asperas que sejam.

Creia que, de todas as recordações, será sempre a mais grata para mim a das horas em que, em sua casa, eu a ouvia e via, sempre attenciosa e distincta. Seja assim toda a vida, boa e calma, e ha de triumphar de qualquer mal que lhe intentarem fazer, apesar de que na perversidade do mundo nem sempre os credulos e os bons são os mais felizes! Eva não me comprehende agora: comprehender-me-á mais tarde, quando tiver com a idade a pratica d'este tão bem denominado—valle de lagrimas! Continue a estudar; leia com cuidado. Um bom livro é tão salutar para a alma, como um banho o pode ser para o corpo! Fuja sempre das theorias philosophicas e das exposições pessimistas dos espiritos doentes do ideal. Não se deixe prender, como tantas outras mulheres intelligentes do nosso tempo e da sua instrucção, pelos assumptos guindados das theses sociaes; deixe taes argumentos á competencia e á pratica dos homens; o seu concurso não iria, com certeza, abalar as

leis estabelecidas e, ainda em cima, comprometteria a sua vida íntima! Uma mulher com asserções dogmáticas é, aos olhos dos outros, uma ridicula, e aos seus próprios olhos uma infeliz.

Colha, pois, na sua leitura só as flores e os fructos que se lhe mostrêm saborosos e sadios; é com elles que ha de nutrir profiecuamente o seu espirito e tornar attrahente a sua familia futura. Prosiga na cultura do seu jardim e na bella adoração das suas flores; contemple as estrellas, como fazia;—que mal ha nisso? Deixe que a censurem os infelizes que já não encontram prazer na extatica observação da natureza! Elles ignoram que ella é o melhor dos livros e o mais puro dos mestres! Faça musica e desenhe. Segrede á arte as suas alegrias ou as suas tristezas, que ella será a mais doce das amigas, pelo menos a mais consoladora. Natureza e Arte são os dois formosos templos, onde em qualquer occasião encontramos um azylo seguro para o nosso espirito. Não se esqueça d'isto. Repito, minha querida,—procure ler bons livros. Não lhe recommendo esta ou aquella escola. Todas ellas são boas, quando tratadas por um escriptor de talento e de convicção; todas ellas são uteis, quando lidas por uma pessoa que tenha o seu criterio. Cosa, lide, passeie, dispense ás aves o carinho maternal que tão bem revela, e escreva de vez em quando á sua velha amiga.

Deixo-lhe, como lembrança das nossas palestras e serões, o busto do poeta cujas obras traduzimos tantas vezes juntas. Sua dedicada—*Helena Grüber.*»

A familia do commendador Medeiros aceitava, sem discussão e sem abalo, todas as resoluções do seu chefe. A noticia da partida da mestra foi recebida sem alarma. Nicota, em vespervas do casamento, sem parecer preocupada absolutamente, continuava na mesma frieza e concentração, tratando com cuidado da sua quasi extincta dor de ouvidos. Noemia regosijou-se e entristeceu-se a um tempo. Estava livre das lições, de umas tantas horas de prisão e de enfado, experimentava uma sensação de allivio, um gosto de indefinivel doçura, é certo; mas simultaneamente pensava que nunca mais tornaria a ver aquella senhora de espirito e de evangelica paciencia, que iria soffrer ... morrer talvez, atravessando os mares ! . . .

A mãe trabalhava, fazia doces desde manhã até á noite, para o noivado da filha, deliberava costuras, examinava com escrupulo o enxoval, recommendando zelo, muito zelo ás lavadeiras e engommadeiras, que lidavam cantando. A sua opinião nunca fora ouvida nem pedida em assumptos de outra importancia. Era a governante da casa e isso bastava-lhe. Casara-se aos treze annos, sem amor,

sem sympathia, mas tambem sem repugnancia. Sujeitou-se á vontade do marido e ao seu mando, no começo por medo, depois por habito. De indole bondosa, não se queixava nunca; desculpava sem esforço as faltas dos outros, mas não advogava perante o marido a causa de ninguem, justa que fosse, porque elle zangava-se e ella temia-o. Aceitava os factos como elles se lhe impunham, sem tentar nem de leve averiguar-lhes o fundo; e assim deixava correr deante de si, idiotamente, como se os não visse, todos os acontecimentos domesticos. De doze filhos restavam-lhe tres. A morte successiva dos mais velhos já creados todos, já homens dois, tinha acabado de accentuar na sua alma dolorida a indifferença por todas as paixões, amesquinhasdas pelo grande vulto d'esses intensos desgostos.

O marido nunca lhe fallara de negocios; disputava de tudo livremente, e, como se temesse indifferenças, evitava communicar-lhe até os receios que nutria a respeito de Eva.

O motivo da saída da mestra ficou, portanto, desconhecido para a maior parte da familia.

Resolvido a proteger a todo o custo a prima contra as malignas intenções do fazendeiro, perdido em conjecturas dolorosas, suscitadas pela incomprehendida animosidade do pae contra a pobre moça, Octavio decidiu ir, nesse mesmo dia, á casa do velho Morton, pedir uma explicação que o commendador Medeiros se obstinava em negar-lhe. Saindo para isso do seu quarto e dirigindo-se ao terreiro, onde o esperava já prompto o animal, viu Eva na

sala de costura armando uns laços de fita branca na roupa de linho fino da noiva. Ella não o percebeu, e elle, approximando-se para dizer-lhe adeus, sentou-se a seu lado, e louvou-a banalmente pela paciencia e gosto com que enfeitava a irmã; depois pediu-lhe que encetasse uns serões musicaes e que o ajudasse a ler os seus livros. As noites em Santa Genoveva eram interminaveis, medonhas! «Agora que Mme. Grüber não vive entre nós, concluiu, dispense-nos um pouco a sua attenção».

Eva, sem deixar de trabalhar, respondeu ao primo, promettendo fazer-lhe a vontade.

Noemia foi interrompel-os, muito queixosa. Não sabia que fazer! tinha somno! Que manhã enfadonha e longa! Eva explicou-lhe:

— É a falta da mestra. Venha trabalhar comigo... Olhe, ajude-me a pregar estas rendas.

Octavio deixou-as nessa tarefa. Entretanto, Noemia descrevia a sua manhã. Que tédio! As horas arrastavam-se como velhas tropegas! o calor era mais intenso. Tentara dormir, mas levantara-se depressa, envergonhada de se deitar áquella hora! passara por toda a casa, tinha lido e abandonado o livro, tocado e aborrecido a musica! Bemdizia Eva por lhe comprehender a doença!

Esta, cuja actividade não diminuia nunca, traçava um programma em que entrava o estudo de linguas e de musica, a cultura das flores e a criação das aves. Na roça principalmente, insinuava ella, é preciso luctar com a natureza e reagir

contra a melancholia e a indolencia que, muitas vezes, a quietação do campo produz!

Entretanto, Octavio, batido de sol, percorria a estrada a galope, até a casa do Morton.

Esperando pelo velho amigo, que dormia regaladamente a sesta, elle sentou-se entre uma estante repleta de livros e uma mesa coberta de papeis. Na parede branca, sobre a secretaria, balançava-se agitadaamente, á viração da janella, a folha de um calendario, marcando o dia 10 de dezembro de 1887. Mais acima, numa oleographia, ostentava-se, num fundo muito azul e envernizado de ceu e de mar, a grande cidade americana de New-York — da patria de Morton. Sobre a pelle de tigre, já velha, extendida ao pé do sofá, caira um numero do *New-York Herald*, escorregado para alli, das mãos do leitor somnolento, uma hora antes. Octavio levantou-o e poz-se a lel-o machinalmente; estava assim havia uma boa meia hora, quando o dr. Morton, de chinellos e casaco de linho, appareceu risonho.

— Pode dispensar-me o seu dia, doutor, ou terá algum compromisso ?

— Nenhum... Agora o meu unico trabalho são as duas horas de classe alli no collegio. Não tenho forças para mais; estou gasto.

— Bem ! nesse caso, podemos conversar ?

— Perfeitamente. Mas deixe-me primeiro mandar vir cerveja ; está um calor damnado !

O doutor chamou uma creada branca e sardenta, de avental azul de riscado, que ia pelo corredor, e ordenou que lhe levasse cerveja e copos. Momentos depois, saboreando a, para elle, melhor e mais saudavel das bebidas, fez ao seu ex-discipulo signal de principiar.

— Estou disposto a ouvir.

— Desejo que se sinta ainda mais disposto a fallar, respondeu Octavio ; e approximando-se do velho, continuou :

— Por extranho que lhe pareça o que venho pedir, rogo-lhe que me acredite desinteressado e sincero. Como sabe, fui muito novo para a Europa, desconhecendo detalhes, mesmo os mais intimos, de familia. Sabia que meu pae tinha um irmão mais novo, Gabriel, com quem nunca o vi, e de quem raramente ouvi fallar. O que era, e onde morava esse irmão de meu pae, pouco me importava a mim, que tinha sempre outras coisas em que pensar. Diziam-n-o um homem ingrato, frivolo e desaffeiçoado aos seus ; prohibiam-me em pequeno que repetisse o seu nome, quando acaso o ouvia, e foi talvez d'ahi que nasceu a minha indifferença. Voltando, porem, da Europa, depois de dez annos, encontro em casa uma filha d'esse homem. Indaguei da maneira por que ahi fora admittida ; como e por que se fizeram as pazes ; e responderam-me : « O dr. Morton foi quem se metteu nisso ; elle, melhor do que ninguem, poderá explicar tudo. » Ora

ahi está porque vim bater á sua porta, meu caro amigo !

— E seu pae?

— Meu pae?!

— Sim, porque não se dirigiu de preferencia a elle ?

— Temi recordar-lhe scenas dolorosas... respondeu Octavio, embaraçado.

— Fez bem. E... enfim, eu, como mero espectador, sou mais imparcial.

E o dr. Morton, enchendo de novo o copo, principiou com o seu accentuado sotaque inglez, uma historia longa, cortada de vez em quando por pequenas observações de Octavio.

Uma tarde, havia muitos annos, recebera a visita de Gabriel Medeiros, que o ia procurar para mestre de sua unica filha, Eva, e de um afilhado, o Paulo. Morton acceitara o encargo, e dois dias depois seguia num trolly até o Mangueiral, nome da fazenda...

— Sei, interrompia Octavio, já lá estive.

— Ah ! já ? E depois de meia duzia de phrases relativas ao sitio, continuava o velho o fio da narrativa :

Chegando ao Mangueiral, fora apresentado á dona da casa, uma fluminense muito distincta e amavel, cheia de attentões e delicadeza. Eva viera-lhe offerecer o rostinho corado, enlaçando-o nos seus bracinhos redondos ; Paulo, magrito e pallido, prestara grande attentão ás suas palavras, e assim correrá amavelmente a primeira licção. Desde esse

dia não deixara de ir ao Mangueiral tres vezes por semana, tornando-se a pouco e pouco como uma pessoa da familia. Gabriel Medeiros era um homem emprehendedor e arrojado; a mulher, uma santa; Eva, docil, e se não tinha lá um grande talento, era estudiosa e activa; Paulo...

— Já o conheço... tornava Octavio...

— Um excellente rapaz! affirmava o estrangeiro, fazendo uma pausa para beber uns goles de cerveja; depois, sempre no mesmo tom, continuava dizendo que, ao cabo de dois annos de licção, elle, Morton, caira gravemente doente com uma febre perniciosa. Os medicos aconselharam-lhe mudança de ares, e o bom Gabriel Medeiros lá o levou para o Mangueiral. Passara ahi um mez delicioso, vendo-se cercado de carinhos, como se de facto pertencesse á familia! Fora então que, uma vez, enquanto as creanças brincavam no jardim e a dona da casa cozia noutra sala, Gabriel Medeiros, no seu escriptorio, vendo de longe a filha, lhe contara á janella, numa adoravel despretenção, a sua vida toda.

Jamais recebera prova de amizade e de confiança tão captivante como essa.

Octavio redobrou de attenção, fixando sem pestanejar os seus bellos olhos castanhos no rosto pallido e amollecido do velho.

— Seu avô, dizia Morton, era um homem ambicioso e... vamos lá...

— Ignorante, acudiu Octavio.

— É o termo.

Esvaziado o ultimo gole de cerveja, a narração seguiu sem a menor paragem.

Era o caso que o avô de Octavio casara as filhas e filhos sem lhes consultar absolutamente a vontade. Aos quinze annos as meninas tinham maridos escolhidos a dedo por elle.

Aos rapazes poupava elle tambem o trabalho da escolha; calculava fortunas, combinava a historia, e zás! era só dizer ao filho: «Fulana convem-te; já fallei ao pae e está tudo decidido.» Gabriel Medeiros era o ultimo filho, e, enquanto crescia a herdeira do homem mais rico do municipio, mandou-o estudar a S. Paulo. A pequena foi-se desenvolvendo e, como não era feia... ou, para melhor dizer, como tinha fortuna, choviam-lhe os pretendentes; mas o negocio estava já tratado entre os paes, e, embora não soubessem d'isso nem o Gabriel nem a tal moça, o caso é que eram noivos! Vendo a futura nora de vestidos compridos, o velho Medeiros escreveu ao filho, ordenando-lhe que deixasse os estudos e viesse; mas Gabriel tinha tomado gosto pela historia e concluiu os exames do 2.º anno. Rogou ao pae que o deixasse; fallou-lhe de futuras glorias e de elogios dos lentes. A nenhum pae deixa de sorrir a idéa de ter um filho doutor!

Foi concedida a licença, depois de pedida a transferencia para a realização do casamento á familia da noiva, que a deu de má vontade.

Por esse tempo o commendador Medeiros, pae de Octavio, já era casado e responsavel por uma casa importante, e, tendo soffrido um grande abalo

com geadas consecutivas, recorreu ao futuro sogro do irmão, que lhe abriu prompta e gentilmente a carteira... com os largos juros do estylo... Correram muitos mezes, os pretendentes, desanimados, foram abandonando o campo, e o pae da moça instava para que se realizasse em breve prazo o casamento contractado.

O velho Medeiros chamou seu filho Gabriel á fazenda e declarou-lhe que resolvera casal-o nesse mesmo mez, deixando-o depois em liberdade para continuar os estudos. Gabriel, attonito, disse serenamente que já tinha feito a sua escolha e promettido o seu coração. O pae, desapontado, quiz convence-lo de que se devia casar com a tal moça, e fallou-lhe no seu compromisso de ha tanto tempo. Em vão, todas as supplicas; Gabriel negou sempre, e o casamento desmanchou-se, com grande despeito do pae da noiva.

O estudante voltou para S. Paulo com o apoio da mãe, que lhe mandava a mezada, dizendo ser ás occultas do marido. Esse, mezes depois, morria de um aneurisma. Attribuiram a doença e a morte ao desgosto soffrido com a recusa de Gabriel; puro engano: o velho soffria ha annos. Desesperado com tão tremendo golpe e apertado pelo credor que o ameaçou de penhorar-lhe os bens, o commendador Medeiros ficou allucinado contra o irmão e jurou vingar a morte do pae e a sua deshonra; seguiu para S. Paulo, onde descobriu com facilidade quem era a escolhida do coração de Gabriel. Era a filha unica de um jornalista pobre, chegado do Rio tres annos antes. E...

Neste ponto o velho Morton parou, fez-se corado e limpava o suor que o inundava, passando rapidamente o lenço pela testa.

— E?... perguntou Octavio, quasi estrangulado de afflicção.

— E o jornalista recebeu uma carta, dizendo que se não quizesse receber um tiro na noite immediata, partisse nesse mesmo dia com a filha para o Rio ou para mais longe ainda. O jornalista levantou os hombros, e, com a consciencia tranquilla, deixou-se ficar. Na noite seguinte, ao voltar da redacção, dobrando uma esquina, recebeu um tiro, que o matou instantaneamente.

Octavio estremeceu, e, pallido, vacillou na cadeira.

O doutor continuou :

— Attribuiram o crime á politica ; em S. Paulo eram essas coisas communs naquelle tempo. Gabriel, vendo a orphan sem amparo, casou-se com ella. Pouco tempo depois, pondo em ordem os papeis do sogro, deu com a maldicta carta em que reconheceu a lettra do irmão. Despejou lagrimas como uma creança, mas sacudindo a grande prostração em que mergulhara, procurou o irmão. O commendador confessou ser d'elle a carta, mas não ser d'elle o crime. Uma circumstancia fatal guiara o assassino nessa mesma noite, ou alguém o espiara e, para o perder, realizara o que não queria que passasse de uma ameaça. Gabriel, convencido do innocencia do irmão, voltou mais tranquillo e extendeu confiadamente á filha do morto a sua mão leal.

Quem assassinou o jornalista? Ninguém soube nunca! Gabriel Medeiros retirou-se com a mulher para o Rio, voltando para S. Paulo quando por morte da mãe lhe coube em partilha o Manguelral. Nessa occasião, por questões de terras, os irmãos moveram uma demanda contra elle; Gabriel venceu-os. Desde esse tempo não se tornaram a fallar nem a ver. As irmãs casadas seguiram diferentes rumos; uma para o Ribeirão Preto, a d. Clara, outra para o Paraná, a d. Euphrosina; dois irmãos morreram, e o unico que lhe restava, o commendador, evitava-o. Desgostoso com todas essas occurrencias de familia, entregou-se de corpo e alma á lavoura; começou libertando os escravos; contractou colonos, installou novo systema, diminuiu em metade a fortuna, luctou, mas a pouco e pouco foi equilibrando os bens. Homem de coração, adorava a familia e tinha um verdadeiro culto pelo lar.

Foi mesmo elle quem riscou o jardim, gradeou as paredes para que a hera subisse á vontade, e foi elle quem enfeitou o interior da casa e elle mesmo quem fez, nas suas horas vagas, os elegantes viveiros que lá estão no parque, caprichosos e solidos.

E o dr. Morton, depois de descrever a morte da mãe de Eva, quando a pequena tinha dez annos, e de fallar do amor de Gabriel, então todo voltado para a filha, narrou a impressão que sentira, num dia de muita chuva, em que o mandaram chamar á pressa do Manguelral. Gabriel

Medeiros fora atacado da uma congestão pulmonar ; encontrou-o na cama, rodeado de remedios, com o rosto emmagrecido, os cabellos brancos empastados de suor, e um forte cheiro de febre e de sangue exhalando-se da sua larga bocca arroxada, d'onde não saíam nunca senão palavras de doçura e de perdão.

Morton quiz animal-o, esforçando-se por tornar a voz firme ; o enfermo sorriu com tristeza, e, extendendo-lhe a mão ardente e secca, disse :

— Escute : eu não quero deixar a minha Eva só nesta casa com Paulo, que não lhe é nada ; ella não tem noivo nem amigas... lembrei-me de meu irmão ; é a unica pessoa da familia que me resta ; quero reconciliar-me... elle tem filhas ; ha de ser misericordioso para a minha !

— Fui immediatamente procurar o commendador, concluia Morton, que ás minhas palavras, honra lhe seja feita, apressou-se em acompanhar-me. Seguimos para o Manguelral a galope ; quando chegámos, Eva soluçava. Gabriel Medeiros tinha morrido !

Octavio, immobilizado, com toda a vida concentrada no olhar, ouvia a voz lenta d'aquelle homem terrivel, que lhe despedaçava dolorosamente o coração. Morton seguia depois o curso da historia, dizendo que, lido o testamento, entre o corpo insensivel e livido do morto e o busto arquejante da orphan, o commendador Medeiros quizera tomar posse dos papeis do irmão, ao que

Eva se oppoz energicamente. No seu desespero, a infeliz menina queria conservar tudo como o pae tinha deixado. O tio, porem, interpretaramal esse movimento; suppoz querer a sobrinha guardar consigo, para futura vingança, a carta ameçadora, escripta por elle ao jornalista assassinado. D'esse crime não havia outra prova; comprehende-se o desejo do commendador em a fazer desaparecer. Quem lhe diria que, em qualquer occasião, se não visse accusado d'essa culpa? Se para Gabriel, seu irmão, haviam bastado as suas affirmações de innocencia, seriam ellas sufficientes perante a sociedade e a justiça? Não! Perante a sociedade e a justiça, o assassino do jornalista seria forçosamente o auctor da ameça, o commendador Medeiros; quanto ao outro, ao assassino incognito, esse não poderia ser tido senão como um phantasma, feito por um cobarde e ridiculissimo disfarce.

Octavio levantou-se, indignado, contra aquelle velho estrangeiro, de olhar azul como o céu e cabello branco como a nuvem casta; teve impetos de o estrangular e de lhe dizer perto do rosto enrugado: mentes, mentes, mentes! mas o estrangeiro continuou no seu sotaque difficultoso, com palavras claras:

Tudo que lhe tenho dito é duro e doloroso de se dizer a um filho; sou um homem rude, co-nhego; mas ha certos casos em que, mesmo á força de um grande sacrificio, devemos dizer toda a verdade.

Octavio, emocionado fortemente, não respondeu; tinha os olhos cravados no chão. os pensamentos a chocarem-se-lhe desordenadamente no cerebro.

Quem teria assassinado o avô de Eva? Quem teria trahido o segredo do pae? E como poderia elle descobrir o culpado, depois de tantos annos? Que epocha iria elle investigar, que recordações e mysterios revolver? Como prender o fio já quebrado d'essa miseravel trama? A vida é tão pequena e se as gerações se succedem como as ondas, como fazer voltar as já passadas? Porque se conservara o pae inerte? Porque não luctou até apresentar aos olhos do irmão, seu unico juiz, o verdadeiro criminoso? A sua dignidade, a sua honra, exigiam todos os sacrificios para isso!

Acabrunhado, luctando para não ver no pae um assassino, Octavio escondeu o rosto entre as mãos.

Deante d'elle, de pé, o dr. Morton dizia:

— Desculpe, se o maguei... mas assim era preciso!

XII

Eram seis horas quando Octavio, tomando as redeas do cavallo, seguiu sozinho pela estrada fora.

Havia uma grande tranquillidade em tudo. O ceu estava de um azul suave e igual, sem um traço mais claro ou mais escuro, sem uma ruga, lizo e manso; as arvores pareciam immoveis, nem a mais subtil tremura agitava a ramaria espessa; as *boas-noites* campestres abriam sem rumor os seus calices dourados, e os *copos de leite*, entre o verde escuro das folhas, derramavam da petala opalina o seu aroma doce.

De longe em longe partia da floresta o grito estridulo de uma sentinella solitaria, a araponga, e havia no chão, entre as folhas seccas, a bulha de um animal a esconder-se, de rastos, precipitadamente. Quatro palmos acima da grama, numa extensão enorme, a perder-se de vista desdobrava-se uma nuvem de formigas aladas a que na provincia chamam *bitús*, nuvem transparente, parecendo formada por uma infinidade de malmequeres mimosos e pequeninos, que, tendo-se desprendido da terra, adejassem no ar. Subito, uma ave, passando

rente de Octavio, bateu-lhe no rosto com a aza; o mogo, desprevenido, deu um salto na sella. -

Lembrou-se logo depois, de ter, na sua meninice, visto muitas vezes esse passaro, que acompanhava, ao entardecer, o viajante paulista, saltitando e voando ao redor do animal. Era o curiango, cinzento, do tamanho de um sabiá, de pernas muito curtas. Elle ia e vinha, ora rente ao chão, ora sobre a cabeça de Octavio, ora de um lado, ora de outro, deixando-se ficar atraz, para saltar de repente e ir passar adeante. Durante cerca de meia legua os bitús, abrindo e fechando o duplo par das suas azas finas, cobriam o campo como uma gaze esbranquiçada e movediça. Semeadas no solo, as suas habitações erguiam-se em montículos de barro, amiudadamente. Entretanto, o azul do ceu ia escurecendo a pouco e pouco, e num ponto e noutro e noutro desabrochava uma estrella pequenina e tremula. Nos ninhos fofos, feitos de grabatos e palhinhas finas, ageitavam as aves os seus corpos gentis; e de entre os molhos roxeados da herva *barba de bode*, que ladeava a estrada, erguiam o vôo os grandes vagalumes paulistas, levando a sua luz pelo ar, vagarosamente, como uma bella esmeralda muito illuminada (1)

E assim serena, somnolentemente, a noite ia-se extendendo sobre a terra.

(1) Dizem-me serem esses vagalumes *Pyrophoros noctilicos*, pertencentes á familia dos *Esternoxilos*. Estes pylrampos têm tão intensa luz, que illuminam um recinto escuro, servindo muitas vezes de lamparina, quando reunidos uns tres sob um copo emboçado. São muito differentes na fórma de na maneira de emitir a luz, dos que vemos no Rio de Janeiro, que são o *Lampyrus noctiluca* e *Colophota italica* de Latreille.

Octavio deixava-se levar pelo cavallo, comprado havia duas semanas apenas, a um fazendeiro do Corrego. Cansado de corpo e de espirito, aniquilado, elle entregava-se assim, sem direcção, áquella noite silenciosa e bella.

As revelações bruscas do velho Morton tinham-lhe caído no coração como pontas de punhaes em brasa, arremessados com firmeza e força. Sentia-lhes a dôr e ainda não as comprehendia bem!

Apertando entre os dentes o charuto apagado, com o olhar fixo no vacuo, ia como um somnambulo, numa grande abstracção, vazio de idéas.

Podia gritar rouca ou estridulamente a araponga, á vontade; podiam farfalhar as folhas á frescura crepuscular, ou luzir as estrellas, ou bailar ingenuamente o pyrilampo; elle não os via, ia verdadeiramente desligado da natureza e das coisas.

Essa tormenta irremediavel, esse tremendo golpe inesperado, produzira-lhe um quebramento de forças, um aniquilamento insuperavel e esmagador.

E no emtanto não penetrara a fundo na exposição do amigo; não via nada de positivo, nada de claro, de onde extrahisse, limpa e exacta, a verdade nitida dos factos.

Em casa de Morton tivera impetos de matal-o, de suffocar-lhe na garganta aquellas insinuações malignas a respeito de seu pae; depois, nervoso, doente, num excesso de sensibilidade, chorara; agora não; sentia um cansaço enorme, a sensação de quem tivesse rolado de alto a baixo uma pedreira cheia de anfrac tuosidades e de arestas.

Ruminando as palavras do mestre, já quasi machinalmente, á força de pensar nellas, Octavio percorreu a estrada longo tempo. O animal que elle montava levava-o até a cancella fechada de um cafezal, e ahí, com a cabeça extendida por cima das traves horisontaes da porteira, relinchava com força. Chamado á vida exterior por essa paragem brusca e pelo relinchar do cavallo, alarmando no logar em que nascera os seus velhos companheiros, já recolhidos, Octavio percebeu estar no *Corrego*, longe duas leguas de Santa Genoveva, e ter feito, imprudentemente, uma viagem inutil.

O cavallo não se movia; relinchava sempre, alegre, mas já com impaciencia. De lá de dentro, muito ao longe, veiu o som quasi apagado da voz de outro animal, respondendo ao companheiro.

Resolvido a seguir para casa, a galope, sem interrupção, Octavio puxou com força pela redea esquerda, depois de ter feito recuar o cavallo. Nada conseguiu; collocando as quatro patas fundamente no solo barrento, com a cabeça sacudida pelos movimentos das redeas, a bocca espumante, o beigo arregaçado pelo freio de prata, e o olhar ardente, o animal continuava firme, ouvindo o écho saudoso da voz do companheiro a chamar por elle.

Desesperado, farto de chicotear e jogar as redeas, Octavio praguejou e, com um movimento rude, fincou-lhe os calcanhares nas ilhargas; o cavallo continuou firme; o moço então apeou-se, tentou, puxando pelo freio, mudar-lhe a posição, e levar-o a uns cincoenta metros de distancia para

depois montar e seguir; mas foi tudo em vão. O cavallo escouceava, firmava-se ora nas patas trazeiras, ora nas deanteiras, abaixava e levantava a cabeça furiosamente, mostrando os grandes dentes amarelos, por entre os quaes já escorria o sangue. Octavio viu-se forçado a afastar-se do animal que resfolegava, cobrindo-se-lhe de suor o bello pello castanho.

Vendo-se abandonado, o cavallo deu rapidamente meia volta, armou um salto, transpoz o vallo que delimitava a fazenda do Corrego, e perdeu-se a galope, na escuridão do cafezal.

— Vae com o diabo! gritou-lhe o dono enraivecido. Que fazer? Caminhar atraz do aninai? Toli-ce. A cancella dos cafezaes do Corrego, lembrava-se ainda, ficava distante da habitação quasi uma legua!... valia mais ir a pé, por um atalho, ao sitio do Torres; seria mesmo muito agradavel; a gente do Corrego era-lhe antipathica; fôra-lhe apresentada em casa da irmã do Antunes. No dia immediato mandaria o pagem buscar o animal; nessa noite preferia incommodar o Torres, cortando por uma picada na floresta. Era muito mais perto. E, resolvido, entrou no matto.

Havia dez annos que não andava por alli; as suas reminiscencias, porem, não o enganaram; contudo, sentia-se mais impressionado que outr'ora.

A floresta estava tenebrosa: pareceu-lhe sentir rumores extranhos, pios funestos e evaporações humidas de pequenos lagos solapados em limos e ramos quebrados de arvoredos.

Ao cabo de algum tempo percebeu que havia errado o caminho... parou indeciso; qualquer lado que tomasse, tomal-o-ia ao acaso; continuou, pois, em frente, tacteando ás vezes com as mãos estendidas, quando a profusão da folhagem punha mais trévas em deredor. Nos pontos de maior negrura parava, julgando vêr deante de si uma alta parede compacta e inacessivel; avançando os braços, reconhecia o erro e seguia, para de novo suster repentinamente os passos, á beira de grandes buracos, que lhe parecia ver abertos no chão.

Depois de errar algum tempo através de muitos ramos e galhos accumulados até grande altura, viu luzir fogo. Era uma luz pequenina, mysteriosa, ora occulta, ora descoberta, de uma côr avermelhada, surgindo de subito na floresta escura, como num conto de fadas a alampada maravilhosa.

Octavio suspirou de allivio; encontrava um guia, um companheiro, no meio d'aquella solidão; aquillo oriental-o-ia no caminho de casa. Procurava uma trilha que o levasse até lá, mas não havia nem um carreirinho aberto naquella direcção! A luz fôra feita no recanto mais invio, mais intrincado, e mais difficil do bosque? Affrontando todos os perigos, Octavio continuou a andar, esbarrando frequentes vezes nos troncos espinhentos ou resinosos, com os olhos fixos no unico ponto luminoso em toda aquella vasta escuridade. Por vezes, aquella grande e pujante floresta assemelhava-se, aos seus sentidos perturbados, como uma

estreita cella de tectos baixos e humidos. Tudo parecia cerral-o de perto e prestes a esmigalhal-o desabando sobre elle ! Á proporção que se approximava da luz, ella ia-se tornando maior; chegando perto ouviu vozes, um rumor baixo, medroso, soturno, mas, evidentemente, humano.

Comprehendeu. Fôra parar em um *quilombo* !

Através das paredes esburacadas, improvisadas á pressa, com sapé, ramos e taquaras, saía, pondo no bosque umas finissimas e moveis agulhas douradas, o brilho do fogo em que se aqueciam, quasi nús, magros e famintos, meia duzia de pretos. Estavam alli agachados, fallando em segredo, roendo os ossos de umas gallinhas roubadas na fazenda mais proxima, emquanto não viessem dous ou tres companheiros idos á cata de alimento, sob a protecção negra e bemfazeja da noite.

Contrafeitos, apertados, fugindo ao somno, estremecendo ao menor sopro do vento, ouvindo um passo em cada folha caída, um grito humano em cada pio de ave, temendo sempre a perseguição do branco, mergulhando nos rios ao vel-o de longe, saindo ao sentirem-se morrer, para rolar na terra ingrata, correndo com o corpo despedaçado de canção, sempre arripiado com as allucinações do medo, sempre atraz da chimera-liberdade, e sempre agrihoados, sob a pressão de um pesadelo medonho, esses desgraçados tinham um aspecto de phantasmas lugubres, carbonizados nos braseiros de um pavoroso inferno !

A escravidão sellara-lhes nos labios o sorriso; o medo puzera-lhes no olhar a desconfiança e o odio; a fome, o frio e a insomnia descarnaram-lhes os esqueletos, tornando-os numas verdadeiras mumias aterrorisadoras!

Sem querer alvoroçal-os, Octavio deixou-os no seu esconderijo, certo de que o tomariam por um espia, fosse qual fosse o modo com que lhes fallasse. Andou com precaução, silenciosamente; mas os pretos lá dentro presentiram-o, abafaram as vozes e apagaram o lume, entornando-lhe agua em cima. Ficou tudo de novo silencioso e negro. Octavio seguia ás apalpadellas, impressionado, medroso, esperando a todo o instante sentir-se agarrado por um d'esses desgraçados *quilombolas*, que, no emtanto, estavam encolhidos, com os dentes apertados e os membros tremulos. Depois de errar por muito tempo, sem saber em que direcção, se iria em caminho recto ou se gyraria num circulo, Octavio começou a sentir fumaça, que se ia condensando a mais e mais, e a ouvir uns estalidos seccos, miudinhos e consecutivos.

O horror da sua situação tomou proporções gigantescas! Áquella hora estaria todo o bosque cercado de fogo, para a queimada devastadora, sem que elle conseguisse sair d'esse labyrintho condemnado ás chammass. Quem sabe? talvez os *quilombolas* fossem a causa d'isso! Queriam matal-os ou apprehendel-os pelo terror do fogo...

Sentia já tonturas, convencera-se de que, effectivamente, gyrava havia muito tempo sobre os

mesmos pontos; era um circulo largo, mas era um circulo. Entretanto a fumaça avolumava-se, ouvia mais distinctamente os estalidos dos vegetaes queimados.

Admirava-se de não ver o fogo, que principiava o seu trabalho de destruição, occulto como um assassino, sob as hervas baixas, quando de subito ouviu vozes humanas, ao longe, e viu, após, uma labareda côr de ouro, irrompendo com violencia até uma certa altura, para tornar a descer e ficar como uma onda a lambar o chão.

Era agora mais facil caminhar, tendo aquelle pharol a guial-o. Urgia ir depressa, antes que as chammas se unissem e não lhe dessem passagem para fora. Estava fatigado, molhava os pés em poças d'aguas estagnadas, batia com o rosto nos cipós caídos... mas continuou, até que se pôde fazer ouvido pelas pessoas que sitiavam o fogo violentamente.

— Por aqui! por aqui! gritou-lhe uma voz que elle reconheceu ser a do Torres.

Vendo-se fora, Octavio respirou. A fumaça que o suffocára quasi, era impellida pelo vento, para deante.

O Torres, curioso, fazia-lhe perguntas atropelladamente, a que, muito cansado, elle não podia responder com precisão. Sentou-se num barranco da estrada, afastado, e communicou ao fazendeiro o seu encontro com os *quilombolas* e o medo que nutria de que o fogo os alcançasse.

— Não ha perigo! respondeu-lhe o Torres; elles sabem bem fugir de tudo... A minha intenção não era

queimar a floresta; o fogo propagou-se do matto derrubado para lá, contra a minha vontade...

No emtanto, umas chammas iam-se unindo ás outras e marginando de um listrão vermelho todo o matto. De um ponto e de outro subiam, enlaçando-se e ondeando mollemente no ar, grandes linguas amarellas, a abrásar a atmosphera, apertando devoradoramente, terrivelmente, todo o espaço circumscripto por ellas. As arvores sacudiam as suas frondes altivas, os arbustos estorciam-se em convulsões medonhas, encarquilhando, retorcendo os seus galhitos nus. Os cipós flexiveis, nutrindo-se dos gigantes jequitibás e das grandes perobas, eram os fios conductores das faiscas scintillantes do incendio, as escadas de assalto, emquanto as labaredas não tiveram força bastante para se atirarem pesadamente, de chofre, sobre as grandes como as pequenas plantas. As arvores bracejavam, luctando, até deixarem pender as suas cópas verdes e florescentes á chamma brutal do fogo impiédoso! Voavam as aves tresloucadas, chorosas dos seus niuhos abafados, e os reptis deixavam as suas tocas humidas para se arrastarem inutilmente, á procura de uma aberta por onde se pudessem salvar!

Em pouco tempo toda a floresta parecia um mar de fogo. No espaço, até então profundamente escuro, havia agora clarões rubros, vermelhidões de aurora, e em cima a fumaça suffocante punha um véo esbranquiçado sobre essa tinta sanguinolenta e forte. Os negros gritavam, abrindo o aceiro ás foiçadas, em volta; ouviam-se as crepitações

das chammas e bailavam no ar, diabolicamente, as faúlhas.

Triumphal, o fogo consumia as plantas, bebendo, sequioso, toda a seiva da terra !

Quando o sol da manhã rompeu as nuvens, o incendio parecia pallido, esbranquiçado, cobarde !

Octavio, coberto de arranhões e manchado de sangue no rosto e nas mãos, não esperou por essa transição. Lembrando-se das grandes caminhadas a que se acostumara na Allemanha, seguiu a pé para casa, que não ficava longe, deixando o Torres no trabalho.

Era quasi uma hora quando transpoz o portão do terreiro de Santa Genoveva. Os gallos cantavam, e no tanquezinho de pedra, a um canto, caía a agua da bica aberta, num rumor ininterrompido e monotono.

XIII

Dois dias antes do casamento de Nicota, a familia Medeiros fez-se transportar para a cidade.

Na frente tinham ido, a pé, os pagens e as mucamas, em bandos disseminados, com trouxas á cabeça. Foram tambem duas carroças cheias de malas com roupas, grandes latas com doces crystalizados e com sequilhos (1), e cestas de fructas, de hortaliça e de ovos. O feitor ficou encarregado de remetter nas manhãs immediatas todas as flores que pudesse arranjar, e leite, muito leite. O casamento de Nicota despovoava os jardins e secava a garganta dos novillos !

Em meio do caminho depararam com a queimada do Torres. A floresta que marginava a estrada estava destruida. Em vez d'ella extendia-se um campo esbranquiçado, vasto, nú, coberto de cinzas, triste como um cemiterio, onde de longe em longe um tronco arruinado, baixo, carcomido e negro, semelhava um pobre tumulo abandonado ! No emtanto, dentro d'esses tocos carbonizados, o fogo, lento, occulto, continuava ainda a sua obra

(1) Biscoitos de polvilho, proprios para chá.

voraz da destruição, sorvendo toda a pujança da terra, aproveitando gulosamente todas as raizes dos vegetaes extinctos!

A familia Medeiros, acostumada a essas transformações, pouca importancia ligou a isso; só Eva lamentou aquella mudança, e Octavio recordou-se, com amargura, da noite alli passada. Chegados á casa da cidade, fechada havia muito, presidiram ás lavagens do soalho, dos vidros e das portas, ao pregar das cortinas de renda nas janellas e dos reposteiros vermelhos nas portas; removeram depois a mesa da grande sala de jantar para outra sala interior, afim de que aquella servisse para o baile; puzeram então em volta, alinhadas junto á parede de papel envernizado, côr de creme, as cadeiras alugadas ao club, e nos intervallos das janellas os dunkerques de vinhatico, com portas de espelho e tampos de marmore, sobre os quaes se ostentavam um alto espelho esguio e duas jarras de procellana, com ramos de flores variadas.

A sala de visitas, na frente, foi transformada em capella. Chamaram um armador, homem acreditado, que trabalhava alli, havia muito tempo, para egrejas e particulares. O sr. João Coelho, muito serio, grave, com a barba bem escanhoadá, o collete e as calças brancas irreprehensivelmente engommados e o casaco preto muito limpo, acudiu ao appello sem hesitações. Respondeu por monosyllabos, numa grande economia de palavras, ás perguntas do commendador, e armou ao fundo da

sala o mesmo altar que, havia trinta annos, riscava e executava: um alto espaldar chato coberto de tarlatana prateada, todo guarnecido de rosinhas de panno côr de rosa, entre folhas verdes espalmadas e duras. Sobre a mesa do altar, linhos finos orlados de renda larga, o crucifixo, o ritual em *chagrin* preto, os palmitos de angelicas com espigas prateadas, a salva pequena, de prata, com os anneis de alliança, grandes castiças com velas de cera e ao lado a caldeirinha e o hyssope prateados. Aos pés do altar o tapete, as duas almofadas de setim para os nubentes, e flores desfolhadas.

Na outra sala da frente estavam as mesas de jogo com os baralhos em cima; e numa outra, interior, o bufete.

Nessa do bufete havia ao centro uma grande mesa, em ferradura, e nella uma variedade infinita de saborosos doces, pyramides de fios d'ovos, cachos de caragoatá, de ovos tambem, assim como as elegantes *espingardas* postas ao alto e seguras com um laço de fita; *pu dins* de todos os feitios, qualidades e tamanhos; os pratos de doce de algodão, de pinha; o afamado *velludo* e outros semelhantes; torres eburneas, feitas com transparentes e finas fitas de coeo, assucaradas, brancas, prendendo-se graciosamente em arrendados artisticos; taças com fructas crystalizadas; geléas côr de topazio e geléas cor de rubi; flores de coco, encommendadas com antecedencia, de Itú, e da d. Gabriella, de Campinas. e que se espalhavam por todaa mesa com profusão, em hastes, em grinaldas, em ramos e em festões, aqui arroxadas como

os pendões das bromelias, acolá brancas, assetinadas e humidas, como as petalas dos jasmims do Cabo. Nas extremidades da mesa estavam dois coqueiros artificiaes, cravados numas pequenas collinas de relva onde se espalhavam muitos insectos e reptis de massa; seguro no mais alto do tronco escamoso da arvore, o indefectivel macaquinho roubava um coco; enroscada em baixo, uma tremenda jararaca verde e preta erguia a cabeça chata, como a dispor-se para o mesmo delicto.

Das grandes e multiplas serpentinias caía sobre os crystaes a luz das velas.

Em um angulo da sala havia uma outra mesa carregada de fructas: mangas perfumadas, umas verdes e grandes, outras pequeninas e côr de sangue; melancias abertas, mostrando as sementes escuras entre a *escomilha* cor de rosa da polpa; abacaxis, jaboticabas, laranjas, uvas, pecegos e figos, em peanhas, em bandejas e em cestas. Ao lado, um quarto transformado em botequim: sobre o balcão fructas seccas, queijos já em fatias, e nas prateleiras muitas garrafas de vinhos, cervejas e licores.

De entre os rotulos luzidios e coloridos das garrafas, para os carnudos abacaxis, ou os manjares da mesa principal, ia e vinha o sr. João Coelho, armador, numa gravidade de lord, arranjando symetria onde via rebeldias de estylo, ou uma falta á estabelecida praxe.

Na copa, tudo a postos; e na cozinha quatro cozinheiros e muitos ajudantes.

Entravam para os quartos taboleiros com vestidos, vindos das modistas ; os pagens traziam caixas de luvas, de leques, de plumas, de sapatos de setim ; até a ultima hora eram precisos objectos que os lojistas mandavam em profusão para escolherem em casa, logo ao primeiro pedido.

Chegara, portanto, o dia marcado para o casamento. Octavio não se tinha esquecido da carta anonyma que accusava Eva e denunciava para aquelle dia uma revolta em Santa Geneveva. Decidido a fallar nisso ao pae, foi procural-o á saleta.

O commendador estava só, enrolando nos dedos um cigarro de palha. O filho approximou-se e perguntou-lhe que pretendia fazer : se iria para Santa Geneveva logo que fosse realizado o casamento, ou se descansava em alguma ordem que tivesse dado ao feitor.

O fazendeiro, muito calmo, explicou ter contado tudo ao Antunes e ter-se elle promptificado a ficar com toda a sua gente cercando Santa Geneveva. D'esse modo, concluia, ou os escravos com medo não farão bulha, logrando a *boa* Eva, ou serão presos e castigados. «O Antunes tem geito ; posso ficar tranquillo !»

Octavio extranhou que o pae desse ao Antunes uma incumbencia tão delicada. Não dera credito á carta e por isso não tinha, até esse instante, pensado em qualquer combinação ; vendo, porem, agora, que admittiam a possibilidade da revolta, resolvera-se elle mesmo a ir para a fazenda, de prevenção.

O fazendeiro abriu a bocca, espantado. Depois afixou ser Octavio um europeu fraquinho, que seria ferido, maltratado, morto talvez ; deixasse o Antunes á vontade.

— Aquillo, sim, é mesmo um *home* de respeito !

— Não tente despersuadir-me, porque será em vão, respondeu-lhe o filho ; assistirei ao casamento de Nicota e partirei logo depois.

— Tolice ! E se eu não quizer ?!

— Ao contrario, vossemecê vae mandar-me para lá, visto acreditar que se dá de facto a revolta ; e vossemecê mesmo iria, se o não prendessem aqui outros deveres ! Faço esta noite um passeio inutil, pouco importa ; mas não darei direito a que qualquer imbecil me ponha na conta de cobarde.

— Fanfarronadas ! murmurou o velho Medeiros, encolhendo os hombros ; depois calou-se e mordeu com raiva o cigarro sem lume. Comprehendia ser trabalho inutil tentar reter o filho na cidade e deixou-o saír sem dizer mais nada. Todo o seu odio se voltava para a sobrinhá, por julgal-a causadora fatal de grandes males futuros na familia.

Ella surgia no seu espirito doente, como um espectro de vingança e de odio, aniquilador e activo ; não via nella a filha do irmão, a rapariga sensata e honesta : via a neta do jornalista, a sombra doce e lacrimosa da orphan do assassinado, alguma coisa de sobre-humano : como que um grito de inenarravel dor que tivesse tomado carnes e fórmãs de mulher e sobre cuja cabeça voasse, como uma

borboleta fatidica, a carta mysteriosa em que elle reconhecia a sua propria lettra em grandes caracteres !

O commendador passou o resto do dia nũa afflicção atroz ; tentou mais uma vez despersuadir o filho ; mas, vencido pelos seus argumêtos e pela sua vontade, reçoheu-se desalentado ao quarto ; não achava um canto onde estivesse a seu gosto ; teve impetos de arrancar as cortinas e os reposteiros novos, de pisar as flores já dispostas nos vasos e varrer pela porta da rua a ponta-pés todas as cadeiras do club, muito bem alinhadas no salão de baile.

XIV

Às oito horas, nas salas illuminadas e floridas movia-se a fina flor da sociedade da terra.

A dona da casa, atrapalhada no seu vestido de gorgorão, com grande cauda e flores artificiaes no peito e no cabello, sentia-se vexada, tinha o andar molle, curvava-se para a frente, segurando nas mãos, calçadas em pellica branca, o seu leque de madreperola.

Geralmente as senhoras paulistas apresentavam-se nos bailes num requinte de elegancia e de luxo como se não vê facilmente no Rio de Janeiro. As suas *toilettes*, importadas quasi sempre directamente de Paris, tinham, a par da riqueza, a graça e a originalidade. Educaram o gosto de vestir-se.

Familias, cujas casas não demonstravam o minimo vislumbre de gosto, tendo os interiores sem conforto e sem poesia, quasi vasillos de moveis e completamente faltos de objectos artisticos, apresentavam-se nos bailes de uma maneira verdadeiramente seductora!

As representantes da geração passada, senhoras edosas e ignorantes, não sabendo ler, sabiam vestir-se com a seriedade e a distincção que a sua idade

requeria. Um agente experto occupava-se, ainda ha bem poucos annos, em ir e vir de Paris com encommendas particulares, para uma cidade do interior, exclusivamente. Não tendo ainda a doce e bella idolatria do *home*, o espirito feminino occupava-se pertinazmente dos adornos pessoaes, não por *coquetterie*—de indole honestissima e recta e, de natureza, formosas, as senhoras não necessitavam recorrer a isso—mas para satisfazerem uma caprichosa tendencia do seu temperamento.

Era nos bailes onde melhor se podia notar esta anomalia ; nelles se reuniam as familias mais importantes, com toda a pompa. Pena era que os cavalheiros não concorressem com equal requinte e esmero para o brillantismo da sala !

Os primeiros convidados a chegar á casa do commendador foram o Amaral e a senhora, D. Clarinha, mulher formosa, com um par de olhos singulares, ora esmeraldas, ora turquezas, conforme o raio de luz que os ferisse, e as pestanas muito negras a sombrear-lhe a alvura doce das faces ; esbelta sem ser alta, graciosa, pondo na sua *toilette* violeta a gentileza de uma parisiense, e na noite negra dos seus cabellos, presos no alto, o luxo de um diadema de brilhantes.

O marido, um rapaz trigueiro, de bigode farto e escuro e a cabeça pendida para o peito, por uma tensão dos musculos do pescoço, deixou-a no salão e foi para a saleta do jogo, onde o commendador conversava alto com dois amigos e correligionarios politicos,

Os carros paravam á porta constantemente : entrou a viuva Camargo, a irmã do Antunes, ainda fresca, no seu vestido de setim e rendas cor de sauda-de escura, os olhos muito brilhantes a inundar de alegria e luz as suas faces rubicundas e morenas; na frente, a filha, toda de claro, com a encantadora cabeça engrinaldada de flores e o pescoço branco, roliço e nu, a surgir altivo d'entre a espuma nítida das rendas finas. Octavio acompanhou-as até a porta da *toilette*, e D. Clarinha, já rodeada de amigas, apontou o grupo num riso malicioso.

Entraram successivamente: a condessa da Fontenegra, baixa, gorda, segurando mal o vestido de velludo, com o cabello branco salpicado de pedras preciosas, rodeada de sobrinhas mais ou menos bonitas; depois, as filhas do Edmundo Queiroz, a familia do juiz de direito, as dos drs. Lima Soares e Celestino Brandão, a do velho Torres, toda uma população alegre e festiva; em ultimo lugar, numa delonga calculada para maior impressão, appareceu, arrastando magestosamente a sua *traine* de pellucia côr de ouro, a mulher do coronel Tavares, velho anguloso e esguio. Ella, entre o brilho loiro de um adereço de topazios, erguia o collo moreno, polvilhado de *veloutine*, e, formando phrases tão pretenciosas quanto erradas, dardejava lumes dos seus olinhos castanhos e malignos; uns velhos condecorados apressaram-se em ir cumprimentar, numas grandes curvas de espinha, essa pobre flor já sem viço de mocidade, mas ainda vaidosa do seu falso brilho,

Às nove horas uma das portas, até ahi fechada, abriu-se de par em par e a noiva appareceu, dando o brago ao padrinho, o velho Ribeiro; atraz vinham Eva e Noemia, toucadas de flores. As rou-pagens alvas da noiva, como que trouxeram mais luz á sala; uma menina, approximando-se d'ella, offereceu-lhe um *bouquet* de rosas brancas. Trigueiri-nhos, ao lado do commendador, entrara ao mesmo tempo pela porta do fundo; parecia mais moreno, mirrado dentro da sua primeira casaca, com o ca-bello em pastinhas lustrosas sobre a testa, e um sorrisosinho amarello nos labios finos. Levantaram-se todos e approximaram-se do altar; o padre Rocha já lá estava, paramentado e risonho; ao pé d'elle, imperturbavel e serio, o armador João Coelho fazia de sachristão.

A cerimonia começou e acabou sem lagri-mas; ao ajoelharem-se os noivos para a bençam rompeu a musica num cantico glorioso. Minutos depois recebia a noiva os cumprimentos do estylo; Octavio abraçou-a e sumiu-se por entre a turba-multa da sala, fechou-se no quarto, deu ordem ao pagem para que arreasse o cavallo, mudou á pres-sa de roupa, saiu pela porta do quintal para não ser visto pelos convidados, e atravessava direito á cocheira, quando alguém lhe tocou no braço. Era o pae. Na escuridão da noite o seu rosto punha uma nodoa branca, de uma pallidez marmorea; sentia-se-lhe a respiração offegante. Estendeu ao filho, com mão tremula e gelada, um revolver de seis tiros; Octavio guardou a arma silenciosamente.

Estiveram um instante calados e indecisos ; depois abraçaram-se numa effusão, unica em toda a sua vida.

Octavio então tentou tranquillisal-o, dizendo-lhe um—até amanhã—esperançoso ; mas o velho não respondeu ; apontou o cavallo, que vinha puxado pelo pagem, e ficou-se no mesmo sitio até Octavio partir, pondo na escuridão da noite a mancha pallida do seu rosto transtornado.

Na sala, a noiva distribuia pelas amigas solteiras botões de flores de laranjeira. Noemia, muito risonha, foi mostrar a Eva o ramo que lhe dera a irmã.

— Veja, foi o do peito ; d'aqui a um anno... dizia ella maliciosamente.

— Que é um anno, Noemia, para quem só tem dezeseis !

— Mas com dezeseite annos parece-me que se está em muito boa idade...

— Você talvez nem tenha de esperar tanto ; veja como o casamento de Nicota se decidiu depressa...

— Mas eu não quero que o meu seja assim ! Eu é que hei de escolher o noivo !

— E se seu pae resolver casal-a sem a consultar ?

— Digo-lhe que não e não ! Olhe, Eva, eu sou da sua opinião ; um dia disse : prefiro morrer a casar sem amor...

— Estava a brincar...

— Não estava, não ! Escute...

Noemia parou confusa, apertando e deslaçando a fita do leque.

— O que? continue.

— Não, é que... já me esqueci... ah! sim! E tornou de novo a parar, ageitando d'esta vez as flores do corpete.

— Vamos, Noemia, acabe, que lá vem o seu par.

— Tenho vergonha...

— Não diga tolices... Vergonha de quem? Vá lá!

— Pois sim... Sabe? é que... porque não viria o sr. Paulo?

Eva estremeceu; antes, porem, que respondesse, curvava-se deante de Noemia o par de valsa e a pobre, ainda confusa, levantou-se, deixando o seu ramo de flores de laranjeira nas mãos da prima.

Eva fixava sem ver aquelle *bouquet* esquecido, com as faces tintas por uma onda de sangue que lhe subira do coração ao cerebro, impetuosamente. As palavras entrecortadas de Noemia tinham-lhe desvendado um segredo que não podera nunca suspeitar, e repetia mentalmente, em um doloroso assombro: «ella ama-o! ella ama-o!»

O dr. Azevedo, encostado ao humbral de uma porta, seguia com a vista o movimento dos pares, prendendo de vez em quando os seus olhos azues no formoso busto de Eva. A irmã do Antunes disfarçava mal a indignação que lhe causava a inexplicada falta de Octavio no salão; a filha dançava, elegante sem graciosidade, erecta, muda e seria;

acclamaram-na a rainha da noite e caíam sobre o seu vulto de estatua, como um enxame de abelhas em uma flor, um enxame de olhares avidos e cubichosos.

O baile durou até as tres horas. Nicota partiu com o noivo para a casa do major Trigueiros, onde já tinham preparados os seus aposentos; despediu-se da familia sem lagrimas, serenamente.

Quando, retirados todos os convidados, Eva entrou no seu quarto, encontrou nelle, de pé, Noemia, vendo através dos vidros fechados da janella a sombra do ultimo carro que se afastava; a meiga creança, sentindo-a, estendeu-lhe os braços, apertou-a com força ao peito e desatou a chorar, a chorar sem motivo, as primeiras lagrimas do amor.

Eva enxugou-lhe os olhos e aconselhou-a a que se fosse deitar, para descansar, dormindo, da fadiga e commoções da noite; levou-a docemente para a sua pequenina alcova, ajudou-a a despir-se, aconchegou-lhe a roupa do leito, beijou-a carinhosamente, e saiu sem ter indagado a causa d'aquelle pranto; advinhara-a, estava indubitavelmente ligada á pergunta que lhe ouvira horas antes:

— «Porque não viria o sr. Paulo?»

Era já tarde quando Eva conseguiu adormecer.

Lá fora, na sala, o commendador passeava agitado, fumando successivamente cigarros, indo de vez em quando á janella, prestando o ouvido ao mais insignificante rumor, alongando a vista por toda a extensão da rua solitaria, que se ia pouco a pouco tornando mais clara. Uma faixa de luz

amarellada e frouxa batia em diagonal nas casas fronteiras, todas fechadas e silenciosas; e nas pedras cinzentas e deseguaes das calçadas, aqui e allí, estavam espalhados uns papeisinhos de cor, franjados nas extremidades, vestígios das *balas* servidas, em bandejas, no baile.

Medeiros arrependia-se de ter deixado partir sósinho o filho. Confiava no Antunes, que tinha boa gente e dispunha de recursos; além de que, recomendara-lhe que levasse comsigo alguns soldados: as fardas intimidam os negros.

Pensando nisso descançava um pouco; mas voltava-lhe depressa o medo de que fossem d'ahi a nada apresentar-lhe o corpo do filho, coberto de sangue, num esphacelamento horrível!

Deixando a festa do casamento da irmã, Octavio partiu a todo o galope para Santa Genoveva. A noite estava escura e quente; de vez em quando um pequeno relampago cortava momentaneamente a treva. Elle ia na persuasão de encontrar tudo em boa paz; não podia attribuir a Eva senão sentimentos generosos e puros e dispunha-se a combater a inverosimil infantilidade do pae com respeito ao terror que lhe inspirava a sobrinha. Mas combater de que maneira? Provando pela evidencia dos factos a sua innocencia. Anhelava por esclarecer tudo; confiando ao pae o que ouvira de Morton, para convencel-o de não estar no poder de Eva a carta causadora de tantos sobresaltos.

Confiava em que, desapparecido o receio de ver surgir a qualquer instante uma prova contra a sua honra, desapparecesse tambem a desconfiança do seu espirito e o rancor do seu coração. O respeito que tinha pelo pae dificultava-lhe a acção. Falta-lhe a coragem para a lucta, temendo sempre ser cedo para ferir, directamente, tão grave assumpto. Contava estabelecer a harmonia na familia,

sem que o pae suspeitasse siquer, que elle, seu filho, conhecia tão revoltante segredo !

Quando chegou á fazenda eram onze horas; apeou-se longe, no pasto, prendendo o cavallo ao varal de um carroção; desceu a pé, attonito por encontrar todas as porteiras abertas.

Deu volta por detraz das senzalas, caminhando com precaução; assim chegou ao fundo da casa principal; ia rodeal-a quando, ao approximar-se de uma esquina, ouviu vozes de homens que fallavam baixo do outro lado. Octavio, encostando-se á parede, escutou :

— Tá tudo prompto ? perguntava um d'elles.

— Tudo... respondia outro.

— Os negro da casa tão no curro ? (1) carece de sabê bem isso...

— Dê certo estão.

— Arrepare, Joaquim ! é preciso fazê ás coisa cum geito...

— Tá dereito, nho Furetuoso ! Eu sou um decidido ! logo pégo, arrombo num baque (2) as porta do quadrado e ponhamo-nos a fazê baruido. Sae cinza.

— Que a confusão damnada ! mecês tudo não se esqueça de dizê qui foi D. Eva qui mandou nois cá... si não, os negro nos arresiste !

— Entonces, quem si havéra de si esquecê d'isso ? !

(1) Curro: assim chamam á reunião das senzalas, que tambem denominam—quadrado e quartel.

(2) *Nim laque*—num momento.

— Se argum si quizé fazê dê tolo, já se sabé, tiro pra frente ! as alma vieram carregada por móde isso.

— Tá bom, gentes...

Octavio ouvira palavra por palavra, cheio de espanto. As mãos crispavam-se-lhe ; no seu rosto livido os olhos tinham um brilho singular.

Era então verdade ! Eva descia odiosamente a uma baixeza d'aquellas !

Ruía o pedestal em que a collocara superior a todas as mulheres ; a estatua da compaixão, a martyr, como a suppuzera, patinhava descalça, audaz e deshonesta, na lama de uma vingança torpe.

Urgia não perder um minuto e evitar a revolução. Octavio procurava um meio de se reunir aos de casa, sem attrahir a attenção dos malfeitores.

Passou-lhe pelo espirito uma multidão de alvitre, cada qual mais confuso e mais disparatado. Felizmente, os capangas estavam do outro lado da casa e elle poderia voltar á frente sem ser visto e chamar em seu auxilio o feitor. Assim fez ; caminhou com precaução, amparando-se á parede, até perto da torre do sino ; ali parou. No terreiro da frente caminhava tambem um grupo de homens, fallando em segredo ; passaram a pouca distancia de Octavio, num rumor soturno de passos e de vozes que a pouco e pouco se foi perdendo a distancia... Não os ouvindo já, Octavio galgou de um salto os seis degraus da escada de pedra e chegou ao alpendre ; bateu com força na janella do feitor, dizendo alto : « Sou eu, Octavio, abra depressa ! » Fôra

sentido fora e dentro da casa ao mesmo tempo ; mas, no momento em que o feitor, pallido e tremulo, lhe abria a porta, um tiro disparado de entre a escuridão da noite cravou-lhe nas costas uma bala.

Octavio caiu de bruços, para dentro, indo bater com o peito no chão ; a mulher do feitor puchou-o, arrastando-o, para o corredor, enquanto o marido fechava violentamente a porta ; depois levaram-n-o para o leito, onde elle ficou extendido, inerte, manchado de sangue.

A revolta rebentara lá fóra ; ouviam-se gritos, imprecações e tiros, estalos de portas arrombadas, vozes afflictas de creanças e mulheres. Sem cuidarem de Octavio, na allucinação do medo, sem mesmo saberem se estava vivo ou morto, correram o feitor e a mulher a collocar moveis junto ás janelas e á porta.

Que iria fazer lá fóra o feitor ? Que era um homem para uma revolta de cem ?ⁿ Como o tratariam tantos e tão encarniçados inimigos ? Agora não eram os mesmos cordeiros, aos quaes elle distribuía a esmo chicotadas ; não eram brutos irracionaes, sem dignidade e sem coragem : eram homens enraivecidos e capazes de tudo para satisfazerem os seus fins.

A gritaria cessou depois de uma hora infernal. De vez em quando batiam na porta e atiravam pedras aos vidros, que se quebravam em estilhaços. O feitor collava-se, encolhido, a um canto ; a mulher arrastava-se de joelhos, a rezar, batendo no

peito grandes pancadas, com a mão curva. Tinham-se refugiado numa alcova interior, quasi sem ar, fechada hermeticamente, mal allumiada pela luz mortiça e tremula de uma lamparina, em frente ao oratoriosinho de madeira que tinham sobre a commoda. No seu throno enfeitado de hortensias, de lirios e de cravos, a Virgem das Dores, com uma lagrima crystalisada na face impassivel e o seu manto de velludo orlado de renda dourada, cahindo-lhe da cabeça aos pés numa volta muito redonda, a Virgem das Dores, com um punhal cravado no peito, a brilhar de vez em quando aos lampejos intermitentes da luz, era entre as sombras frias d'aquelle quarto mofado e humido, a unica esperanza d'aquella pobre gente.

O feitor tremia, encolhido e cor de cêra; a mulher, com a physionomia alterada, levantava para a serena imagem as mãos supplices. Houve um momento em que o marido, abandonando o canto em que se collocara, foi ajoelhar-se em frente ao oratorio, acompanhando alto um *Padre Nosso*, dito nervosamente por ella.

Á proporção que diminuia lá fora a gritaria, iam elles melhorando de animo; e quando pelas frechas das portas entrou a luz do dia numas estreitas fitas esbranquiçadas, foi que se atreveram a seguir pelo corredor até o quarto da frente, em que Octavio tinha ficado abandonado, extendido sobre uma cama sem lençoes:

Eram cinco horas da manhã, quando a voz do compadre Antunes gritou de fóra:

— Seu Honorato, abra a porta ! é gente de paz.

A porta abriu-se e o feitor viu os escravos da casa, amarrados e submissos, numa longa fila silenciosa, cercados pela gente do Antunes.

Á frente d'elles, o compadre de Medeiros, com um brilho singular nos olhinhos pardos, bamboleava o corpo, bufando alto.

— Mandê dar uma pinga a essa gente, homem ! disse elle apontando para os seus capangas, logo que viu o feitor.

— Tá dereito ! respondeu-lhe este ainda tremulo ; mais venha primeiro cá dentro . . .

Entraram ambos para a sala, ainda ás escuras. Abriam as janellas á claridade e ao ar fresco da manhã.

— Então que é que ha ? perguntou o Antunes.

— Ha que seu Octavio levou um tiro de garrucha e está ferido . . .

— Seu Octavio ! pois elle não está na cidade ?!

— Não senhor, está aqui.

Antunes tornou-se livido, vergaram-se-lhe os joelhos e uma vertigem escureceu-lhe a vista ; pouco depois, voltando á costumada energia, disse ir elle proprio buscar um medico e o pae da victima.

— Medico.... para que ? Seu Octavio morreu.

Convidou-o para ir ver o cadaver ; mas Antunes, de olhos esgazeados, negou-se a isso, ficando hirto e immovel no mesmo logar.

O feitor deixou-o, e tirando um crioulo da desgraçada turma, mandou-o distribuir aguardente aos capangas.

A commoção tinha vencido toda a actividade do Antunes. Conhecera Octavio ainda pequenino, sempre tivera predilecção por elle. Entre todos os rapazes distinguia-o sempre, e acariciava a idéa de o ver casar com a sobrinha. Aquella morte era um desastre para a sua familia, era talvez a ruina d'elle, Antunes, que projectava ligar o moço Medeiros aos seus interesses particulares. Estava todo entregue á apathia da sua grande dor, quando ouviu gritos dolorosos numa voz tremida de mulher e a bulha de um corpo que se arrastava; impressionado, voltou-se: era *amanã* de Octavio, a pobre negra velha, que ia como um reptil, pelo chão, com o ventre encostado ao assoalho, as pernas mirradas pela paralytia, arrastadas e molles, pondo nas mãos engelhadas toda a sua actividade, extendendo ora um braço ora outro, encarquilhando os dedos nas gretas das taboas, quebrando as unhas, rasgando as roupas, arranhando as carnes, arfando de canção, mas proseguindo no esforço até a porta do quarto do ferido, que ella abriu com a cabeça, num desespero angustioso.

Mas, o corpo do moço estava numa cama alta e a desgraçada não se podia erguer para beijal-o e vel-o; extenuada, poz-se a chamal-o com uma voz dolorida e debil, levantando o rosto lacrimoso para o leito a que não conseguiu chegar.

— Meu fio !... Meu fio !...

Acordara naquella madrugada ouvindo bulha, e pedira á sua companheira, velha tambem, a Joaquina, que fosse indagar de que era proveniente

aquelle estrondo. A Joaquina saiu, para voltar com a noticia da morte de Octavio e da prisão do Jacintho, unico filho da pobre paralytica. Ella então, louca de dor, não quiz ouvir detalhes e supplicou á Joaquina que a levasse para junto d'elles; a outra fez-lhe a vontade; não podia carregar-a nos braços com meiguice, puxava-a como quem puxa um fardo, fazendo na terra uma esteira muito liza, varrida e rasa. Pouco tinha andado assim, quando lhe veio á lembrança o carro de mão com que o jardineiro trabalhava: foi buscal-o, sentou nelle com difficuldade a invalida e conseguiu impellil-o até a casa grande.

No terreiro viram, logo ao chegar, o Jacintho amarrado a um companheiro. A mãe quiz approximar-se d'elle, mas não lh'o permittiram; ella ficou então de longe a acenar-lhe, chorando, enquanto elle partia na miseravel turma para a fazenda do Antunes.

O tronco de Santa Genoveva não tinha espaço para tanta gente; o Antunes então deliberara recolher parte d'ella na sua fazenda, que por amizade a Medeiros arvorava em prisão.

A Joaquina tinha tirado a invalida do carro, e subira, arfando de cansaço, com ella ao collo os seis degraus, quando recebeu ordem do feitor para descer immediatamente; vendo-se só, a paralytica não desanimou e conseguiu arrastar-se até o quarto do seu adorado Octavio, rasgando a saia sob os joelhos, quebrando as unhas nas taboas, maguando os ossos e ensanguentando as carnes.

Aos gritos lamentosos da velha, acudiu compassiva a mulher do feitor; a preta supplicou-lhe que a puzesse por um momento em cima, que ella ficaria aos pés do leito, encolhida, immovel e calada, comtanto que visse seu filho: queria vel-o a todo transe! Sentaram-n-a no cantinho, entre a parede e os pés de Octavio, pés que ella acariciou e beijou, chorando baixo; depois arrastou-se até pegar-lhe na mão muito branca e fina, sacudindo-a de manso, e repetindo baixinho, como para acordal-o sem sobresalto: « Meu fio... meu fio... » Elle não se moveu e ella arrastou-se mais; e beijou-lhe a testa, as palpebras fechadas... afagou-o muito e inclinou a cabeça, escutando-lhe o coração; esteve assim um minuto, com os olhos muito abertos e a respiração cortada; depois, um sorriso pousou-lhe nos labios engelhadados, fulgurou-lhe o olhar e soltou um grito de jubilo, um grito cheio de vida, cheio de amor, todo alma, vibrante de sentimento, grito de triumpho, grito de mãe apaixonada ao vêr tornar a si o filho idolatrado.

— Meu fio tá vivo! tá vivo!

Ouvindo estas palavras, Antunes entrou no quarto e approximou-se de Octavio. Escutou-lhe tambem o coração, apalpou-o nervosa, aciosamente e, sem dizer nada, saiu apressado, com o olhar fulgurante e incerto. O seu cavallo estava arreado, montou-o e seguiu a galope para a fazenda do Navarro, a um quarto de legua de Santa Genoveva. Sabia estar lá, havia tempo, um Dr. Castro, medico de Pernambuco, homem, segundo corria, de reflexão e de estudo,

Em poucos minutos batia á porta do quarto do medico, ainda fechado e tranquillo.

O Antunes explicou mesmo do lado de fora o que havia, exigindo pressa, muita pressa!

O medico prescindiu do seu banho de chuva, vestiu-se sem apuro, respondendo ás instancias do Antunes com um: «Já vou... já vou» muito repetido; e aconselhava, lá de dentro, que mandasse arranjar a conducção.

Enquanto o Antunes, muito afflicto, via sellarem o cavallo do medico, procurando, agitadamente, ajudar os pagens, a mulher do Navarro, já de pé, sinceramente interessada pela sorte de Octavio, mandava ao quarto do doutor, sem demora, o copo de leite e a chicara de café, numa solicitude hospitaleira de que as senhoras paulistas são prodigas.

Dr. Castro enguliu, sem as saborear, as duas bebidas, guardou na algibeira o estojo indispensavel, cumprimentou a dona da casa, alizando com as mãos morenas as guias do seu farto bigode negro e reluzente, e desceu para o terreiro a pensar, satisfeito, na proveitosa aquisição de tão bom cliente.

Depois de o ver partir para Santa Genoveva, Antunes seguiu até a cidade, esporeando o animal já cançado.

Chegou a casa do commendador, ás seis horas; achou-o só, no grande salão illuminado pela luz doce da manhã, cheio de flores enlanguescidas e murchas, alguns doces pisados, velas quasi gastas, e cadeiras em desordem.

Medeiros estava pallido e tinha nos olhos os vestigios da insomnia. Vendo-o, o Antunes recuou indeciso e ficou entre portas. O fazendeiro, avançando para elle, perguntou-lhe, quasi soffocado pela angustia :

— Que houve ?!

Antunes não pôde responder; pallido e tremulo encostou-se ao humbral.

— Octavio?

— Está...

— Morto ?!

— Ferido... vá para ao pé d'elle, compadre; vá quanto antes; tem aqui o seu trolly e o pagem; não se demore, vá, vá depressa !

— E Eva ?

— Depois tratará d'isso; vá para juncto de Octavio !

Esta insistencia desnor-teava o commendador. O Antunes levou-o comsigo ao quintal, bateu á janella do quarto do pagem, apressou-o a arranjar a condução. O mulato Saturnino, desembaraçado e obediente, apparelhava os animaes; no entanto, o commendador ralhava, chamando-o moroso. O Antunes não resistiu: suppondo ser mais expedito, afastou o rapaz e poz-se elle, muito nervoso, a arrear as bestas.

Momentos depois o fazendeiro partia para Santa Genoveva, despedindo-se acabrunhado e grato do amigo.

Quando, chegado á fazenda, entrou no quarto do filho, o medico tinha acabado de extrahir-lhe a

bala de sob a clavicula direita, onde a procurara logo, em direcção ao ferimento das costas, e onde a achou, saliente como um pequeno tumor.

— Ah! doutor! salve o meu filho! foram as suas primeiras palavras.

— Esteja descansado; o sr. Octavio viverá largos annos: por um triz estaria morto ha algumas horas... agora serei assiduo e procurarei, por todos os meios ao meu alcance, pô-lo bom. É preciso cuidado...

Amaneirando o tom, continuava:

— A bala deve ter atravessado o apice do pulmão direito e d'ahi provirá naturalmente uma pneumonia traumatica; terá febre, e, para evitar as hemoptyses, convem guardar o mais absoluto silencio.

Medeiros olhava-o sem comprehender e rogava ao medico que se instalasse em Santa Genoveva e não deixasse o doente.

— Virei todos os dias mais de uma vez: estou a dois passos; além d'isso tenho mais doentes, e embora não lhes dedique o mesmo cuidado, não posso abandonal-os, bem vê... mas esteja certo, que hei de vir tres ou quatro vezes por dia... Hoje fico, passo com ellè a noite, apezar d'outros compromissos... Agora o que lhes peço é cuidado. Sua senhora?

— Ignora tudo...

— E' preciso prevenil-a; as mulheres sabem lidar com os doentes, com mais delicadeza que nós...

Medeiros deu ordem para que fossem buscar a familia, disposto a aconselhar Evá a que se retirasse nesse mesmo dia para o Mangueiral. Voltando para o lado de Octavio, este quiz fallar-lhe, mas o Dr. Castro prohibiu-o d'isso e apresentou-lhe a carteira aberta e um lapis; o doente, tremulo, escreveu:

« Proteja Eva, rogo-lhe por... » O lapis resvalou-lhe de entre os dedos e elle ficou de olhos fechados e silencioso.

O commendador leu, franziu as sobrancelhas e, avermelhando-se, ia responder zangado, quando o medico, notando a sua colera, lhe disse baixo:

— Não o desgoste! uma contrariedade pôde matal-o!

O fazendeiro disse então para o filho, de um modo visivelmente contrafeito:

— Farei a vossa vontade!

Octavio sorriu e agradeceu-lhe com um gesto quasi imperceptivel. Deixando-o em companhia do medico, o fazendeiro indagou do feitor, fora, na sala, dos successos da noite.

Honorato, confuso, contou-lhe, repetindo certos pontos, que ás duas horas da noite ouvira Octavio chamal-o, batendo com força na porta. Aconselhado pelo Antunes, elle, Honorato, não tinha saído até ahi e estava resolvido a não apparecer: os negros odiavam-n-o e eram capazes de matal-o por isso.

Medeiros, impaciente, ordenava que proseguisse.

— Ás duas horas em ponto, continuava elle, ouvira a voz de Octavio; e como estivesse perto e com o ouvido á esenta, acudiu logo ao chamado; ao tempo em que abria a porta, partia um tiro do terceiro e o moço caía para a frente. Conduziram-n-o para o quarto mais proximo; ouviu-o gemer por algum tempo, depois, como tivesse emmudecido, tanto elle como a mulher suppuzeram-n-o morto... Ás cinco horas chegava o compadre Antunes, e pouco depois Octavio dava signaes de vida.

Quando o doutor chegou, elle já estava de olhos abertos, gemendo baixinho, afagado pela Joanna paralytica.

Referiu-se sem commoção á velha, que mandara recolher á senzala por conselho do medico; a pobre *mamã*, caçada da lucta, num *exgotto nervoso*, como tinha dito o dr. Castro, ficara com os braços inertes, sem acção, completamente paralyzados como as pernas, tanto que a levaram para baixo, ao collo, deitada, como se fosse uma creança! Medeiros deu treguas a outras investigações; já não se ouviria de manhã o sino, chamando a *gente* ao trabalho; os campos e os cafezaes pareceriam abandonados; as senzalas fechadas desde a manhã até a noite e os *carreadouros* desertos.

Antes da tarde, chegava toda a familia; Trigueirinhos e Nicota demoraram-se pouco. O commendador, desviando o olhar da sobrinha, explicou muito por alto a revolta d'essa noite.

O genro deitava exclamações de rancor e de espanto; Nicota, com a cabeça pendida, enrolava

machinalmente nas mãos as fitas da sua capa de viagem ; Noemia chorava ; Eva, muito pallida, escutava-o de pé, com as narinas palpitantes e os olhos fixos ; e á cabeceira do doente a mãe, resignada, suspirava de vez em quando, em uma tristeza calma.

Acabada a exposição de Medeiros, o medico pediu uma enfermeira, de entre as tres senhoras. Eva offereceu-se, mas o fazendeiro replicou seccamente ser melhor incumbir d'esse cargo a mãe e a irmã do doente. Um gemido de Octavio interrompeu a discussão, e Eva saiu perturbada. Antes de entrar no seu quarto, passou pelo de mme. Grüber, e, entrando, deixou-se cahir sobre a *fauteuil* azul. O coração pesava-lhe ; presentia qualquer cousa de terrivel que a ameaçava de perto e não podia comprehender o que fosse ! Que significaria aquelle movimento do tio ? Porque a repelliam, a ella, que não lhes fizera mal e que se tinha sempre submettido tão placidamente aos seus costumes e vontades ? Passou todo o resto do dia em cogitações dolorosas ; á noite voltou de novo ao quarto da allemã, abriu a janella á solidão do campo e um bom ar fresco encheu o aposento ; arranjou e accendeu o lampeão, trouxe para a mesa os preparos de escripta e começou, com a sua lettra firme, uma carta á mestra. Sentia mais que nunca a falta d'essa boa senhora de espirito, com quem trocava idéas em doce intimidade e por quem se sabia comprehendida e amparada nas suas horas mais desanimadoras e crueis. De vez em

quando Eva attentava o ouvido, a escutar os gé-
midos de Octavio e um murmurio de vozes e passos
abafados, e tornava depois a ranger a sua penna
no papel assetinado, branco como a sua conscien-
cia, em que ia derramando toda a alma, assusta-
da como um passaro solto na amplidão dos mares,
sem um rochedo onde se aninhe ou um mastro
onde pouse !

XVI

No dia seguinte o dr. Castro fez o primeiro curativo ao ferido, chamando para seu lado as duas enfermeiras apontadas pelo commendador ; mas logo ao desligar das ataduras, ao primeiro ai do doente, a mãe, quasi desfallecida, confessou a sua incompetencia e retirou-se com as mãos nos olhos ; Noemia era nervosa, estremeia sem atinar com as cousas. O medico então, voltando-se para o fazendeiro, pediu-lhe que mandasse chamar outra pessoa. Medeiros levantou-se e foi buscar a mulher do feitor, Nhá Colaca ; mas a infeliz era desageitada e o medico, impaciente, mandou-a embora, lembrando o nome de Eva. O fazendeiro quiz oppor-se ; mas recebendo em resposta que de uma boa enfermeira depende muitas vezes a cura de um doente, resignou-se.

Quando Eva entrou no quarto, Octavio, com o hombro descoberto, o rosto afogueado pela febre, os cabellos collados em grandes anneis na fronte, olhava para os que o cercavam sem os conhecer. Ella, approximando-se, contemplou-o maguada e com geitoso carinho auxiliou o dr. Castro a applicar-lhe sobre a ferida aberta nas costas pela bala, até a

feita na clavícula para a extracção, uma fina pasta de algodão phenicado, passando depois uma longa atadura encruzada do peito para as costas.

Era aquella a unica missão que lhe permittiam agora! Durante o dia e a noite zelariam outras pessoas o doente, vedando-lhe a ella a porta o braço cruel do tio. Desgostava-se com isso: queria estar sempre ao lado do primo, animando-o e vendo-o. A compaixão juntava-se o medo de que morresse aquelle em quem presentira a sinceridade de um amigo; elle tinha no genio pontos de contacto com o seu, e muita analogia com o do pae da pobre Eva; era a unica pessoa da familia que a comprehendia, o unico que se fazia entender por ella, manifestando as mesmas tendencias e os mesmos gostos.

Dr. Castro declarara ser muito grave o estado de Octavio, que, expectorando amiudadamente sangue, fallava, no delirio da febre, em mil coisas indifferentes. Ora ria, descrevendo uma velha imaginaria, com um grande chapéo roxo e cintura de vespa; ora mostrava um padre, que se transformava num musico e de um musico num palhaço e de um palhaço num burro, passando por outras transformações inverosimeis. Agora fallava em estampilhas sobre cartas de jogar; d'ahi a nada no seu amigo Adolpho, e de um café cantante de Berlim, onde uma *grisette* caíra com um ataque de nervos e um sujeito gordo lhe despejara em cima um copo de cerveja.

Veiu-lhe a tosse, o sangue safu em golphadas, manchando as fronhas e o peitilho da camisola de dormir.

Medeiros fixou com odio o rosto da sobrinha. Ella, entristecida, pensava no mysterioso rancor do tio e na enfermidade de Octavio.

O Dr. Castro lá ficava junto do enfermo, a dar-lhe calmantes, exigindo silencio, consultando o thermometro, curvando-se solícito sobre o seu leito, de onde emanava o cheiro e o calor da febre.

Á noite Octavio adormeceu, um suor copioso inundou-lhe o corpo, a febre diminuiu. Ás onze horas acordou, e viu a seu lado, dormitando, a mãe e uma creoula em pé, com os braços cruzados e os olhos muito abertos; pediu agua; tinha uma secura horrivel, bebeu-a soffregamente e adormeceu de novo. Passava do somno á vigilia continuamente, molhando todas as vezes os labios queimados e a garganta secca; de madrugada sentiu-se melhor, e passou pela memoria enfraquecida todo o occorrido. Anhelava por saber de Eva; tel-a-ia despedido o pae? quiz perguntar por ella, mas a mãe dormia na cadeira, numa posição contrafeita, e a creoula *cozilava*. Ás sete horas da manhã o pae e Noemia entravam no quarto, mas Octavio, exausto, adormecera de novo, profundamente. Ás nove horas tornou a acordar, deparando com o Dr. Castro e Eva, que o fitava condoida e triste; sorriu ao vel-a; depois, ouvindo um rumor de vozes desconhecidas na sala proxima, perguntou com a voz

sumida pela fraqueza em que o puzera a grande perda de sangue :

— Quem é ?

— A policia, respondeu o doutor.

— Para fazer corpo de delicto, não é assim ?

— É. Mas não falle. Esteja socegado ; precisa de silencio, não diga senão o que for indispensavel ; peço-lhe com todo o empenho !

Eva offereceu um caldo ao doente, que pela primeira vez se sentou, amparado pelo medico.

Lá fora o commendador respondia ao delegado de policia, que viera bater-lhe á porta nessa manhã, com o seu escrivão, o Fonseca, moço magrinho e louro. Tinha-se espalhado por toda a cidade a noticia do ferimento de Octavio ; e sabendo do facto, a policia não deixou de se apresentar, sem ter, comtudo, tido para isso aviso especial.

O delegado, homem experiente e edoso, não extranhou essa falta ; conhecia de sobejo o systema preferido dos antigos fazendeiros para a punição de escravos assassinos... Durante toda a viagem no trolly fôra elle explicando ao escrivão, ainda novo no officio, como se fazia geralmente essa historia :

— Ha um assassinato numa fazenda, dizia ; bem ! que se faz do assassino ? entregam-n-o á prisão para que siga os processos legaes da justiça ? qual ! querem vingança mais completa. Apoderam-se da presa, escondem-n-a no quarto lugubre do tronco, e, conforme a categoria da victima, castigam-n-a severamente, procurando aproveitar-lhe o

trabalho, mas carregando-a de ferros. Assim, matam-n-a a fogo lento.

Dal-a á decisão de um jury seria mandal-a ás galés, e as galés para um captivo são a liberdade. Não seria punição, bem vê: seria um premio!

— Nesse caso não competeria á justiça intervir seriamente no crime? perguntou com ingenuidade o moço escrivão.

— Oh! a justiça é muitas vezes illudida e... e muitas vezes tambem ha uma série de conveniências que a obrigam a fechar os olhos. Que remedio!

Como o Fonseca demonstrasse surpresa, o delegado, retorcendo as suissas grisalhas, continuou:

— É bom notar uma coisa, que até certo ponto attenna a gravidade do delicto: muitos negros matam sem odio, praticando as mais absurdas vilanias com o unico intento de irem para as galés! Desapparecendo essa esperanza...

— Diminue o numero de crimes de tal ordem, por certo, interrompeu o escrivão.

— Homem... não sei... mas é possível!

O dialogo suspendeu-se á porta de Medeiros.

A policia foi recebida sem constrangimento.

Octavio dormia ainda, e o seu medico assistente fez, a pedido do delegado, por escripto, uma exposição succinta do ferimento. Foi excusado o exame no paciente, á vista das auctoridades, e mesmo o delegado, poupando trabalhos incommo-dativos, dizia mandar assignar por um segundo medico o relatorio feito pelo Dr. Castro...

Era preciso prevenir Octavio para um interrogatorio, e, enquanto o medico e Eva o fortaleciam com o alimento, aconselhando-o a que respondesse com poucas palavras para se não fatigar, Medeiros expunha ao delegado: que sabia, por um aviso anonymo, ter de se dar nessa noite, motivado por uma pessoa que até ahi julgara livre de toda a suspeita, um levantamento em Santa Geneveva; que pedira ao seu amigo Antunes conselho e auxilio, visto estar nessa occasião preso na cidade com o casamento da filha; que dissera tudo a Octavio, sabendo só á ultima hora da resolução que este tomara de se apresentar no sitio, sendo por isso baldados todos os meios para detel-o em casa, etc.

O delegado pediu-lhe então a carta anonyma, que havia de esclarecel-o, desde que visse nella o nome do amotinador.

Medeiros levantou-se e foi direito á secretaria. Um sentimento de vingança punha-lhe lume nos olhos. Abateria emfim o orgulho de Eva! Ella seria em breve desmascarada pela voz iususpeita da auctoridade. Vel-a-ia ajoelhar-se supplicando perdão para a sua falta, num grande temor de que toda a gente a apontasse depois como intrigante e alliadora.

Choraria com certeza muito, e antes da noite havia de partir para o Manguelral, arrependida e humilhada.

O delegado esperava recostado no sofá, sumindo os dedos nas fartas suissas grisalhas. Fonseca,

o escrivão, deante da pasta aberta, estava prompto no seu posto para a primeira ordem.

Medeiros introduziu a chave na gaveta da secretaria e abriu-a com resolução. Guardara alli a carta entre outros papeis de importancia e ia lançar mão d'ella, quando deparou com a folha da carteira do dr. Castro, em que a mão enfraquecida de Octavio escrevera : « Proteja Eva ; rogo-lhe por... »

Todo o odio, todo o desejo de vingança se retrahiram á vista d'essas palavras que pareciam envolver uma supplica.

O commendador voltou confuso, affirmando ter perdido a carta.

O delegado olhou de soslaio para o escrivão e, sob o fino bigodinho loiro d'este, despontou, disfarçado e contrafeito, um sorriso de ironica incredulidade. Dr. Castro veio nesse momento dizer-lhe que Octavio estava prompto para o interrogatorio, e seguiram todos para o quarto. Installados ahi, e preenchidas as indispensaveis formalidades e usuaes perguntas, a que o doente respondia por monosyllabos—sim... não...—o delegado perguntou :

- O senhor viu quem o feriu ?
- Não.
- Nem o suspeita ?
- Não.
- Tem algum inimigo ?
- Creio que não...
- De qual dos escravos desconfia ?
- De nenhum.

—Mas naturalmente terá entre elles algum desafeiçoado...

—Não foi um escravo quem me feriu. Olharam-se todos attonitos.

— Bem ! nesse caso, continuou o delegado, o sr. sabe qual foi a pessoa que disparou o tiro ; porque disse então que a não tinha visto ?

—Porque a não vi.

Mostraram-se admirados ; o doente declarou entrecortadamente não querer ser parte no processo ; os negros de Santa Genoveva eram innocentes, haviam sido incitados por extranhos ; a pessoa que o ferira não o podia ter reconhecido no meio da escuridão. E contou, supprimindo o nome de Eva, tudo o que tinha ouvido.

Fallava de vagar, parando de vez em quando, encostado em almofadas.

Ó medico aconselhava descanso.

A penna do escrivão traçava as palavras do doente, e acabadas as declarações leu-as em voz alta. Assignaram como testemunhas o Honorato e o medico.

Medeiros indagou depois, em particular, se iriam proceder ao interrogatorio dos escravos.

—Por ora não, respondeu o delegado ; mas ha de dar-me o nome das testemunhas do facto, para a seu tempo serem chamadas a juizo, na casa da camara.

Acceitando o almoço, em que os pratos paulistas se succediam abundantemente, o delegado inquiria, pela segunda vez, o feitor, de todo o succedido.

O fazendeiro, voltando-se para a esposa, re-commendou-lhe :

—Olha, manda servir a ordenança aqui do sr. delegado...

Ella levantou-se, fazendo um signal affirmativo. Encheram-se os copos e a conversa animou-se. Até a nhá Colaca (diminutivo de Escolastica), confessou ter feito uma promessa ao Bom Jesus de Pirapora para o restabelecimento de Octavio.

A promessa constava em ir o moço a pé e descalço, no dia 6 de agosto, festa do milagroso santo, até o pequeno arraial, d'ahi a muitas leguas, onde a multidão leva as suas preces e de onde traz reliquias sagradas e bemfazejas.

O Bom Jesus acode a todas as tormentas, desde que lhe levem ao seu rico altar de Pirapora uma offerenda qualquer ! No dia 6 de agosto a povoação transforma-se ! É verdadeiramente assaltada por ondas humanas que affluem de todos os lados da provincia. Não bastam as hospedarias ; ficam transbordantes as casas particulares e a propria igreja, onde muitos romeiros passam a noite, á falta de outra pousada.

A fé, o doce balsamo para as grandes dores, e o cumprimento de uma divida sagrada, impelle para aquelle cantinho de milagres os crentes e os afflictos. O mais interessante, porem, o verdadeiramente caracteristico, é que muita gente vae pagar promessas que não fez !

Acontece frequentes vezes estar um individuo qualquer gravemente doente ; então alguma pessoa

da familia ou de amizade levanta os olhos ao céo clemente e, num intuito piedoso, promette que, em estando completamente restituído á vida e á saude, levará o enfermo, pisando descalço as pedrinhas da estrada, um feixe de lenha ás costas, ou uma perna de cera, ou uma talha de agua, ou qualquer cousa que o humilhe e o alague em suor, ao misericordioso, ao poderoso, ao todo justo Bom Jesus de Pirapora ! Pelo caminho encontram-se grupos curiosos : ora umas mulheres que se arrastam de joelhos, ora outras com pedras á cabeça. Homens esfalfados de canção, conduzindo pela arreata os animaes bem ajaezados. De longe em longe brilha num ponto e noutra da estrada uma luzinha : é um cirio que uma devota leva.

Acabada a festa e findo o sacrificio, voltam tranquillos para as suas casas, na doce alegria, na imperturbavel serenidade que dá a consciencia de um dever cumprido. Como preservativo de futuras doenças, trazem comsigo, em cadaço branco, a medida da cabeça, do ventre ou das pernas da imagem do Senhor Bom Jesus. Desde então não ha pessoa amiga que soffrendo da garganta, de rheumatismo, ou de qualquer incommodo physico, emfim, não ponha sobre o logar affectado a medida correspondente, como a melhor e a mais benefica das panacéas !

Nhá Colaca não declarou em que consistia o sacrificio destinado a Octavio. Era um segredo que só ao doente deveria ser revelado, sob pena de perder a virtude !

Ella adorava o Senhor Bom Jesus, do qual tinha um *registro* na parede do quarto. Logo de manhã, o seu primeiro olhar era para o santo, muito resignado, de tanga, capinha curta e mãos atadas. Ella benzia-se, e agradecia-lhe do fundo da sua boa alma o ter-lhe concedido a graça de ver ainda a luz d'esse dia !

Depois do almoço as auctoridades policiaes partiram, debaixo de um sol ardente.

Na caixa do trolly mandou a dona da casa pôr uma cesta de ameixas muito doces, para as filhas do sr. delegado.

Vendo-se a distancia da casa de Medeiros, perguntou o escrivão :

—Que julga de tantas hesitações, e como devemos proseguir no processo ?

—Não é preciso esforço para apprehender a verdade, e... Ah! interrompeu-se para accender o charuto já entalado nos dentes.

—E ? tornou o escrivão.

—E quanto ao processo, é talvez d'aquelles em que a conveniencia manda pôr pedra em cima...

XVII

Trigucirinhos e Nicota seguiram para Casa Branca numa bella manhã azul, depois de terem feito as suas despedidas á familia em Santa Geneveva e de convidarem Octavio para que fosse convalescer em sua casa, aproveitando tambem o bom tempo das caçadas e a estação das *fruitas*, como muita gente na provincia denomina as jaboticabas.

Fructas é a designação de especies variadas, desde a gabirola selvagem até o pecego bem tratado; *fruitas*, porem, é termo applicado unicamente ao delicioso fructo das jaboticabeiras, arvore que, nascida espontaneamente nas mattas, sem cuidados, sem regas, sem podas, tem a fórma bizarra, desigual, caprichosa, o tronco alto, robusto, mosqueado de havana, e as raizes alongadas em de redor, como umas grandes garras nervosas.

As *fruitas*, redondas e pretas, brotam do tronco e, agarradas á madeira, espalham-se, num prodigio de fecundidade, até a ultima nervura da raiz, salientada no chão.

Têm outro aspecto as jaboticabeiras plantadas nas ruas dos pomares ou nos recantos dos jardins;

ahi endireitam o tronco assetinado até menor altura, arredondando symetricamente a sua copa verde-escura, de folhagem miudinha.

Trigueirinhos dizia ter no seu sitio um bosque de jaboticabeiras e convidava com instancia a familia.

Prometteram todos ir passar lá uns dias e fizeram-se as despedidas sem grande enternecimento.

Dr. Castro vinha duas vezes por dia ver o seu doente, cujo estado só no fim de uma semana declarou livre de perigo. Eva continuou a auxilial-o no curativo, até que o apparelho foi levantado definitivamente; deram os parabens ao convalescente, que no intimo sentia ver extinguidas as unicas horas suaves para si, aquellas em que a prima, curvada sobre o seu leito, como um anjo de caridade, tratava d'elle com o desvellado carinho de uma enfermeira inegualavel! Tinha ás vezes vontade de beijar-lhe a mão, pedindo que lhe perdoasse por ter duvidado d'ella! queria interrogal-a, ou antes, desejava contar-lhe, nessa intimidade de irmão, tudo o que ouvira na maldita noite em que o haviam ferido. Que explicação podia dar-lhe? como e porque envolveriam o seu nome naquella intriga baixa e cruel? mas Octavio não ficava um minuto a sós com Eva: ella preenchia o seu dever e saía do quarto antes de mais ninguem, para ir informar por escripto o dr. Morton e Paulo, do estado do doente, por quem ambos se interessavam muito.

Reinava na fazenda uma quietação profunda, aggravando a tristeza da familia.

Medeiros, passados os maiores cuidados com o enfermo, inquiriu parte dos escravos, no tronco, ouvindo a historia singular de um desafio de capangas, mandados por alguém com o fito de os revoltar. D'esse alguém elles calaram a principio o nome ; mas, obrigados pelas ameaças e castigos, confessaram por fim ser o de Eva.

O fazendeiro ouvia-os de pé, e o feitor executava as suas ordens com desembaraço e calma, escolhendo uns escravos para surrarem os outros.

Naquella atmospherá carregada, cheirando a sangue, cortada pelas vibrações sibilantes das pontas do *bacalhau* e pelos ais dos negros, o nome de Eva parecia funebre, repercutindo-se sempre como um dobre a finados aos ouvidos do commendador.

Ás vezes, um grito mais pungente feria-o no coração ; mas lembrava-se do seu pobre Octavio, e a sêde de vingança abafava depressa o sentimento de misericordia. Houve um momento em que os ais esmoreceram : era preciso transferir o castigo para outras victimas ; áquellas, extenuadas, deveriam ser dados os curativos do costume.

O feitor designou então para o supplicio um outro escravo e para carraseo o proprio pae da victima ! No quarto sombrio, onde gottejava o sangue dos corpos quentes, estirados e nús, houve uma scena de dolorosa angustia. O filho avançou rapido para o logar da tortura, despiu-se elle mesmo, num movimento febril, e pondo as mãos para traz en cruzou-as, para que as amarrassem ; mas o pae continuou no seu canto, com a cabeça baixa,

os olhos reluzentes, as pernas tremulas e a respiração offegante ; foi novamente intimado, mas não deu um passo ; um silencio de admiração e de angustia succedeu ás imprecações e gemidos. Depois de alguns instantes, o feitor repetiu a ordem outra vez, num tom forte e aspero, e o algoz caiu de joelhos, elevando para o tecto escuro, como a procurar atravez d'elle o Deus elemente, um olhar cheio de lagrimas e as mãos supplices.

Medeiros saiu para o terreiro, suffocava ; não comprehendia bem o que se debatia dentro do seu coração, mas havia alli indubitavelmente uma força brutal, todos os sentimentos ! Lá no quarto do tronco que se terminasse a abominavel scena, comtanto que seus olhos não a vissem ; sentia-se fatigado, mordido de remorsos que o perseguiram como uma matilha brava e soffrega da presa ! Desgraçada condição a que se sujeitava ! Para elle o castigo era a necessidade absoluta, rigida, indispensavel. Sem elle não haveria disciplina. Os negros são como os soldados, que lá têm o calabouço e os castigos corporaes, para comprehensão mais rigorosa dos seus deveres. Por isso, muitas vezes, calcando a piedade, reprimindo o impulso da natureza, contrafazendo a alma, ordenava a execução das mais absurdas e intoleraveis penas ! Medeiros sentia amargamente essa verdade. Doiam-lhe agora os golpes que mandava vibrar nos servos e desviava a vista, impressionado, dos instrumentos de tortura : a grande palmatoria, o relho, a garga-lheira de alto gancho, as algemas encorrentadas,

todo o arsenal de instrumentos inventados pela feroçidade humana, pendurados em uma linha na parede sombria do quarto do tronco. Sentia-se cansado d'aquella vida de sustos e de cuidados; não podia conciliar o somno, sem ter a certeza de que os escravos estavam fechados por fora, no quadrado, e que o feitor guardava a chave debaixo do travesseiro.

Julgava-se no direito de exercer a justiça pelos mais barbaros processos; mas de vez em quando voavam alarmados na sua consciencia, como grandes corvos negros e pesados, os receios de uma vingança justificada! Seguia os mesmos processos usados pelo pae, que por seu turno os seguira do avô; desde creança habituara os olhos e o espirito áquelles quadros feitos de sombras, dores e lagrimas, e affizera-se por tal forma a elles, que os achava naturaes e indispensaveis. Caía, contudo, em contradicções desde que Eva fora habitar Santa Genoveva, e principalmente depois da chegada de Octavio. Os dois moços tinham levado ao seu espirito endurecido e indifferente uns preceitos de moral sã e vigorosa, filhos da compaixão, do amor evangelizado por Christo e preceituado pela egreja—o amor ao proximo; amor que elle, no seu egoismo, nunca pudera comprehender! Medeiros acordava, mas acordava aos poucos, duvidando ainda se era vigilia ou somno o que sentia. Tinha ás vezes vergonha, deante da serenidade de Eva ou de Octavio, de, em um assomo colerico, abrir brutal e escancaradamente a sua alma estupidificada e

entorpecida pelo abuso dos crimes, como um chim pelo abuso do opio. Reagia contra aquelles sentimentos, e para penitenciar-se sacudia com força a piedade que o ia invadindo, e impunha castigos mais rigorosos. Vinha logo depois o remorso perseguido e encravar-se no seu coração. Assim, ora activo, ora humilhado, escondendo o medo em um desesperado rancor, ia atravessando os dias.

Consolava-se com o exemplo de outros fazendeiros mais barbaros que elle.

Lembrava-se de se sentir arrepiado com a narração de um facto occorrido em uma fazenda de Campinas. O *senhor*, de imaginação fertil no odio, tinha mandado surrar um escravo; até ahi nada de extraordinario... mas depois, sobre as grandes bocas dos golpes e por todo o corpo derramara em camadas grossas o mel, o doce e puro mel de abelhas, e assim unguido foi o infeliz amarrado a um poste, no terreiro, exposto ás grandes nuvens de insectos que desciam zumbindo, deliciados por tão opiparo quão inesperado banquete. O negro, sem poder defender-se, via descerem as vespas, cobrirem-lhe o corpo, movendo voluptuosamente as azas transparentes, a sugar com avidéz o seu sangue envenenado pelo desespero e pela raiva. E o sol illuminava aquella scena com a sua luz de ouro, brilhante e casta!

Occorriam á memoria do fazendeiro outros casos. No sitio do Gusmão, seu vizinho, tinham apparecido esqueletos nos charcos, e constava serem de escravos suppliciados pelo dono. O proprio compadre

Antunes havia abandonado, depois de uma grande surra, uma negra, que, sem se mexer, nem lavar, criara bichos por todo o corpo e morrera já podre... O Juca Ramalho tivera numa gaiola, presa, durante quinze annos, uma rapariga mulata, sobre quem recaíam suspeitas de envenenamento; a miseravel, na sua jaula estreita e segura, cosia o dia inteiro em tarefas rigorosamente impostas... Medeiros recordava todos os acontecimentos no genero, os mais pavorosos e inacreditaveis, para revestir os seus actos de uma cor mais suave e piedosa: Sim! elle não faria nunca semelhantes barbaridades; limitava-se a reproduzir os castigos communs, dictados á sua classe como unico meio de ordem e segurança.

Havia, comtudo, outros mais clementes que elle, que premiavam os escravos, davam-lhes terrenos para cultura e direito de venda e ganho; que não usavam pégas nem viramundo, e adormeciam sem sobresaltos nem cuidado na chave do quartel! Lembrando as insinuações do filho e da sobrinha, Medeiros lamentava não ter sido um d'esses, e promettia a si mesmo emendar-se... depois de vingado o ferimento de Octavio!

Voltou á casa do tronco; o pae negro, chorando, azorragava o filho. Medeiros, num assomo de compaixão e revolta, suspendeu o supplicio. A atmospherá morna, impregnada do cheiro acre do suor e do sangue, deu-lhe uma nausea; a vista escoreceu-se-lhe, uma vertigem fel-o tropeçar num corpo humido, estirado no chão, e nuns passos

precipitados e vacillantes chegou á porta, tacteou-a, abriu-a e tornou a saír. O ar fez-lhe bem; respirou amplamente e tomou o caminho da casa, moído, impressionado e ouvindo ainda o nome de Eva pronunciado entre gemidos, pelos escravos açoitados. Tudo por causa d'ella! ponderava Medeiros, indignado. Entrando na sala, foi direito á rede e deitou-se; perguntou por Octavio ao pagem, o Saturnino, mulato alto, *pernostico*, muito estimado na familia. Saturnino voltou com boas noticias: Octavio tinha-se levantado e lia numa cadeira de balanço, rodeado de almofadas. E o pagem, depois de o informar da saude do senhor-moço, entregou-lhe duas cartas e um masso de jornaes. Medeiros pediu café e rasgou o envelope assetinado e azul de uma das cartas. Era de Nicota: fallava pouco da familia de Trigueirinhos e pedia á mãe umas receitas de bolos de espeto e de sequilhos, concluindo laconicamente: «quando quizerem *virem*, avisem.»

A segunda carta era de um fazendeiro de S. Carlos do Pinhal, o Siqueira Franco, homem de afamada riqueza, dono de muitas terras, entre outras a chamada—Morro-verde, cuja colheita nunca era inferior a trinta mil arrobas! Medeiros teve uma surpresa agradável, que até certo ponto attenuou os desgostos porque tinha passado nessa manhã; a carta dizia assim:

«Meu bom amigo commendador Medeiros.

As mulheres devêm ser escolhidas como os porcos, pela raça, porisso peço-vos para meu filho Julio, que v. bem conhece, a mão de uma de suas

filhas. Responda com brevidade; sabe quaes as
nossas circumstancias e genio trabalhador e serio
de meu filho. Se quizer avise logo, para nós irmos.

Seu amigo attento obrigado—*Anastacio de Si-
queira Franco.*»

XVIII

Eva cosia no quarto umas libitas, (1) para um negrinho seu afillado, quando ouviu bater á porta; Era Noemia; vinha muito pallida e com os olhos lacrimosos.

— Que é isso? interrogou a prima assustada.

— Ah! Eu sou muito infeliz, Eva!

Noemia atirou-se de bruços na cama, abafando os soluços nas almofadas.

— Que ha de novo? não seja creança!

Noemia não respondia; chorava sempre.

Eva sentou-se a seu lado, deu-lhe um calman-te, fel-a sentar-se, e ageitando-lhe o cabello perguntou-lhe com meiguice?

— Agora, diga-me que lhe aconteceu?

— Uma coisa muito triste! respondeu entrecortadamente a pobre menina.

— Meu Deus! que seria!

— Pae quer casar-me!

— Ah! e com quem?

— Eu sei lá! com um bruto... com um estúpido qualquer! mas eu não quero e... e não quero!

(1) Camisolas de pala.

— Não ha de ser tanto assim! ora um bruto! um estúpido! talvez seja um rapaz até bem educado... Como se chama?

— Julio Franco...

— Não conheço...

—Nem eu, mas imagino! sabe como e em que termos é feito o pedido?

—Como hei de eu saber?

—Pois é assim, repare bem: *As mulheres escolhem-se como os porcos, pela raça*, por isso peço para o meu Julio a mão de *uma de suas filhas!*

E apezar de chorosa, Noemia não pôde reprimir uma gargalhada; Eva sorria com tristeza.

—E agora?

—Agora não sei... aconselhe-me, que hei de fazer?

—Oh! filha... porque não é franca para com seu pae?

—Pae zanga-se... e eu fico com medo...

—Mas olhe, ha certas coisas que a gente diz com muito mais facilidade a uma mãe; conte á sua o que sente e ella hade protegê-la.

—Mãe não se atreve a contrariar a vontade de pae. Não tenho ninguem por mim!

—Irei eu fallar ao tio Medeiros, apezar de não ser a pessoa mais competente; mas emfim talvez que elle me attenda... espere aqui, eu já volto!

—Não, Eva, não vá! disse rapidamente Noemia, levantando-se e interpondo-se entre ella e a porta.

—Porque?!

—Porque... porque... e Noemia, embaraçada, baixava os olhos, procurando uma resposta.

—O tio Medeiros disse-lhe alguma cousa a meu respeito?

Noemia balbuciou :

—Pae é seu amigo...

—Então? tornou Eva com um ligeiro sorriso de incredulidade.

—Sim... mas você bem sabe... elle tem uma maneira de pensar tão differente da sua! é capaz de suppor que... eu não sei... olhe:—não seria melhor pedir a Octavio que fallasse a elle?

—Occulta-me qualquer coisa, eu bem percebo isso... O tio Medeiros fez alguma observação contra mim; ah! excusa negal-o, disse, interrompendo um gesto de Noemia; não me zango, cada qual tem lá o seu raciocinio e a sua educação, e estou certa de que o caso não será tão grave que me prive de intervir num assumpto de tanto interesse para todos nós!

Noemia então contou á prima, desviando-a do intento de ir interceder por ella, que o commendador a chamara á sala e, depois de um discursosinho preparatorio, lhe entregara a carta do amigo, dizendo: O Luiz Anastacio pede uma das minhas filhas, esquecido de que Nicota já está casada ou imaginando que eu tenho mais de duas; ora, portanto, sois vós a noiva, visto eu não ter outra filha solteira. Tereis um excellente marido; ide dizer isto mesmo a Octavio. Ella protestara com receio, timidamente: não conhecia o rapaz... e jurara

seguir a opinião de Eva... A opinião de Eva! indagara raivoso o fazendeiro, qual é?! — É que o casamento sem amor é uma immoralidade, uma grande desgraça! Foi então que o commendador se zangou, dizendo que se Eva interviesse nos seus negocios de familia, elle...

—Acabe ! supplicou Eva á prima.

Mas esta, de novo suffocada em pranto, caiu-lhe nos braços, tremula, pedindo-lhe que não a abandonasse, que ella se sentia mal, muito mal !

Eva soccorreu-a, desapertou-lhe os vestidos, deitou-a, cerrou a janella á claridade intensa do dia, e encostada ao leito viu-a passar das convulsões ao somno, nuns suspiros lentos, fatigados.

A orphã de Gabriel deliberara arrostar com a colera do tio, a favor d'essa pobre moça meiga e boa, por cujo futuro tanto se interessava. Provocaria assim uma explicação sincera da parte d'elle. Repugnavam-lhe as indirectas ; gostava das situações francas. Comprehendia perfeitamente ser alli demais ; aborreciam-n-a e ella tinha resolvido retirar-se quanto antes para a sua querida e silenciosa casa do Mangueiral.

Lembrava-se com amargura da ultima vontade expressa por seu pae, queria seguil-a e obedecer-lhe em tudo. Elle tinha sido um homem raro, bom, justo, caritativo, affectuoso e incapaz de um acto leviano ; sempre reflectido, sempre sereno, sempre cheio de boa fé e aureolado de virtudes. Por isso tudo foi que elle a puzera em casa do irmão,

cuidando abrigal-a das adversidades e das baizezas de uma sociedade ociosa e sem espirito !

Entretanto, era exactamente ahí que Eva encontrava sorrisos contrafeitos, ditos mysteriosos, insinuações malignas, um cortejo de intrigas impalpaveis e cobardes.

A sua dignidade ordenava-lhe que saísse, mas sentia-se presa allí, pelas palavras do seu grande amigo morto: *apesar de toda a amizade e confiança, Eva não deve morar só com Paulo, porque elle não é seu irmão.*

Para se retirar de Santa Genoveva, deveria, pois, casar-se. O marido seria o seu escudo ; ella, intelligente, altiva, honesta, não tinha direito nem podia assumir a responsabilidade dos seus actos !

Era necessario que um homem qualquer, embora de menos escrúpulos, ou de espirito inferior ao seu, a tutelasse, lhe desse um nome, talvez menos limpo, menos honrado e menos digno que o d'ella ! Sem o amar, sem lhe poder dar uma felicidade perfeita, ella teria de sujeitar-se á sua vontade, ao seu capricho, ao seu dominio, sacrificando a alma no exercicio de mentirosos deveres.

Tudo agora lhe parecia preferivel a ter de supportar com humilhação as desfeitas do tio, a quem o pae tão generosamente perdoara, offerecendo-lhe o que tinha de mais amado e de maior ternura—a filha !

Onde acharia Eva esse esposo que a arrancasse de uma prisão tão triste e falsa ? Pensava sempre, obstinadamente, no mesmo homem ! querendo desviar d'elle o espirito, para elle voltava, attrahida por

uma grande força mysteriosa! Com elle construía os mais brilhantes sonhos de futuro; com elle parecia-lhe a vida muito mais formosa e doce; mas esse alguém não demonstrava amalia; mas esse alguém fora sempre para ella quasi indifferente e frio! D'elle escondia recatadamente as mais tennes manifestações de amor, num escrupulo de requintado orgulho. Se elle não quebrasse o encanto, não seria ella quem se revelasse; viveriam todá a vida ao lado um do outro, a olharem-se sem se comprehenderem, sem se fazerem felizes! Amar outro homem? Impossivel! casar com outro?...

Eva procurava esse outro entre o pequeno numero dos seus pretendentes.

Errou-lhe o espirito muito tempo de uns para os outros, sem se poder fixar em qualquer d'elles! masurgia tomar uma deliberação, e Eva, sendo activa, era resoluta. Depois de uma hora de meditação sentou-se á mesa e escreveu com mão, que debalde quiz tornar firme:

«Meu bom Paulo.—Fez bem em revelar-me o segredo do dr. Azevedo; resolvida a deixar quanto antes esta casa, offereço-lhe a minha mão. Escreva-lhe e proporcione um desenlace rapido a este meu projecto.—Sua Eva.»

Fechou a carta, saiu em bicos dos pés para não accordar Noemia e ordenou ao pagem que a levasse immediatamente ao Mangueiral. Quando voltou, Noemia tinha accordado e estava sentada na cama abotoando o vestido para levantar-se.

— Como está?

— Melhor... É muito tarde?

— Não: são quasi tres horas.

— Ih! já chamaram para o jantar?

— Ainda não...

— Teremos tempo de fallar a Octavio? agora me lembro de que elle me pediu para chamal-a!

— A mim!

— Sim: mas fiquei tão atrapalhada, que me esqueci! Se eu pudesse livrar-me do tal noivo!

— Não pense nisso agora; e espere, que se ha de arranjar tudo!

— Quall pae quando diz as coisas não volta atraz!

— Veremos. Vamos fallar a seu irmão.

Noemia levantou-se, beijando a prima com reconhecimento, e atravessaram juntas a sala de estudo, parte do corredor e da varanda. A dona da casa balançava-se ahi na rede, cosendo ao mesmo tempo; a seus pés dormia regaladamente uma negrinha de poucos mezes, muito envolta em trapos. A pequena distancia uma mulata gorda engommava uma saia de alto folho bordado.

O Saturnino, sentado á porta do terreiro, polia o metal de uns arreios; Noemia chamou-o, elle levantou-se logo, muito respeitoso, e ouviu a ordem de ir saber de Octavio se lhe poderia fallar.

— Que sim, voltou elle dizendo com os seus gestos e phrases adocicadas e pedantes. Meu senhor-moço Octavio manda participar ás minhas senhoras que está prompto para receber tão honrosa visita! e curvou-se muito, mostrando num sorriso a falta de dentes.

XIX

O quarto de Octavio era pouco espaçoso, mas alegrado por duas janellas sobre um pateo lateral. Forrado de papel cinzento, com uma mobilia solida simples, a cama larga, o lavatorio todo de marmore, as cadeiras de espaldar alto, firmes, erectas como soldados em continencia, ao pé de uma pesada mesa quadrada o convalescente, recostado em almofadas, lia uma revista de engenharia, recebida poucas horas antes.

Barbeara-se, puzera na sua *toilette* de doente um apuro elegante. Transpareciam no seu rosto viril uns bons prenuncios de saude e de energia. Tinha vestido, pela primeira vez no Brasil, uma robe-de-chambre de seda indiana, escura, com arabescos e cornucopias brilhantes, forrada de verde-malva; enrolara nos joelhos uma manta persa, trazida egualmente de Berlim, da passageira epocha de umas entrevistas amorosas com a mulher de um negociante rico da avenida das Tílias.

Quantas vezes a loura cabecinha da amante se encostara perfumada e languida no seu hombro, emquanto os seus labios, numa avidéz de abelhas, lhe procuravam todo o mel dos beijos! Lembrara-se

d'ella naquella manhã, quando o Saturnino lhe levava a robe-de-chambre, segura cortezmente nas pontas dos dedos, e lhe entregara um objecto que tinha encontrado no bolso, um lenço pequenino, de seda crua, com as iniciais T. R., bordadas a cor de ouro e *marron*. Eram as suas iniciais! Viera aquelle lençinho ignorado trazer-lhe uma lembrança que o não visitava havia muito.

Como principiara aquillo? como acabara?

Tinha começado num baile da legação brasileira; ella, vestida de Tonkim branco, fora-lhe apresentada pela mulher do ministro como uma das suas antigas condiscipulas no convento.

Como tinha acabado? numa noite de inverno; ella entrara no seu gabinete de rapaz solteiro e atirando para o chão a capa de velludo que a envolvia toda, lançou-lhe os braços ao pescoco, cobriu-o de caricias, num extravazamento de ternura indomita! Subitamente, retrahindo-se, disse-lhe que se não tornariam a ver, mandou buscar ao coupé o cofre das cartas, exigindo de Octavio as d'ella. Atiraram todas para o fogão, contemplando silenciosos as chammas que tantas chammas consumiam, e, sem outro adeus, separaram-se!

Elle vira-a depois, uma vez, na rua, num carro descoberto, ao lado do marido, que o cumprimentou tirando rasgadamente o chapéu; ella moveu ligeiramente a cabeça, com orgulhosa indifferença. E, nem elle pensou mais nella, nem ella pensou mais nelle.

Octavio cheiron o lenço: tinha uns leves vestígios de *white-rose*. Sempre que de perto ou de longe aspirava este aroma, sentia-se transportado áquelle rapido periodo de amor luxuoso, comquanto facil.

Sobre muitas pessoas os cheiros exercem egual influencia. Todas as terras, todas as casas e mesmo todas as pessoas têm o seu cheiro peculiar: d'ahi a lembrança que muitas vezès o olfacto nos accorda, de uma cidade, de uma rua, ou de uma habitação.

Octavio volteou nos dedos o elegante lençinho, atirando-o depois numa gaveta aberta por acaso; foi polir as unhas, preocupado com outros pensamentos.

Decidira fallar a Eva seriamente nesse mesmo dia, e rogar-lhe que lhe dissesse de quem deveria desconfiar em todo aquelle drama. Ella que o ajudasse, que lhe esclarecesse o espirito em trevas! Não duvidava, nem consentia que duvidassem d'ella! amava-a! amava-a como um louco!

Para elle, Eva era, apesar de todas as provas que accumulavam contra a sua reputação e boa indole, a personificação da pureza, da bondade, da compaixão e do bom-senso. Revestia-a de todas as virtudes, endeusava-a, amaldiçoando o momento em que chegara a duvidar d'ella tambem.

Julgava-se agora indigno de lhe tocar na mão que tão bemfazeja se extendera sobre o seu leito, a dar-lhe, com os curativos delicadamente feitos, o balsamo para as suas atrozes dores!

Qual seria o infame que trabalhava assim para a perder ? Com que interesse ? Qual o motivo para tão inexplicavel animosidade ? Até onde quereria levar a desgostante situação ? Seria possivel que Eva ignorasse tudo isso ?

Octavio reflectia d'esse modo quando Noemia entrou, trazendo, muito influida, um papagaio a que já ensinara a dizer a palavra—*tolo* !

— Quer ver, Octavio ? O meu papagaio já sabe dizer mais uma palavra ! Diga, meu louro : *tolo* !

E o papagaio, inflando o pescoço, repetiu com voz guttural e embrulhada : — *tolo* !

Ella riu-se muito e depois, reparando no irmão, exclamou :

— Bravo ! que luxo ! mal empregada coisa num sitio tão triste ! Que bonita seda ! na Europa usam muito d'isto ? !

— Usam ; e aqui tambem.

— Aqui ? ! eu nunca vi...

— Certamente ; são trajes caseiros, em que só na intimidade da familia se pode apparecer.

— Quando eu me casar, hei de dizer a meu marido que compre uma coisa assim...

Bateram á porta, e uma mucama disse do lado de fóra :

— Nhá Noemia ! Sinhô tá chamando mecê !

— Já vou ! respondeu ella alto ; e depois a meia voz : para que será ? ! Bem ! até logo, Octavio ! E ia a sair.

— Escuta, vem cá ! interrompeu-a o irmão ; ella voltou-se, elle proseguiu : Depois de fallar com

pae, peça a Eva para vir conversar um pouco comigo!

— Ora essa! o senhor quer uma entrevista com a priminha! E fez um sorriso e um olhar maliciosos.

— Que tem isso?! não é natural que me agrade a conversação d'ella?

— É; olhe, eu por mim acho-a preferivel a todas as outras.

— Eu tambem... mas vá, que pae não gosta de esperar!

— É mesmo; adeus.

Noemia saiu correndo.

Passou-se uma hora, e depois outra, sem que nem a irmã nem Eva apparecessem a Octavio; elle fumou, leu, planejou a melhor maneira de atacar o assumpto que tanto o preocupava, e voltava de novo á leitura quando o Saturnino, inclinando-se deante d'elle, lhe perguntou:

— Meu senhor? as minhas senhoras desejam saber se pode-as admittir...

— Quaes senhoras?

— Minha sinhá moça d. Noemia e...

— Sim, sim, que entrem!

Dois minutos depois entraram Noemia e Eva.

— Desculpe tel-a incommodado, disse Octavio á prima, tentando levantar-se.

— Esteja a seu gosto, não se levante! e quanto ao incommodo que me deu mandando chamar-me não foi nenhum, tanto mais que eu preciso mesmo fallar-lhe.

— É verdade, murmurou Noemia, Eva tem muito que dizer!... a respeito de uma coisa triste que aconteceu hoje...

— Sim?! perguntou o moço, voltando-se para a prima.

— Realmente, tornou-lhe esta, o meu caso é com certeza mais urgente que o seu, e é natural que também seja mais grave; por isso tenha paciência, mas hei de ser a primeira a fallar...

— Nem podia deixar de ser assim!

Eva narrou então a Octavio, pedindo a sua intervenção, a historia do pedido de casamento, as lagrimas de Noemia e o seu justissimo pavor pelo futuro!

O moço socegou-as; elle convenceria o pae de não dever contrariar a vontade da filha, despersuadindo-o de levar a effeito planos de tal ordem.

Houve uma pausa. Foi Eva quem cortou o silencio, dizendo ao primo:

— Então, agora é a sua vez!

— Sim... respondeu elle indeciso; depois voltou-se para a irmã:

— Deixa-nos um momento, Noemia; tem paciência!

Decorreram alguns segundos sem que nem um nem outro articulasse uma unica syllaba. E era já tarde, o relógio de parede lá fóra vibrava uma pancada sonora: a da meia hora depois das tres.

D'ahi a nada viriam interrompel-os, chamando para o jantar. Octavio reflectiu nisso e na inconveniencia de uma demora da prima, sozinha, alli;

por isso começou logo, embora muito embaraçado :

— Ouça-me com attenção, Eva ; tenho a pedir-lhe um esclarecimento, fazendo-lhe ao mesmo tempo uma revelação dolorosa. Primeiro que tudo, diga-me: não acredita que eu seja muito seu amigo ? E olhou-a com ternura, mergulhando nos olhos d'ella toda a vida dos seus.

Eva, attonita, não respondeu logo. A sua cadeira, muito chegada á de Octavio, punha-a em contacto com as dobras mornas da manta que o envolvia.

— Diga-me ! tornou elle com insistencia, não acredita na minha sinceridade ?

— Certamente ! respondeu ella, procurando em mente o motivo para semelhante pergunta.

— Então, se eu lhe fizer uma pergunta ou der um conselho, não o receberá com desconfiança, nem ficará zangada ?

— Não... nem sei que haja razão para desconfiarmos um do outro...

— Bem ! agora outra coisa : Eva tem algum inimigo ?

— Eu ? não...

— Absolutamente nenhum ? !

— Que eu saiba, pelo menos, nenhum !

— É singular...

— Porque ? !

— Faça um esforço de memoria !

— Não é preciso ; a minha vida tem sido tão simples, que eu de um relance vejo-a toda !

— Nunca fez mal a ninguém, nem directa nem indirectamente?

— Que lembrança, Octavio! nunca! ou se fiz foi inconscientemente!

— Está, visto isso, perfeitamente tranquilla? Ainda bem... ou, talvez que ainda mal!

— Porque diz isso? ha qualquer coisa contra mim? diga com franqueza! eu ando desconfiada e o melhor é...

— Aclararmos a situação; de accordo. Você não é uma creança futil; ao contrario, é ponderosa e forte. Mas primeiro que tudo ha de me fazer uma promessa!

— Qual?

— De guardar silencio do que dissermos aqui!

— Julga-me leviana?

— Não, mas nada mais natural que desejar confiar... a seu irmão, por exemplo, tudo o que me ouvir!

— Na verdade não tenho segredos para elle, e, quanto mais importante me parece um facto, mais me apresso em communicar-lh'o e pedir-lhe conselho!

— Estima-o muito? perguntou Octavio, curvando-se para ella, esquecendo momentaneamente, á dor do ciuime, o objecto fundamental da entrevista.

— Muito, respondeu Eva corando.

— E elle corresponde-lhe?

— De igual maneira!

— Tal e qual, como se realmente fossem irmãos?

—Mas foi para me fazer taes perguntas que me mandou chamar?!

— Vê! já está zangada!

—Não estou! eu sei que, como convalescente você gosa de muitos direitos: não o contrariarei...

Octavio sorriu-se, pegou-lhe na mão e ia fallar quando ouviu a voz do pae, que se vinha encaminhando pelo corredor.

Octavio apontou á prima a porta da sala, murmurando rapidamente:

— Saia, Eva, fallaremos depois; não convem que a vejam aqui neste momento. Obrigado pela sua condescendencia. Conte que tem nesta casa um defensor, um servo dedicado e capaz de todos os sacrificios para salva-la, se acaso a vir em perigo algum dia!

Eva levantou-se e fixou com estranheza os olhos no primo; depois, respondeu com voz firme:

— Eu não saio d'este quarto sem que você me explique o sentido de suas palavras. Aceito e retribuo a amizade que me offerece, aceito mesmo a protecção, mas não quero sacrificios nem consentirei nunca que se exponha por minha causa a situações perigosas... Não ha, nem haverá necessidade d'isso; não faço mal a ninguem, nem dou credito a intrigas; o que peço é a lealdade de me dizerem claramente se os incomodo aqui.

— Eva! perdoe-me, isto é um resto de febre! Eu não sei fallar-lhe, vê, que quer? quem não a estimará? quem não a... Olhe que offensa me

atirou! como é má... e esforçava-se por sorrir, segurando-lhe na mão, olhando-a com amor.

Eva escutava-o, immovel, pallida, surprehendida, enquanto a figura do tio se desenhava entre os humbraes da porta.

O commendador estava nesse dia desesperado contra a sobrinha; a confissão dos escravos e a recusa de Noemía ao casamento com o Franco, por influencia da prima, acabaram de accentuar-lhe no espirito a resolução de a afastar de Santa Genoveva, de a mandar embora, clara e definitivamente. Vendo o filho livre de perigo, já de pé, cessou de considerá-lo como um dever a concentração do seu odio e deixou-o explodir.

— Então, disse elle, approximando-se de Eva, com os braços cruzados e o olhar em fogo; não basta que a senhora vire a cabeça dos meus negros; anda agora tambem virando a cabeça dos meus filhos? Que faz aqui?

Ella fitou-o com altivez e assombro, e Octavio respondeu logo:

—Eva veio a meu chamado. Acabei de pedir-lhe a sua mão.

A estas palavras o commendador, estupefacto, arregalou os olhos e rugiu com força:

— Isso é o que ella queria!

— E é o que eu mais ardentemente ambiciono. Diga-me, Eva, disse elle, voltando-se para a prima, consente em ser minha mulher?

Medeiros mordeu os beiços com raiva; e Eva, levantando a voz e endireitando o busto, depois de

fitar desdenhosamente o commendador e de lançar a Octavio um olhar de orgulhosa altivez, responderem com firmeza esta unica palavra decisiva e terminante:

— Não.

Ouvindo esta resposta secca e firme, pronunciada num tom de inappellavel resolução, em que transparecia o character recto e sereno da moça, Octavio tornou-se livido. O pae riu-se com ironia, abanando a cabeça, e Eva saiu.

Nessa mesma tarde a orphan de Gabriel Me-deiros despediu-se da tia e de Noemia, que chorava muito, e desceu a escada de pedra de Santa Geneveva; em baixo, no terreiro, esperava-a o trolly já prompto e o feitor, o Honorato, a quem tinham ordenado que a acompanhasse ao Mangueiral. Eva tomou com repugnancia logar a seu lado, o cocheiro fustigou os animaes e partiram.

O caminho era longo, sinuoso e pittoresco. Iam beirando um rio estreito e sombrio áquella hora; a agua marulhava nas pedras monotonamente e as rãs coaxavam atoladas nos limos das margens. Eva ia silenciosa, pensando na singularidade da sua vida, nos casos imprevistos e mesmo romanescos, que lhe iam succedendo naquelle meio tão rotineiro e tão avesso a aventuras, e invejava a passividade, a doce tranquillidade das outras mulheres, rodeadas de affectos, de protecção e de confiança! Como era bom ter pae e ter mãe! Como era util ter um genio sereno, moldavel a todas as circumstancias! Ella herdara da familia materna aquella rebeldia e independencia de caracter, que a educação do pae, homem de raciocinio, pouco conseguira

attenuar. Elle applaudia-a algumas vezes, outras chamava-a precipitada e fazia-lhe pacientemente ver o erro em que havia incorrido.

Eva concentrava-se nestas lembranças, quando o Honorato principiou a fallar, sem olhar para ella:

— Os diabo dos negro faz farta! quando os mardito levá di réio, ahi elles ha de se arrependê...

Eva continuava muda, elle proseguia:

— Os cafezá tão no matto! porquê os cachorro não pode trabaiá dérétó... mais tambem despois elles fica macio que nem setim... bem faz o vizinho Simão, aquelle é que não peldôa mêmô! Sabe aquelle Bento véio que costuma i lá in casa?

Eva não respondeu, elle continuou:

— Fugiu! mais os capitão do matto agarraram elle e foi mettido no tronco prá sê sóvado... o bora-co do tronco tava muito apeltado, d'ahi o pé d'elle inchou tanto qui foi pérciso os medico coltá... E riu-se.

Eva aconchegou o chale ao corpo: sentia arrepios.

— Negro sem chicote não é gente mêmô. É á tóa... O matto tá cheio de quilombóla, tudo do José Dualte, qui é um lavradô sem corage... muito molle! si elle castigasse os negro d'elle não havéra de assucedê ansim... Tá hi, seu Antune é qui sabe lidá cum os preto!

Estas ultimas palavras, disse-as com intenção, olhando fixamente para Eva, que parecia impassivel.

— Foi elle qui amarrou os negro lá di casa... aquillo é qui foi barnio, hein, sá dona?

Eva não tinha ainda ouvido a descripção da revolta em Santa Genoveva. Não lhe parecia extraordinario o facto ; sem imaginar que o seu nome estivesse enredado nelle, fugia de fallar nisso, temendo emittir opinião desagradavel aos tios. Agora, que o feitor parecia disposto a pol-a ao corrente de tudo, sem que para isso ella desse o minimo motivo, perguntou-lhe :

— Quem foi o cabeça da revolta ?

— Ué, gentes ! mecê tá cáçoando ?

— Ora essa ! porque ? ouvi dizer que tinha sido o Damião... foi ?

— Ué ! que speranza ! ná terra !

Houve uma pausa ; Eva, enfadada, voltou o rosto e calou-se. O Honorato então disse a meia voz, mas já sem ser percebido :

— Se mecê tivesse escravo, mecê hávera desê mais rigorosa ; no que é alhô não custa fazê desórde !

Depois d'estas palavras fez um gesto de arrependimento, mas Eva já não parecia dar-lhe attenção. Attribuiu aquella referencia, como tinha attribuido a do tio, á sua piedade para com os escravos.

Honorato continuou :

— A mardade que os diabo teve de querê matá seu Octavio ! aquillo merece bem bom tronco !

Eva voltou-se rapidamente e fixou naquelle homem nojento, que ia alli a seu lado, um olhar cheio de curiosidade. Sentia grande repugnancia por elle, e desviava-se do seu contacto.

Desde que entrara em Santa Genoveva que o aborrecia ; via-o sempre de chicote em punho, os

grossos pés de pelle resequida e gretada, sem meias, dentro de uns sapatões de couro amarello, faca á cinta, camisa de algodão mal abotoada, cabellos asperos, palavras injuriosas a ferver-lhe na larga bocca sensual e carnuda, ignorante, carrasco, impondo-se pela força bruta, pela pancadaria; abominavel na sua profissão, intoleravel na sua estupidez. Ouvindo-o, porem, referir-se ao ferimento de Octavio, Eva não se pôde cohibir e dirigiu-lhe pela segunda vez a palavra :

— Mas quem seria que o feriu, e porque seria? elle é tão bom...

O feitor arregalou os olhos, pasmado, e depois, para certificar-se :

— Que é qui mecê tá dizendo áhi?

Eva repetiu a phrase; elle exclamou :

— Tão vendo só?! Isto é qui eu queria sabê de mecê...

Eva attribuiu estas palavras a egual ignorancia da verdade e calou-se pensativa.

Tinham perdido de vista o riozinho que apparecia numa e noutra curva do caminho, como um brejo meio encoberto de mattos e agriões.

Entraram por fim numa estrada larga, entre cafezaes escuros, promettedores de grandes safras.

Escondia-se o sol, incendiando os vidros das janellas de um casarão branco, isolado num extenso valle á esquerda, muito verde, cortado pelas listas vermelhas dos caminhos.

Na estrada amarellada, liza, viram ao longe um ponto escuro que, á proporção que se foram

approximando, verificaram ser um grupo de tres homens, dois capitães do matto, armados e ferozes, a arrastarem um negro magro, fortemente enleado por cordas grossas, abatido pelas vigalias e pela fome.

O negro, vendo-se já perto da casa do dono, recusava-se a andar, transido de medo, ficando no chão os pés escalavrados pelos espinhos e estrepes dos caminhos, mas as pernas, bambaleantes, tremiam e arqueavam-se; por vezes caía de joelhos, e era assim levado, de rastos, como um animal morto e pesado!

Atravez da pelle resequida, via-se-lhe desenhada em grandes traços salientes toda a carcassa; a carapinha arrepiada, suja de terra, tinha uns tons ruivos que faziam lembrar as cabelleiras dos diabos de magica; os olhos saltados rolavam nas orbitas, com fatidica expressão de loucura! E assim o desgraçado, sempre a debater-se, ia rolando entre imprecacões e ponta-pés.

Chegando perto do miseravel escravo, o Honorato levantou o chicote, para bater-lhe nas costas e incital-o a seguir; mas áquelle movimento brusco, Eva segurou-lhe no braço ainda no ar, com firmeza, nervosamente, e o troy passou.

Era demais! o feitor, vermelho de raiva, resmungou baixo:

— Por estas e outras é qui está tudo példido! Eu sempre quero vê de quê sélviu fazê áquella revórtá em Santa Genoveva... irra!

Excitada contra o seu companheiro, Eva gritou para o cocheiro que puzesse os animaes a galope.

Era já noite, quando, muito cansada e febril, parou á porta da sua amada e tranquillissima habitação. Apeou-se, entrou apressadamente e foi sorprendendo Paulo no seu gabinete de trabalho.

Paulo, depois de ter manifestado o seu espanto, perguntou-lhe quem a tinha acompanhado.

— Vim com o feitor; disse Eva ironicamente, e é bom darem de beber a esse animal!

— Eva!

— Vae, Paulo, vae!

Elle obedeceu e Eva, vendo-se só, começou a chorar.

O feitor de Santa Genoveva voltou pela mesma estrada, á baça luz do luar, assobiando alto, repoteado á vontade, com os braços abertos sobre o encosto do trolly.

O gabinete de Paulo era adornado com severidade; mobilia de jacarandá, mesa espaçosa com bem feitas carrancas a guarnecerem-lhe os cantos, estantes envidraçadas e cadeiras antigas de espaldar alto.

Alguns dos seus amigos riam-se francamente d'aquelle desusado luxo, dando-o como a mais irreversavel prova de pouco juizo. O engeitado, o filho adoptivo de Gabriel Medeiros enterrava as suas economias em coisas para elles superfluas, nos delicias objectos artisticos, tão raros na provincia! Entretanto, os agentes e commissarios dos grandes armazens de Paris recebiam listas enormes de *toilettes* caras; as senhoras encommendavam sedas e velludos, guarneciam-se de rendas, envolviam-se

em perfumes e habitavam casas sem conforto, aridas, quasi nuas e aborreceveis!

Os rapazes esbanjavam os seus lucros de lavradores ricos lá fóra, no jogo, com mulheres, em extravagancias de toda a ordem, e recolhiam-se sem alegria para os seus quartos cheios de apetrechos de caça, com roupas pelas paredes e garrafas de cognac e bolsas de fumo sobre as mesas.

A pouco e pouco abriram-se algumas excepções; já não se pediam só, exclusivamente, os vaidosos vestidos d'esta ou d'aquella modista; reclamavam-se tambem uns aparelhos de jantar com o seu monogramma, uns estofos ou uma mobilia a gosto do fabricante ou do expeditor. Comtudo, prevaleciam nesses pedidos os adornos de *toilette*. E a persistencia de Paulo em mandar ir para o sitio trastes elegantes, concentrando nisso todo o seu vicio, era tida como espantosa e absurda!

— Que se enfeite uma casa da cidade, diziam elles, vá! mas a do sitio!

No emtanto é na fazenda que o lavrador passa a maior parte da sua vida, é nella que lhe deslizam, bons ou maus, os dias; é nella que tem os seus interesses e o seu orgulho de fortuna!

Quando Paulo voltou, Eva, sentada perto da mesa, com os cotovellos firmados numa larga pasta de couro e o rosto entre as duas mãos, tinha os olhos ainda humidos e brilhantes.

Elle sentou-se em frente d'ella, fez gyrar o *écran* para que a luz do lampeão caísse em cheio sobre as feições da moça, e, inclinando-se um pouco,

perguntou-lhe carinhosamente o que se tinha passado. Parecia calmo. Eva estremeceu á sua voz avelludada e grave; levantou-se, deu algumas voltas na sala sem lhe responder; depois, aproximando-se d'elle, ainda de pé, com os labios tremulos e o olhar indignado, começou nervosa e ininterruptamente a narração de tudo: as injustificaveis e crueis phrases do tio, o pedido generoso de Octavio, a sua recusa e saída precipitada, a desconfiança de que a cercavam e a maneira pouco gentil de a tratarem.

Paulo escutava-a em silencio, com o rosto carregado por uma grande sombra de tristeza; deixou-a expandir assim todo o seu resentimento e colera; depois fel-a sentar-se e disse-lhe pausada e moderadamente:

— Você fez mal! De um movimento instantaneo e irreflectido depende muitas vezes a alegria da nossa vida inteira! Acredite, minha querida Eva, que quanto maior for a serenidade, mais certa é, em todos os casos, a victoria. Ora, Eva, você foi precipitada; não olhou a conveniencias nem transigiu com os seus deveres de tutelada! Abriu a valvula do seu temperamento e deixou-o fallar sem consultar a razão. Agora, sem o saber, poderá justificar alguma suspeita que talvez haja a seu respeito, coisa que poderia ter perfeitamente evitado!

— Eu não o comprehendo! Sempre o tive na conta de orgulhoso e de justo!

— Não o tenho sempre sido, porventura?

— E então ?!

— Escute: ha uma grande differença entre nós dois ; eu sou homem, independente, responsavel pelos meus actos, prompto a descer á lucta, a rolar com o inimigo na terra, na propria lama ! Você é mulher, sem pae, sem marido, sem um braço forte que a defenda, que apare os golpes que lhe forem dirigidos, que esbofeteie, emfim, quem se atrever a dizer-lhe uma palavra menos cortez ; provocar um sujeito pouco delicado e impetuoso é, portanto, um erro imperdoavel numa pessoa do seu sexo e do seu criterio !

— E é o filho adoptivo de meus paes, o *meu irmão* quem me diz isto ! exclamou Eva nervosamente.

— Sim ! sou eu, o filho adoptivo de seus paes, a quem prezei sempre, a quem devo posição, nome, fortuna, tudo, tudo ; mas não sou seu irmão, Eva ! A lei não me dá os mesmos direitos que o coração me confere ; e, se assim fosse, se a sociedade me julgasse digno de a proteger, de a amparar, de tomar a responsabilidade de suas palavras e das suas acções, como um verdadeiro irmão, porque não teria ficado aqui, no Mangueiral, a meu lado, na doce, na santa intimidade em que nos crearam seus paes ? ! Oxalá que eu pudesse ter aos olhos de toda a gente o dever de a aconselhar e de vingal-a !

— Mas esse é o dever de todo o homem de honra para com uma mulher honesta...

— Quando essa mulher é ultrajada em sua presença !

— Eu não fui em sua presença, mas negará também que eu tivesse sido ultrajada ?

— Nego.

— Oh !

— Você collocou-se numa posição falsissima em casa de seu tio : mais de uma vez eu lhe disse que as suas manifestações repetidas de piedade para com os escravos poderiam alli ser tidas como um desafio. A sua attitude energica e bondosa era com certeza mal interpretada, á vista dos tristes precedentes da familia... velhos rancores, coisas que a gente moça esquece e que a gente antiga conserva na memoria !

— Velhos rancores ! mas que tenho eu com isso ? Serei porventura a causa d'esse odio mysterioso que tantas amarguras deu a meus paes ?

— Não sei ; conheço tanto como você essa historia ! Algum motivo grave deveria tel-a determinado, apesar de que, nesse tempo, as rixas nas familias eram frequentes... mas, não se trata agora d'isso ; a verdade é que Eva foi imprudente.

— Não me arrependo !

— E a verdade é também que terá em breve um protector natural, um marido que a resguarde de todas as calumnias e traições. Tive escrupulos em mandar hoje a sua carta ao dr. Azevedo ; mandal-a-ei amanhã e o seu desejo será cumprido !

Paulo tirou a carta do bolso, releu-a alto e perguntou :

— Não está arrependida, Eva !

A moça continuou silenciosa.

— Persiste em offerecer a sua mão ao Azevedo?

— Persisto.

Paulo tornou-se lívido; depois, com um sorriso contrafeito :

— Farei o que manda.

Dobrou outra vez o papel e ia guardal-o quando Eva lh'o pediu, com um gesto, extendendo-lhe a mão. Paulo obedeceu, e ella, muito pallida, rasgou em muitos pedaços o papel, e atirou-os ao chão. Sentou-se depois num canto do divan.

— Decididamente, Eva, está demasiado nervosa !

— Sim, estou.

Paulo aconselhou-lhe prudencia e um esforço para se tranquillizar. Sem força de vontade, qualquer perigo é um abysmo, affiançava elle. Vá deitar-se e procure dormir. Isto de se entregar a gente a um desgosto é o mesmo que entregar-se a um inimigo. Descance e espere, que ha de ser feliz !

Eva levantou-se, extendeu-lhe a mão, que elle apertou commovido, e voltando-lhe as costas seguiu para o seu quarto sem lhe dizer mais nada. Paulo abriu a janella, sentou-se, e começou a fumar, reflectindo em tudo que ouvira e perdendo-se em conjecturas.

O dia seguinte amanheceu chuvoso e fresco, o ceu, cinzento, sem a mais pequenina nesga azul; as gottas de chuva caíam compassadamente, num tam-tam-tam rythmado, escorrendo nos vidros das janellas.

Eva levantou-se tarde: a fadiga, o grande desgosto da vespera, tinham-n-a extenuado; dormira toda a noite um somno profundo, produzido pelo violento choque que soffrera.

Vendo-se no seu antigo quarto, dormindo na mesma cama estreita, para onde tantas vezes vira curvar-se sollicitamente a sua querida mãe, contemplando aquellas paredes claras, sem adornos, a mobilia elegante e leve, o alto espelho em que pintara a um canto um bando de andorinhas... revendo assim, ao accordar, aquelles objectos queridos a que dera outr'ora tantos dos seus cuidados, Eva sentia-se triste e alegre alternadamente e alheia á sua situação, como se tivesse ido para alli na melhor paz do mundo!

Depois de erguida, remexeu nas gavetas: logo na primeira deparou com o seu livro antigo de orações, de marroquim granada e fechos de prata,

presente dos paes no dia da sua primeira commu-nhão. Que recordações elle lhe despertou! Como se tinha sentido feliz, nesse dia, no seu lindo vestido de cambraia branca e veu de filó sobre a grinalda de rosas... fora naquelle mesmo quarto que ella se vestira assim! Palpitante de alegria, como uma pombinha alva ensaiando o seu primeiro vôo! E da gaveta iam saindo varios objectos perfumados pela saudade de uma epocha distante e feliz. Agora era um leque de sandalo já quebrado e muito pequeno, que o dr. Morton lhe dera num dia de Natal, quando, ainda de vestidos curtos, ella acreditava que as fadas andassem por este mundo a semear pastilhas de chocolate e bonecas bonitas nas camas das creanças! D'ahi a nada era uma pasta com os seus primeiros desenhos, coisas monstruosas, egrejas mais baixas que os homens, homens mais baixos que os bois e bois mais baixos que as ovelhas! Seguiu-se o seu segundo livro de leitura, o *The-souro dos meninos*, já rôto, amarellado, cheio de flores seccas; depois umas rendas de *crochet*, trabalhadas sem capricho, na pressa que preside ao trabalho das creanças! Depois uns retratos, seus e de Paulo, cujo nome apparecia ligado a todas as recordações; ora era a sua letra de collegial em exercicios de francez feitos em commum, ora a certidão de baptismo de uma boneca, assignada por elle; ora uma flor dentro de um envelope com dedicatoria. Passou assim pelas mãos de Eva uma multidão de coisas futeis, velhas, guardadas como reliquias e que lhe resuscitavam na memoria trechos

da sua venturosa meninice. D'ahi foi abrir a janella e demorou-se a olhar para as flores do jardim, todas aljofaradas da chuva.

O ceu pardacento tinha já uns tenues laivos azues. Estava assim encostada a um dos humbraes, aspirando o doce aroma da madresilva, quando ouviu dez horas; dirigiu-se então para a sala de jantar.

Paulo, como bom lavrador que era, tinha-se levantado cedo, e, apesar do mau tempo, andara já pela roça, envolto na sua larga capa de borracha fina.

Toda a narração de Eva havia-lhe causado uma grande surpresa e uma dolorosa impressão! Julgara ter percebido em Eva um sentimento occulto, forte, dominado por um orgulho de ferro!

Esse sentimento era, a seu vêr, um profundo amor pelo primo!

Indubitavelmente Eva adorava Octavio, e, para fugir-lhe, procurava á pressa um marido, por mais imbecil que fosse, prompta a todos os sacrificios, menos ao de curvar a cabeça deante do tio, o velho inimigo de seu pae!

Era isso, era! Elles haviam de ser felizes algum dia; e elle, Paulo, que tinha por Eva uma paixão sem limites, uma paixão vastissima, nascida na adolescencia, avigorada na mocidade; elle, que sonhara a sua posse como o ideal da ventura na terra, e que em cada dia parecia sentir maior e ainda mais solido o seu amor; elle mesmo trabalharia para que Octavio desposasse a prima, e

depois de os ver estabelecidos no Manguelral, em pleno gozo do seu amor, fugiria para bem longe, para a Europa, ou para os Estados-Unidos, de onde lhes escreveria umas narrações de viagem e umas falsas noticias da sua ventura e do seu bem-estar!

Decidido a intervir e a esclarecer todo o obscuro d'aquella embaraçosa situação, Paulo armou-se de um animo verdadeiramente stoico e resolveu abreviar o casamento de Eva com Octavio.

A má vontade do commendador Medeiros seria vencida com pequeno esforço; para elle era ponto de fé que o velho fazendeiro não tinha, nem poderia conservar odio á sobrinha, e que a sua ultima e incomprehensivel attitude para com ella não tinha outra causa alem do receio e percepção do mutuo amor de ambos.

Medeiros era ambicioso e a fortuna de Eva, conquanto fossé boa, estava longe de ser comparada ás de algumas moças do municipio.

Fallava-se, havia muito, na ligação de Octavio com a Sinhá, sobrinha do Antunes. Essa sim, poderia satisfazer todos os projectos gananciosos do commendador.

Paulo dispoz-se a convencel-o, cedendo a maior parte da sua pequena fortuna em dote a Eva.

A posição de Eva era melindrosa; queria, sem aggraval-a com desabafos de indignação, pol-a a coberto de qualquer suspeita. A solidão e o estudo tinham-lhe apurado a reflexão; dedicado e honesto, era capaz de um crime se d'elle dependesse a honra e a felicidade de Eva; mas, como não

se deixava cegar pelas primeiras impressões, e não era violento, estava sempre certo do triumpho. Calmo, animoso e intelligente, ia ao encontro do perigo sem blazonar valentias, discutia com firmeza e serenidade e em quasi todas as questões safa vencedor.

Quando Eva entrou na sala de jantar, Paulo rufava com os dedos na porta do jardim, olhando, atravez dos vidros, para fora, para as arvores muito lavadas da chuva.

O almoço, já prompto, esperava-os : sentaram-se á mesa ; pareciam ambos constrangidos ; comeram e fallaram pouco ; servia-os uma creada da colonia, rapariga activa, trigueira e gorda, de dentes muito brancos e o cabello negro e lizo, enrolado no alto em tranças apertadas.

Acabado o almoço foram para a sala de musica. Paulo instou com Eva para que tocasse ; e renovou conselhos. Que ella se devia fingir alegre, até que nisso se tornasse pelo habito. Que se fizesse sentir em casa, dando ordens, tomando conta do *ménage*, exercendo toda a sua actividade de corpo e de espirito em preoccupações diversas e absorventes ; que afastasse da lembrança o desgosto da vespera, tudo se arranjaría sem amofinações ; a paz e a alegria haviam de ligal-a em breve á familia Medeiros ; e affirmava isso com um bom sorriso, conduzindo a moça para o piano. Depois disse-lhe que tinha de sair e que não o esperasse senão á tarde. Eva, sem responder a nada, automaticamente, principiou «En pleurant» de Godard. Paulo ainda ouviu uns compassos e depois saiu.

Deixando em meio a musica, Eva chegou á janella; na terra molhada as rodas do carro, em que Paulo partira, tinham imprimido dois sulcos fundos. Já não chovia; o ceu estava agora todo azul, o sol de brilhos refrangiveis, as folhas humidas das plantas, os campos batidos de luz e empapados de agua, tinham uma frescura encantadora, e as cabeceiras airozas das pombas, assomando ás portas do pombal a consultar curiosamente o tempo, fizeram-n-a sorrir.

Eva calculara que Paulo tivesse ido a Santa Genevea; esperava-o com impaciencia, não tendo ao mesmo tempo animo de lhe fazer qualquer pergunta a respeito; temia alguma coisa que não sabia definir qual fosse e vinha-lhe impertinente á lembrança a phrase de Paulo, referindo-se ao acontecimento da vespera:—Eva foi precipitada e imprudente.

Que deveria ella ter feito? Humilhar-se, triste e resignadamente, deante do tio? Justificar-lhe as suspeitas de seducção, accetando o generoso offerecimento e pedido de Octavio? E amal-a-ia elle, realmente? Voltou para o interior da saleta, sentou-se perto da mesa e poz-se a folhear um livro, resolvida a fallar com firmeza a Paulo sobre a conveniencia de arranjar um marido. Esteve assim pouco tempo; depois, seguindo o conselho de Paulo, percorreu toda a casa, renovando ordens, alterando a posição de alguns trastes, pesando na despesa os mantimentos para o jantar e feitoriano o serviço. Os cuidados domesticos conseguiram muito; Eva distrahiu-se.

Eram duas horas da tarde quando Paulo chegou a Santa Genoveva; apeando-se do trolley fechado em que fizera a viagem, entrou no corredor da casa de Medeiros. Uns moleques de camisolas de algodão grosso, barrigudos e ranhosos, correram ao vel-o, para o interior, e de uma sala proxima saiu Noemia desprevenida; ao deparar com Paulo recuou admirada, fazendo-se vermelha; mas, esquecendo depressa a sua propria commoção, aproximou-se e perguntou-lhe com os olhos rasos de lagrimas :

— Como está Eva? Porque não volta?! Tenho sentido tanta falta... nem imagina! Ralhou com ella, não?

— Eu não tenho o direito de ralhar com Eva, minha senhora...

— Mas se tivesse, ralharia, não é assim?

— Não...

— Não?!?

— Eva fez o seu dever!

— Meu Deus do ceu! eu não comprehendo nada! disse Noemia, erguendo para o moço os seus ingenuos olhos castanhos.

— Nem eu...

— Nem o senhor?! então...

— Foi para me esclarecerem que eu aqui vim.

— Ah! quer fallar com pae?

— Exactamente!

— Que pena! elle não está aqui! foi ao sitio do compadre Antunes.

— Posso esperar...

— No quarto de Octavio?

— Onde determinar!

— É mesmo melhor ir para lá! coitado, elle está só... Olhe, faça o favor de entrar... por aqui.

Paulo obedeceu, seguindo o vulto airoso e ligeiro da moça e ia a comparal-a com uma aveziinha pura e branca entre corujas tenebrosas, com uma rosa perfumada e fresca entre sarças seccas e sem odor.

Depois de introduzir Paulo no quarto do irmão, Noemia fugiu para a antiga saleta de estudo, fechou-se por dentro e, toda contente e tremula, sentou-se num canto, apertando o coração com as mãos; fazia aquillo inconscientemente; desejava estar ao pé de Paulo, ouvir-lhe a voz, vel-o, sorrir-lhe, e no emtanto afastava-se d'elle, d'elle, que vinha pela primeira vez a Santa Genoveva, e com quem desejava estar todos os dias! Tinha impetos de voltar para o seu lado, mas abstinha-se medrosa e pensava: «Elle deve achar-me tola e insipida, ha de dizer que eu não sei fallar... que sou uma creança!» E repassava na memoria as coisas que

dissera e que ouvira, analysando-as atrapalhadamente, num delicioso embaraço.

Entretanto, Paulo e Octavio conferenciavam acerca do occorrido entre Eva e o commendador.

O primeiro instava por uma satisfação peremptoria, exigindo muito correctamente a exposição limpida do caso. O segundo, deixando transparecer o desgosto que a recusa da prima lhe causara, relatava, com minudencias de auto, tudo o que ouvira na noite da revolta e o inabalavel proposito em que estava de descobrir o forjador da intriga. Demonstrava uma tenue esperanza de que trabalhando por Eva, se ella ficasse vencedora, viesse um dia a Santa Genoveva e lhe perdoasse a ousadia do pedido de casamento...

Essa meia confissão fez comque Paulo recusasse do seu proposito; elle empenhava-se pela felicidade da moça e só o meio apresentado por Octavio lhe parecia exequivel para a sua realisação. Julgando-a apaixonada pelo primo, não a poderia approximar d'elle sem que d'elle partisse a diligencia e o mais forte empenho. Eva era orgulhosa; morreria de desgosto, mas não cederia jamais a uma quebra da sua palavra, sem que houvesse para isso uma razão superior. Elle, Paulo, deveria transigir com o seu desejo, com a sua felicidade, com a sua honra mesmo, comtanto que Eva fosse um dia venturosa. Para ser venturosa deveria desposar Octavio, e para desposar Octavio era forçoso que elle agisse heroicamente, que demonstrasse não só por palavras, mas por actos, não

ser filho de um movimento de ocasião o pedido que lhe fizera, mas sim de uma paixão de raízes fundas e vigorosas.

Este plano desenhava-se dolorosamente no espirito de Paulo, enquanto Octavio ia com animação expondo os seus projectos :

— Tudo isto, concluia elle, parece-nos de um romanesco falso e completamente fóra do nosso tempo; entretanto, a verdadeira culpa é exactamente da epocha que atravessamos ! Os escravocratas estão sempre prevenidos contra os abolicionistas e promptos para accusal-os de qualquer falta ! Vêem elles na sua phrase mais simples e sincera, um trama occulto ou uma insinuação maligna.

Os proprietarios de escravos têm geralmente uma comprehensão muito errada do seu tempo; não tratam de averiguar de onde parte a razão nem em que se baseia a moral.

Não achando argumentos seguros para a defesa das suas idéas, não procuram batalhar, mas esmagar os que lhes são contrarios. D'esta maneira atiram sobre os abolicionistas os mais vexatorios insultos. Não é já preciso trabalhar pela causa da liberdade, basta manifestar qualquer pessoa um sentimento piedoso por algum escravo para ser immediatamente tido como suspeito !

A mulher brasileira, bem sabe, não tem mostrado coração neste sentido.

É triste, mas é assim.

Eva, apesar de não extender alem da familia a sua propaganda a bem dos escravos, é para mim

um assombro ! Todas as outras, que fazem ? Onde escondem a lagrima da compaixão, que ninguém a vê ? Decididamente, á vista d'istotudo eu vou descrendo da tão apregoada bondade da mulher.

Foi exactamente essa piedade para com os captivos que prejudicou Eva. Fosse ella uma indifferente, como todas as outras senhoras, e absolutamente ninguém se lembraria de envolver nisso o seu nome !

Influenciados pelo meio em que vivem, estremecidos na sua fortuna e dominados pelos habitos antigos, os escravocratas não medem o mal que fazem á sua causa com os grandes alaridos.

Em vez de transigirem, ao menos num ou noutro ponto, redobram de severidade, querendo pôr freios á liberdade que principia a agitar-se, sem perceberem que, quanto mais apertado fôr o freio mais indomito é o desejo de correr ! Parece que á proporção que vae entrando a luz no espirito do preto, se vão condensando as trevas no espirito do branco, porque o medo é negro e a aspiração da liberdade é immaculadamente alva !

Meu pae, terminava Octavio, nasceu entre escravos ; foi educado a ouvir e a ver, desde os mais tenros annos, scenas da escravidão ; affez-se a isso. Foi como senhor de escravos que adquiriu fortuna, sem cogitar nunca se a lei que lhe garantia essa propriedade era injusta ou não. Agora, ha poucos annos, levantou-se uma voz a protestar contra uma coisa, para elle natural á força do habito: atraz d'essa voz veiu outra, e logo outras mais que o desvairaram

completamente ! Os lamentos e as supplicas de Eva acabaram de irrital-o. Sem comprehender a imprudencia em que incorria, levada unicamente pelos impulsos do coração, ella intervinha com frequencia em favor dos captivos, de quem captou sympathias. Essa intervenção foi desastrosa. Contando com o seu apadrinhamento, os negros amiudavam faltas a tal ponto, que meu pae viu-se obrigado a negar-lhe as graças pedidas. Nasceu talvez d'ahi um pouco de resentimento, e d'esse resentimento a mutua desconfiança. Foi isso que, em parte, conçoerreu para o receio pueril que meu pae nutre acerca do mal que Eva lhe queira causar.

Deve-se-lhe, porem, fazer a justiça de não ter partido d'elle semelhante suspeita ; aceitou-a de outra pessoa que, sabendo naturalmente qual o estado do seu espirito, lançou-a nelle. Com que fim ? É o que não posso adivinhar ! O que affirmo é que ha quinze annos não teria com certeza succedido assim. Certas coisas futeis tornam-se ás vezes graves, conforme a maneira de serem tratadas ou a occasião em que acontecem. Ora todo o mal do nosso caso está na epocha que atravessamos, repito ; pelo menos é a minha convicção. A provincia vive da lavoura e entende que esta depende exclusivamente do escravo ; faltando o escravo arruina-se o paiz !

D'ahi o terror e, por consequente, o medo que em geral os lavradores têm a tudo que lhes pareça reforma, e a todos que apregoem alto a necessidade d'ella !

Na perseguição do abolicionismo vêem não a

indignação nem a piedade por uma raça submettida e infeliz, mas a inveja dos seus bens e o desejo feroz de os arruinar ! Hoje não se raciocina ; aceitam-se todas as idéas, por mais absurdas, desde que sejam contrarias ás dos inimigos. Os lavradores têm o espirito obcecado e doente, e nessas condições não é difficil germinar depressa um sentimento erroneo.

Paulo discutiu com Octavio longamente ; por fim, resolvido a ceder-lhe toda a parte sympathica na defesa de Eva, levantou-se, instando com elle para que abreviasse a reconciliação da familia e definisse a situação em que se achavam. Por sua vez prometteu auxiliá-los despendendo toda a sua influencia com Eva ; mas, como o caso não comportava adições,urgia deliberar e agir ; e mostrava a inconveniencia dos commentarios provaveis, quando na cidade soubessem ou desconfiassem do facto !

—Ninguém lá fora saberá do motivo por que Eva saiu d'aqui, affirmava Octavio, e, nem é para extranhar que ella passe algum tempo em uma propriedade sua ! Sejam discretos, que eu me encarrego de uma explicação que os ha de satisfazer.

— E até lá ?

— É preciso paciencia...

— Impossivel, meu amigo ! a posição de Eva é falsissima ; não é justo que cruzemos os braços á espera de uma satisfacção que pode chegar tarde...

— Que não ! affirmava Octavio ; tudo seria resolvido em poucos dias ; elle já se sentia com forças e sairia nessa mesma tarde, em um pequeno exercicio, para no dia seguinte poder ir á cidade...

e pedia instantemente a Paulo que não fallasse com o commendador, aconselhando-lhe e a Eva, uma attitude altiva e independente.

Quando se separaram eram quatro horas. Paulo atravessou sozinho a sala e o corredor, subindo para o troy, sem reparar em uma janella cerrada, de onde o espreitavam os olhos de Noemia.

Não ia satisfeito. Desagradara-lhe a rhetorica doentia de Octavio e a sua perturbação de namorado piegas: ou fosse a voz do ciume que fallasse nelle, ou indignação por não achar mais energia em Octavio para a defesa de Eva, o caso é que ia desconsolado, ponderando as palavras que ouvira.

Era evidente que Octavio e Eva se amavam! Para abreviar um desenlace feliz áquelle affecto reciproco, elle, Paulo, devia exactamente fazer o que promettera: deixar toda a acção a Octavio e encolher-se inutil e estupidamente no seu desgosto.

Reflectiu durante muito tempo nisso; depois convenceu-se de que houvera precipitação de parte a parte, e que talvez o caso não tivesse a gravidade que lhe queria dar.

Distrahiu-se, logo que atravessou as terras do Mangueiral. Agora, á esquerda, via os telhados vermelhos das casas da colonia, com os terrenos em frente bem cultivados; d'ahi a nada, os cafezaes muito extensos, a perderem-se de vista de um e outro lado, em longas ruas symetricas; depois um rancho de trabalhadores, homens e mulheres, rijos, alegres, com os pés enterrados na lama, e a vibram a enxada com dextreza e coragem; umas

creanças risonhas deram-lhe vivas ao passar; deixando os cafezaes, ladeou o pasto de um verde de setim, onde o gado punha manchas brancas, pretas e pardas; depois, o grande muro baixo do pomar, os caramanchões do jardim, as ruas das magnolias, os canteiros de jurujubas variadas e a parede lateral da casa, toda coberta pela folhagem grossa, espessa e miuda da silvina. Que differença entre o Mangueiral e as outras fazendas dos arredores! Comparava-a com a de Medeiros! Santa Genoveva era o que são geralmente todos os *sítios* paulistas: grande casarão cercado de terrenos sem cultura, nem flores nas janellas, nem uma arvore a sombrear-lhe a porta! Isolada como uma sentinella medrosa, a olhar com desconfiança para todos os lados! A horta, o jardim e o pomar, accumulados numa só area, separada da habitação por um longo terreiro nú, cheio de calor. No interior da casa, o mesmo desconforto; raros moveis, nenhuma elegancia. No corredor, negrinhos em camisa; na sala de jantar, comprida e sombria, algumas redes, uma mesa e uns bancos toscos. Em frente, o terreiro de café, atijolado; muito sol batendo na terra secca, a reflectir uma côr amarellada das paredes das senzalas; quartos sem luz, deitando para um corredor onde as janellas têm grades como as prisões!

No eito os captivos, nus da cintura para cima, luzidios de suor, levantando penosamente a enxada, a olharem de revez para o feitor, até virem numa gamella o feijão e o angú do jantar. Era então a hora do repouso; sentavam-se no chão e devoravam

aquelle alimento, enchendo muito as colheres de ferro ou de estanho.

Como se destacava de todas ellas o Mangueiral, onde os trabalhadores eram livres, a cultura feita sem a rega das lagrimas, as habitações dos colonos claras, arejadas e limpas, a casa da proprietaria atufada em verduras, coberta de perfumes e de sombras doces! Seria menos rendosa, talvez, mas era com certeza muito mais agradável. Era a fazenda futura, salientando-se entre todas as outras, rotineiras e estupidas. Tinha, como poucas, abundancia de fructas, de hortaliça e de agua, e sobretudo, muita paz e muito contentamento!

Era discutida pelos vizinhos, uns carranças, que a lamentavam, censurando-lhe a administração; affirmavam que daria o triplo se a soubessem dirigir; faltava-lhe o elemento principal: o escravo, que trabalha indubitavelmente mais que o branco, quando debaixo do respeito de um feitor severo; faltava-lhe economia, rotina, e sobejavam-lhe os seus ramos de rosas modernas, as suas arvores fructíferas e ornamentaes, o conforto do lar bem adornado, *á moda da cidade*, a hortaliça e o leite que distribuia á farta pelos trabalhadores; todas as regalias, emfim, que permitem forçosamente propriedades d'essa ordem. No emtanto, o Mangueiral continuava a enfeitar-se e a prodigalizar vantagens aos seus empregados.

Os vizinhos riam-se a cada novo melhoramento posto em pratica, e levantavam desdenhosamente os hombros; não sentiam, infelizmente, inveja,

porque se a experimentassem procurariam talvez seguir o mesmo systema, fazendo assim um grande beneficio á sua educaçãõ. Paulo tinha pena de se ver isolado em meio de tantas terras fertilissimas e bellas, escravas ainda de uma direcçãõ pervertida, produzindo espantosamente, mas sacrificando milhares de homens á sua producçãõ.

As grandes propriedades comparadas com o Mangueiral faziam-n-o sorrir; nellas, fortunas accumuladas, safras enormes, mas extrema miseria nos degradantes quadros da escravidãõ; no Mangueiral a mediania farta, o bem-estar espalhado desde a habitaçãõ principal até a infima; em tudo o direito, a razãõ, a justiça! Para o lavrador de coraçãõ, que se prende com amor á terra que cultiva, não será essa felicidade, porventura, a mais consoladora?

Paulo pensava assim, quando o troy parou á porta da casa.

Eva veiu-lhe ao encontro.

— Vem de Santa Genoveva?

— Sim, venho de lá...

— Octavio está melhor?

— Está quasi bom...

— Fallaram, já se vê, a respeito do que hontem aconteceu?

— Certamente.

— E então?

— Em breve estarão as pazes feitas e você tornará para lá...

— Prefiro viver sempre aqui...

— Ou isso; mas não d'esta maneira...

— De qual ? !

— Casada.

— Nunca !

Paulo sorriu, accrescentando : Deixe-se d'isso ! os resentimentos passam. Ainda havemos de ver o commendador muito seu amigo... Octavio é um rapaz de coração e ama-a profundamente !

Eva levantou para Paulo um olhar cheio de espanto ; este, mudando de tom e procurando fugir do assumpto, perguntou :

— A senhora *dona da casa* mandou fazer, para estréa, um bom jantar, não é verdade ? Assim espero ; olhe, trago uma fome !...

Eva não respondeu e caminhou adeante para a *varanda*.

Depois de muito tempo de reclusão, Octavio dirigiu-se para a casa do seu velho amigo Morton, numa bella manhã de sol. Foi encontral-o a escrever na sua larga secretaria coberta de papeis. Conferenciou longamente com elle; precisava orientar-se com as suas informações, fel-o repetir a mesma historia que já lhe ouvira, escutando-o então com muita serenidade, a pesar as palavras uma por uma. Mas o velho exigiu-lhe tambem, com todo o seu direito de amigo, a narração do succedido em Santa Genoveva, e Octavio referiu minuciosamente o caso, não occultando mesmo a parte referente a Eva e expondo as suas intenções.

Morton meditava, recolhido, com as mãos nas algibeiras, o olhar fixo num ponto, o corpo recostado na cadeira redonda e gradeada. Depois de um pequeno silencio :

— E que conta fazer?

— Descobrir os capangas e arrancar-lhes á força a verdade.

— Como espera encontral-os?

— Isso é que ainda não sei!

— Fixou bem as feições de algum d'elles?

— Não; era noite, como sabe, e demais a mais muito escura! mas ouvi as vozes.

— Isso não é sufficiente: pode fallar...

Lembrei-me de uma coisa...

— Qual?

— Não é muito verosimil, mas emfim, é possível... Lembrei-me, digo, que andasse envolvido nisso o Antunes!

— O Antunes?!

— Sim, o Antunes! de que se admira?

— Conheço-o ha muitos annos: sei que é incapaz d'isso! é honesto! respondeu Octavio.

— Ora, honesto! Eu ainda o conheço ha mais tempo! fique sabendo.

— Pelo amor de Deus; doutor! pois não vê que isso é absurdo!

— Não é tal absurdo...

— Que interesse teria o pobre homem em intrigar Eva?

— Vocês estão muito enganados com elle, é o que é! O Antunes é mau, é ignorante e é covarde! toda esta historia está-lhe perfeitamente no genero! Creia, meu amigo, que eu não fallaria assim sem ter motivos. Já o pilhei numa coisa semelhante, eu! ora ahi está! Alem d'isso elle é a unica pessoa que pode ter empenho em retirar Eva de Santa Genoveva...

— Porque!?

— Porque! olhe que ingenuidade! Consta por ahi que o homem cubiça-o para marido da sobrinha...

— Parece que sim...

— Então percebe?

— Não percebo nada!

— É boa ! pois não vê que a estada de sua prima na fazenda pode prejudicar a causa da outra ! Eva é intelligente, é bonita, tem uma educação muito pouco vulgar aqui ; é portanto perigosa ! Nada mais natural do que Octavio apaixonar-se por ella, e isso é que elle não quer !

— Isso seria futil ! perfeitamente insensato ! Desculpe-me, doutor, mas não aceito a sua hypothese !

— Pois faz mal ! Conheço o Antunes ha uns trinta annos ; tenho razões serias para desconfiar d'elle ! Era inimigo encarnizado de Gabriel Medeiros e extendeu seu rancor até a filha. Teve ha pouco tempo, ahi ha coisa de um mez, se tanto, uma pendencia com o Azevedo a proposito de um escravo que esse moço remiu com dinheiro de Eva. Um filho natural de Antunes, que morreu ás mãos dos escravos e de quem elle herdou o sitio que hoje administra, teve a veicidade de pedir a mão de Eva ! Olhos no dote, está visto ; ella era ainda uma creança ! A familia oppoz-se e elle enguliu a *taboa* !

— Parece-me que tudo isto junto deve ter influido para a concepção e realisação da historia que acabou de contar.

— Sempre tive o Antunes em muito boa conta !

— Pois se eu estivesse em seu logar procuraria saber quaes são os capangas d'elle, e então talvez não fosse difficil descobrir a verdade !

—Nesse caso seria mais leal ir directamente a elle e interrogal-o!

— Seria uma imprudencia, meu caro! Emfim faça lá o que entender; comtudo, fique certo de que com aquelle sujeito é melhor lidar-se com manha do que com lealdade.

A conversa prolongou-se por mais de uma hora.

Saindo da casa de Morton, Octavio retirou do correio a correspondencia e seguiu para o *Monjolo*, fazenda do Antunes.

Fazia calor; a estrada sem sombra cortava grandes campos esbranquiçados e maninhos, cobertos de *barba de bode*.

Octavio moído do sol e da viagem, fechava os olhos quasi adormecido, quando o trolley, dando uma volta, desceu aos solavancos até um milharal, que atravessou depois, de vagar, esmigalhando sob as rodas, num ruido aspero e surdo, a folhagem secca que atapetava o chão. De um lado e do outro pendiam dos arbustos, numa attitude de canção, como espadas vencidas, as folhas do milho, e em cima as espigas erguiam-se envoltas nas suas capas de palha já amarellecidas, com as espessas borlas avermelhadas de fino filamento crespo e farto, soltas, como os pennachos das barretinas. Passada a roça de milho entrou de novo o trolley numa estrada, sombreada a espaços por umas arvores de copa achata-da e larga. Ao fim de uns quatrocentos metros, adiante de umas piteiras inclinadas de um barranco, apparecia uma casa rustica, com duas portas na frente, paredes mal caiadas, tecto baixo,

um terreiro ao lado cercado de pedaços grosseiros de pau enleados de cipó, com duas laranjeiras da terra, uma bananeira a um canto e uma goiabeira rachitica, com os galhos estrangulados na cerca. Era uma venda, e cantavam lá dentro ao violão. Octavio julgou reconhecer aquella voz e mandou parar o trolley. Entrou.

O taverneiro, com as mangas arregaçadas, fazia em letras garrafaes uma conta do café roubado pelos escravos da vizinhança aos senhores, e vendida a elle por uma ninharia: era o seu commercio e o que o enriquecia á sombra de meia duzia de garrafas de cerveja nacional, que vendia a custo a um ou outro viandante. Octavio pediu-lhe aguardente, agua e assucar, e enquanto o vendeiro, debruçando-se sobre o balcão encebado em que pregara duas moedas de cobre, o servia, elle passeava curiosamente o olhar pelo recinto.

Numas tres prateleiras toscas, lateraes, havia muitas botijas e garrafas vazias, uma ou outra com cerveja ou cognac; juntamente peneiras de diversos tamanhos, chapéus de palha grossa, uns rolos de fumo e, num caixote, muito sabão de cinza, preto, envolvido ás bolas de palha de milho.

Ao fundo, sentado num barril de decimo, estava um caboclo alto, magro, de grande cabelleira desgrenhada a cair-lhe nos hombros, barba falhada e rente, olhos languidos, camisa aberta mostrando o peito cabelludo, lenço mal atado ao pescoço, calças de algodão mineiro, e grande faca ao lado, na bainha de couro entalada na cinta.

Ao pé, sentada no primeiro degrau de uma escadinha que descia para o interior, uma caipira moça, de quem não se via senão o busto, alizava com um pente de bufalo os cabellos corredios e negros... Ella sorria para o violeiro ; elle proseguia cantando, a bambolear o corpo sobre o barril de de-
cimo :

«Santo Antonio amarra negro
na beirada da capoeira :
todos santos 'stão quieto,
Santo Antonio está com asneira !»

«Madama de Campinas
me mandou chamá,
madama de São Paulo
não quer que eu vá !»

«Tenho meu chapéu de palha,
Me custou mil e quinhento ;
Quando boto na cabeça
Não me farta casamento !»

—Cante a outra, a do *patchoulim*... pediu a caipira ; elle accedeu logo, e mudando de tom, recommegou :

«Chinello de tapete
Forrado de marroquim,
Relógio de ouro,
Corrente de trancelim,

Lengo branco n'algibeira,
 Cheirando patchoulim...
 Ai, ai, meu bem,
 Se eu pudesse andar assim !»

Octavio deu tempo a que acabasse a canção ; o caipira tangeu ainda alguns compassos até o estallido do accorde final que abafou logo com a mão espalmada sobre as cordas.

—Cante outra moda, Nhó-Quim ! pediu o moça no tom arrastado e langoroso da gente do campo.

—Mais logo, Nha-Tuca !

—Éá ! mecê hoje tá muito sarambé ! (1)

—Não tô não ! Di noite nois vimo cá tudo junto pra hi fazê um cateretê rasgado ! Éta nois !

—Que não esqueça a sanfona ! observou o taverneiro.

—Eu empresto ella pra Cacuta e venho tocá...

(2)

—É pérciso arranjá as bugia... (3) observou a moça.

Pondo de lado a viola, o caipira ergueu-se e fez um cigarro, enquanto Octavio pagava as despesas. Saíram ao mesmo tempo. Ladearam o cercado do quintal da venda, onde algumas gallinhas carejavam soltas, depenicando os seixinhos e aservas rasteiras.

(1) *Sarambé*,—tolo, parvo.

(2) Os paulistas dizem geralmente—*emprestar* por pedir emprestado; assim, é frequente ouvirem-se phrases como estas :

«F. mandou-me emprestar o meu cavallo. — Eu não tinha casa mas emprestei a do meu amigo, etc.

(3) Os caipiras chamam *bugia* ao lampeão.

O caboclo parecia ter adivinhado a intenção do moço: seguia-o de perto, esperando ser chamado.

Assim foi; Octavio, voltando-se para elle, disse:

— Vae fazer-me um favor.

— Diga.

— Quero saber se foi vossemecê quem me atirou ha vinte dias um tiro num hombro.

— Pode sê...

— Eu quero a certeza.

— Se explique meiô...

— Já me expliquei: quero saber quem me feriu!

— Ah! foi mecê o atirado?

Octavio, enchendo-se de paciencia, relatou as suas intenções ao caboclo, propondo-lhe boa paga.

O outro, depois de um curto momento de reflexão, murmurou:

— Tá dêrêto! Elle me enganou, eu não encubro elle!

— E quem foi esse *elle*?

— Pois foi mêmo nhô Fructuoso!

— E quem é nhô Fructuoso?

— Uê! mecê não conhece elle não?!

— Não!

— É um capanga déstémido, e tem fama por todo esse sértão...

Contou então que o Fructuoso morava em terras do Antunes, indo muitas vezes *pousar* lá no sitio.

Octavio seguiu esperançado para a fazenda do amigo. Depois de meia hora de caminho abriu a

porteira do «Monjolo». Tudo vulgar; pastos cheios de *vassoura*, cafezal mal tratado e habitação pobre, baixa, suja, isolada num terreno manchado e arido. A pequena distancia o tanque, brilhando ao sol como uma grande placa de aço, e na cerca da horta muita roupa a seccar.

Octavio entrou para uma sala terrea com duas janellas sem caixilhos, onde, por toda mobilia, havia uma mesa de pinho e quatro cadeiras. A um canto estava um cacho de bananas a amadurecer; no batente da porta uma gaiola com um sabiá, e em baixo da mesa, encostada á parede, uma caixa de folha com a tampa já amolgada. Sobre uma prateleira uma garrafa de mel de fumo, para golpes e mordeduras, uma caixinha de pau com mercurio doce de Lisboa, para curativo das bicheiras, e uma lata de unguento, para feridas. Ao lado do cabide, um rabo de tatú e um chapéu do Chile. Num outro canto tres perobas brancas, para cabos de relho.

Nada mais.

— Sinhô tá na roça, informou uma preta, nova e assejada, a Octavio. Este decidiu-se a esperal-o.

A caseira espreitava-o, passando, sem o cumprimentar, na varanda proxima, com um prato na mão, a caminho da cozinha; de volta tornou a observal-o, atrevendo-se a entrar na sala em que Octavio estava, não tendo pejo de lhe mostrar os pés sem meias, nuns chinillos de trança, e o corpo sem collete num vestido de chita; mas acanhada e arrependida, voltou depressa para dentro e poz-se a espreital-o pela greta da porta lateral. Reinava o

maior silencio. O sol reflectia-se abrasadoramente nas paredes da casa, os gallos cantavam de vez em quando, ao longe, e o sabiá depenicava a metade da laranja posta no chão da gaiola.

A mucama tornou a entrar com a bandeja do café; Octavio bebeu machinalmente; depois, voltando-se para a preta, perguntou :

— Sabe dizer se o Fructuoso está hoje aqui ?

— Seu Fructuoso? elle foi fazê viage...

— Quando partiu ?

— Nhô ?

— Quando se foi embora ?

— Di já hoje... di menhãzinha.

A mucama saiu ; os gallos cantavam ao longe, o sabiá, muito somnolento, subiu para o poleiro ; e Octavio, contrariado pela ausencia do Fructuoso, sentia que o espreitavam ainda pela porta da esquerda, semi-cerrada...

Veu quebrar aquella monotonia a rude voz do Antunes, que se approximava, dizendo alto a outra pessoa :

— É assim mesmo. O Fructuoso lá se foi para Casa Branca... pelos modos não vorta tão cedo !

— E o Navárrinho ?

— Tambem foi !

— P'ra Casa Branca ?

— Sim senhor.

— Cuns diabo ! O negocio então parece que está feio...

— É exacto.

Entraram.

O Antunes deitou uma alegre exclamação ao deparar com Octavio e apresentou-o ao amigo, um lavrador gordo e trigueiro. Este, depois de trocar meia duzia de palavras, tornou a referir-se á ida do capanga Fructuoso para Casa Branca, mostrando-se contrariado com isso; precisava do homem, affirmava elle.

Serviram de novo café. A conversa tomou diversos rumos. Octavio levou geitosamente o assumpto para a revolução havida em Santa Genoveva, das suas causas e effeitos, sem perder de vista a physionomia do dono da casa, em cujas feições procurava estudar a culpabilidade.

No largo rosto do amigo não transparecia a minima commoção. Octavio, entristecido, recolheu-se a Santa Genoveva. Logo ao entrar em casa soube pelo pae que o Trigueirinhos escrevera convidando-o para, com toda a familia, assistir no seu sitio á inauguração da sua machina Paulistana, das officinas Lidgerwood.

O commendador estava contente e Octavio resolveu no mesmo instante ir tambem.

Marcaram a partida para d'alli a dois dias, enquanto a familia não tinha promptos os seus arranjos de viagem.

Noemia alegrou-se com a idéa do passeio e de ver a irmã ; não lhe tinham tornado a fallar no projectado casamento com o filho do Cerqueira Franco, e ella suppunha estar tudo definitivamente acabado com a intervenção de Octavio. No emtanto não era assim ! Nessa mesma tarde, a mãe foi dizer-lhe, a mandado do marido, que os Francos, pae e filho, iriam ter a Casa Branca, convidados pelo Trigueirinhos, a pedido do commendador ; Nicota daria um jantar aos noivos e marcariam ali a data para as bodas. Fallou logo em encommendar roupas brancas, vestidos, joias, todo o enxoval bonito e rico para não haver delongas nem aborrecimentos ! Era a vontade do pae.

Ouvindo taes palavras, a pobre menina chorou ; a mãe demorou-se um pouco a seu lado, procurando talvez uma palavra de consolo que não lhe chegou, nem como um fraco murmurio, aos labios.

Durante a noite Noemia sentiu-se febril e levantou-se na manhã seguinte abatida e pallida.

O irmão procurou animal-a, prometendo-lhe auxilio.

Depois do almoço Octavio saiu ; sabia que se retirava o dr. Castro para Pernambuco e quiz agradecer-lhe os seus cuidados ; projectava ir tambem ao Mangueiral, julgando da sua lealdade confiar a Paulo os seus planos, explicando assim a sua ida a Casa Branca.

Quando chegou á fazenda do vizinho era meio dia. Mandaram-n-o entrar para a varanda. O dr. Castro, entre a donada casa e meia duzia de creangas tagarellas, chupava laranjas, amontoadas numa bandeja sobre uma cadeira. Elle descascava-as com um canivete bem afiado ; a casca amarella e fina da fructa desenrolava-se numa longa fita encaracolada e estreita, que ia caindo a seus pés. A laranja girava já nos seus dedos como um pequeno globo cor de leite, sem a mais pequena arranhadura na pellicula, elle partia-a em duas metades, á moda paulista, e offerecia-a á dona da casa ou ás creangas, que o cercavam de perto, com sentido na fructa.

Vendo entrar Octavio Medeiros, puxaram uma cadeira para a roda, fazendo-o sentar-se e felicitando-o pelo seu milagroso salvamento.

A familia Carvalho era distincta e amavel ; Octavio sentia-se bem alli.

Ouvindo de seu cliente o motivo d'aquella visita, o dr. Castro confirmou o noticia de partir em breve para Pernambuco, mas para voltar com toda a familia.

A hospitaleira provincia de S. Paulo prendia-o, dizia elle, e resolvera mudar para ella a sua residencia.

E fallaram em viagens, progressos materiaes do paiz, em diversas coisas, emfim, ligadas entre si. Ao cabo de uma hora, Octavio dispunha-se a sair quando entrou o dono da casa, o sr. Hippolyto de Carvalho, typo de lavrador genuinamente paulista e accentuadamente bondoso.

O fazendeiro vinha impressionado com umas desgraças succedidas a um colono allemão da vizinhança. O patrão tratava-o como escravo, não lhe poupando mesmo o tronco. Isso indignara-o. Não o devendo recolher em casa, ruminava a melhor maneira de o proteger. Subitamente, voltando-se para Octavio, disse :

— O senhor é que me poderá fazer alguma coisa pelo infeliz estrangeiro !

— Da melhor vontade ! mas de que maneira ?

— Arranjando-lhe um logar no Mangueiral. Sua prima estará por isso ?

— Talvez... respondeu Octavio, de um modo indeciso.

— Fallei-lhe no Mangueiral, continuou o fazendeiro, porque julgo preferivel a todos os outros esse cantinho que já se parece mais com uma villa europea do que com uma fazenda das nossas !

Ahi teria o pobre diabo compensações para o que soffreu. E depois é mesmo provavel que a d. Eva, agora que está para casar-se, não rejeite fazer um beneficio d'esta ordem ; falle-lhe, meu amigo !

Octavio ouviu immovel as ultimas palavras, sentindo uma angustia silenciosa e profunda. Entretanto, a esposa de Carvalho perguntava :

— Que ? A Eva Medeiros vae casar ! Com quem ? !

— Com o dr. Azevedo, respondeu-lhe o marido ; pelo menos é o que elle proprio fez constar ainda hontem á noite no club, em uma roda de amigos.

— Ora quem tal diria ! exclamou a fazendeira, olhando de frente para Octavio ; e depois, côm um sorriso :

— Vejam como são as coisas ! já se murmurou por ahi que o senhor ia-se casar com ella !

— Nunca pensámos nisso, respondeu Octavio ainda um pouco tremulo ; estimamo-nos como irmãos. Eva é muito boa, mas nunca se lembrou nem da probabilidade de eu vir a ser seu marido.

— Em todo o caso, o senhor deve estar bem informado. É verdade o que diz o Azevedo ?

— Não sei, minha senhora ; Eva está ha alguns dias no Manguelral e poderia ter deliberado qualquer coisa sem nosso conhecimento.

Entreolharam-se todos um tanto surprehendidos.

— Correm por ahi certos boatos exquisitos, tornou o Carvalho ; dizem, isto é, disse-me o Antunes, que ella tem sido ingrata para com seu pae. É exacto ?

— Não ! ao contrario ; Eva é muito sensata e incapaz de uma acção má.

— Parece um pouco soberba... aventurou-se a dizer a dona da casa ; mas isto é tão commum por aqui, que a gente já não extranha !

— Realmente ella é um pouco altiva, murmurou Octavio ; e, morto por fugir da questão, voltou a conversa para a historia do colono, promettendo ir immediatamente fallar á prima.

Acompanharam-n-o até a porta e em poucos minutos elle desaparecia entre os cafeeiros escuros.

O Azevedo vae casar com Eva ! repetia de instante a instante Octavio, num sentimento de dolorosa surpresa. É pois verdade ! amam-se ! mas como eu fui cego ! como elles são perversos ! amam-se ! vão ser felizes... e eu ?

Perguntava-se se deveria continuar a trabalhar para pôr em evidencia a pureza e isenção da prima no negocio de Santa Genoveva, ou se seria melhor afastar-se para sempre d'ella, deixando as coisas no pé em que estavam. Evitaria assim uma convivencia, que muitas vezes o constrangeria amargamente.

Não queria assistir a esse casamento ; demorar-se-ia em Casa Branca. Ella que fosse feliz, tanto que elle a não visse na sua felicidade !

Convencia-se depois de que tudo aquillo era falso !

A sua Eva adorada não pertenceria nunca a outro homem ; iria encontral-a triste, tranquilla e só ; fallar-lhe-ia outra vez do seu amor, até vel-a persuadida da sua sinceridade; trabalharia por ella,

veneral-a-ia como outr'ora e sempre, e havia de alcançar um dia a realização dos seus sonhos !

Chegando ao Mangueiral viu á porta da casa um trolly desconhecido. Não sair, pensou ; mas nisso chegou a uma janella o Azevedo, a olhar raiosamente através dos vidros da luneta.

Octavio sentiu como que uma grande pedrada que lhe tivessem arremessado ao peito ; mas, disfarçando bem a sua contrariedade, fez um gesto amigavel ao juiz de orphams, que lhe correspondeu com um «bemvindo seja», em que poz toda a hospitalidade de um amigo vendo chegar á sua casa um compaheiro intimo.

Que tolo ! pensou Octavio de si para si ; e entrou. Contra a sua expectativa, Azevedo estava só com uma senhora edosa, que fôra morar no Mangueiral a pedido de Paulo, para acompanhar Eva. Foi ainda o Azevedo quem, com ares de quem está no que é seu, a apresentou, dizendo :

—D. Miquelina, viuva do capitão Rodrigues, senhora da mais fina educação e hoje, pode-se dizer, mãe de Eva.

Octavio sorriu com desdem ouvindo o Azevedo pronunciar tão familiarmente o nome da prima. D. Miquelina franziu as sobranceiras, evidentemente contrariada, e voltando-se para Octavio disse :

—Eva foi visitar umas creanças doentes na colonia ; e Paulo não deve tardar : foi ao cafezal com um engenheiro seu amigo.

— Ah ! o Custodio ? perguntou sacudidamente

Azevedo ; sempre veiu cá ? coitado, é um pobre idiota, mas não tem maus sentimentos, afinal...

— Não foi elle, respondeu a governante ; a pessoa que veiu é muito distincta e de nossa amizade, é o dr. Morton.

— Ah ! o velhote do collegio ?

— Esse mesmo.

— Um bello homem, observou Octavio.

— Sim, não digo que não... effectivamente não faz mal a ninguem, replicou o Azevedo ; mas é massante e antipathico como todo o *yankee* !

Octavio ia responder azedamente, quando Paulo entrou.

O dr. Morton seguira do cafezal para a cidade, indo encantado com a lavoura do Mangueiral. Paulo, surprehendido com a presença de Octavio, cumprimentou á pressa o Azevedo, que principiou a cantarolar, dissimulando o seu despeito.

Como todas as attenções de Paulo caíam sobre Octavio, o juiz, voltando-se para d. Miquelina, convidou-â a ir com elle á colonia, onde, haviam-lhe dito, estava Eva exercendo a sua caridosa missão de visitar doentes.

D. Miquelina vacillou titubeante, mas Paulo approvou essa resolução, aproveitando o ensejo para conversar a sós com Octavio. Este expoz-lhe então os seus projectos, justificando a partida e talvez mesmo a sua demora em Casa Branca.

Entretanto, d. Miquelina e o Azevedo seguiam pela extensa rua dos bambús, em direcção á colonia ; alli havia sombra e frescor, cantavam as

cigarras estridula e prolongadamente e perseguiam-se em vôos circulares umas borboletinhas amarellas.

Iam assim a um longo espaço, silenciosos e pensativos, quando Eva assomou na extremidade da rua, com um galho de flores na mão e uma sombrinha de linho escarlate a protegê-la do sol, colorindo-a com os seus reflexos sanguinolentos e vividos.

—Vamos... coragem ! disse a meia voz o Azevedo, sem reparar no espanto que essas palavras produziram em d. Miquelina. Pouco depois reuniram-se os tres.

Eva informou a governante de que tinha achado em plena convalescença a filha do Salomão, e pediu-lhe que arranjasse numa cestinha uns doces para mandar á pequena; ella ainda tinha que fazer: ia d'alli á casa do Jeronymo, que tinha levado uma chifrada de um boi bravo e estava a deitar sangue pela bocca.

—Soube agora mesmo que Paulo mandou chamar o medico; estou impaciente por vel-o chegar... pobre Jeronymo ! Então vá, d. Miquelina, faça favor, arranje os docinhos para a menina !

Eva estendeu a mão ao Azevedo, num gesto de despedida, quando este, curvando-se, pediu permissão para acompanhá-la até a porta do doente.

—Como quizer, respondeu a moça com um modo distraído e frio.

Seguiram, ora sombreados pelas ramas, ora batidos pelo sol que, por entre as touceiras de

bambús, punha arabescos e listrões dourados no chão.

O silencio não podia prolongar-se por muito tempo; num assomo de animo o juiz rompeu:

—Nutro ha muito tempo um desejo doido de lhe fallar...

Eva voltou para elle o rosto, serenamente; o Azevedo continuou:

—Não lhe deve ter passado despercebido o sentimento que me inspira... A senhora é que é de uma crueldade tamanha, que, não demonstrando por mim a minima sympathia, finge ignorar o grande, o extraordinario affecto que lhe consagro! Agora, porem, seja franca, supplico-lhe! e perdoe-me a ousadia de lhe ter confessado o meu amor!

—Pede-me para ser franca, como se houvesse alguem que em semelhante posição o não fosse! O senhor poderia poupar-me o desgosto de o enganar, se tivesse *querido* perceber que eu, *fingindo*, como disse, ignorar o affecto que me consagrava, era porque não podia corresponder-lhe! Disse tambem que não lhe demonstrei nunca a minima sympathia! nesse ponto é injusto: creio ter-lhe dado sufficientes provas de confiança e amizade.

Calaram-se; o Azevedo procurava, cabisbaixo, uma phrase qualquer com que puzesse fim ao dialogo. Deixaram a rua dos bambús e atravessaram um pequeno campo, estrellado pelas florinhas dos juazeiros; o sol batia de chapa, numa irradiação ardente e luminosissima; viam-se já perto,

enfileiradas em linha, as casas dos colonos com as suas paredes claras e telhados vermelhos.

—Deixe-me na persuasão, d. Eva, de que ao menos não se zangou commigo—não achando insolente a minha aspiração... balbuciou o Azevedo.

Eva parou, extendendo-lhe com lealdade a mão, e disse:

— Creia que tem em mim uma amiga sincera, prompta a defendel-o de qualquer injuria, prompta a tratá-lo com desvello se algum dia lhe faltar a a solicitude de uma enfermeira. Esqueça tudo o que me disse e tudo o que me ouviu, excepto esta ultima promessa: a de ser para o senhor o mesmo que uma irmã!

O juiz apertou mollemente a mão que ella extendia, e, levantando o seu olhar cor de aço, demorou-se um pouco a contemplá-la.

Nunca a orphan de Gabriel Medeiros lhe pareceu tão bonita. A sua sombrinha vermelha, penetrada de luz, tingia-a de uns tons quentes, rubros, pondo-lhe reflexos de aurora nos cabellos negros, no rosto amorenado e no vestido claro, franzido na cinta e salpicado de botões de rosa.

Nos olhos avelludados de Eva, nadava uma doce humidade, um sentimento de compaixão e de desgosto que os elanguecia um pouco, tornando-os talvez mais formosos.

Azevedo murmurou meia duzia de palavras banaes, num agradecimento murcho e chato e afastou-se, depois da moça entrar na casa do colono doente. Ia por todo o caminho a revel-a em pen-

samento, alta, esbelta, pisando a grama e as florinhas rasteiras do campo, sob o guarda-sol que, como uma grande papoula aberta, deixava cair sobre ella, diluida e molle, a sua brilhante e viva cor de purpura.

Quando Eva voltou para casa, já lá não estavam nem Azevedo nem Octavio. D. Miquelina cosia junto á porta do jardim, e, pela janella aberta do escriptorio, ella viu Paulo de pé, ao lado da estante, a folhear um livro.

Às nove horas de uma manhã de fevereiro, a família do commendador Medeiros partiu para Casa Branca.

Entrando no vagão depararam todos com a irmã do Antunes e a filha, a Sinhá, que, sentada a um canto, cruzava as mãos enluvadas sobre uma rica bolsa de couro da Russia com fechos de metal reluzente.

Alem d'elles iam no compartimento uma familia de quatro pessoas, mulher, marido, filha e ama, já vindas de outras terras e empoeiradas da viagem, e um padre, que dormia a somno solto.

Com a entrada dos Medeiros houve um remeximento de cestas e de embrulhos que os viajantes, já aboletados, tinham espalhado por toda a parte e que se viram então obrigados a accumular perto de si.

Foi um transtorno! Elles tinham até alli vindo á vontade, suspirando por que não entrasse gente nas estações...

Chocaram-se latas e arrastaram-se saccos á pressa. A negra entregou a creança á senhora e foi recolher fraldas e laranjas que a menina espa-

lhara. O chefe da familia, depois de uma pequena hesitação, dignou-se desenrolar as pernas compridas e molles de cima do banco para afastar do caminho as suas malas e caixas de papelão.

Tudo arranjado, voltou sereno para o seu canto, tirou com um suspiro de allivio uma das botinas e poz-se a afagar o pé, por sobre a meia de algodão branco.

Entretanto a mulher, esbugalhando contrariada os seus grandes olhos verdes, occultava dos recém-chegados o cigarro acceso, que viera a fumar alli, bem em frente á papada bamboleante do padre adormecido.

Tanto o commendador Medeiros como a mãe de Sinhá estavam satisfeitos com o encontro e agradeciam mentalmente ao bom deus do acaso o tel-os guiado na mesma occasião para aquella viagenzinha.

Infelizmente não se dirigiam para o mesmo ponto. A viuva ia passar uns oito dias em Campinas; agradava-lhe aquella cidade meio occulta entre duas collinas, e manifestava um certo desejo de fixar nella a sua residência, logo que a filha se casasse.

Ouvindo taes projectos, o commendador olhava de soslaio para o filho, que junto á janellinha do vagão, lia serenamente uma folha da capital.

O comboio seguia, silvando ao approximar-se das estações, vencendo rapidamente as distancias sem que Octavio dirigisse uma amabilidade, um olhar, uma palavra, á moça que tão evidentemente

lhe offereciam; repugnava-lhe a condescendente passividade d'aquella formosa e elegante creaturinha, que assim deixava jogar o seu destino, sem intervir sequer com uma reflexão, uma pergunta, um vislumbre de espirito, de dignidade ou de acção.

Como nunca, a sobrinha do Antunes lhe pareceu bonita! Era realmente a mais bella mulher de todo o municipio! De entre a gaze branca que lhe envolvia o chapeu atando-se num grande laço em baixo do queixo, emergia o pescoço roliço, alvo, e o rosto de linhas puras, harmonicas, de estatua.

Em frente d'ella, Noemia, com o seu perfil incorrecto e gracioso, chegava a parecer feia; a pobre meninatinha os olhos avermelhados pelas lagrimas, que a resolução do pae a obrigava a verter. A seu lado, a mãe, numa serenidade invejavel, ouvia aspalavras da irmã do Antunes e offerecia os sequillos trazidos na sua cestinha de vime escuro, cingida por duas voltas de correia cor de havana.

A viuva mastigava os biscoitos voluptuosamente, voltando para um e outro lado os seus grandes olhos negros. Variava o assumpto, passando do suspirado casamento da sua bonita Sinhá, para as questões de lavoura e fortuna. Affirmava ser a sua fazenda uma das mais productivas; que o dr. Azevedo, que tinha jantado na vespera com ella, affirmára não saber de sitio mais valioso e vasto; que o dote da filha era, por consequente, um dos melhores da provincia. Evidentemente contrariada com a indiferença de Octavio, chamou-lhe a attenção perguntando-lhe maliciosamente se era verdadeiro o

boato, que corria com insistencia, de ser elle noivo de Eva...

Tudo isso fôra muito repetido e gritado, porque a bulha do trem e o choro da creança, que pedia leite, não permittiam ouvir nitidamente as coisas.

Percebendo na viuva uma tactica subtil para enredal-o, Octavio resolveu ser franco, cortando pela raiz a esperanza que porventura ella ainda tivesse de o vir a ter por genro ; por isso, com toda a calma, emquanto o commendador, contrariado, resmungava entre dentes, respondeu dobrando o jornal :

— Não é exacto que eu seja noivo de Eva ; sel-o-ia se ella não tivesse rejeitado o pedido que lhe fiz da sua mão... foi implacavel ! paciencia...

A viuva, muito desapontada, olhou para o commendador Medeiros como a pedir-lhe explicações ; mas o fazendeiro guinchava estrondosamente num grande ataque de tosse, como se se tivesse engasgado com as palavras do filho.

Sinhá compoz o laço do veu, emquanto Noemia lhe dizia, confirmando a declaração do irmão :

— É verdade, Octavio pediu a mão de Eva e ella não quiz ; mas, ainda tenho esperanza que mude de resolução !

‘Gosto tanto d’ella...

Sinhá sorriu pallidamente e principiou a sacudir com a ponta do lenço as migalhas dos biscoitos que lhe tinham caído no vestido.

Minutos depois chegavam a Campinas. As

despedidas foram rapidas ; a irmã e a sobrinha do Antunes perderam-se depressa no meio da multidão que enchia a *gare*.

A familia Medeiros tomou o trem da Mogyana. O commendador ia contrariado, fumando successivamente cigarros e mais cigarros. A mulher observava-o com olhar medroso, e, ouvindo Noemia falar-lhe quasi em segredo do desengano de Sinhá, limitou-se a exclamar pausada e languorosamente.

— A pobre !

A outra familia tomou o mesmo carro.

O resto da viagem correu bem. A pequenita, depois de beber leite e besuntar-se com doces, adormeceu. A ama cochilava tambem, a mãe passava para o ar os seus grandes olhos verdes e o pae continuava alizando no pé a meia de algodão branco.

A familia Medeiros não conversava tampouco. Dois passageiros entrados na estação de Campinas é que fallavam muito, discutindo as ultimas eleições. Eram dois, politicos, um liberal, outro republicano, que argumentavam com todo o fogo, num tiroteio de phrases com que se procuravam esmagar reciprocamente.

Como o partido republicano tivesse feito uma bonita entrada nas urnas, o passageiro liberal escondia o seu despeito num desprezo altivo e affectada condescendencia, que mais fazia exasperar o outro. Cada vez que o republicano exclamava jubiloso :

— Estamos em maioria ! e viva a Republica !

o liberal sorria com piedade, murmurando com voz que a raiva tornava mal firme :

— Vocês verão para o anno como ficam rodados !

Aquella questão exasperava ainda mais o commendador Medeiros ! Conservador antigo e aferrado ás suas idéas, elle sentia freimas de intervir e jogar tambem aos seus adversarios politicos todas as pedradas que a sua enferrujada eloquencia lhe pudesse fornecer ; mas continha-se, mordida raivosamente o cigarro, mandando a todos os diabos a politica e a franqueza quasi grosseira do filho perante a irmã do Antunes e a propria Sinhá ! Estupido ! pensava elle comsigo, vá ver que quer mesmo casar com a tola da Eva !

Quando chegaram a Casa Branca, chuveiscava. As nuvens agglomeravam-se em grandes massas escuras e uma suave viração agitava tenuemente as folhas das arvores.

O Trigueirinhos, avisado por telegramma, esperava a familia na *gare* ; estava num grupo de rapazes, ouvindo o que os outros diziam, com os beiços delgados e pallidos abertos num sorriso inexpressivo e frio.

— Nicota não veio ? perguntou o commendador ao apertar a mão do genro.

— Ella espera mesmo lá no sitio...

— Está boa ?

— Um... tem andado exquisita...

— Isso é novidade...

— É exacto.

Depois de uma resposta tão categorica não podia haver duvida; Nicota ia fazel-o avô. Medeiros recebeu sem alvoroço a noticia, talvez com um certo desgosto. Parecia ir-lhe fugindo toda a affeição da familia! Octavio magoava-o profundamente, desmoroando um projecto que havia já tantos annos elle acariciava com amor! Noemia rebellava-se tambem contra a sua vontade, embora se fingisse resignada e humilde; a mulher tinha por elle um respeito muito proximo do medo; havia na sua obediencia alguma coisa que lhe fazia lembrar o animal domesticado deante do seu domador.

O commendador accusava de todos esses males—o tempo!

Ah! os chefes de familia de havinte annos ainda, quanto mais felizes eram! Dirigiam á sua vontade o barco para a direita, para a esquerda, para a frente ou para a retaguarda, sem que partisse de dentro uma observação, um dito, um queixume ou uma supplica! Um pae casava á sua escolha as filhas e os filhos, encaixava-os na propria familia entre os primos mais ricos; aos treze annos as meninas seguiam para as suas novas casas, julgando-se muito felizes, condescendentes e passivas; o mesmo, pouco mais ou menos, acontecia com os rapazes, que emfim esses sempre gosavam de um pouco mais de liberdade! Amor! essa palavra só, arripiava os paulistas, como se ella fosse um synonymo de degradação e de torpeza!

Os annos passaram e, rapidamente, numa evolução quasi incomprehensivel, os espiritos dos

moços rebellaram-se contra as leis estabelecidas, a ponto de quererem agir por si ! E hoje...

O commendador meditava nas loucuras de agora, quando Trigueirinhos o empurrou para dentro de uma grande e pesada sege, onde já havia accommodado a familia.

.....
A fazenda do Trigueirinhos era perto e a estrada magnifica. De passagem elle ia informando a familia dos nomes dos sitios ; de repente, voltando-se para o sogro, exclamou :

— A gentedo Franco chega hoje á tarde... ainda vão ceiar lá em casa...

Noemia estremeceu e colou o rosto ao vidro do carro para encobrir as lagrimas que lhe assomavam aos olhos.

A chuva caía peneirada e miuda ; atravessavam um vastissimo campo, onde se destacavam ao longe oito ou dez barraquinhas de panno grosso, umas brancas, outras pardas, algumas cobertas de remendos e collocadas a pequenas distancias umas das outras.

Eram as habitações dos morpheticos.

Aquella triste aldeia ambulante punha uma nota de desconsoladora tristeza na extensa planicie, frouxamente allumiada por um dia cinzento.

Afigurava-se á pobre Noemia que em torno d'aquellas barracas não brincaria nunca um raio de sol, que a relva d'aquellas campinas estaria sempre assim, alagada, sem viço e sem aroma, que

cobriria sempre aquella paizagem a grande melancolia que nesse instante a inundava !

Lá, dentro d'essas miseraveis barracas, cuidadosamente fechadas á humidade do tempo, revolviam-se, nas mais dolorosas contorsões da agonia, corpos immundos, mutilados, disformes, cobertos de chagas, de podridão e de puz ! Paes e filhos viam a contemplar-se, vendo as feições desapparecerem, dia a dia, ficarem carcomidas e medonhas, os cabellos tornarem-se asperos, hirtos e ralos, pelos estragos que instante a instante ia cavando, implacavel e invencivel, a tenaz morphéa !

O carro ia passando, mas o campo era longo, descoberto, e Noemia não perdia de vista as barracuinhas. Olhava para aquillo abstractamente. Apesar de meiga e bondosa, não pensava então na desgraça d'essa gente, segregada da familia, do amor, da sociedade e da alegria ! Pensava só e egoisticamente no seu desgosto e no encontro, inevitavel, com o noivo que lhe propunham.

Atravez dos vidros da sege, e das gottas da chuva, que se amiudavam, viu, na mesma indifferença, um dos habitantes das barracas, que se recolhia á pressa, vindo da cidade, onde fôra pedir esmolos. Montava num cavallo magro e velho, que ia num passo tropego, apesar das repetidas vergastadas com que, agitando nervosamente uma varinha verde, o cavalleiro o zurzia.

O desgraçado morphetico tinha um aspecto hediondo ! Faltava-lhe o nariz, os labios estavam arrepanhados pelas cicatrizes, as mãos envoltas em

trapos, os pés igualmente enrolados em umas longas tiras de panno sujo, o cabello em falripas hirsutas apparecendo-lhe na nuca, pela abertura de um lenço de chita vermelha, amarrado na cabeça, por baixo do chapéu de feltro muito russo.

Atraz, na garupa, levava o *sapicú* (1) com as suas duas bolsas cheias de mantimentos, alli despejados pelas mãos caridosas das pessoas da cidade; pendurada pela aza ao atilho do sacco bailava uma caneca de folha de um lado para o outro, aos movimentos desconjuntados do animal, emquanto dentro do *sapicú* entrechocavam-se, tinindo, uma colher e um prato de metal.

Nenhum lazaro deixa de levar comsigo, quando aos sabbados desce ás povoações, os seus *trens*, como intitulam na provincia os objectos caseiros e familiares.

Pedindo um gole d'agua para mitigar a sede ou uma sopa para matar a fome, essas repellentes creaturas, para que os seus beiços nojentos não rocem nos copos nem nos pratos da gente feliz, que tem saude, apresentam o prato e a caneca que trazem comsigo. Vão sempre prevenidos com isso nessas peregrinações tristes, em que, provocando a piedade, exhibem os seus corpos mutilados e os seus rostos repulsivos! A consciencia do mal que os corroe, afastando-os, muitas vezes, das proprias familias, fal-os sombrios, geniosos e maus! São os galés sem crime, sem remorsos, que arrastam numa

(1) Sapicú—alforge.

expição dolorosa e perpetua um erro da natureza, tão santa para uns quão barbara para outros!

Esses infelizes fogem das cidades, onde são perseguidos e expulsos pelas municipalidades, e têm um verdadeiro pavor aos hospitaes, por não encontrarem nelles as condições que os confortem e animem! por isso, armam as suas frageis habitações de panno na solidão dos campos. Alli podem viver, ao menos alguns dias, no isolamento, ignorados por todos; alli podem, sem humilhação, beber da fonte a agua limpida, pura, que escorre entre o musgo avelludado das pedras numa corrente que não pára ao contacto dos seus labios entumecidos, nem lhes nega frescura; alli não os observam olhos compassivos ou enojados, as flores perfumam-lhes os pés chaguentos, e as estrellas brilham como uma doce bençã sobre as suas cabeças leprosas. Mas... lá chega o sabbado, o dia consagrado ás esmolas, e lá descem elles então em turmas á cidade, onde os não recrutem para os asylos, affrontando todas as humilhações, desde a esmola pedida em nome do bom Deus, que entretanto lhes nega a felicidade, até o cobre que lhe atiram de longe, para dentro do chapéu, com medo do contacto.

O carro seguiu vagorosamente, enterrando as rodas muito fundo na terra molle. O misero cavalleiro ficou para traz, encolhendo o pescoço sob a golla do seu casaco ensebado. Mais adeante, a sege passou por um grupo de quatro d'esses desventurados, que se encolhiam tambem com medo da chuva, apressando os animaes, quasi tão gafados

como os donos, incitando-os nas suas vozes enrouquecidas e fanhosas a proseguirem no caminho; mas o campo era vasto, as barraquinhas estavam ainda longe, meio encobertas pelo tom cinzento do dia nebuloso. Pelos vidros das portinholas corriam as gottas de chuva como lagrimas grossas, e a sege ia-se arrastando penosamente sobre a terra fofa e molhada.

Noemia, sempre com os olhos fitos nas barraquinhas distantes e no campo alagado, ia pensando . . . que apertaria nesse mesmo dia a mão do homem que lhe destinavam e que ella aborrecia!

A fazenda do Trigueirinhos era bem situada, no alto de uma collina, varrida de ar puro, cercada por grandes mattas escuras, que lhe davam um aroma sadio e agreste. O dono tinha-a baptisado com o singelo e despretencioso diminutivo SERTÃOZINHO. Quando a sege com a familia Medeiros parou á porta da casa de habitação, uma casa amarella com *pretorio* (1) de madeira pintada da mesma cor e frisos escarlates, Nicota veiu á escada, mostrando num dos seus raros sorrisos uma satisfacção sincera.

Entraram e percorreram toda a casa; o alpendre, a sala dos homens, a varanda, os quartos e a vasta cosinha terrea, onde, alem do grande fogão, havia a um canto a tacuruba, tres pedras cercando um brasido crepitante e rubro, onde assentava um enorme tacho de cobre cheio de goiabada ainda molle e saltitante, que uma negra gorda mexia a distancia, segurando pela ponta a longa vara da cuyepeva. (2)

Nicota preparava uma ceia lauta. Alem dos

(1) Pretorio—varanda na frente da casa.

(2) Cuyepeva—pá de cabo longo.

Francos esperavam outros hospedes; tinha já tudo em ordem, — dera uma boa dona de casa. Previdente e activa, enquanto a familia descansava da viagem, ella ia e vinha da despensa, despejava os doces dos arimbás (1) para as compeiteiras, mandava que ordenhassem o leite das vaccas para ir á sobremesa numa terrina bojuda; recommendava que a cangica ficasse bem cozida e os ovos queimados bem feitos. Estava nesses preparativos quando recebeu aviso de que os Francos só iriam no dia immediato.

Sabendo d'isso Noemia suspirou de allivio: adiava-se o momento da tortura.

Nicota não pareceu dar importancia á tristeza nem ás queixas da irmã; tratou de dar ordens para o almoço do dia seguinte, pedindo ao marido que mandasse matar um boi: era indispensavel, queria pôr um banquete para os escravos, solemnizando a inauguração da machina e deliberou logo levantar-se muito cedo para apromptar varios doces.

Entretanto, o commendador e Octavio desciam com Triguerinhos á nova casa da machina que se estreava.

Triguerinhos tinha os seus planos e explicava-os ao sogro e ao cunhado.

Á espera de bom preço no mercado, elle tinha ainda na tulha a colheita do anno anterior: o café estava em coco, por beneficiar. Decidiu

(1) Arimbás — bolões.

dar começo ao trabalho da machina quando estivessem os Francos; seria completa a festa.

Conversando, seguiram os tres até o fim do terreiro, indo encostar-se a uma cancella baixa que dava para o pasto. Tinha cessado a chuva; o sol rompia as nuvens e dourava a grama muito verde e fresca, aljofarada de grossas gottas de agua. O gado corria desenfreadamente, açodado pelos gritos de dois negros que, a distancia um do outro, giravam no ar com força e pericia a corda de couro laçada para a péga do boi. O animal condemnado escapara duas vezes com os chifres ao laço, e corria raivoso, corcoveando, arremettendo ora para a direita ora para a esquerda, espumante e lesto, com os olhos em fogo, a respiração afflante e o dorso saliente ou curvo segundo os movimentos da cabeça que, ou parecia lamber o chão ou se erguia desesperada numa provocação altiva!

Trigueirinhos gritava da cancella a um dos pretos:

—Agora, Zezinho! atira! não seja lerdo!

Mas o Zezinho recuava com o corpo numa volta rapida ás investidas do boi.

Aquella scena de lucta durou alguns instantes, até que o animal, escorregando no terreno molhado, se deixou prender. Ouviu-se então o ruido secco da corda caindo e apertando-lhe os chifres.

O Zezinho, moleque agil, correu a abrir a porteira, emquanto o parceiro, suado de cançago, mas com um bom ar de triumpho na physionomia, vinha puxando o desgraçado boi pela corda até o

terreiro, onde o amarrou a um mourão, deixando-o a descansar.

Entretanto Zezinho corria a buscar o machado e a grande faca pontuda. O boi esperava tranquillo, reluzente de suor.

—É pena matarem um animal tão bonito ! dizia Octavio ao cunhado.

—É que elle era meio bravo, manhoso como o diabo ! informava o dono da fazenda.

Durante esse tempo o preto que laçara o boi punha-se em frente d'elle e, calculando com os braços erguidos uma pancada certa, deixou cair por fim vigorosamente o olho do machado entre os chifres do animal. A pancada resouo forte e surda, e o boi entontecido caiu para o lado.

Zezinho de um salto desamarrou-lhe a laçada e o outro escravo, agachando-se, levantou-lhe com uma das mãos a cabeça e com a outra fincou-lhe a faca sob a papada ; o sangue, muito vermelho e quente, espirrou celere, alastrando-se depois em poças pelo chão.

Emquanto os dois negros rasgavam de alto abaixo o animal e lhe arrancavam os intestinos fumegantes, o commendador Medeiros seguia com os seus dois companheiros em direcção do açude, obra a que o Trigueirinhos dava grande importancia.

No lago, muitos marrecos bravos, de cores variegadas, fizeram recair a conversa sobre assumptos de caça ; ainda na vespera o dono da fazenda tinha trazido do matto uma bonita paca e algumas perdizes.

— Por aqui ha onças ?

— Ha . . . mas *menas* (1) que no sertão. No Jahu, no sítio de meu tio, ellas apparecem com frequencia e atacam as rezes.

— Eu já assisti duas vezes, contava o commendador, ao assalto da onça ; uma vez aos cavallos e outra vez aos bois.

E lembrava-se. Tinha sido em solteiro ; elle era então uma especie de capitão de matto do pae ; andava ás vezes dias e dias em busca dos escravos fugidos. Uma tarde, de cima de uma collina, presenciara um espectáculo extranho e para elle completamente novo. Numa vasta planicie, em baixo, onde a luz dosol no occaso punha uma grande vermelhidão, movia-se convulsivamente uma enorme massa redonda manchada de claro e de negro. Ao redor d'essa massa, aos saltos, cabriolando em continuas investidas e recúos, uma grande onça arréganhava os dentes, accendendo os olhos de cobiça e de raiva.

De repente tudo se immobilizava... a onça, a a certa distancia, agachava-se, cravando as unhas na terra e armando o bote ; a massa preta e branca aquietava-se tambem. Ouvia-se então um resfolegar medonho, como se cincoenta boccas respirassem ao mesmo tempo, com egual anciedade e egual esforço. Todas as coisas em volta pareciam tomar parte na acção. O campo, as proprias arvores negras e mudas, como que soffriam vendo aquelle drama da natureza desenrolar-se alli, sobre os filamen-

(1) Menas—Este comparativo fazem-n-o sempre concordar com o genero: menos fructos, *menas* folhas.

tos nervudos de suas longas raizes ! Foi n'um desses momentos de ansiosa expectativa que elle percebeu tudo. Aquella massa movediça era formada por muitos cavalloos que, instinctivamente ordenados em circulo, com as cabeças unidas no centro, formando com as ancas a circumferencia, defendiam-se aos coices dos temiveis assaltos da onça. Elle fugira aterrorizado, deixando no vasto campo silencioso e avermelhado pelo sol moribundo aquelles furiosos contendores.

O outro assalto deixara-lhe menor impressão ; tinha dois companheiros comsigo que o animavam muito ; depois, a hora era diversa, fora de manhã, entre o chilrear dos passaros e o aroma fresco das hervas humidas. Os atacados eram então bois que, formando egualmente circulo, mas em posição inversa, isto é, com as cabeças voltadas para a periphèria, defendiam-se ás chifradas.

A lucta fôra magestosamente selvagem. De lado a lado havia astucia e força ; os olhares trocavam-se flammejantes, num odio aggressivo.

Em investidas e recúos, a onça ia e vinha cada vez mais assanhada e feroz, até que, de repente, apanhada pelos chifres de um boi, foi arremessada muito alto, indo cair no chão com o dorso para baixo, numa bulha surda e fofa. Viram-n-a por alguns instantes agitar para o ar as pernas, procurando erguer-se, e então um dos amigos de Medeiros matou-a a tiro. Os bois, espantados, disseminaram-se, correndo desabridamente sobre a relva ainda humida do sereno da noite. E tudo se acabara assim !

Quando voltaram para casa encontraram visitas: dois lavradores vizinhos, o major Seabra e o Porto, que iam prosear um pouco com o Trigueirinhos; este, porem, não se afastou da varanda, onde a sogra descascava marmellos, Noemia acariciava a filha do feitor e Nicota enchia duas pichorras com melado e mel.

As senhoras mostravam-se cançadas da viagem, mas acompanhavam Nicota nos preparativos da festa.

A conversa entre os homens caiu depressa no assumpto magno do tempo, os abolicionistas!

O Seabra informava o Trigueirinhos, com uma indignação extremada, de que ouvira do proprio juiz a franca declaração de não consentir na captura de negros fugidos!...

E cuspiam injurias sobre o pobre homem, num extravasamento de bilis incalculavel!

Octavio afastou-se, indo fumar perto de uma janella.

Era a hora do crepusculo, e o sol a esconder-se illuminava a paizagem ainda fresca da chuva. Vinha do pomar o aroma leitoso e agreste das figueiras. As rosas de todo anno, desfolhadas pelo vento, deixavam cair as suas petalas viçosas que atapetavam alegremente o chão.

No terreiro, o gado que se recolhia do pasto para o curral agrupava-se em torno ao sangue já frio do animal matado horas antes, e desenhando no espaço os seus grandes chifres arqueados, com os focinhos erguidos, magoados pela perda do antigo companheiro, mugiam em coro, lamentosamente...

XXVII

Eram seis horas da manhã quando Octavio, accordando, ouviu dois caipiras dialogarem sob a janella do seu quarto. Dizia um:

— Seu Romão já disse qui o mais fólte di nois tudo é o Braz...

— Tchê! na terra! o mais fólte di nois tudo sou eu!

— Seu Zé Riba mandou chamá um capanga di fora, um tá Furctuoso!

— Eh! sae cinza!

— Os coitado...

— Qué coitado?

— Da gente do dotô...

— Foi nhô Triguero que mandou chamá mecê?

— Não foi não; eu vim trazê um recado de nhô Juca, pro móde ellê í lá combiná as coisa; o diabo é que fica talde e eu perciso i mi embora.

— Mecê foi convidado pra festa?

— Fui.

— Quem foi que convidou mecê?

— Nhô Carro de Lima, mais não vou não!

— Uê! Isso é o mesmo que pinchá dinheiro fóra!

— É . . . mais não vou. Eu quando vejo sangue fico tão patife (1) que até chego a sê vil!

Ouvindo o nome de Fructuoso ligado áquellas palavras mysteriosas, Octavio ergueu-se e abriu a janella, mas já os dois caipiras se tinham afastado; um d'elles conversava com o Trigueirinhos, que o ouvia de rosto carregado; o outro desapparecia na porta do pateo com um feixe de palmitos ao hombro.

Meditando nas palavras que acabara de ouvir, Octavio julgou perceber a intenção occulta de um crime. Essa suspeita desvaneceu-se depressa. Que diabo! pensou elle comsigó, se houvesse realmente tal proposito, os capangas não teriam tanta facilidade em fallar nisso tão alto e junto a uma janella! O que é preciso é ir ter com o Fructuoso, segural-o bem e arrancar-lhe da guela toda a verdade!

Octavio resolveu procural-o nesse mesmo dia. Quando entrou na varanda deparou com a irmã, que fazia um requeijão, sentada entre dois barris, um de leite coalhado, outro de leite fresco.

Octavio poz-se a ler os jornaes, pensando ao mesmo tempo na entrevista com o Fructuoso.

Que verdade negra lhe iria revelar esse homem infame, que se vendia para o crime, como uma prostituta para o amor?

A pouco e pouco foi-se reunindo toda a familia.

(1) Patife—desanimado, covarde.

Estabeleceu-se a *prosa* : entrou o Trigueirinhos, preocupado, com os beiços esbranquiçados e as faces terrosas. Entretanto Nicota, rubicunda e serena, expremia num guardanapo a coalhada de leite com ligeireza e força, tirava-a depois d'ahi, já bem enxuta, para o leite fresco de um tacho.

— É a mais feliz da familia, pensava Octavio, observando-a na sua occupação de *ménagère* distraída e calma.

Estavam assim, quando ouviram o rodar de um trolly ; chegaram os Francos. Noemia estremeceu e aproximou-se instinctivamente da mãe, como a pedir-lhe misericordia e apoio.

Momentos depois, entravam na sala o coronel Cerqueira Franco e o filho.

O coronel era um velho robusto, alto, corpulento, de barba farta a encobrir-lhe todo o peito, andar pesado e grandes mãos cabelludas. O filho, egualmente alto e forte, tinha o aspecto agradável, o olhar sereno, um sorriso bondoso e feliz de creança posto nos grossos labios de um homem.

O commendador apresentou-o a Noemia, dizendo-lhe :

— Esta é que é vossa noiva !

Elle corou ; ella, sem levantar os olhos, estendeu-lhe a mão, gelada e tremula.

Houve um instante de silencio, que o coronel Cerqueira Franco se apressou em cortar fallando num tom alto, com certa intimidade e alegria.

Voltando-se para o filho exclamou :

— Você tem uma noiva muito bonita ; carece

agora de tratá-la bem, ouviu? bonita e... commoda! porque é tão delicada que ha de ser por força muito leviana! (1) cabe num canto do bolso de Julio!

Pouco depois, uma mucama chamou para o almoço.

Enchendo o seu prato de *quiréra* (2) e lombo de porco, o coronel Franco proseguia:

— D. Nicota? a senhora descurpe a franqueza! mas quando eu passei na cachoeira de Pirassununga, hontem de talde, tavam caçando (3) peixe, então apeguei de trazê um dourado pra sua ceia... E dirigindo-se immediatamente ao Trigueirinhos:

— Seu tio é bem bom... eu já pousei aqui na visinhança uma noite, em casa do... de um *chimbéva* (4) moreno...

— O Prates?

— Isso!... não me alembra o nome, era casado com uma moça da Limeira... oh! que mulher fogueta!

Os outros riram-se; elle continuou:

— Estou ficando com os pés fria! (5) acho que é porque a varanda é de tijolo! Trigueirinhos? vocês não aqueçam fogo, não?

— Que sim, responderam. De vez em quando, no inverno, faziam fogo na sala de jantar, entre as re-

(1) Leviana—leve.

(2) Quiréra—milho pilado.

(3) Empregam o verbo caçar por pescar.

(4) Chimbéva—designam por este nome na provincia as pessoas do nariz chato.

(5) Pés fria,—é assim que geralmente dizem na provincia.

des ; agora porem, em fevereiro, nem se lembravam d'isso !

O coronel Franco proseguiu fallando sempre, ora das suas propriedades em diversos locaes da provincia, ora do casamento do filho, etc.. Á sobremesa disse ter ouvido de dois passageiros, no trem, grandes injurias ás auctoridades de Casa Branca, e tambem que haveria nessa cidade uma revolução de escravos ! isso é que era o diabo ! Deveria dar credito a semelhante boato ? indaga-va elle, mastigando com a completa dentadura postiga o doce de abobora moranga, servido ás talhadas.

— Que não dêsse credito, respondeu o Trigueirinhos ; tudo aquillo eram historias de gente castelleira ! (1)

— Homem . . . será ?

— É, sim !

— Bom !

Durante todo o dia reinou alegria entre os escravos do Sertãozinho.

Octavio não se pôde ausentar da familia e desejou mesmo consagrar o seu tempo em favor de Noemia, por quem até então nada pudera fazer.

Para isso conduziu o noivo da irmã para a sala dos homens, yazia nesse instante. Julio sentou-se num canto do sofá. Octavio, arrastando uma cadeira, sentou-se em frente d' elle, e começou :

— Vamos tratar de um assumpto muito deli-

(1) Exaggerada, mentirosa.

cado! Principio pedindo-lhe permissão para lhe fazer uma pergunta...

— Pois não...

— Reparou bem nos olhos da sua noiva?

Julio Franco olhou attonito para o futuro cunhado, e respondeu depois, muito candidamente, sem atinar com o motivo de semelhante pergunta.

— Não...

— Se tivesse reparado, poupar-me-ia talvez o dissabor de lhe dizer estas palavras: Noemia tem os olhos vermelhos e inchados por passar horas inteiras a chorar! O casamento amedronta-a: ainda muito moça e de character um tanto voluvel, receia não fazer feliz o homem que lhe impõem para marido. É natural; o casamento sem amor parece-lhe uma coisa barbara, uma coisa assim como um patibulo moral, onde tenha de sacrificar toda a sua vida!

Nunca o tinha visto; o senhor ainda é para ella um extranho! Algum tempo de convivencia bastaria, estou certo, para fazel-a acceitar com imenso jubilo tal resolução. Se meu pae consultasse a sua vontade, não succederia nada do que se está passando. Responderia á honrosa defferencia do coronel Cerqueira com duas palavras de recusa perfeitamente explicavel. Creio que as antigas relações entre ambos, homens sensatos e experientes, ficariam como d'antes. O contrario seria pueril; não lhe parece?

Julio Franco limitou-se a acenar que sim, com a cabeça. No seu olhar havia alguma coisa de

indeciso e de errante, como a buscar um ponto em que se fixasse.

Octavio concluiu :

— Talvez lhe pareçam tardias estas minhas observações ; mas, não o conhecendo pessoalmente, não me atrevi a escrever-lhe ; trabalhei comtudo para o mesmo fim em familia, sem conseguir abalar a resolução de meu pae ! Agora nada mais tenho a dizer-lhe ; se fui comprehendido ou não, não sei ; o senhor o dirá.

— Perfeitamente, respondeu Julio, levantando-se ; parto amanhã cedo para S. Carlos e de lá escreverei ao commendador. E estendeu lealmente a mão a Octavio, que, apertando-a, sentiu com jubilo que tinha entre as suas a mão de um homem de bem.

Já se ouvia lá fora uma grande algazarra ; as creanças davam vivas, e a familia do Trigueirinhos, paes, irmãos, tios, primos, uma infinidade de pessoas, acabava de chegar para assistir á inauguração da machina. Nicota e Noemia foram ao encontro das senhoras, que abaixavam os olhos, acanhadas ; não tinham nunca saído do interior, e torciam caladas os lenços, olhando para o chão. Não houve conversa, idéa, vontade que se lhes communicasse. Noemia ia e vinha trefegamente de umas para as outras : debalde todas as tentativas de distracção ! Mostrou albuns de photographias, de gravuras ; foi buscar flores, fructas, trabalhos de agulha, perdendo commentarios e seccando inutilmente a lingua ; por fim, não tendo mais que dizer de alegre nem

que mostrar, sentou-se, queixando-se num bocejo de que os mosquitos lhe davam cabo da pelle, e estendeu para uma das visitas a mãozinha muito alva, assinalada por uns pontinhos rubros. Ia a fechar os olhos, somnolenta, teve de os arregalar de espanto : a senhora a quem indolentemente mostrara a mão, desenroscou-se, dizendo com timidez :

— Décerto é peririca.

Quebrou-se o encanto ; d'ahi em diante uma ou outra phrase semelhante vinha boiar á tona d'aquella pasmaceira, até que desceram todas para a casa da machina.

Nella estavam reunidos alegremente os brancos e os escravos. Muitos galhos de cafeeiros adornavam as paredes, e ao rumor da machina unia-se o rumor das vozes.

Um estudante de S. Paulo, parente de Trigueirinhos, fez um discurso ; ouvindo-o, Octavio lembrava-se do Azevedo, que, se alli estivesse, não perderia occasião de botar rhetorica : mas, infelizmente, estava longe, ao lado de Eva, a fallar-lhe talvez na doce intimidade dos noivos !

Finda a cerimonia da inauguração, voltaram para a casa da residencia, onde Nicota, ajudada pela mãe, fez servir um jantar opiparo.

Á noite, no terreiro, rebentou o samba. Um negro reforçado e coxo vibrava no tambor grandes pancadas resoantes ; um velhote repinicava o *cara-caxá*, revirando alegremente os olhos, e no meio do barulho do batuque, uma grande roda de negros e negras cantava, cantava num rythmo monotono, em

que a melodia parecia nublarse e esconder-se de vez em quando, para surgir depois mais doce, mais sentida, mas igualmente fugitiva. As palavras repetiam-se sempre, sem significação, como mero pretexto para as modulações musicas. Os pagens puxavam feiras e as mucamas saíam para a dança, de braços caídos, saracoteando os quadris.

Alguns escravos antigos, e já invalidos, assistiam de lado, contando entre si os deslumbramentos das *Congadas*, dança complicada em que figurava um rei de manto rogagante, feito de panninho, doze ministros de bluzas cor de rosa e azul, e osdoze conguinhos de saioté e corpinho, todos com capacetes de papelão, enfeitados de fitas e plumas velhas, ou gorros de metim.

— E o generá ? ! lembrava um.

— Ah ! o generá ! suspirava outro.

O general entrava fardado na dança, cheio de galões, numa casaca extravagantissima !

Da *Congada*, passavam a lembrar o vigor da famosa dança dos cayapós ! Nessa sim ! os negros trazem por cabelleira madeixas de crina de cavallo, e, por sobre camisas de meia esfrangalhadas, muitas pennas e adornos vistosos !

Os velhotes, coitados, lembravam essas coisas, enquanto as moças, num passo miudo, iam e vinham, ora para traz, ora para deante, com os meneios vagarosos e arredondados, repetindo sempre, num tom cheio de melancholia o

Petinga-a-á, petinga-a-á,
petinga-a-á, meu bem !

Octavio passeava no pretorio, observando ás vezes a dança dos negros, indo outras vezes encostar-se á janella de sala do jogo, ficando ahi a olhar para dentro, vendo jogar.

Numa d'essas occasiões ouviu uma grande discussão ; tratava-se d'alguma coisa grave : accusavam um juiz do logar, em termos injuriosos.

— O cachorro, exclamava um fazendeiro da vizinhança, muito cheio de estupidez e de dinheiro, não só não pega os negro fugido, mas ainda por cima é acoutadô dos escravo!

Elle tá tão socegado e é de tanta corage, que deixa elles andá de dia na rua !

— Está mesmo desafiando a gente ! dizia um outro.

— Assim o quer... assim o tenha, sentenciava um velho magro, de olhar maligno.

— Olhe; a demissão do seu cargo já está pedida.

— Isso é que já se deveria ter feito ha muito tempo !

— Bem discutida tem sido a tal demissão ! insinuava maldosamente, num sotaque estrangeiro, o mesmo velho magro de olhar maligno.

— Elle acouta negros para ter quem o sirva, dizia o dr. Azeredo, pondo na mesa um triumpho.

— Isso é que é ! você deu no vinte ! respondeu o parceiro, recolhendo o triumpho com outro maior.

— Agora mesmo lá tem elle dois ; um alli

do Moscoso, e mostrava com o beigo um sujeito gordo, sem barba, que enrolava um cigarro, descansando no ventre arredondado os braços muito curtos.

— Com o meu é que elle não fica! rosnou o Moscoso balançando a papeira...

— Ora! é o que você diz! mas queira elle! incitava o coronel Trigueiros, batendo-lhe no hombro, e então que remedio terá?

— Que remedio terei? Ora essa! O dito, dito! Que foi que se combinou?

— Na verdade, respondeu com um sorriso o coronel, dizem que você tem uns planos...

— Eu?! ... ora! *isso é lá com os Pereira!* (1) e olhou de soslaio, maliciosamente, para o dr. Azeredo; este acudiu:

— Bem... bem! será mais prudente variar de assumpto!

— Deixem socegar o juiz! dizia ironicamente o velho estrangeiro, com as faces enrubecidas pelo entusiasmo e a cerveja.

— Mas se o diabo está pedindo forca! exclamava um mais exaltado.

— Que tempo de abusos!

— Não! que comnosco elle não pinta! ha de ser ensinado!

— Com a demissão, concluia o velho.

— E com...

O Moscoso acabaria a phrase se os outros não a

(1) Locução popular que significa: não tenho nada com isso.

abafassem, fallando e tossindo alto. Evidentemente, pensava Octavio, esta gente está doida! e saiu da janella indo deitar-se na rede, a um canto do pretorio, onde começou a fumar um havana, olhando para o ceu estrellado, a ouvir a cantiga dos negros, cheia de graça e de melancholia.

XXVIII.

Julio Franco saiu do Sertãozinho ás cinco horas da manhã, deixando o coronel incumbido de o desculpar para com a familia Medeiros e o Trigueirinhos.

Passara parte da noite a discutir com o pae, que ao ouvil-o dizer: « já não me quero casar; resolvi ficar solteiro », poz as mãos na cabeça, perguntando:

— O' diabo! porque?

— Porque vejo perfeitamente que não agrado a Noemia Medeiros!

— Ora, que tolice! mulher lá sabe o que lhe convem! o pae quer, acabou-se!

— Eu não penso assim.

— Deixae-vos de asneiras!...

— Isto é até muito serio...

— Qual muito serio! Sois um idiota.

O dialogo foi longo. Julio logrou acalmar o velho depois de muitas horas.

O coronel não cessava de dizer:

— Com que cara hei de eu ficar deante d' esta gente?

O filho, porem, não se demoveu do seu intento

e o velho teve de resignar-se ao desconsolador papel que lhe estava destinado.

À hora do almoço, chamou de parte o commendador, e, muito titubeante e nervoso, disse-lhe tudo.

O commendador não respondeu; indignado e pallido, voltou-lhe as costas e foi encerrar-se no seu quarto. Octavio redobrou de attentões para com o coronel, acompanhando-o ao meio-dia á estação.

Voltando da *gare*, Octavio indagou numa loja de ferragens, armarinho, louça, etc., onde áquella hora se reunia meia duzia de pessoas, que faziam alli o seu cenaculo discutindo politica e tomandó café, se o sr. José Ribas estava presente, ou se lhe poderiam indicar onde o encontraria.

O dono da loja, um sujeito gordo, moreno e risonho, veio á porta, explicando não se achar o José Ribas na cidade; mas que, se o sr. Octavio Medeiros quizesse, poder-lhe-ia transmittir algum recado, visto estar nesse momento empacotando machados, enchadas, facões e garruchas que elle lhe tinha mandado pedir.

— Entre... entre, escreva á sua vontade, insistia o lojista.

Octavio, aproveitando o convite, foi sentar-se á secretária.

A pequena distancia, um caixeiro em mangas de camisa ia encaixotando os objectos, mencionando-os em voz alta.

— Uma garrucha... tres machados... cinco

enchadas... dois revolvers... No balcão, um outro caixeiro, muito asseado, ia escrevendo e repetindo: uma garrucha... tres machados... etc.

— Para que diabo quererá o Ribas tanta coisa? perguntou de um canto um sujeito magro, de chapéu de palha, que estava alli na *prosa*.

— Sei lá !... o que affirmo é que tenho feito muito negocio ultimamente.

— Então sempre será certo ?

— O que ?

— A révolução dos negros...

— Pelos modos... em todo o caso é bom estar prevenido.

— É sim ; faz o José Ribas muito bem ; que se os negros pilham os senhores sem força...

— Deus nos acuda !

Nesse momento entrou ousadamente um caipira na loja e, dirigindo-se ao dono da casa, disse :

— Eu venho emprestá um facão pra mecé...

— Eu não empresto ; vendo.

O caipira ficou um momento pensativo ; depois, tomando uma resolução :

— Pois entonces pode ponhá na conta de seu Zé Ribas...

— Pois sim. Como é o seu nome ?

— Meu nome ?

— Sim.

— Ah! Eu me chamo Fructuoso da Cunha.

Emquanto serviam o Fructuoso, Octavio agradeceu ao lojista o seu obsequio e foi esperar fóra o caipira, que um bom acaso lhe havia apresentado.

O capanga Fructuoso era magro, baixo, de olhos pequenos, penetrantes, labios finos, narinas dilatadas.

Arrojado, elle era o primeiro a atirar-se num perigo, desconhecia o temor, deleitava-se com o cheiro do sangue, provocando as occasiões de o derramar para molhar nelle as mãos, voluptuosamente! Ágil e astucioso, escapava sempre ás garras da policia, e, emquanto os soldados o procuravam nas tavernas, estradas e povoações, elle ria-se, deitado sobre o ventre num quintalzinho ignorado, onde improvisava uma *rinha*, vendo e incitando os gallos brigadores que se arrancavam as pennas e a pelle, sangrando-se e cegando-se mutuamente.

— Eta, carijó! ataca! gritava elle, apostando com outros caipiras que se agrupavam, acorados, contando o dinheiro amarrado na ponta dos lenços, e dando guinchos de raiva ou de prazer!

Era da bocca d'esse homem que Octavio esperava ouvir as palavras da verdade, a confissão sincera de um erro, a revelação de um nome execravel e a salvação de Eva! Mas Fructuoso era leal aos seus patrões, e o seu espirito, sempre

aberto ao mal e á perversidade, numa avidez de tigre esfaimado, negava tudo o que fosse ou que concorresse para o bem. Os seus pensamentos voavam no mal como um morego nas trevas: sem empecilhos, deleitosamente.

Vendo-o sair da loja de ferragens, Octavio chamou-o. Fructuoso aproximou-se, disse tel-o reconhecido e seguiu a seu lado, sem revelar a minima perturbação. Chegados a um ponto isolado da rua pararam.

Estavam entre dois muros de quintaes. O sol ardentissimo batia de chapa nas pedras irregulares da calçada. Num dos muros debruçavam-se curiosamente para a rua as hastes intrincadas de uma trepadeira sem flores; no outro nem um vestigio de vegetação; viam-se unicamente em cima, espetados e ameaçadores, muitos cacos de vidro brilhando ao sol.

— Vamos, começou Octavio; já sei que foi você quem tentou matar-me, e olhe que não me zango por isso; o que desejo saber é o nome da pessoa que o assalariou para tal fim. Quem foi?

Fructuoso sorriu, e depois, passando vagarosamente a mão pela cara:

— Não sei... prá quê serve dizê?

— Isso é commigo. Diga-me quanto quer pelo seu segredo?

— Nada. Eu não recebo dinheiro quando não trabalho.

— Pois bem, trabalhará depois por minha conta.

O caipira mirou o seu interlocutor da cabeça aos pés, e sorriu de novo.

— Um... o senhô? quá!

— Eu, sim! olhe... e Octavio fallou largamente, tentando por todos os meios, dos mais brandos aos mais violentos, obrigar o capanga a dizer a verdade.

Fructuoso, porem, fechava-se na sua obstinação e nada o arrancava d'ella; até que por fim, ouvindo de Octavio como suspeito o nome do Antunes, deu uma gargalhada franca, dizendo logo depois:

— Tá enganado! Seu Antune é um tolo prá estas coisa.... só digo que, quem arranjou e pagou a gente prá esse sérvigo foi muié, não foi home!

— Mentira! exclamou Octavio, indignado, percebendo a que mulher se referia o caipira.

— Á pois, respondeu o outro pachorrentamente; si quizé eu lhe amostro uma porva...

— Que venha e já! respondeu Octavio estendendo-lhe a mão.

— Não tá qui! aminhá de taldinha mi espere nesse logá memo, que eu venho e entrego ella prá mecê.

— Não! Eu prefiro ir buscal-a hoje mesmo em casa do José Ribas.

— Como é qui mecê sabe qui eu pouso lá?!

— Sei.

— Tá dereito; mais hoje eu não vou pró sitio...

— Então amanhã...

— A que hora?

— Ás sete da manhã.

— Cuns diabo!... tá dito! eu espero mecê...

E separaram-se.

Octavio seguiu perplexo, pensando nas palavras do capanga, revendo-lhe a physionomia mobil e impenetravel, o piscar nervoso dos seus olhinhos malignos e os repetidos movimentos da sua bocca movediça, como a dos coelhos. Decidiu ir nessa mesma tarde á fazenda do Ribas.

O Fructuoso poderia tel-o enganado... Num homem d'aquelles não se podia fiar... Desejava apoderar-se nessa mesma tarde do tal documento offerecido pelo caipira; a seu ver elle seria uma chave da intriga até então tão intrincada e obscura!

Antes do pôr do sol chegava á fazenda do José Ribas, e ahi foi informado pela mulher do feitor, de uma maneira terminante e secca, de que não havia homem branco em casa; ficariam todos na cidade!

— Mas o Fructuoso?

— Qual Fructuoso! hoje não vem cá ninguem! É meió o senhô vortá amanhã... E voltou-lhe as costas.

— Malcreada! resmungou entre dentes Octavio, descendo a pequena escada.

Eram oito horas da noite quando tomou a estrada do Sertãozinho.

— Posso entrar? perguntou o Trigueirinhos com a voz transtornada, batendo na porta do quarto de Octavio, onde havia ainda luz.

— Pois não! respondeu o moço, attonito, indo ao encontro do cunhado.

Era mais de uma hora da madrugada; pela janella aberta entrava o ar humido da noite, uma noite pesada, sem estrellas. Sobre a mesa, ao lado da vela e do tinteiro aberto, estava uma carta acabada de sobrescriptar ao dr. Morton.

Trigueirinhos, muito amarello, entrou cambaleante, deixando-se cair numa cadeira.

— Que tem você? perguntou-lhe Octavio assustado.

Trigueirinhos tentou responder, mas a palavra sumiu-se-lhe nos labios, num som mal articulado e incomprehensivel.

— Sente se doente? tornou Octavio, curvando-se com interesse para elle.

— Que não, respondeu-lhe o outro, com um gesto e um sorriso quasi doloroso.

Decorreram alguns minutos no maior silencio. A luz da vela tremulava; uma ave nocturna passou

rente á janella; o Trigueirinhos, estremeceudo, chegou-se mais para o cunhado e disse, num arrastar de lingua que lhe tornava a palavra confusa:

— Vou contar-lhe tudo... mas peço-lhe segredo... Vim bater á sua porta porque estou com medo...

— Medo? medo de que?!

Trigueirinhos relanceou os olhos pelo quarto e, passando pelos cabellos a mão morena, pequena e secca, murmurou:

— Escute...

Suspendeu de novo a palavra, como se alguém lhe estivesse a apertar o pescoço.

Octavio procurou acalmal-o, assegurando-lhe que alli podia estar tranquillo.

O cunhado reflectiu, e continuou depois num tom apenas perceptivel:

— Muitos fazendeiros aqui do municipio estavam indignados com o juiz, por causa dos escravos que elle protegia e acoitava...

— Já ouvi isso...

— Pois é!... e, como elle não quiz nunca acceder nem a rogos nem a ameaças, deliberaram...

Aqui o Trigueirinhos enguliu em secco e baixou a cabeça, num movimento sombrio, de louco.

— Deliberaram o que? indagou Octavio, curiosamente.

— Matal-o! respondeu Trigueirinhos com a voz estrangulada e os cabellos hirtos.

Octavio endireitou o busto, deixando cair pesadamente a mão sobre o hombro do cunhado e dizendo-lhe num tom aspero e vibrante:

— Mas você não entrou na combinação?! Diga-me!

— Entrei... murmurou o outro quasi de joelhos.

Octavio, num pasmo terrivel, ficou silencioso; entretanto Trigueirinhos ia murmurando na grande humildade de quem se confessa :

— Ficámos de nos ajuntar todos hoje, e de irmos á casa do juiz tirar os escravos que elle tem lá e... *mais* eu não tive coragem. Cheguei lá em baixo ás onze horas, vi já muita gente reunida no pasto do Simões Rodrigues, onde combinaramos deixar os animaes... então, não sei o que foi que eu senti... *mais* puxei das redeas e voltei depressa para casa... Todo o caminho parecia-me sentir vir atraz de mim aquella gente toda, a arrastar o juiz... Entrei pelo corredor como um bebado, vi luz no seu quarto e bati.

Trigueirinhos, muito amarello e nervoso, dava já livre curso ás suas palavras, que se precipitavam, compromettendo-o, revelando os nomes dos outros numa catadupa impetuosa.

Querendo retroceder, elle avançava sempre, gesticulando como um naufrago a luctar com a onda.

Accentuara-se a sua cor terrosa; as suas mãos magras e finas crispavam-se, salientando nuns cordões escuros o ramo das veias, e as sobranceiras apertavam-se ou subiam e desciam, enrugando-lhe a testa acanhada. Parecia um doido no momento de crise. De vez em quando parava, julgando ouvir um tiro, e punha-se na attitude de quem escuta.

Octavio, á vista d'aquella excitação, já lhe não dava credito, julgando-o doente, e aconselhou-o a que repousasse.

Para não assustar Nicota disse-lhe que ficasse alli mesmo, na sua cama, e ajudou-o a despir-se. Trigueirinhos caíra numa docilidade de creança e deixava-se mover sem repellir nem auxiliar. Tirando-lhe o casaco, Octavio viu-lhe na cinta um revolver e uma faca de matto ainda nova, alem da outra do costume, na cava do collete.

— Que é isso!? você estava realmente preparado para o ataque!...

E, de repente, lembrando-se do que ouvira na loja de ferragens, percebeu que não tinha deante dos olhos um doido perseguido por uma visão, mas sim um culpado atormentado pelo remorso; e então, sem dó, indignado e tremulo de raiva, atirou sobre o cunhado uma tempestade de censuras.

Trigueirinhos esbugalhava os olhos e no seu terror não encontrava replica.

— Precisamos avisar o homem e salvá-lo! disse Octavio.

— Como?! articulou o outro com um raio de esperança a luzir-lhe no olhar.

— Como... não sei, hei de pensar nisso em caminho!

O cavallo em que viera o Trigueirinhos estava ainda sellado, com as redeas presas a um argolão da porta. Octavio desamarrou os nós que a mão nervosa de Trigueirinhos fizera, e montando o animal partiu a galope.

Trigueirinhos ficou só. Sentia percorrer-lhe a espinha dorsal como que uma cobra de neve, e encolhia-se todo. Arregalava muito os olhos, fixando-os na porta aberta para o vazio negro do corredor. Queria fechar aquella porta, que se abria para a treva, e não se podia mover !

Desejava illuminar bem o quarto, ouvir vozes amigas, sentir o rumor da casa, que o tranquillizasse, e ver a claridade do sol ! Aquelle silencio e aquella escuridão apavoravam-n-o ! Procurava com a vista, anciosamente, ora a janella ora a porta, esperando e temendo ver numa e noutra surgir, sinistra e aterradora, a cabeça do morto. Como estivesse no meio do quarto, temeu que alguém, á traição, se collocasse atraz d'elle, e recou espavorido até unir as costas á parede caiada e fria; mas de um e outro lado, os buracos escuros da janella e da porta enchiam-n-o de terror, e engatilhou o revolver, disposto a defender-se dos phantasmas que a sua imaginação excitada lhe suggeria !

Houve um curto instante de allivio ! No interior da casa uma creança chorou ! Emquanto durou o som debil d'essa voz infantil, impotente mas

emfim humana, um grande conforto revestiu a sua alma de homem! Desgraçadamente a creança foi depressa acalentada e tudo recaiu na grande quietação anterior. A viração da noite tornava-se cada vez mais humida, e trazia dos campos o aroma fresco da grama e os sons esparsos e indecifráveis dos animaes e da vegetação.

Pelo espirito desordenado de Trigueirinhos passavam e repassavam numa vertigem todas as scenas que presenciara, desde o dia em que um grupo de amigos o foi convidar para a *grande desforra!*

Tinha sido alli mesmo, no Sertãozinho! O dr. Azeredo e mais cinco amigos diziam todo o mal do juiz, jurando que o haviam de amordaçar de uma só vez. E discutiam baixo a politica e o caracter do homem, pedindo a opinião e o auxilio do Trigueirinhos, que fugia com evasivas, sem saber que partido tomasse!

Repugnava-lhe a acção proposta; chegou mesmo a avançar um *mas...* os outros porem cairam-lhe em cima nuns termos energicos, reçumantes de indignação, torcendo a lei, esmagando a moral, abafando o que houvesse de bom nos seus corações, abrindo unicamente a valvula ao odio negro, infectante, corrosivo, immundo, que explodia em borbotões, levando na sua grande torrente as raras florinhas dos sentimentos piedosos.

— Todos os lavradores estão contra elle; veja se quer ser só você o piegas! exclamava o Azeredo.

— Venha d'ahi! insistia outro; um homem é um homem!

Trigueirinhos torcia-se, mastigava as palavras, mas, não sabendo discutir com o Azeredo e receando principalmente que o chamassem—poltrão, annuiu a tudo, embora muito constrangidamente. Desde esse momento envolveram-n-o numa rede de combinações! Enterravam-n-o na questão, comprometiam-n-o. O caso era fazer numero, extendendo num largo circulo a responsabilidade do acto. Assim, faziam reuniões, forjavam intrigas e espalhavam pela cidade boatos aterradores, designando astuciosamente uma data certa para uma revolta de escravos, afastando toda a suspeita de que fossem elles, os brancos, os ricos, os senhores, os proprietarios, quem andasse pelas ruas de revolver em punho, arrombando casas e despedaçando a felicidade de uma familia honesta e pobre! Os burguezes medrosos encolher-se-iam entre os lençoes, deixando lá fóra berrarem os negros á vontade!

Trigueirinhos seguia todos os planos, boquiaberto, assustado, tentando fugir ás vezes áquellas combinações, mas obedecendo sempre.

Chegara o dia designado para o assalto. Trigueirinhos passou-o em jejum; tinha fastio, amargos na bocca e arripiava-se-lhe o corpo com um frio nervoso e humido. Ao approximar-se a noite sentiu recrudescer o seu mal-estar; teve vontade de dizer tudo ao cunhado e ao sogro; chegou a procural-os para isso, mas a coragem fugiu-lhe e abatido pelo medo de uma censura grave e justa, transigiu com a sua consciencia. Deliberou não comparecer e estava nesse proposito quando um capanga do Azeredo

o foi avisar de novo da parte do patrão, com a instante recommendação de não faltar.

«Seja homem!» dizia-lhe no seu estribilho o amigo; «*acompanhe-nos no perigo como nos tem acompanhado nos dias bons!*»

Trigueirinhos julgou de seu dever e lealdade acompanhar os outros. Às onze horas da noite montou a cavallo e partiu.

O ceu sem estrellas parecia mais profundo e mais vasto; as arvores, mal sacudidas pelo vento subtil do verão, agitavam preguiçosamente as suas ramas escuras; a natureza, bella e serena, suscitava pensamentos calmos, idéas de uma requintada tranquillidade e doçura. Era meia-noite quando Trigueirinhos chegou ao pasto do Simões Rodrigues. Assaltaram-n-o com mais vigor idéas desencontradas: via o condemnado coberto de sangue, ouvia a opinião publica depois, agoitando o seu nome salpicado de lama, e vinha em cortejo a prisão, o interrogatorio... o desprezo da familia e a impossibilidade de continuar a viver alli!

No pasto estavam já cerca de duzentas pessoas; ouvia-se um rumor surdo de vozes e a bulha secca, de vez em quando, de uma arma que se apromptava. Trigueirinhos então, sem saber porque, como um automato, deu volta ao animal e poz-se a galope para casa. Parecia-lhe que o perseguiam, que o vaiavam, chamando-o repetidas vezes: «Pusilamine! poltrão!» Tentava parar, ir reunir-se aos companheiros, mas esbarrava com a visão do morto; e a cor do sangue punha-o fora de si. Sentia necessidade

de se refugiar em alguém. Iria accordar a mulher, pedir-lhe que o defendesse, rogar-lhe uma protecção que não suppuzera nunca dever-lhe. Entrou á pressa em casa, caiu nos degraus; levantou-se arrepiado, transido de medo, sentindo atraz d'elle o Azeredo a dizer-lhe com ironia; «Fraco! medroso! desleal!» Viu então luz no quarto de Octavio, apoiou-se á porta quasi desmaiado e bateu.

Quando Octavio chegou á cidade, amanhecia. Pelas janellas entreabertas appareciam cabeças curiosas. Aqui e acolá, um mais afoito, atrevia-se a atravessar a rua ou a seguir mesmo até o logar em que se passara uma medonha scena de sangue.

Poucos minutos depois, Octavio parava em frente á casa do juiz.

Na calçada fronteira algumas pessoas commentavam o tristissimo caso, olhando para as janellas sem vidros, as paredes esburacadas pelas balas e pelas pedras dos assaltantes; a porta arrombada, caída para traz, mostrando o corredor escuro por onde duas horas antes se precipitara, sedenta e barbara, a multidão dos assassinos. Entre os espectadores da rua achava-se o dono da loja de ferragens, que, vendo Octavio apear-se do animal, atravessou pressurosamente a rua, indo dizer-lhe :

— Que desgraça, meu amigo, e que vergonha ! Que hão de dizer lá fóra, quando souberem d'isto ! E lembrar-me que fui eu, eu ! quem forneceu a toda esta gente os instrumentos para o crime !

— Está então tudo acabado, não é verdade ?

— Tudo !

Octavio estremeceu ; o ferragista continuou :

—O caso foi assim: accordei ás quatro horas, ouvindo um barulho de tiros e gritaria. Chamei o moleque e mandei-o saber o que era... o moleque viu tudo... foi-me dizer, eu vim e encontrei uns amigos que já estavam cá e me disseram o mesmo... uma desgraça! que hão de dizer de nós lá fóra! Quer entrar? Vamos... eu já lá estive; entre, olhe, venha commigo!

—Mas... poderemos entrar assim?... e a auctoridade?

—Ora! se é a propria *auctoridade* que está morta!

—Pois sim, entremos.

Atravessaram juntos toda a casa, por entre trastes quebrados, espalhados, caídos, nodos de sangue e estilhaços de vidro.

Extendido no quintal, sob uma das janellas, estava o cadaver do juiz, hirto, mutilado, medonho!

Grupos de curiosos conversavam no quintal, em frente ao assassinado; alguns de condição inferior espreitavam do muro.

O ferragista explicava:

—Veja o senhor! quanta pancada levou este infeliz! e algumas vibradas pelos propios parentes!

A um gesto de incredulidade de Octavio:

—Pois então? Na turma estavam muitos lavradores da familia...

E enumerou uns poucos.

— Olhe, quem presenciou tudo foi alli aquelle moço.... O' seu Juca? faça favor: venha cá!

Seu Juca aproximou-se. Era um rapaz ainda novo, inteligente, de olhar esperto, filho de um fazendeiro de Mogy das Cruzes, e que andava á escolha de sitio por alli.

Um instante depois ouvia Octavio a narraçãõ succinta dos factos. A seus pés, hediondo, coberto de nodoas e sangue coagulado, estava o corpo do juiz numa tira de sombra projectada pelo telhado. O grupo dos commentadores engrossou: já não era só um a contar a historia, eram dois, quatro, cinco, dez! Affirmavam todos o mesmo:

Ás quatro horas da manhã subiram, reunidas e armadas, do pasto do Simões Rodrigues, cerca de cento e tantas, a duzentas pessoas. E assim, arrebanhados ainda alguns amigos pelo caminho, chegaram á casa do juiz; cercaram-n-a, entrando muita da gente á força, pelos fundos, dando tiros, arrombando portas e gritando: «*Deita cá para fóra os nossos escravos! Apareçam os abolicionistas!*».

Vendo-se ameaçado, o juiz tentou fugir e aconselhou á mulher que se salvasse com os filhos... A pobre senhora atirou-se por uma janella; o marido seguiu-lhe o exemplo, mas, desgraçadamente, esperavam-n-o já em baixo, no quintal, os seus assassinos. Principiou então com toda a ferocidade a negra acção do crime! Espancaram, mutilaram, estrangularam a victima, sem attendem aos rogos da infeliz esposa, que se arrastava de joelhos, implorando misericordia!

Á sua voz dolorida, transtornada pelo pavor

e pelas lagrimas, unia-se a voz chorosa e doce de uma filhinha innocente; mas os sicarios respondiam-lhes com termos injuriosos, redobrando os golpes, na sanguinolenta furia. Só quando viram tudo em destroços, ruinas, sangue, vergonha e dor irreparavel, foi que elles saíram, felizes, satisfeitos da sua obra.

Raiava serenamente a madrugada. Octavio ouvira tudo isto commovido, com os olhos fixos no morto.

— O que é extraordinario, dizia um, é que a policia não appareceu!

— Pudera! exclamou ironicamente um outro, se o primeiro supplente do delegado, logo aos primeiros tiros, foi á cadeia prohibir a guarda que saísse!

— Oh!

— Como?

— Dizendo ao sargento commandante do destacamento que o grupo era muito grande, a cadeia tinha muitos presos, e que dizia aquillo por ter sido elle, o supplente, nomeado delegado!

— Oh! diabo!

— Que me diz, homem!

— A verdade.

Soltaram exclamações de indignação e a biographia do supplente foi exposta e commentada por varias pessoas do logar.

A claridade do sol approximava-se, lambendo já os pés do cadaver. Octavio extendeu machinal-

mente a mão ao lojista e ia retirar-se quando ouviu a um dizer :

— Aquella pancada na cabeça foi dada pelo capanga do José Ribas... um tal Fructuoso...

— É exacto ! confirmou o outro ; e que demonio de força, hein !

— Elle não se contentou de matar ; roubou tambem ; que eu vi elle saltar a janella .

— Eu tambem vi... com uns papeis...

— Que vergonha ! murmurava o lojista, abandonando melancolicamente a cabeça ; que hão de dizer de nós lá fóra !

Aquella preocupação acabou de impacientar Octavio. O nome do Fructuoso abalara-o. Lançando um derradeiro olhar de compaixão ao morto, saiu.

Ia terrivelmente impressionado ; tudo lhe parecia alli ignobil, — homens e coisas ; enojava-o aquella terra ; olhava para as casas, como se todas fossem antros de assassinos, e em qualquer recanto de paizagem, por mais sereno e commovedor, parecia-lhe distinguir um negro vestigio de conspiração e de intriga ! Montando a cavallo, seguiu a galope pela estrada do Sertãozinho ; mas, logo no começo ; teve de parar ; vinha o pagem do cunhado, que lhe disse ir chamar um medico.

— Nhonhô tá qui nem morto ! tá mesmo sem talento (1) nenhum !

— Meu pae está em casa ?

(1) Talento — synonymo de força.

- Tá, sim sinhô.
 — E o coronel Ribeiro?
 — Tambem tá lá!
 — Bem.

Em vez de seguir para casa, Octavio tomou o caminho do sitio do José Ribas. A sua presença aggravaria talvez o estado do marido da irmã; alem d'isso urgia arrancar do maldicto Fructuoso a promettidã prova. Repugnava-lhe ter de pedir áquelle homem uma palavra, em que repousaria toda a sua felicidade futura. E que confiança poderia elle depositar nessa palavra? Deixar que aquelles labios mentirosos e impuros pronunciassem o querido nome de Eva, era já uma profanação! Ma era preciso. E se acaso o Fructuoso a apontasse como auctora d'aquella baixeza, dar-lhe-ia elle credito? tapar-lhe-ia a bocca, e havia de chamal-o infame? Desceria á violencia, e por mais que ouvisse repetir — foi Eva, Eva! elle diria — não, não e não! Pensava em tudo isso e continuava a galopar para a fazenda do José Ribas.

Ha na vida de toda a gente, mesmo na dos mais sensatos, uns momentos de loucura, em que fatalmente se cae nas mais absurdas contradicções! A razão diz-nos :

« É inutil ! não faças isso ! » Mas lá desponta no intimo uma duvida mysteriosa, um *quem sabe ?* a impellir a acção, mesmo contra a vontade !

Era o que succedia a Octavio. Chegando á casa do José Ribas viu a uma janella a mulher com quem fallara na vespera, caseira do sitio.

— Poderei hoje ver o Fructuoso ? perguntou-lhe o moço.

— Tchê, poá ! que speranza ! mecê é desinfeliz. (1)

— Porque ?

— Porque tá campeando (2) elle átoa !

— Ja se foi embora ?!

— É á ! gente ! desde já hoje de menhãzinha.

— E quando voltará ?

— Não vorta mais ; aquelle só qui qué é andá vira-virando !

— Mas elle disse que não voltava ? tem certeza d'isso ?

— Não disse, mais nois viu ; arranjou os trem d'elle mal e má, fallou com nhô Zé e saiu !

Octavio, perplexo, maldisse a sua ingenuidade. O Fructuoso enganara-o duas vezes : affirmando ter uma prova que não possuia e emprazando-o a procural-o numa hora em que já tencionava estar longe ! Para onde teria ido o caipira ?

— E para que procural-o ? Tornaria a ser enganado, duas, dez, vinte vezes, e escarnecido outras tantas ! Era uma lieção. Pobre Eva ! por que mundo de baixezas arrastavam o seu nome !

Quando Octavio entrou em casa, perguntou á irmã pelo doente.

— Elle está muito desinsoffrido (3) ; o medico disse que é um ataque de cabeça ; venha ver...

(1) Infeliz.

(2) Procurando.

(3) Insoffrido.

O Trigueirinhos coçava as pernas queimadas dos synapismos, fazendo tregeitos com a bocca e revolvendo-se todo. Ao deparar com o cunhado poz-se a dizer embrulhadamente :

— Eu não sou cúmplice ! Eu não matei ninguém ! Juro ! Juro ! sou incapaz de semelhante infamia !

O medico, á cabeceira, procurava acalmal-o. Ouvia-se pelo corredor o rumor das saias das senhoras, que iam e vinham em bicos de pés.

Á tarde Trigueirinhos caiu num somno reparador.

Dias depois o medico aconselhava a que tirassem o doente d'alli, que o transportassem para outra terra, ao menos temporariamente.

A familia Medeiros deliberou então voltar para Santa Genoveva, com a Nicota e o enfermo. Elle, como um idiota, não se oppunha; deixava que o movessem, sem protestos.

O terror espalhara-se por toda a cidade. Só se fallava no crime; via-se sangue em todas as mãos, mentira em todas as caras. As familias fugiam medrosas e horrorizadas; o logar ficava deserto.

Emquanto os paes e irmãs seguiam directamente para a estação, Octavio foi despedir-se do lojista que o tinha sempre distinguido. Achou-o cercado por meia duzia de sujeitos, que lhe iam bebendo o café e perguntando coisas.

— Em todo o caso foi uma lição, dizia um.

— Não acha que era muito *perciso* um exem-

plo d'estes? interrogava outro, voltando-se para o dono da casa; e elle, com energia:

— Certamente! De agora em diante, os taes pescadores de aguas turvas hão de ter mais cautela...

Octavio saiu enojado; o lojista comprehendeu-o e foi alcançal-o na primeira esquina; ahí, depois de olhar precatadamente para um e outro lado, disse n'uma voz baixa e assoprada:

— O senhor comprehende... se eu contrariar a opinião d'esta gente terei de fechar a casa! Os lavradores são os que nos sustentam!

Octavio respondeu-lhe evasivamente e continuou o seu caminho, repetindo mentalmente a phrase, que tantas vezes ouvira áquelle mesmo homem, em tom indignado e emphatico:

— «*Vergonha! Que hão de dizer de nós lá fóra!*»

Quando a familia Medeiros chegou a Santa Geneveva, o feitor disse muito amarello e embaraçado :

— Tamo sem gente !

O commendador não o comprehendeu e fel-o repetir a phrase.

— Que está você p'ra ahi a dizer, homem ?

— Não tive curpa . . . murmurou o feitor envergonhado; os demonio dos negro são mêmo o diabo !

— Explique-se ! gritou colerico o commendador.

O empregado contou-lhe, muito humilde, que os escravos, aproveitando a ausencia dos donos da casa, tinham fugido em massa.

— Para onde ? !

O feitor não pôde responder, baixou a cabeça, encolhendo quasi imperceptivelmente os hombros.

O caso fôra assim :

Dois dias antes, protegidos pela escuridão da noite, puzeram-se todos os escravos de Santa Geneveva a caminho para a Serra do Cubatão, o mysterioso refugio de tantos desgraçados ! O caminho era longo, penoso, e as primeiras horas de marcha precipitada, eram contadas com as acceleradissimas palpitações do coração !

O batalhão esfarrapado, taciturno como se fosse composto dos filhos de Caim, seguia mudo, cortando a treva da noite a largas passadas deseguaes. Ouvia-se num grande anseio o resfolegar cansado de cento e tantas creaturas que respiravam alto. Nem uma palavra, nem uma queixa, nem um gemido ! Esmagando a relva secca, sob os pés callosos e chatos, os negros iam de olhar acceso, boccas entreabertas, numa grande expressão de dor e odio, como se em vez de caminharem para a liberdade fossem em direcção do patibulo !

As mães, envolvendo nos chales rotos os filhos pequenos, deixavam expostos á aragem fria da noite os hombros nús, marcados de chicote, com a maninha na bocca das creanças, para que ellas não chorassem; essas obscuras heroínas despendiam as suas forças sem se lamentarem, andando sempre, apesar do fardo, apesar da treva, apesar do medo, com o ouvido á escuta, os labios seccos, os soluços retidos na garganta ! Os paes levavam pela mão os filhinhos mais velhos, que foram ás primeiras horas aos saltos, e a desmaiar depois . . . Alguns velhos que não quizeram deixar partir sem elles os companheiros, arrastavam-se, abriam as mãos tremulas, deixavam rolar no chão o pau a que se arrimavam, e caíam de joelhos, com os olhos cheios de lagrimas e os labios cheios de preces !

Procurando os desvios mais ensombrados, sem attender á fome, nem attender ao canção, atravessou assim aquella gente os caminhos pedregosos ou os caminhos alfombrados, sangrando a carne já tão

pisada do trabalho e martyrizando a alma nas allucinações do pavor! A mais de meio do caminho, quantos faltavam! velhos e creanças muitos haviam ficado esparsos e mortos pela floresta, de pasto aos animaes bravios e aos bandos dos corvos!

Levantava-se o dia e descaía a noite, sem que a alegria viesse bater as suas azas brancas sobre essas fronte negras! Sempre o medo da perseguição, o susto do amanhã, do regresso á casa do senhor, do castigo, da vergonha e da morte!

Chegando ao Tieté, largo e profundo, e julgando ouvir a bulha dos soldados, num movimento incomprehensivel, duas mães atiraram os filhinhos ao rio, e com os braços para o ar correram vertiginosamente pela margem, até cairem de bruços, batendo com o peito e a cara nas urzes que as feriram. E á sombra d'aquellas formosas arvores, ficavam cadaveres dos vencidos, e sobre as folhinhas tenras das plantas rasteiras o sangue dos outros que arfavam, soffriam e passavam!

Entretanto, o feitor de Santa Genoveva aguentava por isso a formidavel descarga de injurias que lhe lançava o patrão. O commendador Medeiros, exasperado, exclamou por fim:

— Tudo isso é obra do tal Antonio Bento! Arre! o que fizeram áquelle demonio do juiz, é o que deviam fazer a toda essa canalha que nos desencaminha os escravo! (1)

(1) O nome glorioso do dr. Antonio Bento, o denodado, o grande abolicionista de S. Paulo, foi alvo de todas as injurias de que tem agora a recompensa na gratidão popular.

E depois de uma pausa :

— Então não ficou ninguém ? !

— Ficou só a Joaquina, e a Joanna que está prá morrer . . .

— Só os cacos das negras velhas !

— Foi bom mecê levá o Saturnino, sinão, ficava sem elle tambem. . . aventurou medrosamente o empregado.

Algum tempo depois, mais animado, o feitor dizia em ar de consolo que o Gusmão ficara igualmente sem todos os escravos ; esses haviam seguido para Campo Limpo e ahi o chefe da estação, combinado com o chefe do trem, fel-os entrar precipitadamente nos carros de segunda classe . . .

— Corja ! Canalha do diabo ! Vociferava, rubro de cholera, o commendador.

XXXIII.

Octavio desceu a ver a ama. A tia Joaquina, fazedeira de sabão, estava sentada na soleira da porta da senzala, com os magros cotovellos fincados nas pernas, e o rosto escondido nas mãos. Sentindo passos, levantou os olhos, avermelhados e húmidos.

— Que é isso, Joaquina, você estava chorando?

— Nhô sim... respondeu com um suspiro a velha.

— A mamã está peor, já sei.

— Ah! nhô moço! Tia Joanna vae indo mal e má... eu tou chorando porque o Jacintho foi tambem com os outro tudo na rodada... i agora cumo hade sé, quando tia Joanna preguntá pro zere?

— Tudo se ha de arranjar, descance. E Octavio, commovido com a bondade da pobre Joaquina, entrou na senzala da ama.

Ao fundo de um quarto amplo e escuro, recebando humidade das paredes e do chão, estava a pobre *mamã* deitada em uma esteira sobre as taboas do catre, entre trapos velhos de baeta e algodão grosso. Espalhava-se um cheiro de sujidade

e do mofo. As moscas zumbiam, voejando sobre a moribunda, que já não as sentia. A carapinha branca aureolava-lhe a estreita fronte enrugada; a cor preta do seu rosto tornara-se numa cor de castanha amarellada; os labios murchos, mettiam-se-lhe para dentro da bocca, salientando o queixo muito agudo; o nariz afilado tomara a forma correcta do nariz dos brancos, e tinha uma transparencia de cera; os olhos, abertos e parados, iam-se cobrindo pouco a pouco por uma nevoa esbranquiçada que lhes empanava o brilho.

— Vigie só! Tia Joanna ficou tão pequena, que inté chega dentro de uma *xicáca* (1) pequena! Tá mêmo qui nem qui fosse creança! E a Joaquina chorava, arredando de sobre o corpo da companheira uns restos de cobertor cinzento.

Realmente, o corpo da paralytica fora-se mirrando a tal ponto que o seu volume estava consideravelmente reduzido! Os braços pendiam finissimos sobra a esteira, as mãos semelhavam aranhas encarquilhadas e seccas.

Pela abertura do casaco de chita viam-se-lhe os seios engelhados, molles, pendentes como dois saquinhos vazios, esses mesmos dois peitos que ella puzera outr' ora tantas vezes, ferteis e tumidos, na sequiosa bocca do pequeno Octavio!

— Mamã... murmurou elle, curvando-se para afagal-a. Mamã! sou eu, Octavio, quem está aqui... E pegou-lhe na mão, carinhosamente.

(1) Cesta quadrada.

A velha não se pôde mover, mas desfranziu os labios contrahidos: ouvira a voz do filho. Elle repetia:

— Mamã... mamã!

E a nevoa dos olhos d'ella ia passando, ia-se dissolvendo como uma nuvem aos raios do sol; não podia fallar, mas o olhar apparecia agora claro, expressivo, doce, feliz; um olhar agradecido, um olhar saudoso e meigo, que o inundava de ternura e de amor.

— Mamã... pobre mamã!... repetia Octavio, commovido e tremulo. E o olhar d'ella respondia-lhe: «obrigada pela tua piedade! eu esperava por ti para morrer!»

Foi como se a sua alma, a sua vida, lhe tivesse saído pelos olhos. Joanna expirou.

O filho branco, que tanto orgulho lhe tinha dado sempre, adoçou-lhe o passamento. A falta do Jacintho, seu proprio filho, nascido das suas entranhas, foi bem compensada. Nem um relance de vista, á procura d'elle! esqueceu-o como se lhe tivesse adivinhado o abandono! Octavio era o seu deus, Octavio era o seu amor.

Desde pequeno fôra Jacintho o preterido; o filho preto que rolasse nú, esfomeado e sujo, contanto que o filho branco gosasse a fartura do bom leite, a maciez da cambraja e o aroma da limpeza!

Entre as escravas era isso frequente. Iam da roça callejadas da enxada, para a alcova da parturiente, recebendo nas mãos maguadas pelo castigo

e pelo trabalho o mimoso corpinho assetinado e roseo da creança que haviam de amamentar ! Desde então a sua attenção, o seu desvello, o seu carinho convergiam para o menino branco; o preto que morresse... era um desgraçado de menos. E assim acontecia a maior parte das vezes !

Por mais extraordinario e inverosimil que o caso pareça, o certo é que era assim. A doçura do amor materno, amor tanto mais cheio de sacrificios quanto mais intenso, não lhes vibrava na alma o sentimento, ou era abafado pela voz do orgulho ! É de crer, porem, que o principal motivo d'essa anomalia fosse a miseria da sua condição !

Era até bom que os filhos morressem em pequeninos, desconhecendo os amargores a que estavam destinados !

A pobre Joanna fôra d'essas. Tivera muitos filhos, criara varias creanças brancas; de tempos a tempos ia emprestada pelo senhor para uma ou outra familia, como se fosse uma coisa ou um animal inferior; não se revoltava... se 'nascera captiva! e dava o seu sangue aos filhos alheios, emquanto os seus morriam á fome !

Octavio fôra o ultimo e era entre todos o unico que até os dez annos a beijava, pendurando-se ao seu pescoço. Os mais olhavam-n-a de cima, com a sobrançeria do branco, e só muito raramente a procuravam. Alem de tudo, como se conservara em casa, o Jacintho não teve o destino dos irmãos; uma ou outra parceira lá o fazia tomar de vez em quando um caldo ou

lhe mudava a camisola, pondo-o consoladamente no enxuto.

Como ia longe esse tempo ! Ahi estava agora mirrada, fria, mumificada entre pannos rasgados, sobre uma esteira humida, a gorda *mamã* de outra, a activa e energica Joanna !

A Joaquina accendeu um cirio, guardado por prevenção para esse momento, e collocou-o aos pés do cadaver. A chamma da vela, que nenhuma brisa agitava, destacava-se amarella e fixa do fundo escuro da parede, pondo uma estreita restea pallida no esfarrapado cobertor cinzento.

— Eu não maginava que tia Joanna havera de morrê hoje ! dizia chorosa a companheira da morta, cruzando-lhe com difficuldade as mãos no peito— a *povre* !

Pelo quarto escuro e humido espalhava-se triste o cheiro frio da morte...

Octavio, com os olhos rasos de lagrimas, olhava silencioso para a pobre *mamã*, enxotando-lhe as moscas.

Durante um mez as coisas correram monotona-mente em Santa Genoveva. Trigueirinhos convale-scia com lentidão, mostrando-se sempre nervoso e fraco. O commendador indagava do paradeiro dos escravos, amiudava as visitas ao Antunes e vocife-rava contra a ineptia das auctoridades.

As senhoras cosiam, andavam mais atarefadas com os serviços caseiros, ensinando creadas italia-nas ha pouco emigradas do seu paiz, com quem não se entendiam absolutamente. Noemia ria-se dos quiproquós dados entre a mãe e as servas, e na des-preoccupação dos seus quinze annos, ia deixando apagam-se sem esforço as doces impressões do seu primeiro amor.

Octavio procurava no trabalho uma distracção que não encontrava; riscava mappas, fazia planos, media terrenos, calculava sommas, pulava de um projecto para outro, achando todos inuteis, a con-venir-se de que perdia tempo, com o espirito obe-cado pelo amor de Eva.

Voltou á fazenda do Antunes, a perguntar pelo Fructuoso; não lhe souberam dar noticias d'elle. Indagou na venda da estrada; o taverneiro estava só, dormitando sobre o balcão: não conhecia o Fru-

etuoso, disse. Tornou lá uma, outra e outra vez, até encontrar o caipira que ahí o tinha informado do capanga do Antunes.

Elle estava de pé, encostado a uma hobreira da porta, enrolando um cigarro entre os dedos. Falava para o interior, á mesma mulher da outra vez, que vinha, arrastando as saias muito engommadas:

— Eh! nhá Tuca! tá só sérêando!... dizia numa modulação arredondada, meneando a cabeça e piscando os olhos.

— Hoi quê geitinho! é mêmo um macaco! respondia-lhe ella, arremedando-lhe o gesto.

Octavio interrompeu bruscamente o dialogo, chamou o caipira, deu-lhe dinheiro e perguntou pelo Fructuoso.

O capanga do Antunes andava fugido á policia, respondeu o outro; e não havia quem lhe puzesse a vista em cima. E concluiu:

— Mecê não descorçõe não, quarqué dia elle há de apparecê...

Mas não apparecia; e Octavio, para illudir saudades de Eva, fazia longos passeios a cavallo pelos sitios e mattas vizinhas. Numa occasião foi até bem perto do Manguairal. Pensou mesmo em visitar a prima; mas retrahiu-se. A ultima vez que lá tinha ido ella não lhe apparecera; aquillo fôra de proposito; estava persuadido d'isso; e, desgostoso, voltou para traz, galopando para a cidade.

De longe em longe lembrava-se de caçar; passava todo o dia no matto e voltava á noite para casa, fatigado e aborrecido. Estava perto de Eva e

não a via nunca ! Esperava a todo o momento ouvir fallar no casamento d'ella com o Azevedo, e receando isso evitava a convivencia dos amigos. A situação parecia-lhe cada vez mais embaraçosa; e não lograva, sem provas, convencer o pae da innocencia da prima.

Escreveu a Paulo, expondo-lhe a inutilidade dos seus esforços e esperou a resposta; não a recebendo, contou indignado o caso ao dr. Morton. O velho sorriu-se contrafeito, murmurando :

— Paulo é delicado: ou não recebeu a sua carta, ou estará doente...

Doente ! Octavio preferia que o silencio do amigo fosse motivado pela descortezia ! Imaginava os mil cuidados que Eva teria pelo enfermo; via-a sentada á sua cabeceira, dando-lhe os remedios, o caldo, aconchegando-lhe as roupas na penumbra do quarto, sempre consoladora, meiga, attenta ao relógio, debruçando-se solícita sobre a bella cabeça do doente para velar-lhe o somno !...

Querendo afastar do seu espirito essa idéa, indagou se tinha ouvido fallar do casamento do Azevedo, e não teve coragem de dizer com quem.

— Sim; diz-se por ahí que elle se vae casar... não sei nada ao certo.

Octavio saiu impressionado. Procurava com frequencia o velho Morton, porque o ouvia sempre fallar em Eva; entretanto, agora, esse mesmo parecia evitar referir-se a ella.

— Vamos ! pensava Octavio, pondo o cavallo

a passo, Morton sabe de tudo e occulta-me a verdade para poupar-me um desgosto...

Então já não o atormentava a idéa de ser Eva a cuidadosa enfermeira de Paulo. Via-a agora, risonha na sua saleta do Mangueiral, com as faces rosadas, os olhos luminosos, o anel de nupcias no dedo, trabalhando no seu enxoval ao lado do Azevedo.

Assim variando de quadros, cada qual mais atormentador, mais fulgurante e mais vivo, tomou por um atalho escabroso, cheio de pedras resvaladiças e de troncos de arvores. Sobre a sua cabeça cruzavam-se os galhos compactamente, e por vezes tão baixos que elle, para passar, deitava-se quasi em cima do animal.

As difficuldades do caminho conseguiram distrahir-o um pouco. Chegando a Santa Genoveva encontrou Nicota a emmalar roupas. Trigueirinhos tinha sido chamado a depor no processo do crime, e não parecia agora tão impressionado; o Azeredo escrevera-lhe longamente, afirmando que sairiam victoriosos da lucta.

Octavio entrou para o quarto, deitou-se cansado, e ia adormecer quando o Saturnino lhe entregou duas cartas; abriu a primeira, cuja letra lhe pareceu conhecida. Era um convite para o casamento do dr. Azevedo com a formosa Sinhá! Octavio releu espantado os nomes dos noivos. Teve um sorriso de alegria, um momento de allivio e jubilo!

Abriu por fim a segunda carta, escripta em caracteres francos e energicos, e leu:

« *Caro Octavio :*

« Cheguei hoje de uma viagem; eis o motivo porque ainda não respondi á sua carta... »

Octavio voltou a folha, procurando a assignatura curiosamente; lendo o nome de Paulo, levantou-se, dirigiu-se para a claridade da janella e continuou muito attento a leitura.

O casamento de Sinhá devia realizar-se em Campinas, na Matriz Nova.

A irmã do Antunes tinha fixado nessa cidade a sua residencia. Alem do convite official, escreveu ella particularmente ao commendador, pedindo-lhe que não faltasse ; mas o velho fazendeiro, preocupado com a perda dos escravos, encarregou o filho de represental-o e de acompanhar Noemia.

Os dois irmãos partiram para Campinas no proprio dia da cerimonia, de manhã. Noemia ia radiante ; não assistia, havia muito tempo, a um baile, e a sua mocidade reclamava alegrias e festas.

A irmã do Antunes esperava-os na estação e levou-os para o seu *chalet* no Guanabara.

Pelo caminho, dentro do carro fechado que os conduzia, contava que a Sinhá amava apaixonadamente o noivo ; que elle, o Azevedo, fazia-lhe, ha muito tempo, a corte, praticando por ella verdadeiras loucuras, dando-lhe, emfim, evidentissimas provas de amor! . . .

Noemia abria muito os olhos, attonita pelo que ia ouvindo.

Octavio esforçava-se para não sorrir, comprehendendo o sentimento occulto que dictava aquellas

palavras; sentia, á medida que os elogios ao Azevedo iam crescendo, desejos de perguntar se elle não indagara nada acerca do dote... contudo abstinha-se da minima manifestação de ironia, respondendo ás expansões maternas da viuva com phrases lisongeiras aos noivos.

Atravessaram assim toda a cidade, descendo a collina da estação para as ruas de maior actividade commercial e d'ellas para o bairro moderno, em que morariam durante dois dias.

Após a cerimonia na igreja, ás oito horas da noite, seguiriam noivos e convidados para o Club Semanal, onde a mãe da Sinhá offereceria um baile.

Era o costume da terra.

Assim se fez.

Ás oito horas da noite, a porta principal do grande templo abria-se de par em par. Lá dentro, a luz forte do gaz espadanava os seus brilhos sobre as paredes brancas, de que se destacavam, imponentes e graciosos, os altares escuros, de obra de talha, delicados e artisticos. Entre os genuflexorios de *chagrin* verde-escuro, muitas pessoas curiosas esperavam o cortejo.

Á hora marcada, a noiva entrou na igreja, deslumbrante de alvura e de belleza. Do coro deramaram sobre a sua cabeça velada uma chuva de flores. Ella seguiu, amparada ao braço do padrinho, e atravessou pausadamente o cruzeiro, arrastando a longa cauda do seu vestido branco.

Aos pés do altar-mór parou, e o Azevedo, muito pallido, collocou-se a seu lado; o sacerdote

disse as primeiras palavras do ritual, e o orgam lá em cima rompeu numa suave melodia. A luz punha reflexos dourados e fugitivos na capa de asperges do vigario, penetrando por entre os festões de rosas de madeira dos altares. De cima, das tribunas, algumas familias olhavam indifferentemente para aquelle espectáculo; a mãe da noiva sorria orgulhosa, com o seu largo rosto trigueiro illuminado por uma dulcissima alegria.

Octavio observava curiosamente o interior do templo, quando deparou com a prima, que rezava de joelhos num genuflexorio. Atraz d'ella Paulo assistia, de pé, á solemnidade do casamento.

Era a primeira vez que elle a via assim, na grande humildade das religiosas; era tambem a primeira vez que elle a via assim decotada, mostrando a carnação avelludada e leitosa do seu formoso collo roliço e dos seus braços bem feitos. A luz batia-lhe em cheio sobre as rendas e a seda cor de marfim do vestido, onde não brilhava a mais pequena joia; os cabellos negros, presos no alto, sem flor, sem fita, sem plumas ou diadema, davam-lhe, na sua simplicidade, um aspecto de magestade e de graça. Eva rezava, num grande recolhimento.

O padre deitava a bençãam aos noivos e, dando-lhes a mão, ajudava-os a erguerem-se, felicitando-os. O som do orgam expirou lentamente e o cortejo voltou, pizando sobre as folhas espalhadas, que rangiam no chão.

Octavio, puxando de vagar o braço da irmã,

mostrou-lhe Eva, que, já de pé, cumprimentava a noiva.

Noemia deu um gritinho de prazer, e, afastando pressurosamente as pessoas que estavam adiante, foi abraçar a prima, exclamando ao mesmo tempo :

— Que bom ! que bom ! Como eu estou contente ! tinha tantas saudades de você ! Sabe ? eu tenho muito que lhe dizer . . . muito ! não é verdade, Octavio ? dizia, voltando-se para o irmão, que estendeu timidamente a mão á prima. Eva sorriu-se, e puxando Noemia beijou-a com ternura.

— Então, faço-lhe falta ? perguntou.

— Muita ! não imagina ! Santa Genoveva está que parece um cemiterio ! É verdade, morreu a mamã de Octavio !

— Pobre Joanna !

— Coitada mesmo . . . eu tive muita pena ! Agora temos creadas italianas . . . Que graça ! nem a gente as entende, nem ellas nos entendem a nós ! Fallamos por mimica ! excuso de dizer que a mais expressiva é a minha !

— Acredito. Agora uma outra coisa : porque é que não me foi ainda ver ?

— Desejos não me têm faltado, mas . . . Que bom dia aquelle que eu passei lá ! assim é que vale a pena ter sitio ! Nunca mais passei a cavallo . . .

— E tem estudado ?

— Não . . .

— Que faz, então ?

— Se quer que lhe falle com franqueza... nem eu sei !

Na anciedade de vasar no coração da prima os sentimentos do seu, Noemia ia relatando tudo o que tinha occorrido no sitio, depois da sua separação, desde as mais importantes até as minimas coisas.

Entretanto, os noivos recebiam os ultimos abraços, e todos saíam da igreja.

— Porque não vem você no meu carro? perguntou Noemia á prima.

— Porque estou com a familia do Siqueira... É verdade! fui apresentada ao Julio; elle fallou muito em você....

— Ah! o Julio Siqueira Franco ?

— Sim.

— Achou-o sympathico ?

— É um rapaz distincto.

— É parente da familia Siqueira ?

— É. E agora adeus, Noemia; vá ver-me, se porventura o tio Medeiros consentir...

— Quando volta para o Mangueiral ?

— Amanhã.

— Não assiste ao baile ?

— Não. D. Olympia Siqueira está doente e volto já para seu lado.

— Adeus, Eva! disse Noemia num tom resentido, com os olhos humidos. Eva abraçou-a e estendeu a mão a Octavio, que fallava a pequena

distancia com Paulo. Elle corou, embaraçado; ella sorriu.

Uma hora depois a igreja estava fechada e escura; o largo lá fora silencioso, e longe, na esquina de uma rua solitaria, rompia atroadoramente, no salão do Club Semanal, a primeira quadrilha do baile.

— Bem boa cerveja! quer outro copo? dizia no estreito botequim do club, um velhote gordo e calvo, a Octavio Medeiros.

— Não, obrigado.

— Oh! o senhor não parece educado na Allemanha!

— Joãozinho! continuava elle dirigindo-se a um amigo, homem magro, pallido, de longas barbas pretas e olhos vivissimos, que distribuia amavelmente refrescos a um e a outro; eu acceito mais...

— Barão! olhe que é a decima vez que me diz isso!

— Mas como não é a quinta que você me serve... vá botando; e o barão riu-se, piscando os olhos. Exgottado o copo, o velhote saiu, convidando Octavio a ir fumar com elle na sala dos homens.

— Ao mesmo tempo a gente vae proseando... eu dou o cavaco por uma prosa.

No salão do baile dansavam nesse momento uma valsa, e como o dos fumantes era contiguo e o pavilhão da musica commum de ambos, nem o barão nem Octavio se comprehendiam bem.

Os sons dos instrumentos abafavam-lhes as vozes. Comtudo, o barão ia fallando sempre; o Octa-

vio olhava para elle muito attento, mas com o pensamento completamente alheio ao que se passava; de vez em quando sorria, movia a cabeça affirmativamente, quando lhe parecia ouvir uma pergunta, atirando uma palavra ao acaso, um «sim... é verdade... talvez... tem razão!» Com esforço apanhava de longe o fio da narração, mas, mau grado seu, o espirito fugia-lhe depressa para outro logar.

Era Eva que o preocupava assim. Eva, que elle revia de joelhos, com os cotovellos nús pousados no marroquim do genuflexorio, toda de claro, numa singeleza ideal! Achara-a altiva, de uma frieza singular. Queria tel-a visto perturbada, tremula, nervosa, e ter percebido no seu olhar de velludo a longa caricia do amor, que por mais concentrado e silencioso, brilha nos olhos num momento de alegria ou de angustia, aquecendo, illuminando, florindo, pondo risos e canticos em tudo!

Mas não! Eva era sempre a mesma, impassivel! Tinha para elle a doce expressão de uma sympathia sem extremos, a manifestação da amizade a mais simples, a mais suave, a mais natural. Esse mesmo sentimento o impaciençava; parecia-lhe filho da commiseração; era a seus olhos como que um laivo da piedade feminina, reflexo vago, subtil da compaixão inspirada pelas suas dores!

No emtanto, o barão ia dizendo:

— Pois era assim, meu caro senhor, Campinas, ha vinte annos! Á noite não se via uma janella com luz; as ruas eram tenebrosas, esburacadas e cheias de perigos. Quando havia espectaculo, era

necessario levar de casa para o seu camarote, cadeiras, tantas quantas fossem as pessoas; uma moringa d'agua e um copo, o indefectivel cuscús, que se comia no intervallo, no corredor, e a lanterna para a volta! E eu achava então muito mais graça em tudo, do que acho hoje! O que é a mocidade! Faça idéa: para conduzir tanta coisa era forçoso irem muccamas e pagens, que ficavam de pé, ao fundo do camarote... o cheiro que se exhalava d'aquella gente não era positivamente de rosas... No palco, á luz fumosa do kerosene, deslizavam choramingadamente dramas como:— *O cego e o corcunda*, *As mulheres de marmore*, etc. Mas não sei! homens e senhoras choravam, tanto na platéa como nos camarotes ou galerias. Hoje já não se vê tanto d'isso; estamos com o sentimento embotado e, por mais commovente que seja a peça, a maioria dos espectadores tem os olhos enxutos! É o que eu digo e sustento! o progresso vae-nos arruinando o coração! E o carnaval, então? Ah! pelo carnaval é que eu gosava á grande! Que quer? achava bonita e pittoresca aquella farçada toda. Constituiamo-nos, nós, os mascarados, num bando; levava cada um uma cesta de flores e plumas, mas coisa rica, bem acabada, que nos custava rios de dinheiro, e iamos de janella em janella fallando ás moças e trocando com ellas as rosas de panno, finas, que levavamos, por outras que ellas nos davam, e que, valha a verdade, eram sempre inferiores!

E o entrudo?! Oh! isso é que era bom! Punnham-se tinas na rua, seu Octavio! tinas cheias de

agua fria! As senhoras vinham para a esquina, agarravam quem bem lhes approuvesse e... fogo! fogo não, agua! era mergulho certo, quizessem ou não quizessem. Tiroteio de laranjinhas de cera, nem se falla! basta dizer que havia ahi familias cujo emprego durante todo o anno era esse: fazer limões de cheiro!

Davamos assaltos ás casas, de manhã... durante o dia, á noite, a qualquer hora!... Pintavamos! E aquillo é que era riso... e aquillo é que era mocidade! Acabada a brincadeira do entrudo começava a da Semana Santa. Outra folia. Morria a gente de calor nos apertos da egreja, mas não faltava á festa. Havia luxo: os vestidos eram de boa seda, as mantilhas de optima renda, e viam-se alli brilhantes, que faiscavam! Naquelle tempo as mulheres, quer fosse Semana Santa ou não, só iam de preto á egreja; a primeira familia que appareceu vestida de cor para assistir á missa foi censurada por toda a gente; mas, afinal, todas as pessoas que a criticavam foram-n-a imitando, e hoje ha nas egrejas, seja qual for a cerimonia, uma miscelanea de cores que tiram toda a solemnidade ao templo! Acredite! Fazem-me saudades d'esse tempo as raras *baratas* que encontro hoje nas manhãs de domingo pela cidade! São poucas as senhoras que se recatam agora embaixo do *puçá* (1) ou por detraz das rotulas! Se ha vinte annos uma familia saía sem o

(1) *Puçá*, renda de nó que guarnece a parte superior das antigas mantilhas de panno e que desce até a barra do vestido, cobrindo completamente o rosto.

acompanhamento da mucama predilecta, ou se as moças appareciam á gente que passava, assim como hoje, numa janella, francamente ! Qual ! Espiavam pelos buraquinhos das rotulas, que se entreabriam numa pequenissima fresta. E um homem qualquer casava sem medo, porque tinha a certeza de encontrar na esposa mulher modesta e trabalhadora. É ou não é assim ?

Octavio teve um sorriso vago, moveu a cabeça numa affirmacção indecisa. Estava num dos periodos de abstracção ; o outro interpretou de modo differente aquelle gesto e replicou :

— Ainda o senhor hesita ! pois ha lá ponto de comparacção entre a moça de hoje, que sabe francez, allemão, inglez, que toca em concertos e mostra *toilettes*, com as do outro tempo, que viviam cosidas ás saias da mãe e não se atreviam a fallar com extranhos, mórmente se eram homens ! Hoje, sim ! botam as manguinhas de fora, têm o seu club, e tagarellam, e riem alto, e apostam nas corridas, e depois da quadrilha passeiam meia hora conversando com o par. Esta geração offerecerá as garantias da outra ? . . .

E como Octavio não respondesse, continuou elle com mais vehemencia :

— Não offerece ! É uma geração estragada e macaca. Talvez me julgue, pelo que está ouvindo, inimigo do progresso. Não sou tal. Do que eu sou inimigo é da imitacção. Campinas hoje não tem caracter proprio.

A estrada de ferro trouxe-lhe estrangeiros,

officinas, gaz; espalhou a industria e enriqueceu o commercio; de accordo. Mas tambem veiu tirar-nos muitas das nossas illusões e, portanto, da nossa felicidade. Tornámo-nos exigentes e insaciaveis. As companhias dramaticas provincianas, que outr'ora nos arrancavam lagrimas de entusiasmo e commoção, hoje nem se atrevem a pisar o nosso palco; que diabo viriam cá fazer, depois de Rossi, Tessero, Pezana, Gemma, Brazão, Rosas e outros que taes? E se viessem seriam pateadas, ou o publico, levantando com desprezo os hombros, não iria vel-as. E ora como os grandes artistas só apparecem de longe em longe, estamos por largos intervallos sem divertimento nem goso de espirito. Fazemos hoje o que todas as cidades civilizadas fazem. Nos bailes já se não dança o alegre *carangueijo*: são valsas, quadrilhas e polkas, só; é rara a fazenda que tem o alegre e pittoresco *mumbava* (1) que tanto nos fazia rir antigamente. O nosso theatro é como todos, a mesma ordem, a mesma monotonia, o mesmo botequim, as mesmas goloseimas e bebidas; tudo o que era original, extravagante e absurdo, morreu, ou fugiu com espanto aos silvos do trem de ferro! Presentemente nem o medo de bexigas é como era! Não se teme a transfiguração ou a morte, tão disvirtuado está isto! Pois ha vinte annos, tempo de epidemia era tempo de fuga e de abandono! Á porta das casas fluctuavam

(1) *Mumbava*, sujeito que vive pelas fazendas e tem ordenado só para conversar e fazer rir o fazendeiro.

bandeirinhas brancas, se dentro o bexiguento era atacado de simples cataporas; negras se era de pelle de lixa. Decididamente as coisas eram bem outras! O que eu sobretudo, confesso, lamento mais, são as illusões! oh! naquella epocha nós tinhamos a doce persuasão de ter dinheiro. Julgavamo-nos ricos!

—Sr. barão! disse, chegando-se para perto, uma menina de treze annos, clara e loura, que vinha puxando pelo braço de um rapazinho, quasi da sua idade; mande Joãozinho dançar com Vica! porque ella não tem par, e eu não tenho *vis-à-vis*.

O barão sorriu, convenceu o Joãozinho, seu neto, de que devia dançar, e, voltando-se depois para Octavio, continuou, apontando o gracioso par que se afastava:— É isto! sabe que mais, senhor Medeiros! Eu vou-me embora!

E afastou-se.

— São assim todos os velhos; para elles não ha tempo melhor do que o que passou ha muitos annos! disse zombeteiramente um rapaz que fumava encostado a um humbral e ouvira parte do discurso do titular.

Octavio, poucos minutos depois, entrava no salão. Noemia dançava com Julio Siqueira, risonha e corada, com os seus anneis louros coroando-lhe a fronte estreita, e o vestido todo azul desenhando-lhe o corpo delicado. O Azevedo estava ao lado da noiva; ella serena, elle muito pallido.

Sentindo uma pancada de leque num hombro, Octavio voltou-se. Era a d. Clarinha. O seu collo

emergia airoso e branco do velludo granada do corpinho!

— Que inveja! hein! disse-lhe ella mostrando o Azevedo; quando assistirei ao seu casamento?

Elle respondeu qualquer banalidade e foram ambos valsar.

No primeiro dia de maio o commendador Me-deiros accordou sobresaltado, ouvindo de um amigo commum a noticia de ter desaparecido o Antunes!

— Ora essa! exclamou elle muito espantado; então um homem é coisa assim que se suma, sem se saber como nem porque?

— Seria assassinado?

— Hum... é pouco provavel, o Antunes não tem inimigos, que me conste...

— Ter-se-ia suicidado?

— Qual! É verdade que os negocios d'elle estavam atrapalhados... mas não dava para isso...

— Homem, elle gostava do seu joguinho e voltava a que horas da noite para casa; pode ser que na estrada...

— Tambem não me parece...

— Sim, é verdade que elle era muito caipora no jogo; não levava nunca dinheiro para casa...

— Teriam escondido o Antunes?!

— Para que fim?

— Na verdade, p'ra que?

— Ora! vocês estão mal informados. O com-

padre a estas horas está a regalar-se em casa da irmã, em Campinas.

— Não está, já lhe perguntámos; ella não sabe do irmão desde o casamento da filha.

— Oh! diabo, o negocio então é serio.

E o commendador foi com o amigo ao sitio do Antunes. Encontraram a caseira, chorosa. O Antunes saíra sem dizer para onde, havia uns vinte dias, e o sitio passara do poder d'elle para o de um outro sujeito, que se dizia administrador de um banco...

— Seu Antunes sempre teve mau rejume (1), disse ella com um suspiro; e depois de uma pequena pausa:

— É verdade! accrescentou, quando os visitantes se dispunham a sair; *seu* Antunes me deu uma carta p'ra eu entregar a seu commendador, *mais* eu não tive portador e guardei *ella* commigo p'ra quando nos encontrasse...

E levou um tempo immenso a procurar a tal carta na cesta de costura, indo por fim achal-a entre o travesseiro e a fronha da cama.

Medeiros rasgou o envelope, mas, lendo logo no começo a palavra —RESERVADA— em grossos caracteres, sofreu a impaciencia e guardou-a no bolso, desculpando-se com o companheiro.

Saíram e foram juntos até a cancella de Sta. Genoveva; ahi o outro seguiu para a cidade e o commendador entrou. Um quarto de hora depois,

(1) Regimen.

fechado por dentro no seu quarto, elle abria curiosamente a carta do Antunes e lia entre a indignação e o pasmo :

“Meu bom amigo Medeiros—Fujo, e peço a Deus e a você que me perdoem. Como nunca mais ha de tornar a me pôr a vista em cima, e como as coisas já tomaram o caminho que haviam de tomar, deixe eu lhe fazer as minhas confissões; vou mudar de vida e não quero carregar remorsos. Meu compadre e amigo! são historias tristes as que eu tenho para vos dizer! o primeiro caso de que me arrependo e peço perdão, foi passado ha muitos annos. Lembra-se, meu amigo, da morte do jornalista, avô de sua sobrinha?...

Neste ponto o commendador Medeiros sentiu perturbação na vista e um suor afflictivo humedeceu-lhe a testa; teve um momento de pausa e proseguiu depois na leitura :

Pois fui eu que matei elle, meu compadre, fui eu!

Deveis estar lembrado que pousámos no mesmo hotel em S. Paulo; ora, o seu pagem, o Antoninho, já tinha sido meu escravo e me respeitava muito; ordem que eu desse a elle era coisa cumprida! Eu então ordenei que me levasse todas as cartas que escrevesseis, era para ver se vós me comprometteis com o vosso irmão Gabriel, a respeito da hypotheca do sitio e da berganha da casa de vosso pae com a minha... Desejava tambem vêr se lhe queria persuadir de casar com minha irmã. Foi assim que eu li o bilhete em que o senhor ameaçava de morte o jornalista, mais não puz logo no sentido o que depois succedeu!

O diabo foi o demonio do jogo, que foi sempre a minha peldição. Na mesma noite em que li o seu bilhete fui para o clube e calhou de jogar com o avô de Eva; elle

ganhou, eu perdi tudo! fiquei desesperado, me lembrei do seu bilhete, esperei na esquina e matei o homem; mas quando ia tirar meu dinheiro das algibeiras do casaco d'elle, não sei o que senti: entrei de tremer, e voltei para o hotel, como um idiota. Encontrei no meu quarto o seu pagem, zanguiei-me com elle mais fiquei sempre com medo que vos dissesse da minha indiscreção, e p'ra ter elle sempre em baixo das mãos foi que vos pedi o logar de feitor no seu sitio. Ahi estive; quando tive de me retirar o seu pagem morreu! Deus me perdoe! Depois disso passaram-se muitos annos, e fui sempre bem recebido por toda a vossa familia, excepto o Gabriel, que parecia desconfiado de mim! e mesmo eu não tinha coragem de encarar com elle! Julgava-me livre de commetter outro crime, infelizmente, porem, não foi assim! Agora, ha poucos mezes, tornei a cair; eis o caso: desejava com grande empenho que a minha sobrinha, Sinhá casasse com o seu filho Octavio, não só por sympathizar muito com elle, como porque eu, como tutor d'ella, tinha disposto do seu dote em transacções com amigos; sendo você o meu maior credor, estava claro que seria o mais indulgente, passando depois a sua divida a ser liquidada com seus filhos, isto é, estava já na familia parte importante do dote de Sinhá, e eu não soffreria nada com isso! Suppunha que Octavio se agradasse da menina, mas desconfiei de Eva, que formosa e instruida acabaria, se não a puzessem á margem, por apossar-se do coração de Octavio. Fui espiando o negocio e quando vi que as minhas prevenções se realizavam, fiz com os meus capangas o barulho em Santa Genoveva, atirando depois com a responsabilidade p'ra as costas da orphã do Gabriel! A coisa foi bem feita. E vi com alegria e orgulho que v. despedia de casa aquella que eu temia vivesse ao lado de Octavio! o ferimento de seu filho é que eu não previ e me entristeceu, felizmente elle está

bom e não levo por isso cuidados. Do que me arrependo é de não ter feito a intriga a tempo, foi tarde e já nada aproveitou! O casamento do Azevedo com a minha sobrinha me poz em embaraços, houve exigencia de dinheiro, etc., rompi com minha irmã; o meu sitio, já hypothecado ha annos, foi-me tirado hontem! Vejo-me sem recursos e para não viver humilhado onde já aparentei tanto, fujo para outro paiz, onde não saibam os meus credores. Escrevo esta carta como quem se confessa! E o unico alivio que posso ter no fim de minha vida é saber que me perdoaes. Rasgae esta carta, esqueça-se do desgraçado que a escreveu!... Perdão, mais uma vez, perdão! Seu amigo — *Antunes*.

O commendador, livido e tremulo, tornou a ler do principio ao fim, uma, duas, quatro vezes, aquelle papel maldicto, que parecia queimar-lhe as mãos! O homem em quem tanta confiança tinha depositado, a quem sempre recorria numa occasião de desgosto ou de duvida, era um deposito de veneno, um espirito pervertido e um coração falso! Buscava-o como um consolo, e era só elle, unica e exclusivamente elle a causa da sua desgraça! As lagrimas caíam-lhe em fio pelas faces manchadas de indignação e de colera! Sentia raiva e dor ao mesmo tempo: uma illusão de muitos annos não cae, sem que o golpe nos cause magua intensissima! É como se fosse uma arvore copada, viridente, perfumosa, a cuja sombra nos tivessemos affeito e que arrancada de repente deixasse tudo arido, secco e melancholico!

Nessa mesma tarde, o commendador, mostrando ao filho a carta do Antunes, confessava-se

arrepellido do que fizera á sobrinha. Octavio, radiante de alegria, lembrou-lhe irem todos ao Mangueiral.

— Para que? Estou velho e não me devo abaixar a pedir perdão a uma creança! Ella que fique sabendo que já não a odeio e é quanto basta.

Octavio quiz insistir: o pae voltou-lhe as costas.

A viração fria de maio enrugava a superfície do grande lago do Mangueiral, desfolhando as innumeras camelias do parque contiguo á habitação.

O bellissimo sol de inverno, dourado e morno, tingia de cores prismaticas a areia luzidia das ruas e as relvas dos canteiros. Voavam borboletas, e o aroma do resedá penetrava docemente em tudo.

Junto á janella da saleta de musica, numa cadeira de espaldar alto e esguio, Eva entretinha-se fazendo uns casaquinhos de *tricot* para as creanças da colonia. Sobre a lã cinzenta do seu vestido de xadrezinho caíam-lhe baralhadamente os novellos encarnados, pretos e brancos, enquanto as suas mãos ageis e pallidas moviam com rapidez as longas agulhas de marfim. Estava só na sala quando Paulo entrou; ella não levantou a cabeça; com o queixo unido á golla alta do vestido, guarnecido por um estreito friso branco, continuou attenta no seu trabalho de caridade; elle é que, encostando-se ao peitoril da janella, disse com a voz ligeiramente tremula:

— Acabei de ler uma carta de seu primo; está radiante! o pae reconhece, finalmente, que foi injusto com você e está disposto a abraçá-la! Para a

grande felicidade d'essa reconciliação é justo que se faça algum sacrificio, desde que circumstancias como as actuaes o exijam! Ora, a minha boa Eva não se negará por certo a ceder a essa necessidade! visto ser a mais nova e ter o espirito superior ás mesquinhas vulgares...

— Não o entendo bem; o tio Medeiros manifestou desejos de ver-me?

— Sim... está arrependido do que lhe fez, e é natural que, para repouso de consciencia, o homem queira saber-se perdoado...

— Qual é então o sacrificio que me pedem?

— Ir lá...

— A Santa Genoveva?

— Sim; e que ha de extraordinario nisso?

— Tudo! Eu não tornarei a entrar naquella casa!

— Isso é um capricho que pode comprometter a sua felicidade! Trate melhor o seu coração! É tempo de pensar no futuro...

— Você está hoje enigmatico!

— Diz isso com sinceridade?

— Certamente. Bem sabe que não dei nunca para decifrar charadas...

— Deixe-se de ironias e escute-me: Octavio Medeiros ama-a; não lhe digo uma novidade; da sua propria bocca ouvi isto mesmo, na noite em que saiu da casa de seu tio; não foi assim?

— Foi...

— Bem; nessa occasião elle solicitou cavalheirosamente a sua mão, e você, para satisfazer o

seu amor proprio, unicamente por isso, respondeu-lhe que não! Hoje, porem, o caso é outro; o obstaculo que se antepunha á realização d'esse enlace, cain; não ha já motivo para occultar sentimentos nem assumir attitudes de mal entendido orgulho. A verdade apparece em toda a sua pureza; não lhe ficará mal, portanto, mostrar ao pobre Octavio, que tantissimas provas de amor lhe tem dado, quantas o seu coração lhe reserva tambem! Vamos, minha boa Eva! não hesite em confessar-se; os momentos de ser feliz são tão raros na vida!

Estas ultimas palavras foram pronunciadas com mal disfarçada tristeza e amargura. Houve depois um momento de pausa, em que se ouvia unicamente o attrito secco das duas longas agulhas de marfim.

— Então? tornou Paulo com insistencia, curvando-se um pouco; Octavio pede-me que lhe dê um conselho e uma esperanza; uma e outra coisa devem ser dictadas por você!

— Acha que Octavio me fará feliz? perguntou Eva com a voz quasi sumida, como se alguma dor a estrangulasse.

— Acho; é um rapaz muito digno, intelligente, bondoso, e, sobretudo, muito apaixonado... Não será facil encontrar outro nas mesmas condições! Os nossos rapazes visam, hoje em dia, unicamente uma coisa: o dote! Os Azevedos constituem, por assim dizer, toda a caterva dos pretendentes provincianos! Uma desgraça! Senão, vejamos os exemplos: as filhas do Bettencourt, instrui-

das, bonitas, como são pobres... estão solteiras!... As do Lemos igualmente; e outras! Com meia duzia de contos estariam todas casadas, porque bem sabe que até por causa *dos bons partidos* vêm rapazes de fora para cá ..

— Você quer dizer com isso que eu não devo vacillar em dar a minha mão a Octavio?

Paulo não respondeu; passou os dedos pelo cabelo, e voltando-se para fora respirou com força, como se se quizesse retemperar; depois, retomando o seu tom placido e usual:

— Sim, não deve vacillar, visto que o ama.

— Quem lhe disse isso?!

— A sua commoção, Eva; ah! eu estudo-a ha muito. Na noite em que vi você chegar de Santa Genoveva, pallida, transtornada, doente, pude melhor do que nunca observá-la, e adquirir a certeza do seu affecto por elle. Meu Deus! não ha nada mais natural e que menos surpresame causasse! Deixei-me até dizer que esperava isso mesmo...

Eva cessara de trabalhar. As agulhas e a lâ cairam-lhe das mãos: com a cabeça inclinada, os olhos baixos, ella ouvia Paulo, num recolhimento mysterioso e profundo. Elle continuou:

— Octavio foi mais franco para commigo: confirmando o que você já me tinha dito acerca do pedido de casamento, elle declarou-me simples e lealmente que a adorava, supplicando-me uma protecção que, não sei porque, julgava que eu lhe pudesse dispensar! Nessas coisas eu fugi sempre de intervir, como bem sabe; contudo, tratando-

se de pessoas a quem tanto prezo e por quem me interesse tão vivamente, o caso mudou. Ha muito tempo que eu desejava antecipar esta hora, para obrigar-a a ser feliz !

Eva sorriu com ironia ; Paulo proseguiu :

— O seu orgulho venceu muito, mas não venceu tudo ; você teve força para sair da casa de seu tio com altivez e sózinha ; pois bem, tenha agora a coragem de enfrentar com a difficuldade do momento e ir offerecer-lhe, para o beijo reconciliador, a sua frente ; por mais embotado que aquelle homem tenha o sentimento, eu vou jurar que elle ha de chorar e chamal-a sua filha ! Vamos ! um sacrificio, Eva ! rogo-lhe em nome de Octavio e do seu proprio coração !

— Do meu coração?... balbuciu ella a meia voz.

— Sim, do seu coração, que você teima em tratar tão mal.

— Meu Deus!... Eva ia continuar, mas conteve-se e baixou inda mais a cabeça, para que não fossem vistas duas lagrimas que iam rolando pesadamente nas suas faces pallidas !

Paulo, encostado ao peitoril da janella, olhava para o jardim, onde as petalas das camelias tombavam como borboletas mortas, tapetando o chão. Sem desfitar os olhos d'aquillo, perguntou :

— Que me responde?!

— Que hei de eu dizer ? que julgava você mais meu amigo.

D'esta vez Eva levantou os olhos, e Paulo,

enternecido e surpreso, viu as lagrimas, a expressão dolorosamente resentida, a dor profunda, indescriptível, que boiavam nessas pupillas escuras, velludasas, até então impenetraveis, crystallinamente transparentes agora!

Elle estremeceu, sentindo a vertigem dos que se debruçam num abysmo; foi Eva que, com a voz mal segura, principiou:

— Acostumei-me a obedecer-lhe, e a seguir de olhos fechados todos os seus conselhos. Você quer que eu me case com Octavio? Pois faça-se a sua vontade; serei mulher d'elle, visto que a sociedade exige que eu tenha um marido, censurando-me por viver á minha vontade com um irmão... ah! eu já sei o que você vai dizer! que eu, *de facto*, não sou sua irmã. Não sou sua irmã! se precisam lembrar-me isso os extranhos! Recorda-se, Paulo, do dia em que você chegou? Eu estava acolá, embaixo d'aquella mangueira! minha mãe foi lá ter, levando-o pela mão, e disse-me: «Eva! aqui tens um irmão! abraça-o e ama-o!» Abraçámo-nos; e desde então...

Eva parou, mas os seus bellissimos olhos fallaram; fallaram, não—gritaram alto tudo o que lhe estava no coração. Paulo curvou-se, embebido naquelle olhar, esquecido de tudo o mais, silencioso, recebendo na alma aquella rajada benefica, inesperada e consoladora! E assim estiveram, mudos os labios, mas a trocar nos olhares um mundo de promessas e de paixão que se revelava enorme, enraizada, sincera, amadurecida pela refle-

xão e pela convivência, que os tomara a ambos no decorrer do tempo, desde a meninice, sem que elles o percebessem talvez!

Transportado de jubilo, Paulo tomou a cabeça de Eva entre as mãos, e beijou-a nas palpebras, repetidas vezes.

E, assim, sem pronunciar uma palavra, elles, declararam-se apaixonadamente o seu amor.

Quando a mão patricia da princeza Izabel decretou no Rio a abolição dos escravos, davam-se na provincia scenas do mais grotesco e irresistivel comico.

Octavio, para quem tudo parecia agora risonho e bello, envolto na doce esperanza de desposar a prima, fazia passeios longos, tendo occasião de verificar até que ponto o egoismo dos velhos lavradores consumia e estragava tudo! Passou dois dias de tranquillidade de espirito, apesar de não ter a definitiva certeza do perdão e da acquiescencia de Eva. Estava na expectativa, mas, vencida a má vontade do pae, tudo o mais lhe parecia facil e ameno. E emquanto não recebia a resposta de Paulo e o consentimento da prima, elle ia animado e sereno observando com curiosidade a attitude dos antigos amigos da familia.

Quando vibrou, como um toque sonoro de clarim, a noticia da redempção dos escravos, o commendador Medeiros foi o primeiro o offerecer á observação do filho um facto singular.

Elle, que até então apoiara o governo, applaudindo, por convicção e systema, todos os actos

do ministerio conservador, partido em que militara desde a mocidade; elle, que fôra sempre fiel á sua idéa, agarrando-se a ella como uma ostra á rocha, e que era nas eleições um dos influentes e poderosos; elle, o velho Medeiros, tradicional na politica da terra, como um dos mais ferozes e acerrimos defensores do throno; elle, na tarde do glorioso dia 13 de maio, bufava de indignação, dispersando aos quatro ventos todas as suas velhas opiniões, e proclamando, como unica salvação para esta terra, a Republica.

Descontente, ferido nos seus interesses particulares, elle era sincero; não mudava de politica por accinte: mudava porque o impellia a isso a sua decepção.

Octavio presenciou, pasmado, aquella mudança. No dia seguinte observou uma scena mais extraordinaria em casa do Gusmão, lavrador tido por implacavel e duro.

A fazenda do Gusmão ficava a meio caminho do Mangueiral, e Octavio acercava-se da casa da prima, procurando sempre um ou outro pretexto, a ver se a encontrava na estrada, ou se tinha animo de lhe ir bater á porta; mas nem uma nem outra coisa succedia nunca. Eva encerrava-se na sua deliciosa vivenda, e Octavio perdia positivamente o seu tempo. Nesse dia elle tomara o caminho da fazenda do Gusmão, como teria tomado qualquer outro d' aquelle lado; foi encontrar o rancoroso fazendeiro discursando aos escravos, aos quaes dizia conceder a liberdade! E pavoneava-se na sua acção

generosa, querendo persuadir os servos de que partia d'elle tão grande beneficio!

Octavio não pôde deixar de rir. D'alli, depois do indefectivel café, e um pouco de prosa, seguiu de novo pela estrada do Mangueiral, onde as giestas punham grandes manchas amarellas; ia pensativo: tinha escripto a Paulo relatando-lhe tudo, fallava no seu amor e nas esperanças que acalentava. Era já tempo da ter uma resposta... E porque não iria elle proprio sabel-a? Estava perto; em dez minutos poderia adquirir a certeza de um futuro feliz; porque havia de hesitar? Todavia, a cada passo, surgia no seu pensamento uma duvida, um medo instinctivo, vago, pueril, de ser mal recebido e soffrer uma desillusão. E varria logo do espirito aquellas supposições; julgara adivinhar em Eva um sentimento occulto de paixão abafada, e por isso mesmo mais intensa. E revia-a nas bellas horas da sua convivencia, desde o dia da chegada, quando a vira pedir misericordia para o negro escravo, até o dia da partida, em que a tinha visto sair de cabeça erguida e olhar faiscante e altivo! Pensando nella, a viagem tornou-se longa; deixara o animal seguir á vontade, placidamente, até que se encontrou, já tarde, á luz das primeiras estrellas, no terreiro de Santa Genoveva. Na grande varanda sombria rangiam, como sempre, as redes e ouviam-se bocejos. Noemia já não brincava com os cães; perdera essa mania; agora tinha a de ensinar uns pombos correios, mas já se ia mostrando desanimada com a estupidez dos pobres bichinhos e an-

dava á cata de outra distração. A lembrança de Paulo tinha-se apagado. Com o seu temperamento e os seus quinze annos, as sensações iam-lhe e vinham-lhe sem que ella realmente se sentisse muito perturbada!

— Veiu alguma carta para mim? perguntou Octavio ao Saturnino, logo ao chegar.

— Não senhor... não veiu nada, que me conste! respondeu o mulato com os seus gestos pretenciosos.

— Decididamente é melhor esperar em casa a resposta... pensava Octavio consigo.

E não saiu durante todo o dia seguinte : as horas passavam lentas e elle perdia-se em conjecturas. Que teria succedido? Que faria Eva ? Chegava de vez em quando á janella, observava a estrada que via ao longe serpeando entre a verdura do pasto, isolada e batida de sol; voltava para o interior, abria um livro, tentava escrever, estudar, distrahir-se; mas surgia-lhe obstinadamente a mesma idéa e erguia-se de novo, para contemplar, já sem esperança, a longa estrada, alem.

Por fim, ás cinco horas da tarde, entrou-lhe o Saturnino no quarto com uma carta do Manguelral.

Octavio abriu-a nervosamente. Em frente d'elle, o pagem, que apesar de liberto pela grande lei, não quizera abandonar a casa onde tanta affeição o prendia, contemplava-o com curiosidade e tristeza, destacando, no fundo claro da janella aberta, a sua figura alta e esguia. Tal era a commoção de Octavio que não reparou na attitudedo mulato; no emtanto ia lendo, e, á proporção que avançava na leitura, empallidecia.

Paulo escrevia constrangido; contava a sua

historia com forçada serenidade; pedia quasi perdão a Octavio de ser preferido por Eva, revelando-se de uma subtileza de sentimentos quasi doentia; havia alguma coisa de doloroso e castigado no seu modo de dizer que era feliz! como se a sua ventura lhe causasse remorsos! De vez em quando, porem, ressaltava luminosa e contente uma ou outra expressão que elle não pudera conter; mas abafava depressa, caridosamente, todas as manifestações de gozo sob uma linguagem melancolica e fria. A carta era longa, torturada, soffrida,—carta escripta com a dor, a extraordinaria dor de dizer a um desgraçado: «Eu sou feliz! O que te magôa e prostra é o que me encanta e rejubila!» Por maior que fosse o disfarce, Paulo não conseguia occultar a Octavio a sua ventura. Aquelle estylo delicado e pungente, lembrava um roseiral em flor, viçoso e fresco, a que tivessem, para que o não vissem, abafado com sebes espinhosas e seccas; as flores, de facto, ficavam escondidas, mas o seu aroma inebriante rompia a coberta piedosa e ia denunciando pelo espaço em fóra a sua existencia occulta!

Acabando a leitura, Octavio levantou os olhos. O Saturnino continuava immovel, como uma estatua. Octavio então descarregou nelle a sua colera, mandando-o sair. O mulato obedeceu, sem revolta. Octavio ficou só.

Amarrotou a carta, atirou-o ao chão.

— Hypocrita!... hypocrita! repetia elle furioso, pisando o papel com raiva. Fechou-se por

dentro, sentou-se perto da mesa, apoiou nella os cotovellos, escondendo o rosto entre as mãos. Pelo seu espirito ia passando a prima, multiplicando-se, como uma procissão singular; era sempre Eva, ora radiante, ora altiva, ora concentrada, ora expansiva; vi-a de costas, á porta do galinheiro, atirando milho ás aves, singela no seu vestido de percale caseiro, como no dia da chegada; via-a de setim branco, decotado, sob a luz crua do gaz, de joelhos no genuflexorio da matriz de Campinas; via-a a entretecer as hastes do jasmineiro num cuidado de *ménagère* delicada e simples; via-a galopando ao lado de Paulo com a amazona e o veu fluctuantes; via-a debruçada no seu leito, tratando-lhe a ferida do hombro, doce e maternalmente; via-a repellindo a affronta do pae; via-a sempre, ora alegre, ora triste, ora desdenhosa e ora meiga, succedendo-se, repetindo-se, escarnecendo, chorando, mas sempre bella e sempre amada!

A visão continuava: agora fallava-lhe ao pé do moinho e ia levado piedosamente por ella a ver a pobre *mamã* paralytica; e lá no fundo do seu coração echoava com tristeza o dito da velha: *Como eu gostava qui mece casase cum ella!* Depois guiava-a atravez do bosque, dava-lhe flores, ouvia-a encantado, sentava-se a seu lado embaixo da figueira brava, conversando ao som da agua que corria soluçando a seus pés...

Tinha passado tudo; a doce Eva de outr'ora deveria dissipar-se no seu pensamento, como se fosse uma visão de mero sonho!

A noite chegou, escura e calma. Octavio desceu ao terreiro; evitava a convivencia da familia; mas ali mesmo, na solidão e na escuridade, perseguia-o uma recordação ainda de Eva; lembrava-se, sob a janella do quarto da allemã, da branda luz do lampeão de vidro fosco, junto do qual a prima recitava, numa entoação grave e seria, uma poesia de Gœthe. Então tivera duvidas; despontava o ciume de um outro, do Azevedo! Como ia tudo longe! e que saudades sentia d'aquelle estado dubio e indeciso da alma!

O vento frio de maio sibilava nos bambús do tanque e agitava as duas casuarinas do pasto, numa bulha triste como a do mar.

Octavio passeava de um lado para outro, envolto na negrura da noite e na do seu desgosto.

Que havia de fazer? Como reagir contra aquella decepção? Pouco se importava com isso! Sentia como que uma amarga voluptuosidade em soffrer por ella, assim!

— Tive ao menos a fortuna de amar, concluiu elle com tristeza.

O casamento de Eva foi celebrado na propria fazenda.

Poucos convidados: o dr. Morton, uma filha casada da d. Miquelina e a familia Medeiros. O commendador não faltou; era a segunda vez que entrava naquella casa e, lembrando-se commovido da primeira, em que fôra dizer um ultimo adeus ao irmão, o infortunado Gabriel, elle sentia apertarse-lhe o coração num sentimento que envolvia o arrependimento e a saudade.

Abraçou a sobrinha com ternura, como se puzesse naquelle abraço toda a amizade que tão injustamente lhe retirara sempre. Não se referiu ao passado, e fugia do olhar de Paulo como um reu foge da investigação do juiz.

Octavio mostrava-se sereno; cumprimentou os noivos como um vencido resignado, conservando a sua linha elegante e a sua maneira lhana de conversar. Estava pallido, mas apparentemente alegre, alegria motivada pela superexcitação nervosa. Desejando fugir á vista dos noivos, levou o pae para fora, obrigando-o a observar as bellezas do Mangueiral como effeito de uma direcção intelligente.

Tudo alli era risonho e prometterdor; em tudo um ar de modernismo e de asseio, uma brancura lavada nas casas, abundancia de fructas no pomar, de flores no jardim, conforto na habitação, e os cafezaes lindamente tratados.

— Não ha profissão mais bella do que a do lavrador, dizia Octavio ao pae, quando elle consegue fazer do canto em que vive um paraíso como este! Cavar a terra brutalmente, sem tirar d'ella senão o lucro material, é um egoismo torpe. Lamento ter fugido do meio em que nasci; com a educação de Paulo, talvez que tambem tivesse feito de Santa Genoveva uma coisa assim...

O commendador olhou com extranheza para o filho, e com um suspiro em que transpirava ainda a saudade dos seus antigos escravos, murmurou :

— Que remedio terei eu agora senão transformar tudo aquillo...

Entretanto, Noemia borboleteava em torno de Eva, dando-lhe a consolação de se mostrar esquecida do seu primeiro amor.

O commendador e as filhas regressaram á tarde a Santa Genoveva, atravessaram os cafezaes e os pastos, onde as hervas damninhas começavam de apparecer. No largo terreiro lafiam os cães em correrias desenfreadas, e ao de lá da cancella que dava para o tanque focinhavam os porcos nos sabugos e palhas de milho espalhadas em quantidade no chão. Dentro, na varanda, a mãe balançava-se na rede, peneirando arroz, e uma creada italiana punha a mesa para o jantar.

Poucos dias passados, Octavio batia á janella do dr. Morton. O velho lia, segundo o seu costume, em voz alta, num livro de sciencia.

— Que é isso?! está de viagem! exclamou, vendo o moço de guarda-pó e bolça a tiracollo.

— É verdade! vou viver na terra das camelias e do frio.

— Segue para S. Paulo?

— Sim, senhor; e venho despedir-me e agradecer-lhe...

— Agradecer o que? Ah, eu não sabia de nada, e logo que desconfiei... Com que então vae para S. Paulo? proseguiu elle mudando de tom; mas para sempre? a modo que lhe ouvi que ia lá viver!

— Vou matricular-me na Faculdade de Direito...

— Que idéa! já é engenheiro... Emfim, são glorias!

— Não; são manias: como provinciano e moço, sigo fatalmente a carreira dos meus patricios... Bem sabe, ficaria incompleto se não fosse bacharel! Mas é tarde, e adeus, doutor.

— Adeus, Octavio; boa viagem.